

FERNANDO LÓRIS ORTOLAN

**Dócil, elegante e caridosa. Representações das mulheres
paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904)**

CURITIBA – PR

2010

FERNANDO LÓRIS ORTOLAN

**Dócil, elegante e caridosa. Representações das mulheres
paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Vosne Martins.

CURITIBA – PR

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
 Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
 80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
 E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de Fernando Lóris Ortolan, intitulada: *Dócil, elegante e caridosa: representações das mulheres na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904)*, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

Curitiba, treze de setembro de dois mil e dez.

Profª Drª Ana Paula Vosne Martins (Orientadora)
 Presidente da Banca Examinadora

Profª Drª Lina Maria Brandão de Aras (UFBA)

1º Examinador

Profª Drª Lorena Almeida Gill (UFPEL)
 2º Examinador

Profª Drª Eliane Cristina Deckmann Fleck (UNISINOS)
 3º Examinador

Prof. Dr. Luiz Geraldo Santos da Silva (UFPR)
 4º Examinador

Catálogo na publicação

Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Ortolan, Fernando Lóris

Dócil, elegante e caridosa: representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós-Guerra do Paraguai (1869-1904) / Fernando Lóris Ortolan. – Curitiba, 2010. 290 f.

Orientadora: Profª Drª Ana Paula Vosne Martins

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Guerra do Paraguai (1869-1904) – mulheres – assistência social. 2. Mulheres – relações de gênero - Paraguai. 3. Mulheres – relações de gênero - imprensa – Paraguai.

I. Título.

CDD 989.206

À minha família, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por iluminar meu caminho, que mesmo nos momentos de dificuldades me deu forças para alcançar este objetivo.

Aos meus pais, Urivalde e Gema, pelo apoio indispensável. Aos manos Lê, Tati e Beto pela parceria e convívio de sempre.

A todos os amigos que em pensamentos e palavras me ajudaram e me incentivaram na realização deste trabalho.

À professora Dra. Ana Paula Vosne Martins, orientadora do trabalho, agradeço por indicar o melhor caminho a seguir ao longo da tese. Sou grato pela leitura atenta aos escritos e sugestões valiosas, pela competência, paciência e dedicação conjunta a este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, colaboradores e incentivadores, agradeço pelas sugestões e reflexões. Em especial, ao professor Dr. Luiz Geraldo Silva e à professora Dra. Roseli Boschilia pelas sugestões durante o exame de qualificação.

À Prefeitura Municipal de Farroupilha pela disponibilidade de horários junto ao Arquivo Público Municipal.

À Mari pelo apoio, carinho e compreensão incondicionais.

Pelas dicas, sugestões e informações valiosas de Alberto Moby Ribeiro da Silva, Francisco Fernando Monteoliva Doratioto da UNB, Luiz Felipe Viel Moreira da UEM, Mauro Cesar Silveira da UFSC, Luc Capdevilla da Universidade de Rennes 2, Cláudia Tomaschewski do PPGH-PUCRS e Adhemar Lourenço da Silva Jr. da UFPEL.

Agradeço aos funcionários da UFPR, em especial à Maria Cristina, secretária do Programa de Pós-Graduação, pelo apoio e atenção.

A todos os funcionários da *Biblioteca Nacional de Asunción* pelo apoio, paciência e preciosa ajuda na pesquisa com os jornais.

À *Universidad Católica de Asunción*, em especial a Jorge Zoracho.

À Rosa Mareco de Cáceres da *Cúria do Bispado de Asunción*.

Ao historiador Roberto Quevedo, Presidente da *Academia Paraguaya de la Historia*, e Elsa Ramirez Cousiño.

À Adelina Pusineri e Raquel Zalazar do *Museu Andrés Barbero* pela valiosa indicação bibliográfica.

À Line Bareiro, Clyde Soto e Mary Monte do *Centro de Documentación y Estudios*.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo analisar as representações das mulheres produzidas pela imprensa paraguaia no período do pós-Guerra do Paraguai, entre os anos de 1869 e 1904. No pós-Guerra as reformas urbanas visavam transformações tanto na esfera pública quanto na esfera privada, ao par de uma ampla reformulação dos costumes das pessoas. Corpos, residências, serviços prestados e o espaço das ruas foram alvo do olhar da imprensa, visando a construção e a consolidação de uma sociedade nos moldes modernos e comprometida com o projeto liberal proposto pelas elites dirigentes. A busca de soluções para a crise demográfica que se abatera sobre o país após o final da Guerra significou o reforço das fronteiras de gênero com o enaltecimento da maternidade, bem como a exclusão das mulheres do espaço público. Desse modo, os discursos tentavam disciplinar e enquadrar as mulheres de acordo com as conveniências sociais ditadas pela elite paraguaia. Esses discursos, do ponto de vista das relações de gênero, tentavam construir uma nova imagem para as mulheres paraguaias, pautada na caridade, na elegância e na família patriarcal, com hábitos e comportamentos exemplares, excluindo a sua presença do espaço público na sociedade que tentava se reconstruir, ao mesmo tempo em que as relegava no pós-Guerra à esfera privada e tradicional do lar.

Palavras-Chave: mulheres paraguaias, pós-Guerra do Paraguai, representações, relações de gênero, imprensa.

ABSTRACT

The present thesis has the objective of analyzing the representations of the women produced by the Paraguayan press in the period of the Paraguay postwar, between the years of 1869 and 1904. In the postwar the urban reforms aimed transformations in the public sphere as much as in the private sphere, at par of a broad reformulation of the people's customs. Bodies, residences, service and the space of the streets were aim of the press attention, aiming at the construction and the consolidation of a society in the modern molds and committed with the liberal project proposed by the manager elite. The search for solutions for the demographic crisis that the country was going through after the end of the War signified the reinforcement of the gender border with the praise of the maternity, as the exclusion of the women from the public space. Thereby the speeches tried to discipline and fit the women according to the social conveniences dictated by the Paraguayan elite. Those speeches, from the gender relations viewpoint, tried to build a new image for the Paraguayan women, guided in the charity, in the elegance and in the patriarchal family, with habits and exemplary behaviors, excluding their presence from the public space in the society that was being reconstructed, meanwhile relegated them in the postwar to the traditional and private domestic sphere.

Key words: Paraguayan women, Paraguay postwar, representations, gender relations, press.

ÍNDICE

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE QUADROS	13
 INTRODUÇÃO	 14
 1. O PARAGUAI DO PÓS-GUERRA.....	 28
1.1. Um país em Guerra	30
1.2. A disputa pelo poder. Liberais & Colorados	37
1.3. A consolidação de um Estado. O modelo liberal	46
 2. SOBRE LOS ESCOMBROS DE LA GUERRA.....	 56
2.1. Uma questão de classes. Senhoras da elite e as <i>Kygua veras</i>	58
2.2. A sociedade do pós-Guerra	71
2.3. O corpo e a cidade. As intervenções sobre a classe popular	80
2.4. Educar a mulher é educar a Nação.....	92

3. A EXTENSÃO DO LAR. CUIDADOS, CARIDADE E FILANTROPIA.....	102
3.1. En nombre de la caridad. A caridade e seus significados	104
3.2. Ações privadas com fins públicos	119
3.3. Entre a caridade e a prática médica.....	132
3.4. Proteção à infância	148
3.5. Práticas caritativas.....	160
 4. ESPAÇOS, COMPORTAMENTOS E SOCIABILIDADES	 172
4.1. O Anjo do lar e a filha de Satã	175
4.2. A turbulência da alma	186
4.3. Bela, maternal e feminina	198
4.4. Nas ruas e nos salões. Os bailes na Capital	213
4.5. Acabou a Guerra ... De volta ao lar	220
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 229
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 235
FONTES	256
ANEXOS	269

LISTA DE FIGURAS

Enterrando a su hijo.....	74
La paraguaya.....	75
Mercado Central de Asunción, en una vista tomada a comienzos del 900.....	89
Los de arriba y los de abajo.....	117
La cordobeza. De Ross y Alvarez.....	206
Ilusiones y desilusiones. Antes y despues del matrimonio	224

LISTA DE QUADROS

Anuário Estatístico de la República del Paraguay. Año 1886.....	69
---	----

INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objetivo analisar as representações sobre as mulheres na imprensa paraguaia no período do pós-Guerra do Paraguai, entre os anos de 1869 e 1904. Buscamos na imprensa um discurso de gênero que discriminava as mulheres ao excluí-las do espaço público numa sociedade que tentava se reconstruir da Guerra e, ao mesmo tempo, as relegava à esfera privada e espaço tradicional do lar. Procuramos compreender como as relações de gênero foram organizadas a partir de uma análise dos escritos produzidos pela imprensa paraguaia, tendo como referência padrões e valores sobre homens e mulheres naquele contexto histórico e social.

A tentativa de saída para a crise demográfica que se abatera após o final da Guerra significou o reforço das fronteiras de gênero com o enaltecimento da maternidade sacrificial, bem como a exclusão das mulheres do espaço público. Desse modo os discursos tentavam disciplinar e enquadrar as mulheres de acordo com as conveniências sociais ditadas pela elite paraguaia, segundo os padrões da época e de acordo com as influências vindas da Europa principalmente, definindo regras de comportamento para as mulheres. Esses discursos, do ponto de vista das relações de gênero, tentavam construir uma nova imagem das mulheres paraguaias, pautada na caridade, na elegância e na família patriarcal, com hábitos e comportamentos exemplares, adstritas a espaços pré-determinados.

A Guerra do Paraguai, por sua prolongada duração, emprego de grande parte da população paraguaia no conflito e a desigualdade de recursos entre os envolvidos, implicou na derrota aos paraguaios, com agudas seqüelas em suas estruturas sociais. A morte de grande parte da população no conflito, a destruição de seus recursos produtivos e a desestruturação social e política estiveram entre as conseqüências mais trágicas para a Nação paraguaia.

O quadro era de destruição: os campos sem cultivo, o gado morto, os ervais abandonados, a perda dos títulos de propriedade, este era o cenário no qual moviam-se os sobreviventes. Como o sistema produtivo da campanha foi destruído, a

população rural migrou para a Capital, em cujas ruas era comum ver os cadáveres daqueles que foram vitimados pela fome.

Nesse contexto o espaço urbano necessitava de reformas que promovessem transformações tanto na esfera pública quanto na esfera privada, ao par de uma ampla reformulação dos costumes das pessoas, especialmente daquelas mais pobres e mais duramente afetadas pela Guerra. Corpos, residências, serviços e ruas colocaram-se sob o olhar da imprensa para transformar a Capital, requisito fundamental para a implantação e consolidação de uma sociedade nos moldes modernos e comprometida com o projeto liberal proposto pelos governos do pós-Guerra. Nesse enquadramento, a moral e a higiene tiveram papel fundamental, já que o progresso e a modernização eram incompatíveis com a realidade apresentada.

Nosso principal objetivo é entender, através dos discursos da imprensa, como as mulheres se enquadravam e foram enquadradas nesse processo. Para as mulheres do povo, as *Kyguá veras*¹, a situação era bem mais difícil; despojadas de seus poucos bens e sem ter com quem contar, ainda se viam na situação de serem proibidas de retomar suas vidas pelos padrões de sua cultura – a guarani-paraguaia – que a nova ordem liberal queria fazer desaparecer junto com os milhares de soldados mortos na Guerra.² No pós-Guerra, com acréscimo do pensamento liberal, o guarani passava a ser visto de novo como um problema para o desenvolvimento do Paraguai moderno; o castelhano representava a civilização e a modernidade, e o guarani a barbárie e o atraso, conseqüentemente identificado com Solano López.³

Para as mulheres da elite a situação era bem diferente. No processo de reconstrução a mulher da elite tornou-se o modelo feminino idealizado para controlar as condutas das mulheres das camadas mais baixas da população, procurando incorporar e demonstrar determinados valores e comportamentos adaptáveis a um novo modelo de sociedade almejado pelas elites governantes. Nessa conjuntura, tanto a imprensa quanto o Estado defendiam que a moral burguesa era a chave para

¹ *Kyguá verá*, para muitos considerada uma prostituta, para outros, um modelo de mulher do povo. A *Kyguá verá* ou “*las peinetas de oro*” usavam pentes dourados em suas longas cabeleiras negras, um adorno característico das mulheres paraguaias em dias de festas ou nos bailes que ocorriam no Paraguai.

² Para muitas dessas mulheres, a interdição do guarani significava cortar laços que ainda restavam com uma cultura que o colonizador espanhol, as missões jesuíticas, e tampouco as políticas de uniformização do ditador Francia (1814-1840) e de Carlos Antonio López (1844-1862) conseguiram interditar.

³ No princípio do século XX, devido à grande presença de estrangeiros no país, a língua guarani sofreu uma forma de estigmatização associada à “*principal causa do atraso geral do país*” e em oposição ao idioma espanhol, “*sinônimo de civilização e de cultura*”. MELIÁ, Bartomeu. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madri: MAPFRE, 1992. pp. 169-172.

civilizar e reorganizar a sociedade, de modo que as mulheres do povo, as *Kyguaveras*, passaram a ser o “alvo” de um discurso moralizador e disciplinador no período do pós-Guerra.

A classe política dirigente paraguaia, cujos representantes eram vinculados ao *Gran Club del Pueblo* e ao *Club del Pueblo*, correntes que se converteram respectivamente no *Partido Liberal* e no *Partido Colorado*, pretendia reestruturar a Capital paraguaia, moldando o espaço público de acordo com a nova ordem liberal. Os discursos e ideais difundidos pela imprensa visavam uma aproximação com a cultura européia e eram notáveis nas posturas e atitudes desenvolvidas a partir de uma gama de relações, hábitos e valores civilizadores. Protegidas pelo seu *status* social, as mulheres da elite foram protagonistas dos novos hábitos domésticos e sociais, preocupadas em desempenhar bem seu papel familiar e engajar-se, especialmente, em campanhas assistenciais junto às Sociedades de Beneficência da época.

O nosso trabalho busca analisar o lugar das mulheres paraguaias sob a perspectiva das relações de gênero, cujas construções culturais impõem atributos específicos relativos ao feminino e ao masculino. O conceito de gênero tem contribuído para demonstrar que não são as características sexuais ou biologicamente sexuadas que determinam o que é feminino ou masculino, mas a forma como elas são valorizadas ou representadas, o que pode variar no tempo e em diferentes sociedades.

Joan Scott define o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os dois sexos, incorporando a dimensão das relações de poder.⁴ Gênero é uma categoria relacional e discursiva na qual, ao se levar em conta as diferenças, também se consideram as ideologias, as relações de poder, a etnia e a classe, o momento histórico, os aspectos culturais, políticos, econômicos, enfim, as condições mais diversificadas das existências das pessoas, pois é nesse universo que as relações de gênero se consolidam. A partir desta perspectiva, procuramos entender como a mulher foi representada pela imprensa e qual modelo deveria se propagar pela sociedade.

⁴ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1990. p. 14.

Ao mesmo tempo percebemos o gênero não como uma propriedade dos corpos nem como algo existente *a priori* nos seres humanos, mas como o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais, processo este que se dá mediante o desdobramento de uma complexa tecnologia política. Esta inclui representações veiculadas, disseminadas e incorporadas graças às interpelações dos diversos discursos, da imprensa, dos códigos, das práticas institucionalizadas e da vida cotidiana.

Para Teresa de Lauretis o gênero é a representação de uma relação, a de pertencer a uma classe, a um grupo, a uma categoria e, por conseguinte, permite ao indivíduo situar-se dentro e diante de outras classes, outros grupos, outras categorias constituídas. Deste modo, o gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social.⁵

As concepções de masculino e feminino, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam em cada cultura um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Assim,

embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade. Sob essa ótica, a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através de diferentes culturas são entendidas como sendo sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social.⁶

Em situações de guerra as fronteiras de gênero sofrem alterações significativas.⁷ Segundo Luc Capdevila, as guerras transformam os papéis e as

⁵ LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 210.

⁶ *Idem*. pp. 211-212.

⁷ O conceito de guerra que utilizamos é baseado em Carl Von Clausewitz, onde a guerra deve atender a um propósito político que a origina e a justifica. "*Vemos, pois, que a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma realização destas por outros meios*". A guerra, no pensamento clausewitziniano, não possui regras fixas e seus princípios não são dogmas inflexíveis, pois ela é em sua essência uma atividade social, que mobiliza e organiza os homens para a batalha. Para Clausewitz, a guerra pode ser definida como a tentativa de impor, por meios violentos, a vontade de um poder de Estado sobre outro. Na verdade, pode-se dizer, em termos de unicidade do poder nacional, que num determinado momento, sua expressão política torna-se preponderante à sua expressão militar. CLAUSEWITZ, Claus Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 27. Já o pós-Guerra constitui uma

fronteiras de gênero. Ao avaliar essas questões - na Primeira e na Segunda Guerra Mundiais - Capdevila afirma que ocorreu uma espécie de aproximação horizontal nas funções dos homens e das mulheres e, também, no que diz respeito à hierarquia, porque os homens perderam uma parte de sua autoridade sobre as mulheres, na medida em que não estavam presentes, e as mulheres tinham de se virar sozinhas, adquirindo, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, uma autonomia financeira com o desenvolvimento do trabalho assalariado.⁸ A aproximação das identidades tenha conduzido a uma crise nas relações de gênero, as duas guerras mundiais deram espaço à aceleração da construção da igualdade dos sexos. Para Capdevila, a guerra fortalece a identidade viril masculina e a ocupação doméstica feminina, porém permite para as mulheres uma maior presença no espaço público, considerando o conflito bélico uma complexa situação que contribuiu para a produção de relações de gênero mais igualitárias.

Françoise Thébaud nos mostra como as nações em guerra reforçam identidades de gênero e após seu término as crises demográficas dão ensejo a toda uma simbologia de enaltecimento da maternidade. Para a historiadora, as guerras, em regra, não propiciam a emancipação feminina. Nas guerras as mulheres vivem sozinhas e cuidam de si próprias e do grupo familiar, voltando a instaurar, durante certo tempo, *“uma linha divisória entre o masculino e o feminino, e ressuscita os antigos mitos viris: os homens são feitos para combater e conquistar, as mulheres para dar a luz e cuidar dos filhos”*.⁹ O final da Primeira Guerra Mundial teria reforçado a identidade masculina em crise nas vésperas do conflito e ajustado as mulheres ao seu lugar de mães prolíficas, de donas de casa e de esposas submissas. Deste modo, a Primeira Guerra *“mostrará quão frágeis foram as suas conquistas, quão*

tarefa mais complexa. Ao iniciar uma guerra os atores sociais se diversificam e a economia se volta para as necessidades do Estado na guerra. As sociedades que vivenciam uma guerra necessitam, após os conflitos, redefinir e orientar as relações entre o Estado e a sociedade civil. Segundo Alberto Piris, no pós-Guerra *“cada país requiere su propio proceso de rehabilitación. La rehabilitación no es un simple retorno a la situación anterior, lo que a menudo es imposible, a causa de los cambios sociales, políticos y económicos experimentados durante el conflicto. Tampoco es deseable, porque hay que aprovechar la circunstancia para reducir la vulnerabilidad y aumentar las capacidades locales. No se trata tanto de reconstruir como de construir y crear”*. PIRIS, Alberto. Bases de la rehabilitación posbélica. In: OSORIO, Tamara; AGUIRRE, Mariano (Orgs.). **Después de la Guerra: Un Manual para la Reconstrucción Posbélica**. Barcelona: UNESCO, 1999. pp. 13-20.

⁸ CAPDEVILA, Luc. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.13, n.1, 2005. pp. 81-102.

⁹ THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. O triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente (O século XX)**. Vol. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995. p. 85.

conservadora é a guerra em matéria de relações entre os sexos e até que ponto se pôde fazer regressar as mulheres ao lar e às tarefas de seu sexo".¹⁰

Para as mulheres, a quem os aduladores ocasionais ou os partidários da emancipação feminina tinham prometido um futuro radioso com palavras pomposas, ou, pelo menos, uma indispensável participação no esforço de reconstrução, chegou o momento de ceder o lugar. Por outro lado, a guerra tornou-se para as mulheres uma experiência de liberdade e responsabilidade sem precedentes: *"Em primeiro lugar a valorização do trabalho feminino ao serviço da pátria e pela abertura de novas oportunidades profissionais, em que as mulheres descobrem, geralmente com prazer, o manuseamento de utensílios e técnicas que desconheciam"*.¹¹

As alterações que ocorrem temporariamente nas relações de gênero provocam uma desestabilização na sociedade. Devido à desorganização, tanto social quanto econômica, o esforço de guerra necessita do trabalho feminino. Nesses eventos, a mulher assume novas responsabilidades, sobretudo mantendo a família, além de se acostumar a administrar sozinha o lar e a tomar decisões por conta própria. Ao mesmo tempo, ao findar as guerras, a mulher também é vítima do conflito: ofender a identidade étnica ou religiosa do vencido está entre as bandeiras do vencedor; a violação sexual e a prostituição forçada estão entre os atos de violência mais comuns nos conflitos armados, um instrumento de dominação por sua condição de gênero.

Como em outros conflitos, na Guerra do Paraguai, assim como no pós-Guerra, as relações de gênero foram flexibilizadas e não estiveram pautadas somente pelo espaço privado, mas pelo cenário político do conflito, pois de alguma maneira a Guerra politizou as relações de gênero.¹² Os espaços tradicionais dissolveram-se e o Estado necessitou tanto dos homens quanto das mulheres. A flexibilidade nos papéis de gênero foi alterada temporariamente e as mulheres foram valorizadas como provedoras da Guerra; após os conflitos, em nome da reconstrução nacional, restou o regresso ao lar e o desempenho das tarefas tradicionalmente consideradas femininas.

¹⁰ THÉBAUD, Françoise. **Op. cit.**, 1995. p. 31.

¹¹ **Idem.** p. 49.

¹² De acordo com Françoise Thébaud, *"mostrar que a guerra não é um empreendimento exclusivamente masculino é descobrir as mulheres entregues a novas responsabilidades e a novas profissões – chefes de famílias, operárias de fábricas de munições, conductoras de eléctricos e, até, auxiliares do exército – é vê-las adquirir mobilidade e confiança em si próprias"*. **Idem.** p. 32.

Ao mesmo tempo, para conhecer o mundo social das mulheres paraguaias, a representação social pode ser considerada como um sistema de interpretação da realidade. As representações sociais são elementos simbólicos expressos mediante o uso de palavras e de gestos. Ao utilizar a linguagem escrita, os indivíduos explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto. Mediadas pela linguagem, essas mensagens são construídas socialmente e estão ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

Torna-se, nesse sentido, indispensável conhecer as condições e o contexto nos quais os indivíduos estão inseridos, mediante a realização de uma cuidadosa análise histórica. As representações sociais são historicamente construídas e estão vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens e que se refletem nos diferentes atos e práticas sociais. As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e a realidade material e social sobre a qual elas intervêm.¹³ Nesta perspectiva, tomamos como referência o conceito de representação social proposto por Denise Jodelet, isto é, *“uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”*.¹⁴

Através desta pesquisa buscamos abordar as idéias que orientavam a construção dos modelos femininos veiculados pela imprensa, sem perder de vista as referências do campo social. Desta forma, procuramos entender o modo como os jornais produziram as notícias, pois a imprensa revela uma pluralidade de projetos e concepções construídos por sujeitos e grupos sociais. A imprensa produz um imaginário que nos mostra indícios preciosos sobre a forma como homens e mulheres visualizaram o mundo, permitindo ao pesquisador captar o significado da atuação de diferentes grupos sociais que se orientam por interesses específicos, possibilitando um melhor conhecimento de uma determinada sociedade.

¹³ SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 121.

¹⁴ JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 22; JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto e teoría. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). **Psicología social**. Barcelona: Paidós, 1985.

Através da imprensa era possível manifestar, dar opiniões e, conseqüentemente, criar representações femininas ideais, de acordo com as normas de condutas da sociedade. Nos discursos analisados encontramos representações que apresentavam, em regra, discursos masculinos sobre as mulheres, determinando quem eram as mulheres e qual deveria ser o seu papel na sociedade. Segundo Guacira Lopes Louro é preciso demonstrar que não são propriamente as características sexuais que constituem o que é feminino e o que é masculino, mas a forma como estas particularidades são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas é que produz identidades em uma dada sociedade e num momento histórico específico.¹⁵

Ao longo da pesquisa foram identificadas cerca de mil e quinhentas reportagens sobre as mulheres paraguaias nos jornais do pós-Guerra, estabelecendo como recorte temporal o período entre os anos de 1869 e 1904. (Ver Anexo I, p. 263). O ponto inicial do estudo são os momentos finais na Guerra, com a entrada dos Aliados na Capital paraguaia, em 1º de janeiro de 1869, até 1904, quando a hegemonia do *Partido Colorado* é interrompida com a Revolução Liberal, deflagrada pelo *Partido Liberal* e seus aliados.

Para atingir nosso objetivo foi necessário concentrarmos a atenção em alguns aspectos que nortearam nosso trabalho. Um deles é que a produção das notícias sobre determinado assunto está relacionada às subjetividades de quem escreve. Contribuiu para isso não apenas a interpretação do fato elaborada pelos autores e autoras das matérias, como também a seleção do acontecimento e a construção da informação realizada pela própria imprensa. Outro aspecto relevante é que os textos produzidos pelos jornalistas, na sua prática social, eram discursos determinados pelo contexto sócio-histórico no qual estavam inseridos; a compreensão deste contexto, sua atuação, tendências e práticas são indícios a serem considerados.

A configuração que predominou estrutural e discursivamente durante o período analisado foi a do jornalismo político-partidário. A utilização da imprensa era um procedimento necessário à projeção de idéias e interesses e os jornais atuavam como veículos protegidos em função da defesa e manutenção da vitalidade do jogo

¹⁵ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 21.

político. Esse tipo de jornalismo estava intimamente ligado aos dois grupos políticos do Paraguai do pós-Guerra, o *Partido Colorado* e o *Partido Liberal*. Após a Guerra, a imprensa atingiu um nível de reconhecimento devido a sua influência como instrumento da prática política, atuando contra e a favor do Estado, movimentando-se entre os grupos políticos, dentro do espaço da discursividade política nacional.¹⁶

De acordo com Renée Zicman, *“a imprensa age sempre no campo político-ideológico e, portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de imprensa consultados”*.¹⁷ Não há dúvida de que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra de uma determinada forma aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, por sua vez, dispõe de ferramentas provenientes especialmente da análise do discurso, que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento.¹⁸

A linguagem contribuiu para a dominação de algumas pessoas sobre outras. Os discursos presentes nos jornais do pós-Guerra tentavam manter a mulher paraguaia em uma posição de subordinação, pois produziam uma imagem de fragilidade e de desigualdade em relação ao homem. Assim, ao falar de mulheres, diziam coisas sobre o imaginário social ligadas à retórica da dominação de gênero, mantendo a mulher restrita ao espaço privado. A imprensa paraguaia veiculava, através do discurso de gênero, o senso comum da hierarquia patriarcal, pois há um abuso de estereótipos para confinar as mulheres na esfera doméstica, já que muitos espaços alcançados pelas mulheres no período da Guerra foram abolidos e negados no pós-Guerra.

Este modelo feminino criava por meio da imprensa representações para as mulheres, cuja identidade feminina foi inspirada na mulher da elite e sugeria que todas as mulheres mirassem naquele espelho ideológico, tanto fisicamente quanto no que diz respeito à moral e aos costumes. A imprensa teve a função de divulgar esse

¹⁶ Os jornais estão localizados na encruzilhada do Estado, da política e do poder, combinando-se com eles, ora endossando o discurso oficial, ora opondo-se a ele. Discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido, em que forma narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto. FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1990. p. 31.

¹⁷ ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História/PUCSP**. São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985. p. 90.

¹⁸ DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 140.

modelo feminino e de regular os comportamentos e as ações das outras classes sociais. Desse modo, as reportagens traziam, entre outros aspectos, sugestões de condutas, educação feminina, moral, vida doméstica e vestuário. De certa forma, para as mulheres da elite, esses espaços eram referências subjetivas importantes nas suas vidas, de modo que passavam a agir e a se comportar conforme sugeria a imprensa.

O século XIX é uma época marcada decisivamente pela preocupação com as condutas e posturas adequadas para os locais públicos, assim como tudo o que diz respeito à convivência social e ao comportamento das pessoas. A cidade tornou-se o espaço de uma efetiva normatização que procurou controlar os detalhes da vida social e do cotidiano das pessoas. Civilização e progresso foram concebidos como valores estritamente ligados, invocando imagens referentes ao desejo, especialmente por parte da elite, de uma sociedade com hábitos, comportamentos e costumes considerados mais elegantes e civilizados.

As modificações pretendidas pelo Estado paraguaio visavam a uma ampla modificação na sociedade, envolvendo todas as classes de indivíduos. As condutas e comportamentos, tanto femininos quanto masculinos, necessitavam adaptar-se à nova sociedade que se desejava construir, e quanto mais próximos do modo de vida europeu, mais significativo seriam representados esses costumes.

Nesse caso, Norbert Elias nos fornece uma referência importante de análise. O *processo civilizador* é entendido como uma transformação ocorrida na sociedade e que não se dá pela ação de indivíduos isolados, mas é resultado das relações entre as pessoas. Para Elias *“toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos ‘civilizados’”*.¹⁹

O conceito de *processo civilizador* empregado por Norbert Elias no estudo das transformações culturais e sociais européias durante a passagem do medievo para a modernidade nos orienta na compreensão das mudanças sociais e dos comportamentos coletivos em Assunção após a Guerra. Além das transformações de ordem política e econômica, era necessário que a mudança fosse acompanhada de

¹⁹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e Civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 195.

novos comportamentos sociais, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Os relacionamentos, as sociabilidades, as aparências, os cuidados com o corpo, com a vestimenta, com objetos e seus usos, com as formas de lazer, o controle e os excessos nas ruas e nos lares eram condutas que precisavam ser reguladas.

A tentativa de modernização da Capital foi permeada por um ideal de civilização que articulava ordem, progresso e refinamento dos hábitos e costumes. Para as mulheres valorizava-se a delicadeza e a domesticidade com a finalidade de moldar e modernizar a sociedade e refrear a rudeza masculina. Novos elementos culturais e atributos femininos arquitetavam essa imagem idealizada da mulher que, ao mesmo tempo, se desdobravam em discursos que visavam atingir todos os habitantes de Assunção, ou seja, um empenho coletivo para civilizar e modernizar a Capital.

Em um contexto no qual a higiene, a educação e o controle social estavam intimamente relacionados, as mulheres da elite, junto às Sociedades de Beneficência, colaboravam com o Estado para amenizar a pobreza, além de integrar, socializar e fixar novos hábitos e costumes nas classes populares. Nos eventos sociais, especialmente nos bailes de caridade, afluíam novos hábitos, costumes e regras de etiqueta para a elite; os corpos vestidos com elegância e bem adestrados das mulheres da elite eram os modelos femininos desejados e que deveriam ser seguidos pelas mulheres do povo.

A historiografia dedicada aos estudos sobre o pós-Guerra do Paraguai é numericamente pequena e tem privilegiado estudos no campo da história política. Primeiramente destacamos a obra do historiador norte-americano Harris Gaylord Warren, um americanista pioneiro nos estudos sobre o Paraguai.²⁰ Seus estudos tratam da hegemonia colorada até a Revolução Liberal de 1904. *Rebirth of the Paraguayan Republic* aborda diversos temas, como as relações políticas e diplomáticas com os países vizinhos, a imigração, o sistema bancário, a imprensa paraguaia e a necessidade de superar o isolamento internacional que se construiu no imediato pós-Guerra. Em *Paraguay and the Triple Alliance*, resultado de seu trabalho de mestrado, Warren foi o primeiro historiador a analisar a questão dos limites na região do Chaco.

²⁰ WARREN, Harris Gaylord. **Paraguay and the Triple Alliance**. The Postwar Decade, 1869-1878. Austin: University of Texas, 1978; WARREN, Harris Gaylord. **Rebirth of the Paraguayan Republic: The First Colorado era. 1878-1904**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985.

Com relação à produção historiográfica paraguaia, voltada especificamente ao pós-Guerra, destacamos *Historia contemporánea del Paraguay (1869 – 1920)*, de Gomes Freire Esteves.²¹ Freire Esteves foi poeta e jornalista, associado ao grupo dos modernistas paraguaios (1900-1910). Seu livro teve como objetivo principal analisar a história política do pós-Guerra; foi inicialmente publicado em 1921, tratando-se de um projeto editorial de resgate das obras clássicas da historiografia paraguaia, preservando o texto original. É considerada uma obra que se restringe à descrição dos principais fatos políticos do pós-Guerra, concepção que caracterizava a historiografia da época.

No final da década de 80, alguns intelectuais paraguaios começaram a questionar o nacionalismo lopizta construído nas décadas anteriores. Ricardo Caballero Aquino, em a *Segunda República Paraguaya (1869-1906)*, demonstrou a fragilidade da historiografia paraguaia, questionando o nacionalismo autoritário presente ao longo da história do Paraguai. Esta obra é tida como referência entre os pesquisadores sobre a temática do pós-Guerra.²² Trata da história política do pós-Guerra, analisando, em especial, a formação dos partidos políticos, os empréstimos contraídos pelo Estado no período e as políticas econômicas dos Presidentes da época, sobretudo dos governos de Bernardino Caballero (1880-1886) e de Juan Bautista Egusquiza (1894-1898). As obras de Freire Esteves e de Caballero Aquino, apesar de trabalharem com enfoques diferentes, nos fornecem um referencial importante, especialmente quando analisamos a formação da imprensa político-partidária no Paraguai do pós-Guerra.

Outra obra à qual também recorremos é a de Milda Rivarola, *Obreros, utopías, & revoluciones. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal, 1870-1931*, que também analisa a reestruturação do pós-Guerra levando em consideração as estruturas sociais e políticas do período, entre as quais a maneira como os paraguaios viviam e concebiam a relação com o trabalho e a produção, as relações de poder e propriedade diante do Estado e aspectos culturais que, através de séculos, adquiriram a instituição familiar e o peso da religião na sociedade paraguaia.

²¹ FREIRE ESTEVES, Gomes. *Historia contemporánea del Paraguay* (1869 – 1920). Asunción: NAPA, 1983.

²² CABALLERO AQUINO, Ricardo. *La Segunda República paraguaya, 1869-1906*. Política - Economía - Sociedad. Asunción: Arte Nuevo, 1985.

Os textos do historiador Francisco Fernando Monteoliva Doratioto trazem, essencialmente, as relações na esfera diplomática e militar durante a ocupação brasileira no Paraguai de 1869 até 1876.²³ Dentro das obras localizadas próximas espacialmente do tema abordado, está a tese de doutorado de Alberto Moby da Silva, sendo uma das primeiras pesquisas a tratar da mulher paraguaia no pós-Guerra. Analisando alguns jornais do imediato pós-Guerra, essencialmente da década de 1870, Moby enfatiza o papel da *Kygua vera* e da língua guarani no processo de construção da identidade nacional paraguaia.²⁴

O nosso estudo justifica-se por produzir um deslocamento em relação ao que vinha sendo produzido na historiografia. A análise diferenciadora do nosso trabalho está na utilização dos principais jornais paraguaios para a compreensão do pós-Guerra. Buscamos no texto jornalístico a fonte principal para entender os discursos sobre o lugar social das mulheres e, ao mesmo tempo, demonstrar a importância do diálogo entre a história e o texto jornalístico no âmbito da pesquisa histórica. Outra singularidade é perceber o período da reconstrução à luz das relações de gênero, buscando superar uma história das mulheres como algo meritoriamente à parte, posto que já não se trata apenas de afirmar que elas fizeram parte de processos históricos, mas de entender e desconstruir os diferentes discursos sobre as funções sociais do masculino e do feminino. Para tanto pretendemos analisar quatro temáticas centrais para a compreensão do discurso produzido, quais sejam: a inserção das mulheres na sociedade do pós-Guerra; a atuação das mulheres da elite junto às Sociedades de Beneficência; os comportamentos e as representações do feminino e a sociabilidade feminina na esfera pública.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, **O Paraguai do pós-Guerra**, são apresentadas algumas informações gerais sobre os governos anteriores à Guerra e o envolvimento do Paraguai no conflito. A seguir tratamos do Paraguai após a Guerra, produzindo algumas reflexões sobre suas estruturas políticas para melhor compreendermos as articulações partidárias e o surgimento da imprensa no período. Apresentamos a seguir o projeto político de

²³ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. A ocupação político-militar brasileira do Paraguai (1869-1876). In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. **Nova história militar brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 209-236.

²⁴ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. **A noite das Kygua Vera**: a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904). Tese (Tese em História) PPG-História Universidade Federal Fluminense, 1998.

modernização da sociedade paraguaia no pós-Guerra através das concepções acerca do modelo liberal latino-americano e as influências das distintas concepções liberais.

Em **Sobre los escombros de la Guerra** centramos a atenção nas mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos primeiros anos da reconstrução, bem como seus reflexos na condição e na mudança de *status* das mulheres na nova ordem social após a Guerra. Resgatamos as formas de inserção das mulheres na sociedade paraguaia do pós-Guerra, permeadas pela necessidade de educação e por uma série de modificações nos hábitos e costumes.

No terceiro capítulo, **A extensão do lar: cuidados, caridade e filantropia**, procuramos compreender o significado da caridade e da filantropia feminina e o sentido de suas ações para a sociedade do pós-Guerra. As Sociedades de Beneficência tinham um caráter elitista, constituindo uma associação que reunia os grupos sociais de maior prestígio da sociedade. Além de proporcionar amparo aos desvalidos e contribuir para higienizar e normatizar o espaço urbano, cumpriam um importante papel na promoção de atividades culturais das elites como os bailes e os bazares de caridade.

No último capítulo, **Espaços, Comportamentos e Sociabilidades**, a análise incide sobre algumas representações femininas, em especial aquelas que enfatizavam a presença da mulher na esfera privada e que regulavam o seu comportamento na esfera pública. Desse modo, pretendemos apreender como o comportamento desejável para o feminino foi construído e regulado pela imprensa, já que tais discursos traziam enunciados prescritivos e normatizadores, visando atingir a suas condutas amorosas, o ideal de beleza e a vestimenta feminina, produzindo efeitos em suas vivências e moldando novos territórios, segundo o ordenamento liberal-burguês.

1. O PARAGUAI DO PÓS-GUERRA

Enquanto no nordeste do país se desenvolvia o último ato da tragédia paraguaia, na já ocupada Assunção se iniciava a reconstrução do Paraguai do pós-Guerra. Era início de janeiro de 1869, as tropas brasileiras ocupavam a cidade, enquanto os argentinos estabeleciam o seu Quartel General em *Villa Occidental*, no lado oeste do rio Paraguai. Ao ser ocupada, Assunção foi submetida a uma pilhagem quase que total, sobretudo pelos brasileiros; tornou-se um centro de comércio, com cerca de duas mil casas de negócio e a maioria da população compreendia mulheres que haviam acompanhado as tropas e seguiam em direção à Capital.²⁵

Ao mesmo tempo, um grupo de exilados paraguaios retornava à Capital com a intenção de buscar esforços para reorganizar institucionalmente o país. Uns eram membros de famílias exiladas que haviam deixado o país nos tempos de Francia e dos López e não concordavam com as políticas desses governantes, tendo integrado a *Legión Paraguaya*.²⁶ Outros eram alunos que estudavam na Europa, a quem a Guerra havia surpreendido, e cuja educação recebida no estrangeiro continha uma forte dose do pensamento liberal. Caberia a esses grupos a tarefa da reconstrução nacional. A reativação da economia, ao menos nos primeiros anos do pós-Guerra, foi bastante difícil e anárquica, talvez pela ausência do Estado, cabendo a reorganização da economia à iniciativa privada.²⁷

²⁵ MELLO, Francisco Ignácio Homem de. Viagem ao Paraguai. In: **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasi**, v. 36, 1873. p. 31.

²⁶ A *Legión* era composta por paraguaios que desejavam combater a López ao lado dos Aliados. Muitos de seus membros haviam sido exilados na Argentina e no Uruguai por Francia ou pelos López. Outros membros, como a família Decoud, se retiraram da *Legión* ao interarem-se dos detalhes do Tratado Secreto da Tríplice Aliança. Warren menciona que alguns *legionários*, em setembro de 1851, eram favoráveis à incorporação do Paraguai à República Argentina e que, em 1858, assinariam um manifesto convocando a população a derrubar o governo de Carlos Antonio López. Esse grupo fundaria, em 2 de agosto de 1858, a *Sociedad Libertadora de la República del Paraguay* e, entre os líderes dessa "frente de libertação", estava a maioria dos organizadores da *Asociación Paraguaya* que, em novembro de 1864, originou os *legionários*. WARREN, Harris Gaylord. **Op. cit.**, 1978. p. 48. Sobre a *Legión* ver em: FREIRE ESTEVES, Gomes. **Op. cit.**, 1983. pp. 29-31; CABALLERO AQUINO, Ricardo. **Op. cit.**, 1985. pp. 45-46. A expressão *legionário*, no jargão político dos *colorados*, significa "traidor da pátria", aquele que se alia ao inimigo estrangeiro para invadir o próprio país. MORAES, Ceres. **Paraguai: o processo de consolidação da ditadura de Stroessner –1954-63**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.15.

²⁷ As técnicas e os procedimentos agrícolas, necessários para o cultivo, se perderam com a Guerra. Para Fulgencio Ricardo Moreno "*la población, diezmada y dispersa al volver al hogar deshecho, tenía que crearlo todo; en las viejas heredades, donde reinó la abundancia, habían desaparecido hasta los animales domésticos*". MORENO, Fulgencio Ricardo. Resumen de Historia Económica del Paraguay. In: **Album Gráfico de La República del Paraguay**. Asunción: 1911. p. 94.

Neste primeiro capítulo abordamos, em linhas gerais, algumas reflexões sobre as estruturas sociais e políticas que se organizaram ao findar a Guerra. Nas três seções que destacamos, a primeira objetiva apresentar um breve resgate dos governos anteriores à Guerra e contextualizar o envolvimento do Paraguai no conflito. A seguir, analisamos a reestruturação política e os novos grupos políticos detentores do poder no pós-Guerra. Além disso, destacamos o papel da imprensa, convertendo-se num verdadeiro poder público, num contexto histórico em que os campos da política e do jornalismo apresentavam-se intimamente interligados. Na última seção, mostramos o debate em torno da construção do modelo liberal e seus reflexos na sociedade paraguaia.

1.1. Um país em Guerra

Es de dominio público que las señoras han tomado parte distinguida en la guerra que sostiene la Republica heroicamente contra los ejércitos del Imperio del Brasil, de la Confederación Argentina y del Estado Oriental (...) Benditas sean las paraguayas, virtuosas hijas de la patria, vuestras inspiraciones son celestiales. Recibid los parabienes de la prensa nacional.

El Semanário de 26 de janeiro de 1867. n. 666. p. 3.

A região que se tornaria no século XIX a República do Paraguai não ofereceu para a metrópole espanhola, ao longo dos séculos XVII e XVIII, oportunidades de lucro capazes de sustentar uma colonização nos moldes das áreas centrais, pois não dispunha de metais preciosos, não possuía uma força de trabalho organizada possível de ser aproveitada pelos espanhóis e, ainda, estava situada relativamente distante do litoral.²⁸ Esta região permaneceu periférica durante o período colonial, com o predomínio dos jesuítas na educação e pelas propriedades rurais enquanto base econômica duradoura, fundadas na utilização da mão-de-obra indígena e eficazmente geridas pelos próprios membros da ordem religiosa até sua expulsão, em 1767.²⁹

As raízes da crise política que se instalaram no Prata em 1864 remontam ao período de tensões resultantes do choque entre a expansão colonial portuguesa e a espanhola. Em 1776 a Espanha criou o vice-reino do Rio da Prata, com sede em Buenos Aires, para conter a expansão portuguesa nesta parte da América. Compreendia um vasto território, abrangendo o que hoje corresponde à Argentina, ao Paraguai, ao Uruguai, à Bolívia e alcançando, ainda, o Oceano Pacífico. A posição estratégica de Buenos Aires em relação às demais províncias era garantida pelo *status* de liderança na região, em virtude principalmente de sua posição geográfica.

Era apenas o começo do século XIX quando a América espanhola se encontrou em um estado revolucionário no processo das Independências. A

²⁸ LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart B. **A América Latina Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. pp. 300-301.

²⁹ *Idem*. 192.

Independência paraguaia chegou relativamente cedo pelos padrões latino-americanos, em maio de 1811. Buenos Aires, anteriormente centro do poder do vice-reinado do Rio da Prata, tentou impor sua autoridade sobre Assunção. A elite desta cidade, por consequência, expulsou seu governador, derrotou uma força de Buenos Aires comandada pelo General Manuel Belgrano, em Tacuarí, e proclamou a República. A Independência paraguaia ocorreu tanto em relação à metrópole espanhola quanto também a Buenos Aires. Após a declaração de Independência foi formada uma junta governativa que incluía Fulgencio Yegros, Pedro Juan Caballero e José Gaspar Rodriguez de Francia.³⁰

José Gaspar Rodriguez de Francia (1777-1840) era um admirador dos princípios da Revolução Francesa. O governo do *El Supremo*, de 1814 até 1840, adquiriu desde o início o caráter de uma ditadura nacional revolucionária, defensora da independência paraguaia frente aos reiterados esforços de Buenos Aires em subordinar o território paraguaio sob sua tutela.³¹ Significativo foi o enfrentamento com a Igreja, iniciado com a laicização do Estado, limitação das atividades do Clero e abolição da Inquisição e dos dízimos. Mais tarde foram estatizadas as terras da Igreja e seus arrendatários tornados proprietários livres. A expropriação dos bens eclesiásticos provocou grave cisma entre o governo de Francia e o Vaticano, culminando com a submissão do Clero paraguaio ao Estado, que pagava os religiosos como funcionários. O poder econômico do Estado paraguaio foi fortalecido quando Francia confiscou as terras da elite e da Igreja, onde se organizariam as *Estancias de la Patria*, estabelecimentos estatais arrendados a camponeses ou explorados pelo próprio Estado, que concentrariam a grande parte da população rural do Paraguai.

Em 1816 seu poder foi ampliado, quando o Congresso o elegeu *Ditador Perpétuo*. O governo de Francia foi marcado por dureza extrema e impiedade para com os adversários, sem Congresso, Constituição, rival ou imprensa de qualquer tipo, mandando fuzilar a quem oferecesse perigo. Não foi adepto da ideologia liberal, mas sim da conformação, desde o princípio, de um Estado forte. No Paraguai deste

³⁰ BUSHNELL, David. A Independência da América do Sul Espanhola. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**. Vol. 3. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 150-151.

³¹ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A crise do sistema colonial e o processo de independência. In: WASSERMAN, Claudia (Org.). **História da América Latina**: cinco séculos. Porto Alegre: Editora Ufrgs, 2003. p. 158.

período não se formou uma classe dominante de latifundiários, como na América espanhola em geral, capaz de gerar líderes que lutassem entre si pelo poder.³²

O ditador foi um líder bem sucedido, no sentido de ter imposto sua meta pessoal ao criar uma República pacífica, isolada de seus vizinhos e do mundo exterior. Em relação à sua política externa, manteve a neutralidade, abstendo-se em participar dos conflitos da região platina e com um comércio caracterizado por relações esporádicas com os demais países. O seu projeto isolacionista implicou o estabelecimento de um tipo de economia no qual o Estado se tornou regulador das atividades e detentor do comércio da erva-mate, da madeira e do tabaco, os produtos mais significativos da economia nacional na época.³³

Depois de sua morte, em 1840, o Estado paraguaio estava estruturado e consolidado; houve um período de indecisão, pois não havia mecanismos institucionais de transmissão de poder ou um sucessor óbvio. Desse modo, assumiu o poder duas juntas militares até a reunião do Congresso, em 1844, eleger Carlos Antonio López (1790-1862) como Presidente. A Independência paraguaia só foi formalmente proclamada em 1842; o país procurou reconhecimento das demais Nações de modo a fortalecer sua soberania, sendo primeiramente reconhecida pelo Brasil, em 1844.

Carlos López interviu diretamente em seu desenvolvimento, fortalecendo a capacidade de defesa do país e conseguindo um relativo avanço técnico e manufatureiro, graças à contratação de aproximadamente duzentos engenheiros, sobretudo ingleses.³⁴ Manteve, também, uma política de intervenção extrema na economia; a partir de 1846, o comércio exterior da madeira e da erva-mate - ainda os principais produtos da economia paraguaia - tornou-se monopólio do governo.

Em outubro de 1862 morreu Carlos Antonio López, que foi substituído na chefia do Estado pelo filho, Francisco Solano López (1827-1870), dando continuidade à tradição autoritária paraguaia. O Paraguai que Solano López recebeu para chefiar era uma Nação unificada, sem dívidas e, graças à presença de técnicos estrangeiros,

³² SAFFORD, Frank. Política, Ideologia e Sociedade na América Espanhola do Pós-Independência. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**. Vol. 3. São Paulo: Edusp, 2001. p. 332.

³³ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra**. Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 25.

³⁴ ARCE, Omar Díaz. Paraguay Contemporáneo. In: CASANOVA, Pablo González. **América Latina**: Historia de medio Siglo. México: Siglo Veintiuno, 1991. p. 330.

com avanços tecnológicos em relação a outros países do continente. Essa modernização era de caráter militar, importando, sobretudo, tecnologia e mão-de-obra especializada para este setor, enquanto que o camponês paraguaio ainda utilizava técnicas de cultivo rudimentares. Ao retornar ao Paraguai, depois de ter passado uma temporada na Europa, entre 1853 e 1856, Solano López levou ao extremo as preocupações com o fortalecimento militar do país, inicialmente intensificando os projetos de defesa que seu pai havia iniciado. Optou, ao mesmo tempo, por uma política agressiva e ambiciosa em relação aos seus vizinhos, pois desejava tornar o Paraguai uma potência regional.³⁵

A Guerra da Tríplice Aliança, que durou de dezembro de 1864 a março de 1870, surgiu de um complexo encadeamento de rivalidades internacionais, ambições pessoais e condições geográficas na região platina. Entre os anos de 1862 e 1865, as contradições e os problemas existentes há décadas na região do Prata afloraram, numa antecipação da Guerra que estava por vir.³⁶ Em 1862 Bartolomeu Mitre assumiu o poder na Argentina, representando um governo fortemente centralizador, mesmo com a oposição das províncias de Entre Rios e Corrientes. No Brasil, o *Partido Liberal* ascendeu ao poder após duas décadas de predomínio conservador, cuja política estabelecida era a de conter a influência da Argentina na região. Neste período Solano López procurou aumentar a participação do Paraguai nas decisões e conflitos referentes à bacia do Prata. Houve assim uma junção de interesses do Presidente paraguaio, de Bernardo Berro do *Partido Blanco* uruguaio e dos caudilhos das províncias de Corrientes e Entre Rios, que buscavam uma maior autonomia política na região, procurando manter certo distanciamento do Brasil e da Argentina na região.³⁷

Em apoio ao *colorado* Venâncio Flores, em 12 de setembro de 1864 o Brasil invadiu o governo *blanco* do Uruguai. Essa intervenção brasileira foi vista pelos paraguaios como uma agressão e um ato de guerra. Em represália à intervenção brasileira na República Oriental, o Paraguai aprisionou, em Assunção, o navio brasileiro Marquês de Olinda, que transportava o novo governador da província de

³⁵ FURTADO, Joaci Pereira. **A Guerra do Paraguai (1864-1870)**. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 11.

³⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Op. cit.**, 2002. p. 39.

³⁷ O elemento catalisador de todas as divergências foi a situação política do Uruguai, sob a Presidência, desde 1860, de Bernardo Berro. O porto de Montevideu era um concorrente de seu congênere de Buenos Aires, pois Entre Rios e Corrientes dele se utilizavam como variante comercial para suas exportações. Desse modo, a República uruguaia estabeleceu relações com a resistência federalista contra Mitre. O Paraguai, do mesmo modo, se aproximou do governo uruguaio para buscar uma saída para o oceano, pelo porto de Montevideu, e assim garantir e ampliar suas relações comerciais com os centros capitalistas europeus.

Mato Grosso. Em 13 de dezembro o governo do Paraguai declarou guerra ao Brasil e em 26 do mesmo mês atacou o Forte Coimbra, invadindo a província de Mato Grosso. Em janeiro de 1865, na intenção de bloquear o Rio Grande do Sul e o Uruguai, que poderia ser utilizado para uma ofensiva brasileira, o Paraguai fez um pedido a Mitre para cruzar o território argentino, o que lhe foi negado. Assim, o governante paraguaio optou por invadir Corrientes em abril de 1865, como estratégia para a ocupação da província do Rio Grande do Sul, que se efetivou em maio de 1865.

De acordo com o raciocínio de López, o Paraguai entraria no conflito contando com o apoio dos *blancos* uruguaios e dos federalistas argentinos de Entre Rios e Corrientes. Dessa forma, a guerra com o Brasil poderia ser vencida rapidamente. López imaginava que enquanto os *blancos* disputariam com os *colorados* o governo no Uruguai, os federalistas de Entre Rios e Corrientes enfrentariam os unitários de Bartolomeu Mitre. Assim, o Paraguai enfrentaria sozinho o despreparado e desorganizado Exército Brasileiro, contra quem possivelmente venceria uma guerra relâmpago.

Em resposta a estas atitudes de Solano López, o Brasil, a Argentina e o Uruguai, em 1º de maio de 1865, assinaram o *Tratado da Tríplice Aliança*, que tinha como objetivo legitimar a Guerra com o Paraguai. Em 11 de junho de 1865, a esquadra paraguaia foi derrotada na Batalha do Riachuelo; depois deste episódio, o Paraguai ficou isolado e incapacitado de receber armas e qualquer auxílio do exterior. Por outro lado, a vitória brasileira permitiu que as forças aliadas levassem a Guerra para o interior do país, nas proximidades de Assunção. Os Aliados cruzaram o Rio Paraná em abril de 1866, iniciando a invasão do território paraguaio.

A partir desse momento, o Rio Paraguai tornou-se o palco de uma sequência de batalhas entre as duas forças: Passo da Pátria em 2 de maio de 1866; Tuiuti em 24 de maio de 1866; Curupaiti em 16 de julho de 1868; Humaitá em 5 de agosto de 1868; a Dezenbrada, que caracterizou uma série de vitórias consecutivas nas batalhas de Itororó em 6 de dezembro de 1868, Avaí em 11 de dezembro de 1868, Lomas Valentinas em 27 de dezembro de 1868 e Angostura em 30 de dezembro de 1868; e Peribebuí em 12 de agosto de 1869.³⁸

³⁸ SQUINELO, Ana Paula. **A guerra do Paraguai essa desconhecida ...** Ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2002. p. 19.

Solano López conseguiu escapar do cerco em Lomas Valentinas, refugiando-se na direção da Cordilheira, situada a leste de Assunção, cidade já ocupada pelo então Comandante das tropas brasileiras, Marquês de Caxias. O conflito findou com o cerco em Cerro Corá, onde Solano López foi morto pelas tropas brasileiras em 3 de março de 1870, já sob o comando do Conde D'Eu.

A Guerra do Paraguai foi tratada pelo Brasil como uma questão nacional e, desta forma, a adesão da sociedade foi buscada imediatamente por meio do Decreto que constituía os corpos de Voluntários da Pátria. Esta mobilização, segundo Ricardo Salles, envolveu um contingente recrutado entre 150.000 e 200.000 pessoas.³⁹ Ao mesmo tempo, a Guerra repercutiu na consolidação dos Estados nacionais argentino e uruguaio; foi o momento do apogeu da força militar e da capacidade diplomática do Império do Brasil, mas, de forma paradoxal, contribuiu para o acirramento de contradições do Estado monárquico brasileiro. O Paraguai, por sua vez, tornou-se um país periférico, na medida em que sua economia se tornou satélite da economia da Argentina após o termino do conflito.⁴⁰

A Guerra do Paraguai causou um forte impacto nas relações entre as partes envolvidas. O conflito constitui-se numa experiência de guerra total, coletiva, moderna e nacional. Assim como a Guerra Civil Americana, a Guerra do Paraguai implicou um esforço conjunto das principais sociedades protagonistas do conflito. Máquinas administrativas bélicas, direta ou indiretamente sob controle do Estado, foram montadas para apoiar a ação militar de exércitos baseados no recrutamento universal para alimentar o esforço de guerra que visava à destruição completa do adversário.⁴¹

Para o Paraguai as preocupações centrais do pós-Guerra apresentavam-se em três dimensões: a questão social, a questão nacional e a questão política. A questão social visava tentar resolver os problemas da moral e da miséria urbana; a questão nacional vinculava-se à definição de um Estado nacional e da identidade cultural, paralela ao novo modelo liberal; a questão política era o resultado das rivalidades que surgiram ao final da Guerra e se prolongaram num intenso debate com a formação dos partidos políticos tradicionais, o *Partido Colorado* e o *Partido Liberal*. A

³⁹ SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: Escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁴⁰ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Op. cit.**, 2002. p. 18.

⁴¹ SALLES, Ricardo. Memórias de Guerra: Guerra do Paraguai e narrativa nacional. In: **História**. São Paulo, n. 16, 1997. pp. 134-135.

seguir, daremos ênfase ao “conturbado” contexto político do pós-Guerra, ressaltando a hegemonia do *Partido Colorado* no período.

1.2. A disputa pelo poder. Liberais & Colorados

Todos los gobernantes que se han venido sucediendo en el Paraguay, son perfectamente iguales. Hay que decir la verdad. No salvaron la patria; se salvaron a si mismos, disponiendo de los bienes fiscales en la misma firma ó en mayor esfera que sus antecesores. ¿Las pruebas?
- Pues las tienen precisamente en las grandes riquezas que ellos se han formado y las ostentan sin rubor.
¡Pobre de la gente cándida que cree en los salvadores de la patria!

La Democracia de 15 de maio de 1890. n. 2665. ano 10. p. 1.

Terminada a Guerra, as questões políticas adquirem destaque na sociedade paraguaia. As décadas de 1870 e 1880 foram caracterizadas pela escassez de homens com experiência e competência para governar e reconstruir o Paraguai, de modo a caracterizá-la como uma sucessão de golpes de Estado e revoluções.⁴² Para cada ação era necessária a aprovação dos Aliados, sobretudo do Brasil que, no sentido de estabilizá-lo politicamente, queriam evitar que os cargos públicos fossem ocupados por paraguaios com tendência pró-Argentina.⁴³ A disputa pelo poder, entre as facções políticas paraguaias, interessava tanto ao Brasil quanto à Argentina, na medida em que pudessem instrumentalizá-la para alcançar seus objetivos próprios - e conflitantes - de política externa.⁴⁴

No momento em que Assunção foi tomada pelos Aliados, muitos exilados começaram a retornar ao país. Devido às divergências entre o Brasil e a Argentina,

⁴² Os Presidentes do período estudado foram: Triunvirato: José Díaz de Bedoya, Carlos Loizaga e Cirilo Antonio Rivarola (15/08/1869 - 31/08/1870); Cirilo Antonio Rivarola (01/09/1870 - 18/12/1871); Salvador Jovellanos (18/12/1871 - 25/11/1874); Juan Bautista Gill (25/11/1874 - 12/04/1877); Higinio Uriarte (12/04/1877 - 25/12/1878); Candido Bareiro (25/12/1878 - 04/09/1880); Bernardino Caballero (provisório: 04/11/1880 - 25/11/1882; 25/11/1882 - 25/11/1886); Patricio Escobar (25/11/1886 - 25/11/1890); Juan Gualberto Gonzalez (25/11/1890 - 09/06/1894); Marcos Morinigo (09/06/1894 - 25/11/1894); Juan Bautista Egusquiza (25/11/1894 - 25/11/1898); Emilio Aceval (25/11/1898 - 09/01/1902); Hector Carvallo (09/01/1902 - 25/11/1902) e Juan Antonio Ezcurra (25/11/1902 - 19/12/1904).

⁴³ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Op. cit.**, 2004. p. 210.

⁴⁴ A rivalidade entre Brasil e Argentina nos primeiros anos após a Guerra era visível, o que motivou a intervenção de militares e diplomatas na política interna paraguaia. Os jornais, na maioria das vezes, apoiavam as forças de ocupação e contribuíam na campanha de desprestígio de Solano López. Exemplo disso foram os periódicos a serviço dos brasileiros na década de 1870, como **El Cabrión**, **A Gazeta Brasileira** e **El Derecho**.

aparecem diferentes grupos: a Argentina apoiava os antigos membros da *Legión Paraguaya*, representados por Facundo Machaín⁴⁵, José Segundo Decoud⁴⁶ e o recém nomeado chefe das milícias, Benigno Ferreira.⁴⁷ O Brasil apoiava Cirilo Antonio Rivarola, um ex-Sargento do Exército Paraguaio, torturado durante a Guerra, o qual tornou-se, mais tarde, um patriota e um crítico do governo López. Rivarola foi um dos primeiros líderes políticos no imediato pós-Guerra, razão pela qual os brasileiros “colocaram os olhos” em sua personalidade, sendo um dos escolhidos para compor o governo provisório.⁴⁸ Por último, havia o grupo dirigido por Candido Bareiro⁴⁹, que se uniria mais tarde a Bernardino Caballero.⁵⁰

Desde os primeiros dias da entrada dos Aliados na Capital, os paraguaios viram a necessidade de formar um governo nacional, mesmo que provisório, para pactuar, em condições de paz, com os Aliados. O primeiro mandato presidencial paraguaio se transformou em um período de franca diplomacia. Sob constante vigilância dos brasileiros⁵¹, muitas reuniões foram realizadas, onde afloraram as velhas divisões e rivalidades entre os lopiztas e antilopiztas, até que, em junho de 1869, solicitaram autorização dos Aliados para a formação de um governo provisório - um governo fantoche⁵² - ao qual foi acertada a constituição de um Triunvirato integrado por José Díaz de Bedoya⁵³, Carlos Loizaga⁵⁴ e Cirilo Antonio Rivarola.

⁴⁵ Facundo Machaín (1847-1877) negociou, como Ministro das Relações Exteriores, durante o governo de seu rival político, Juan Bautista Gill, em 1876, o Tratado de Paz com a Argentina. Com posição contrária ao Brasil, defendeu, como advogado, os assassinos de Gill. Foi assassinado na cadeia.

⁴⁶ José Segundo Decoud (1848-1909), desde a época de Carlos Antonio López, exilou-se com sua família na Argentina; regressou ao Paraguai com as forças aliadas e ajuda a fundar o jornal **La Regeneración**; em 1877, atuou como diplomático nos Estados Unidos, sendo, também, chanceler nos governos de Bareiro, Caballero, Escobar e Aceval; participou, em 1879, do Tratado com a Bolívia; redigiu o documento que funda o *Partido Colorado*, em 1887. Frente ao Paraguai mergulhado na pobreza e na instabilidade política, suicidou-se em 1909.

⁴⁷ Benigno Ferreira (1846-1920), ao finalizar a Guerra, foi chefe da Guarda Nacional e, mais tarde, Ministro da Guerra e da Marinha, da Justiça, do Interior e da Instrução Pública; foi líder da Revolução Liberal de 1904 e Presidente provisório da República, conseguindo unir, sob seu governo, *cívicos e radicales*, dando início a Era Liberal; chegou a ser Presidente da República em 1906, sendo deposto dois anos mais tarde por Albino Jará.

⁴⁸ Os brasileiros não confiavam nos membros da família Decoud, tanto que vetaram o nome de Juan Francisco Decoud, pois seu filho, Juan José Decoud, escrevia artigos antibrasileiros em Corrientes, Província argentina.

⁴⁹ Candido Bareiro (1833-1880) foi um dos cinco bolsistas enviados à Europa em 1858; envolveu-se com a *Legión Paraguaya* para combater López; fundou o *Club del Pueblo*; participou da Revolução de 1873; foi Presidente entre 1878-1880, quando, em 1880, morreu de forma natural.

⁵⁰ Bernardino Caballero (1839-1912) era General de Divisão do Exército Paraguaio quando acabou a Guerra; foi Ministro do Interior, em 1877, durante o governo Gill; quando morreu Candido Bareiro, em 1880, foi legitimado pelo Congresso para terminar o mandato de Bareiro até 1882; como foi eleito, em 1882, Presidente da República, segundo a Constituição de 1870, não poderia ser reeleito, mas assegurou que o General Patricio Escobar ocupasse o cargo; em 1887, fundou a *Asociación Nacional Republicana (Partido Colorado)*, cuja direção foi exercida até sua morte; através da *Asociación*, Caballero controlou o país designando e destituindo presidentes, até que a Insurreição de 1904 pôs fim ao domínio *colorado*.

⁵¹ Durante o tempo de ocupação dos Aliados no pós-Guerra, o Brasil selecionou, além de Rivarola, alguns “presidentes marionetes”, como Juan Bautista Gill (1874-1877) e Candido Bareiro (1878-1880).

⁵² LEWIS, Paul H. O Paraguai da Guerra da Tríplice Aliança à Guerra do Chaco, 1870-1932. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**. De 1870 a 1930. Vol. 5. São Paulo: EdUsp, 2002. p. 633.

⁵³ José Díaz de Bedoya (1831-1880), nascido em Assunção, foi opositor ao regime dos López e como tal integrou a *Legión Paraguaya*, lutando contra Solano López. Membro do Triunvirato, que compunha o governo provisório, foi

A crítica situação do país levou a instalação desse governo provisório que ordenara a vida política, social e econômica do país em ruínas. Manifestaram-se diferentes opiniões, ideologias, interesses e, sobretudo, os mais variados sentimentos despertados pela Guerra, tanto entre os ex-combatentes paraguaios, os Aliados e os *legionários*. Para canalizar a atenção política foram convocadas as primeiras reuniões que dariam início aos primeiros grupos políticos que, mais tarde, assumiram suas identidades e definições políticas.

O grupo de Bareiro formou, em 24 de março de 1870, o *Club del Pueblo* que apoiou o General Patrício Escobar à Presidência da República. Dois meses depois, o grupo dos Decoud criou *El Gran Club del Pueblo*, apoiando Cirilo Antonio Rivarola. Os conflitos entre esses dois grupos era mais pessoal do que ideológico, porque ambos pertenciam às fileiras da *Légion Paraguaya*. A idéia inicial desses grupos era estabelecer uma relação de independência com Buenos Aires e o Rio de Janeiro. Mas, devido à fragilidade de ambas as facções, os dois grupos acabaram se aproximando do Brasil ou da Argentina, na tentativa de buscar respaldo e proteção.⁵⁵

O Comandante das forças brasileiras, o General José da Silva Auto Guimarães - Barão de Jaguarão -, e argentinas, General Julio de Vedia, garantiram apoio a Rivarola. Até 1872, não havia uma representação diplomática imperial em Assunção, onde o General Guimarães era a autoridade máxima brasileira no Paraguai, comandando a divisão aquartelada na Capital composta por 3.453 praças e 269 oficiais. O General Guimarães comandou as tropas até 1875, participando ativamente da política interna do país. O governo brasileiro desejava, na verdade, retirar o mais breve possível suas tropas, pois os gastos com sua manutenção contribuíam, ainda mais, para aumentar o déficit público. Todavia, o governo imperial não estava disposto a retirá-las se, com isso, viesse a comprometer sua política na região. A retirada estava condicionada à assinatura de tratados de paz, entre os governos paraguaio e

responsável pelos Ministérios da Fazenda, Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Foi para Buenos Aires com ouro e prata das igrejas paraguaias, que deveria vender para atender os gastos com a subsistência dos sobreviventes da Guerra. Da Capital argentina, ele renunciou, em maio de 1870, à condição de membro do governo provisório sem, porém, devolver os metais preciosos ou remeter o resultado de sua venda.

⁵⁴ Carlos Loizaga pertencia a uma das principais famílias paraguaias; era considerado um dos paraguaios mais ilustrados da época. Sua posição contrária ao regime dos López o levou a exilar-se na Argentina. Em Assunção, foi um dos principais fundadores da *Asociación Paraguaya*, entidade que reunia os paraguaios opositores ao governo lopizta. Quando surgiu a *Legión Paraguaya*, Loizaga se alistou a ela com a graduação de *Sargento Mayor*, e combateu em algumas batalhas contra o Exército de Francisco Solano López. Durante o governo provisório exerceu as funções de Ministro das Relações Exteriores, Justiça, Guerra e Marinha. Foi Senador e um dos fervorosos promotores da anexação do Paraguai à Argentina.

⁵⁵ WARREN, Harris Gaylord. **Op. cit.**, 1978. p. 29.

argentino, que mantivessem a independência paraguaia e a posse do Chaco pelo Paraguai.⁵⁶

Em 1876, tanto argentinos quanto brasileiros decidiram que os custos da ocupação do Paraguai estavam ficando altos demais. Anteriormente, os argentinos haviam reivindicado do Paraguai grandes concessões territoriais que, se fossem aceitas, lhes dariam a maior parte da região do Chaco, a oeste do rio Paraguai. Agora concordavam com um arbitramento internacional e, quando a decisão final favoreceu o Paraguai, aceitaram-na e se retiraram. O Brasil, como já tinham negociado um tratado - Tratado Loizaga-Cotegipe, em 1872 - pelo qual o Paraguai lhes cedia alguns territórios no norte e no leste, não viam outra razão para ficar. Suas tropas também foram retiradas do Paraguai no mesmo ano.⁵⁷

No Paraguai, a decisão dos opositores em juntar esforços e formalizarem um partido político surgiu em 1887. Em 10 de julho deste ano, fundou-se o *Centro Democrático* que, em 1894, mudará seu nome para *Partido Liberal*, herdeiro do *Gran Club del Pueblo* e contrário a Caballero. Seus membros eram antigos *legionários* ex-lopistas e jovens reformadores que pretendiam terminar com o controle militar do Estado. Procedentes de ideologias bem diferentes, acusavam Caballero de enriquecimento ilícito e corrupção. Dois meses depois, sob a direção de Caballero e José Segundo Decoud, funda-se a *Asociación Nacional Republicana* – mais conhecida pelo *Partido Colorado* – procedente do *Club del Pueblo* e integrada por antigos lopistas e *ex-legionários*; uma união tão estranha como a do partido adversário.

Os dois grupos políticos que se formaram apoiavam-se na propagação e aceitação de seu discurso pela imprensa. Entre 1869 e 1904, a imprensa paraguaia converteu-se num poder público, exercendo um importante papel de orientadora da opinião nacional. As disputas políticas no Paraguai tinham nos jornais seu palco de debate, mas, também, de acusações e insultos de caráter pessoal, estampando em suas páginas os conflitos abertos das facções partidárias. Dessa forma, a imprensa foi utilizada nos debates políticos, num contexto histórico em que os campos da política e do jornalismo apresentavam-se intimamente interligados. Os jornais serviam como formadores de lideranças partidárias, sustentando campanhas eleitorais entre grupos

⁵⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Op. cit.*, 2004. pp. 213-224.

⁵⁷ LEWIS, Paul H. O Paraguai da Guerra da Tríplice Aliança à Guerra do Chaco, 1870-1932. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. De 1870 a 1930. Vol. 5. São Paulo: EdUsp, 2002. pp. 636-637.

opostos e, por vezes, expressando o descontentamento das dissidências e rupturas internas dentro dos partidos políticos. Nesse contexto, a imprensa aparece como um agente político, uma vez que se apresenta como instrumento de manipulação de interesses e intervenção. Assim, a imprensa no pós-Guerra tornou-se um espaço privilegiado de comunicação na esfera pública, ao dar voz a diversos setores sociais, de maneira especial às facções políticas.⁵⁸

A formação de uma esfera pública de discussão política dá seus primeiros passos na imprensa, sendo a grande responsável pelos debates entre as facções partidárias, buscando nos jornais a comprovação do uso da palavra articulada com intuito de influenciar a opinião pública. De acordo com Habermas, a esfera pública é o local onde se legitima o exercício do poder e se formam as opiniões e as decisões políticas. O autor chama a atenção para o papel que a imprensa desempenha dentro da esfera pública. Para ele, a imprensa passa, historicamente, a ser um espaço privilegiado para a formação da opinião pública, uma vez que consegue atingir um grande número de pessoas. A imprensa comprometida com o ideal da publicização sucedeu o que Habermas denominou de imprensa-comercial, cujo alvorecer coincidiu com o estabelecimento, ao longo do século XIX no ocidente europeu, do Estado burguês e a conseqüente legalização de uma esfera pública.⁵⁹

A agitação e a anarquia na qual vivia o Paraguai nos primeiros anos após a Guerra impossibilitaram a intenção de “brindar” o livre exercício das liberdades públicas.⁶⁰ Não surgiu nenhum grande jornal independente e de ampla circulação; iniciou-se um jornalismo político-partidário com publicação de vida curta e escassa tiragem, geralmente acompanhando as candidaturas presidenciais.⁶¹ A imprensa livre,

⁵⁸ Em se tratando de pesquisas abordando a história política, “o papel da imprensa avulta em importância, tendo em vista o caráter em geral lacônico que caracteriza muitos dos documentos oficiais no que tange as disputas e aos confrontos de natureza político-partidária. Nos jornais, ao contrário, esses conflitos encontram seu espaço de propagação, chegando o jornalismo a servir como elo ou agente de combate entre diferentes tendências político-ideológicas”. ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX. Comunicação e Política. Rio de Janeiro: CEBELA (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos), v. 6, n. 1, 1999. p. 248.

⁵⁹ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. pp. 38-41.

⁶⁰ A imprensa paraguaia até 1869 é dividida em três fases. A primeira fase compreende as origens da imprensa nas publicações instaladas no rio da Prata, no início do século XVIII, sob a responsabilidade dos jesuítas. A segunda fase, de 1842 a 1862, com os seguintes jornais: **El Repertorio Nacional**, **La Imprenta**, **El Paraguay Independiente**, **El Eco del Paraguay**, **La Epoca**, **La Aurora** e **El Semanário de Avisos y Conocimientos útiles**. Por fim, a terceira fase, de 1864 a 1870, compreende o período da Guerra da Tríplice Aliança, onde aparecem os periódicos de acampamento: **El Centinela**, **El Cabichuí**, **Cacique Lambaré** e **La Estrella**.

⁶¹ Esse jornalismo do pós-Guerra cumpre uma função importante, uma vez que permite debater publicamente questões políticas e assuntos de interesse geral, gerando opinião, o que não havia conhecido a sociedade paraguaia até então. Sobre a imprensa paraguaia ver: VÉRON, Luis; BIEDERMANN, Enrique. **Las tintas del tintero**. Reseña y anecdotario

exercida por cidadãos com direitos e protegida pela Constituição, precisou esperar o final da Guerra para aparecer. A Constituição de 1870 falava de uma “*irrestricta libertad de prensa*” e proclamava os direitos e as garantias individuais. Isso é evidenciado no artigo 18, ao mencionar: “*Todos los habitantes de la República gozan de los siguientes derechos, conforme a las leyes que reglamentan su ejercicio: (...) Publicar sus ideas por la prensa sin censura previa*” e no artigo 24: “*La libertad de prensa es inviolable y no se dictará ninguna ley que coarte de ningún modo este derecho. (...)*”⁶²

Ao observarmos os jornais da época, é notável a intenção dos paraguaios em reconstruir as bases de uma República, em meio ao caos do pós-Guerra, de manter a integridade, a soberania nacional e de levar adiante a organização da Pátria. A imprensa, nesse período, passou a fiscalizar e a intervir em todos os níveis da vida nacional e, por conseguinte, a orientar a opinião pública. Basicamente, ela apresentou um *corpus* de idéias liberais, sustentadas por um eixo temático que induz ao exercício dos direitos civis e políticos e da soberania popular, a limitação dos poderes do Estado e ao livre comércio. Ao mesmo tempo, a imprensa do pós-Guerra, além da intensa preocupação política, procurou abrir espaços para tímidas publicações culturais procedentes do exterior, esporádicas, breves e com atraso.

De 1869 até os últimos anos do século XIX, aparece uma quantidade significativa de publicações, englobando jornais, semanários e revistas, algumas específicas em guarani, outras em espanhol, inglês, francês, português e alemão. Não eram restritas à cidade de Assunção, abrangendo algumas localidades do interior como Areguá, Pilar, Encarnación, Concepción, Villarrica e Colônia Cosme. Enfim, a maioria desses periódicos, de uma ou outra maneira, estava relacionada a um partido político ou a grupos internos dos partidos, fazendo o papel de porta-voz dessas entidades políticas.⁶³

A oposição, representada pelo *Partido Liberal*, carecia de líderes. Grande parte de seus fundadores era graduada do *Colegio Nacional* e sua tarefa inicial era

de la prensa escrita en el Paraguay. Asunción: Litocolor/Cerneco. 2004 e BOSIO, Beatriz Gonzáles de. **Periodismo escrito Paraguay. 1845 – 2001**. De la afición a la profesión. Asunción: Intercontinental, 2001.

⁶² MARIÑAS OTERO, Luis. **Las constituciones del Paraguay**. Madrid: Cultura Hispánica del Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978. p. 163.

⁶³ ORTOLAN, Fernando Lóris. Liberais & Colorados. A imprensa política no pós-Guerra do Paraguai. 1869-1904. In: **Cabanos**. Revista de História/Fundação Universidade Estadual de Alagoas. Maceió, ano 3, v. 1, n. 5. 2008. pp. 53-75.

organizar-se internamente para, depois, fazer oposição ao governo. Enfim, pretendiam “*sustituir el caballerismo en el poder sea por medio de elecciones o de revolución armada*”.⁶⁴ Os esforços do *Partido Liberal* em tentar eleger constitucionalmente seus políticos foi ensejo de inúmeros protestos, motivados, muitas vezes, pela fraude nas eleições. Convenceu-se que qualquer recurso pacífico no processo eleitoral era em vão, ou seja, “*había de responder con la resistencia abierta por la fuerza*”.⁶⁵ Mesmo assim, os *liberais* não tinham força suficiente para apresentar um candidato com “credibilidade eleitoral”.

Os dois partidos tinham o objetivo de assumir o poder e as atividades públicas; assim, o povo buscava apoio e proteção dos políticos dirigentes. Em um país onde a população humilde buscava o patrocínio e proteção para sobreviver, o envolvimento político chegou até os camponeses que, nas lutas políticas do país, eram constantemente mobilizados. Os paraguaios usavam literalmente sua política nas mangas - os *colorados* o vermelho e os *liberais* o azul -, ostentando as cores de seu partido nos ponchos ou blusões.

Ambos tomaram a bandeira do liberalismo e, ainda, se pode dizer que o “coloradismo” nasceu como expressão do nacionalismo do pós-Guerra. Os governos *colorados* estiveram cercados pela constante presença de Bernardino Caballero, a ponto dos *liberais* não terem muitas esperanças em eleger seus representantes políticos, pois “*el Caballerismo no toleraba el menor desafío en épocas de elecciones*”⁶⁶ e, ao mesmo tempo, sob sua administração, não se caracterizou precisamente por eleições transparentes, de modo que seu poder político-militar-policia permitiu assegurar um amplo apoio parlamentar e popular.⁶⁷

De modo geral, os dois partidos políticos estruturaram-se no intuito de alcançar a um determinado fim: o exercício do poder.⁶⁸ Nas palavras de Maurice Duverger:

⁶⁴ PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Antequera, 1972. pp. 249-252.

⁶⁵ FREIRE ESTEVES, Gomes. *Op. cit.*, 1983. p. 218.

⁶⁶ CABALLERO AQUINO, Ricardo. *Op. cit.*, 1985. p. 141.

⁶⁷ As eleições em áreas rurais se convertiam em campanhas militares. Caballero, por exemplo, se candidatou ao Senado por Villarrica, sem mesmo residir nesta cidade. Tal fato resultou na coação de grande parte dos eleitores. CENTURIÓN, Carlos R. *Historia de las letras paraguayas*. Vol. 2. Buenos Aires: Editorial Asunción, 1948. p. 103.

⁶⁸ O poder para se impor e sobreviver precisa repousar em uma legitimidade e, dessa forma, toda sociedade deve inventar e imaginar a legitimidade com que sustenta o poder. As instituições sociais e, notadamente, as instituições políticas participam do universo simbólico que as envolve e forma os quadros de seu funcionamento. PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999. p. 22.

a direção dos partidos tende naturalmente a assumir uma forma oligárquica. Uma verdadeira 'classe de chefes' ali se constitui, uma casta mais ou menos fechada, um 'círculo interior' de difícil acesso (...). O regime eleitoral do Estado parece ter certa influência sobre o caráter oligárquico das direções partidárias e da formação dos 'círculos interiores'.⁶⁹

Os *liberais* e os *colorados* dividiram-se em facções políticas internas que buscavam o fortalecimento de seu poder político. O *Partido Liberal*, desde alguns anos, vinha atravessando uma crise interna, tanto que se formaram dois grupos antagônicos: os *cívicos* e os *radicales*.⁷⁰ Os primeiros foram liderados por Benigno Ferreira; já os *radicales* eram comandados por Cecilio Báez.⁷¹ Do mesmo modo, a permanência do *Partido Colorado* no poder não o isentou de disputas internas. De um lado, a facção moderada de Egusquiza; de outro, a extremista de Caballero. Assim, desde 1891, dividiu-se em duas facções: o *egusquicismo* e o *caballerismo*.

Juan Bautista Egusquiza⁷² foi um governante de "centro" na política republicana. Os "*viejos generales*"⁷³ perderam terreno diante do novo mandatário, sendo visto pelo Exército, pelo *Partido Colorado* e pela opinião pública como um renovador. De forte personalidade, de imediato os "*viejos generales*" o chamaram para participar da vida política. Era difícil romper com os dogmas dentro do *Partido Colorado*, e, de início, implantou uma administração que, "*en el interior, fomentase la convivencia entre los partidos y los progresos morales y materiales que requería la marcha del país, y en el exterior, el crédito nacional y la armonía con las demás naciones*".⁷⁴

O Presidente Egusquiza, mediante acordos políticos, procurou atrair os *liberais* para dentro de seu partido. O *egusquizismo* agrupou muitos intelectuais, talvez a principal marca de sua força política. Os *cívicos* também tinham um bom

⁶⁹ DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 188.

⁷⁰ Essa divisão se estendeu por muito tempo e seria a responsável pelas Revoluções de 1908, 1912 e 1922.

⁷¹ Cecilio Báez (1862-1941) nasceu em Assunção. Formado em direito e ciências sociais, ajudou a fundar, em fevereiro de 1894, o jornal **El Pueblo**. Foi um dos líderes do movimento liberal de 1904, que colocou seu partido no poder. Teve inúmeras publicações no jornal **El Cívico**. Foi um dos "mentores" da geração dos 900 e Juan E. O'Leary foi um dos seus discípulos. Foi jornalista, jurista, professor e Reitor da Universidade Nacional, deixando uma vasta bibliografia. Foi Presidente de 9 de dezembro de 1905 a 25 de novembro de 1906.

⁷² Juan Bautista Egusquiza (1845-1902) foi Comandante Militar e Ministro da Guerra em 1890; foi o líder do movimento revolucionário que depôs Morínigo (1893-1894), o que o levou a Presidência (1894-1898); tentou formar um governo que integrasse membros do *Partido Colorado* e do *Partido Liberal*.

⁷³ Referimos os governos lopiztas dos "*viejos generales*"; em especial a Bernardino Caballero (1880-1886) e Patricio Escobar (1886-1890)

⁷⁴ FREIRE ESTEVES, Gomes. **Op. cit.**, 1983. p. 233.

entendimento com o Presidente, pois estes acreditavam que, “*mediante una evolución más radical en el futuro, desprendería de la asociación republicana y refundirse con él en el gobierno*”⁷⁵.

Em agosto de 1904 foi deposto o Coronel Juan Ezcurra.⁷⁶ A Revolução Liberal de 1904 inaugurou o período do *Partido Liberal* no poder. Esta revolução foi de caráter popular, aderindo a ela intelectuais, empresários, estudantes, trabalhadores, militares, *colorados* e *liberais*. Cecílio Báez e Benigno Ferreira foram os dois principais protagonistas desta revolução contra o governo Ezcurra e, conseqüentemente, significou a saída dos *colorados* do poder, representando a união dos diversos setores do liberalismo com o grupo *colorado* do General Egusquiza, de inclinações argentinistas. O programa revolucionário era a Constituição liberal de 1870. No mesmo ano, o *Pacto de Pilcomayo*⁷⁷ colocou fim às hostilidades, ou seja, os *colorados* conservavam alguns ministérios, mas terminava sua hegemonia, começando o que se convencionou chamar de Era Liberal.⁷⁸

Apresentamos a seguir, a tentativa de reestruturação da sociedade paraguaia, buscando delinear seu viés político-ideológico, cujo reflexo estará presente na Constituição liberal de 1870, no processo imigratório e nas influências liberais. Essas transformações serão fundamentais para adiante entendermos as modificações do modelo e do comportamento feminino, percebendo as representações elitistas que recaíam sobre todas as mulheres com padrões mais adequados aos novos costumes. Paradoxalmente, foram as mulheres - as responsáveis pelos cuidados da prole e da família - que deram forma ao projeto da modernidade possível para o Paraguai.

⁷⁵ FREIRE ESTEVES, Gomes. **Op. cit.**, 1983. p. 243.

⁷⁶ Juan Antonio Ezcurra (1859 - 1919) governou o Paraguai de 25 de novembro de 1902 até 19 de dezembro de 1904. Foi o último Presidente da primeira época colorada na história política do Paraguai.

⁷⁷ *Pacto de Pilcomayo*, de 12 de dezembro de 1904, foi o acordo de paz entre *colorados* e *liberais*, colocando fim a Revolução de 1904. A vitória dos *liberais* marcou uma maior influência da Argentina no Paraguai.

⁷⁸ MOREIRA, Luiz Felipe Viel. Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936). In: ANPHLAC. **Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Vitória, 2003.

1.3. O modelo liberal e a consolidação do Estado

Si la guerra con todos sus horrores, con todo su cortejo fúnebre de luto y destrucción, nos ha traído una nueva era derrocando un despotismo que cada vez se iba haciendo más terrible, era en que la libertad recibe el incienso en los altares de la democracia que los tiranos hallaron impunes pero que el pueblo de hoy debe levantarlos para dar el bautismo del porvenir a la nueva generación de la Patria (...).

La Regeneración de 21 de outubro de 1869. n. 7. ano 1. p. 1.

As idéias liberais, incorporadas às propostas e discursos políticos no contexto de reorganização do pós-Guerra, encontraram um terreno fértil no Paraguai, onde a elite política desejava atingir a civilização e o progresso nos moldes europeus. O projeto político de modernização liberal latino-americano e as influências das distintas concepções liberais euro-norte-americanas, buscou soluções coerentes com a realidade social para além das origens de seus pensadores.⁷⁹ Sem cair no reducionismo clássico do modelo liberal, implicará a necessidade de repensar um novo conceito de Estado, adequado às particularidades sócio-econômicas e político-culturais do Paraguai da época.

Embora não seja uma tarefa fácil definir o liberalismo, pode-se dizer que um denominador comum a todas as suas correntes é a defesa do Estado liberal, garantidor dos direitos do indivíduo perante o poder político e que exige, para tanto, formas mais ou menos amplas de representação política. No caso paraguaio, a influência do modelo liberal norte-americano e de Buenos Aires significou,

⁷⁹ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). **Diccionario de Política**. Vol. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. pp. 686-688. Ver também: HALPERIN DONGHI, Tulio. **Historia contemporánea de América Latina**. México: Alianza Editorial, 1983 e **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975; HALE, Charles Adams. **El liberalismo mexicano en la época de Mora. 1821-1853**. México: Siglo XXI. 2005; PRADO, Maria Lígia Coelho. **Op.cit.**, 1999; RIVAROLA, Milda. **Op. cit.**, 1993; BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e París no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984; BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantes, liberales y francmasones**. Sociedades de Ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX. México: Cehila/Fondo de Cultura Económica, 1990; RAMA, Carlos M. **História de América Latina**. México: Siglo XXI, 1972. O conceito de liberalismo moldou-se ao longo do tempo, segundo as diversas tradições culturais e estruturas de poder dos diferentes países, definindo para o termo conteúdos muitas vezes distintos, quando não antagônicos. Muitos acreditam que essas idéias foram simplesmente copiadas por intelectuais e políticos latino-americanos, outros, no entanto, acreditam que foram reinterpretadas e adaptadas aos diferentes contextos de cada país.

politicamente, a alternativa para a reconstrução do pós-Guerra. Na Argentina, os paraguaios que lá se encontravam exilados incorporaram as idéias liberais e objetivavam aplicá-las na reconstrução do Paraguai, como regime constitucional.

A primeira geração de políticos liberais latino-americanos, defensores do liberalismo romântico, foi substituída por uma geração mais radical e realista, propondo caminhos distintos e alternativas adaptadas a sua própria realidade. Segundo Charles Adams Hale, *“la experiencia distintiva del liberalismo en América Latina se derivó de la aplicación de las ideas liberales a países que estaban muy estratificados, social e racialmente, y subdesarrollados en el terreno económico, y en los cuales tenía mucho arraigo la tradición de una autoridad estatal centralizada”*.⁸⁰

A partir de 1850, como analisa Marcello Carmagnani, significa a fase da hegemonia oligárquica, de uma classe onde as origens são coloniais, cuja base de seu poder está no controle dos meios produtivos e que utiliza diretamente o poder político para aumentar sua dominação sobre as outras classes sociais. O liberalismo latino-americano aceitou quase que exclusivamente os princípios do liberalismo econômico, sem ir contra os interesses do capital estrangeiro, o que terminava por favorecer a classe dominante.⁸¹ Até 1880, estes grupos dominantes consolidaram sua posição apoiados por benefícios no comércio exterior e pela força adquirida nos investimentos estrangeiros, sobretudo ingleses.⁸²

O modelo de Estado oligárquico organizado na América Latina, diferentemente do modelo de Estado liberal-nacional europeu, se definiu como uma organização política afastada do modelo autêntico de democracia e se caracterizou pela limitada representatividade política e uma reduzida base social de apoio. Este Estado oligárquico foi possível graças à interdependência entre os proprietários de terra e a ação da burguesia urbana, que mantinha contatos com o mundo exterior e

⁸⁰ O liberalismo na América Latina se identifica com a construção do Estado nacional, onde ambos emergem da ruptura da ordem colonial. Sua construção foi em oposição a uma sociedade tradicional, fundamentalmente rural, analfabeta, ligadas por vínculos corporativos e de dependência. HALE, Charles Adams. Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930**. Vol. 8. Barcelona: Crítica, 1991. p. 2.

⁸¹ CARMAGNANI, Marcello. **Estado y sociedad en América Latina, 1850-1930**. Barcelona: Crítica, 1984; CARMAGNANI, Marcello (Org.). **Constitucionalismo y orden liberal**. América Latina, 1850-1920. Turin: Otto, 2000.

⁸² O clima econômico da América Latina, após 1870, adquiriu uma situação mais tranqüila, devido à instabilidade de muitos Estados após o processo de independência. A Europa e a América do Norte incrementaram, nesse período, a capacidade de exportar e importar e, a partir do momento que melhorou o ambiente político, a América Latina ofereceu oportunidades comerciais cada vez mais atrativas. Como parte de um processo, mesmo de forma subordinada, a América Latina se viu cada vez mais integrada ao mercado mundial. GLADE, William. América Latina y la economía internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina: América Latina: economía y sociedad, 1830-1930**. Vol. 7. Barcelona: Crítica, 1991. pp. 1-49.

buscava possibilidades para a expansão do comércio internacional. Este grupo urbano foi consolidado, mediante a integração com os grupos rurais, as condições para a estruturação de um efetivo sistema de poder.

A América Latina, desse modo, foi cenário de um modelo alternativo de organização social, porém, para o modelo liberal se estruturar, deveria responder às suas próprias contradições. Com efeito, o Paraguai do século XIX não era uma realidade muito distinta dos demais países latino-americanos. As idéias liberais, com algumas exceções, circulavam entre grupos políticos muito mais identificados com facções de elite *criolla*, que via as massas como mal preparadas para a democracia.

Os *legionários* inicialmente empreenderam um processo denominado *reconstrucción - regeneración*.⁸³ Para eles, a bandeira não podia representar López e seus soldados - símbolo do atraso -, mas a “nova ordem”, que construía a imagem dos Aliados como “salvadores” e identificava a Nação paraguaia com os que se opunham ao autoritarismo e à insanidade do ditador.⁸⁴ Os *legionários* confiavam na capacidade das concepções liberais transformando a realidade paraguaia, de uma sociedade autoritária para outra nos moldes das Nações européias. Na população, porém, não predominava tal idéia, quer por achar “natural” o despotismo, após décadas sob sua dominação, principalmente porque, na miséria em que se encontrava, a preocupação maior era a sobrevivência física.⁸⁵

De modo a demonstrar que a Guerra havia libertado o Paraguai de um “totalitarismo absolutista”⁸⁶, a Constituição de 1870 foi de origem liberal, inspirada na Constituição argentina, que, por sua vez, encontrava antecedentes na Constituição norte-americana.⁸⁷ Ingenuamente, como cita Ricardo Caballero Aquino, “*algunos de*

⁸³ *Regeneración* é a denominação usada no período da recuperação da sociedade paraguaia durante o pós-Guerra (1870-1904). A denominação foi utilizada no primeiro jornal do pós-Guerra no Paraguai, fundado por paraguaios exilados pouco depois da ocupação de Assunção pelos Aliados.

⁸⁴ O governo provisório queria fundar a base para um Estado democrático, após mais de meio século de ditadura, sucessivamente, pelo Dr. José Gaspar Rodríguez Francia (1814-1840), que após a Independência fechara o país ao mundo exterior; por Carlos Antonio López (1840-1862), que pusera fim ao isolamento do Paraguai e dera início a um processo de modernização econômica e militar; e por Francisco Solano López (1862-1870), cujos sonhos de um império sul-americano, junto com as ambições territoriais de seus vizinhos, Argentina e Brasil, havia conduzido o Paraguai a uma Guerra desastrosa.

⁸⁵ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Guerra e Regeneração: Três estudos sobre o Paraguai. In: **Diálogos**. Maringá: DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 2, 2005. pp. 79-87.

⁸⁶ CABALLERO AQUINO, Ricardo. **Op. cit.**, 1985. p. 47. A mesma expressão é usada por Guido Rodríguez Alcalá. ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Residentas, destinadas e traidoras**. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.

⁸⁷ De acordo com o Decreto de 24 de novembro de 1870, a Constituição de 1870 foi vista como “*una verdadera transmigración de nuestra pasada experiencia política, poniéndonos a la altura y dignidad de un Pueblo Soberano, libre e independientes*”. Com a Constituição o país ingressava “*en su nueva era política, apareciendo por la primera vez en*

los líderes paraguayos pensaban que bastaba una constitución democrática para el advenimiento de la democracia".⁸⁸ Igual a outros revisionistas, Natalício González⁸⁹ define a Constituição de 1870 como uma "*constitución exótica, que organiza un Estado antiparaguayo*".⁹⁰

Bem ou mal, o Paraguai buscava se reorganizar. A Constituição era instrumento vantajoso para os interesses estrangeiros e da nova oligarquia local, como, por exemplo, a legislação das vendas das terras do Estado. O francês Emmanuel de Bourgade la Dardye, que passou dois anos no Paraguai na década de 1890, cita as características liberais da nova Constituição, fazendo cair as barreiras restritivas acumuladas pelos governos anteriores: "*en adelante, la navegación de los ríos era libre, y los paraguayos, así como los extranjeros, tenían derecho a entrar y salir de la República, sin trabas ni pasaporte. Era la primera vez que la frontera se abría de esa manera, y que ese curioso país entraba en comunicación con el resto del mundo*".⁹¹

A Constituição de 1870, democrática e liberal, não era adequada para uma sociedade como a do Paraguai do pós-Guerra, onde a maioria do povo era pobre e inculto e, como estar próximo ao governo era uma das poucas formas de enriquecer, havia uma forte luta pelo controle do poder. No Paraguai destruído e com o comércio controlado por estrangeiros, ocupar cargos públicos, naquela época, era uma forma de obter bens materiais ou um mínimo de renda, quer por ex-exilados, quer por antigos seguidores de Francisco Solano López.

el catalogo de los demás pueblos libres". MARIÑAS OTERO, Luis. **Las constituciones del Paraguay**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica del Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978. p. 179.

⁸⁸ CABALLERO AQUINO, Ricardo. **Op. cit.**, 1985. p. 47.

⁸⁹ Natalício González (1897-1966) foi doutrinário do antiliberalismo e ideólogo do *Partido Colorado*, a quem se deve a conversão do lopizmo em teoria política. Discípulo de O'Leary, foi apologista da tradição autoritária e bélica. A difusão do lopizmo e do culto dos heróis em geral, coincide com a difusão das idéias fascistas no Paraguai da década de 1930 e 1940. Foi Presidente da República após a queda de Moríneo, (1948-1949). Exilado no México, onde veio a falecer, desenvolveu uma grande produção literária, vindo em 1956 a se tornar ali Embaixador. Segundo ele, a imposição da Constituição liberal de 1870, devido a vitória aliada na Guerra, teria obrigado o Paraguai a abandonar a forma de governo própria de sua essência, a ditadura. GONZÁLEZ, Natalício. **Solano López y otros ensayos**. Paris: Editorial de Indias, 1926.

⁹⁰ GONZÁLEZ, Natalício. **El Paraguay eterno**. Asunción: Cuadernos Republicanos. 1986. p. 81. Nesta obra, Natalício Gonzalez tratou de demonstrar que o liberalismo no Paraguai representava o exótico frente à legítima tradição autóctone – desenvolvida esta a partir da chegada dos conquistadores e missionários espanhóis. Iniciou sua tarefa de ataque ao regime instituído pela Constituição de 1870, e de esboço de um socialismo de Estado inspirado nos modelos do século XIX. Os inimigos da Nação foram identificados com os *liberais*, e como traidores da raça que eram, depois de haverem traído a López, entregavam agora o Chaco aos bolivianos.

⁹¹ BOURGADE LA DARDYE, Emmanuel de. **El Paraguay 1889**: antigua crónica de un viaje al presente. Asunción: Arte Nuevo, 1985. pp. 77-78.

Com a Constituição, promulgada em novembro de 1870, o Paraguai ingressou em um novo período de sua história; organizaram-se as bases institucionais que dariam condições ao desenvolvimento das atividades produtivas.⁹² Lentamente foi se intensificando o processo de reconstrução da economia arrasada pela Guerra e a modificação das estruturas sociais e econômicas. Isso foi possível pelas condições estabelecidas na nova Constituição, no sentido de normatizar a posse e a utilização dos recursos, o ingresso de capital estrangeiro, a organização das formas de produção e comercialização e o desenvolvimento dos princípios liberais, visando o desenvolvimento do indivíduo e suas liberdades individuais.

Em tese, a Constituição de 1870 instituiu os princípios liberais baseados num amplo sistema de direitos e garantias à cidadania, voltados para as liberdades individuais, a liberdade de culto, a liberdade de imprensa, o matrimônio civil, a propriedade privada e a busca dos interesses pessoais como meio de realização do bem-estar geral. Esses princípios buscavam, fundamentalmente, impedir a intervenção do Estado nas atividades produtivas e comerciais, já que ela se declarava favorável ao livre comércio e à circulação de mercadorias sem restrições, tanto no mercado interno como externo.

Enfim, caberia ao Estado a manutenção da ordem e da paz interna, a administração da justiça, a proteção dos direitos individuais e a garantia da propriedade privada. Incumbiria, ainda, o desenvolvimento da educação, fomento à imigração e execução de obras de interesse público. Os ideólogos da Constituição de 1870 pretendiam limitar a atuação do Estado e assegurar o surgimento da sociedade civil e da empresa privada, que deveriam ser a força dinâmica de prosperidade e bem estar da Nação. No entanto, quando o modelo liberal foi imposto ao Paraguai em 1870, como sistema permanente de política econômica, diferente dos resultados produzidos em outros países, não tinha empresários, capitais e nem indústrias instaladas.

⁹² Um elemento significativo da herança liberal da América Latina era o entusiasmo pelos sistemas constitucionais. A independência política havia sido conquistada e o apogeu do constitucionalismo ocidental, cuja convicção principal dizia que um código de leis escritas e concebidas racionalmente podia distribuir o poder político de maneira eficaz e, ao mesmo tempo, garantir a liberdade individual, origem principal da harmonia social e do progresso. Dessa forma, *"los liberales constitucionales pretendían limitar la autoridad por medio de la instauración de barreras jurídicas contra el 'despotismo', que asociaban con el régimen colonial"*. HALE, Charles Adams. Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930. Vol. 8. Barcelona: Crítica, 1991. p. 6.

A tentativa de reativação da economia paraguaia, ao menos nos primeiros anos do pós-Guerra, foi bastante difícil e anárquica, talvez pela ausência do Estado nessa tarefa, cabendo a reorganização da economia à iniciativa privada. O maior obstáculo para a reorganização das atividades produtivas e comerciais era a falta de capitais que complementassem e ativassem a mão de obra e os recursos naturais disponíveis. Nesse caso, foi necessário suprir a limitada disponibilidade de capitais com um trabalho mais intenso e com improvisações que se adaptaram a tais circunstâncias.⁹³ Para recuperar economicamente o Paraguai, foram contraídos empréstimos no exterior, fato que agravou, ainda mais, a situação financeira do país.⁹⁴ Estes empréstimos foram aprovados com certa facilidade, já que os financistas londrinos eram desconhecedores da realidade financeira do Paraguai e, ao mesmo tempo, *“los ministros solo estaban ansiosos de recibir el oro sin preocuparse de las consecuencias o del costo futuro real”*.⁹⁵

Para Gómez Freire Esteves, o destino do empréstimo de 1871 era diminuir a dívida interna, incentivar a agricultura, reparar a estrada de ferro, fundar um Banco e incentivar a instrução pública.⁹⁶ Por volta de 1880, os juros não pagos sobre a dívida total dos empréstimos feitos pelo Paraguai chegavam a mais de três milhões de libras. Com o Tesouro vazio e em virtude da complicada situação econômica do país, o Presidente Bernardino Caballero decidiu adotar a venda das terras do Estado, como medida de emergência para restaurar o crédito do governo.

O Estado paraguaio encontrava-se falido; o pagamento das dívidas públicas originadas pelos governos anteriores foi resolvido, em parte, com as vendas das extensas terras do Estado. Tudo que podia foi privatizado e o território era terra livre a disposição de grandes empresas estrangeiras que adquiriram vastas extensões territoriais, o que arruinou o camponês paraguaio. O Estado *patrón-propietario* da era

⁹³ ASHWELL, Washington. **Historia Económica del Paraguay**. Estructura y dinamica de la economía nacional. (1870-1925). Vol. 1. Asunción: Carlos Achauman, 1989. p. 43. Inicialmente a atividade comercial foi reativada na Capital com as operações dos provedores dos Aliados. Seus negócios não se limitavam ao abastecimento da tropa, mas também a parte da população de Assunção, o que significou, naquele momento, a única fonte de fornecimento de bens e alimentos para os habitantes da cidade.

⁹⁴ O empréstimo de 1871, contraído em Londres, foi de um milhão de libras esterlinas, mas chegaram aos caixas do governo 403.000 libras esterlinas. Em 1872, outro empréstimo é feito no mesmo valor, porém, novamente, teve saldo de 562.200 libras esterlinas, cuja aplicação e destino são difíceis de avaliar. PANGRAZIO, Miguel Angel. **Historia Política del Paraguay**. Vol 1. Asunción: Intercontinental Editora, 1999. pp. 105-106.

⁹⁵ CABALLERO AQUINO, Ricardo. **Op. cit.**, 1985. p. 64.

⁹⁶ ESTEVES, Gómez Freire. **Op. cit.**, 1983. p. 108.

francista e lopizta estava longe da realidade do Estado paraguaio do pós-Guerra.⁹⁷ Para isso, criaram-se as leis de 1883 e 1885 que regulamentavam a venda de terras estatais - compreendendo as estradas de ferro e as “minas de erva-mate” - que, na época, correspondiam a quase todo o território paraguaio.

Ao finalizar a Guerra, muitas famílias haviam desaparecido e suas possessões territoriais passaram para o Estado, e, apesar dos baixos preços, os camponeses não conseguiam adquirir um lote de terra, definido em meia légua quadrada. Com essa situação favorável, Caballero e seus colaboradores conseguiram empréstimos estatais para comprar as melhores terras.⁹⁸ Assim, o espaço rural transformou-se em domínio de 45 companhias que cultivavam a grande parte dos ervaais paraguaios. Entre os tantos privilégios, não pagavam impostos e seus trabalhadores viviam em condições pouco melhores do que a escravidão.⁹⁹ Em suma, o mau uso do dinheiro advindo de empréstimos comprometeu ainda mais a capacidade de pagamento do Estado. A impunidade, a falta de uma opinião pública atuante, de um sistema judiciário competente e a péssima administração financeira colaboravam para arruinar as finanças paraguaias.

Tal ato desesperado para retirar o Paraguai da crise favoreceu a venda dessas propriedades estatais, que também passaram para mãos estrangeiras. No entanto, pouco desse dinheiro chegou aos cofres públicos, pois a maior parte foi parar nas mãos dos governantes, que concebiam o poder como uma maneira de enriquecimento pessoal. Dados de Bourgade afirmam que as terras eram compradas entre 100 e 1.200 pesos a légua quadrada e que, em 1889, eram revendidas entre 4 e 15 vezes mais caras.¹⁰⁰ Para Ricardo Caballero Aquino “*las leyes de ventas de tierras y yerbales fiscales de 1883 y 1885 tuvieron consecuencias económicas más catastróficas que la propia Guerra de la Triple Alianza*”.¹⁰¹

⁹⁷ GÓMEZ, Carlos. “El Estado paraguayo y el mercado” (1870-2005). **Estudios paraguayos**. Revista de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”. Asunción, v. XXIV, n. 1 y 2, 2006. p. 20.

⁹⁸ A mãe do Presidente, por exemplo, foi uma das primeiras beneficiadas: “*Doña Melchora Melgarejo de Caballero obtuvo veinti-cinco léguas de campos fiscales, a quince léguas de la Capital*”. PANGRAZIO, Miguel Angel. **Historia Política del Paraguay**. Vol. 1. Asunción: Intercontinental Editora, 1999. p. 133.

⁹⁹ PIZARRO, M. Mar Langa. **Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya**. Tese (Tese em História). Universidad de Alicante. 2001. p. 53.

¹⁰⁰ BOURGADE LA DARDYE, Emmanuel de. **Op. cit.**, 1985. p. 98.

¹⁰¹ AQUINO, Ricardo Caballero. El proceso de privatización de tierras y yerbales estatales 1871-1885. In: **ABC**. Suplemento Cultural. Asunción, 27 de julio de 1981. pp. 4-5.

Diante deste quadro, era ainda preciso tornar o país seguro para que a imigração, necessária naquele momento, chegasse ao Paraguai. Para a imprensa, “*el ilustrado Gobierno en vista de estos datos estamos seguros que seguirá nuestra indicación, y así asegurará la producción, la seguridad y la población de la hermosa campaña del Paraguay. La inmigración está en expectativa para pisar nuestras playas*”.¹⁰² Na visão da nova elite governante e intelectual paraguaia, a concepção de progresso e civilização estaria, também, no processo imigratório. Segundo a elite da época, a imigração seria uma outra *regeneración* do país, somada àquela representada pelas idéias liberais. O estrangeiro era a esperança de recuperação da estagnada economia local, quer por constituir mão-de-obra dinâmica, quer pela expectativa de que trouxesse capital.¹⁰³ Entretanto, o papel cumprido pela imigração na constituição do mundo do trabalho no pós-Guerra é ambíguo. As primeiras fontes da época definem as comunidades estrangeiras como um grupo heterogêneo de especuladores, aventureiros e contrabandistas, somados a um pequeno grupo de artesãos e trabalhadores qualificados que buscava no comércio uma atividade rentável para enriquecer rapidamente.¹⁰⁴

¹⁰² **La Regeneración** de 17 de dezembro de 1869. n. 30. ano 1. p. 2. **La Regeneración** apareceu em 1º de outubro de 1869 e sua última publicação data de 1º de outubro de 1870. Fundado pelos irmãos Decoud, o jornal era redigido por Juan Silvano Godoy, Juan José, José Segundo e Adolfo Decoud, Benigno Ferreira, Ricardo M. Meniça, Jaime Sosa Esclada, Juan Bautista Arce e Miguel Palacios. Também havia a colaboração de José Dolores Gonzáles, L. de Veyga, Juan E. Carreras e de uma mulher, Asunción Escalada. Baseado nos princípios do liberalismo, o referido periódico foi o primeiro órgão de imprensa independente publicado no Paraguai. O jornal defendia as idéias e os interesses do *Gran Club del Pueblo*, mas, mesmo assim, ele se manteve independente, tanto do governo, como dos Aliados. Publicado três vezes por semana, teve destacada atuação na campanha pela Constituição. Nesse sentido, entre 10 de outubro e 21 de novembro de 1869, publicou um anteprojeto da Constituição Nacional, por Juan José e José Segundo Decoud, que serviria de base para a comissão redatora e, posteriormente, para a Convenção Constituinte. Foi considerado o “*mensajero del libre pensamiento paraguayo*”. O periódico era publicado três vezes por semana (nas quartas, sextas e domingos) e formatado em páginas de quatro colunas. Contava com uma seção oficial ao qual apresentavam decretos, cartas de autoridades, cópias de renúncias a cargos públicos e de avisos gerais. Os principais avisos eram a oferta de serviços de médicos, advogados e joalheiros, como também a venda de diversos produtos. Havia também a seção judicial, policial e municipal. Na terceira página geralmente apareciam avisos de festas, bailes e eventos teatrais. Na seção *mosaicos* apareciam poesias, crônicas, comentários críticos e irônicos. Na seção *folletín*, muito comum no jornalismo da época, apareciam notícias internacionais da Europa e do restante da América. Por fim, havia a seção *prensa brasileira* e outra de correspondências.

¹⁰³ Podemos considerar a hipótese de, no Paraguai dessa época, haver relação entre idéias liberais e maior abertura à imigração. Afinal, foi na década de 1880, quando o poder era exercido por políticos avessos ao liberalismo, que houve um recuo governamental na receptividade ao imigrante. Destacamos os governos lopiztas dos “*viejos generales*”, em especial a Bernardino Caballero (1880-1886), Patricio Escobar (1886-1890) e Juan Bautista Egusquiza (1894-1898).

¹⁰⁴ Os saques e a presença de aproximadamente seis mil soldados estrangeiros atraíram o interesse de um vasto grupo de especuladores, comerciantes e artesãos, de modo que nos prédios saqueados instalaram-se cafés, sapatarias, barbearias, farmácias e estabelecimentos de diversão. Os italianos, por exemplo, abriram pequenas indústrias manufaturadas (do tipo industrial) ou atuaram como horticultores na Capital e arredores. Dados de 1887, da *Dirección Nacional de Estadísticas*, mostram que das 454 casas comerciais existentes no país, 172 eram de paraguaios, 117 de italianos, 49 de espanhóis e 39 de franceses. RIVAROLA, Milda. **Op. cit.**, 1993. p. 61. Sabe-se que entre os poucos estrangeiros que chegaram ao Paraguai nas décadas do pós-Guerra, quase todos se casaram com paraguaios e que a grande maioria dos imigrantes eram homens que tinham entre 20 e 40 anos. Entre os anos de 1882 e 1907 chegaram 12.241 imigrantes ao porto de Assunção, dos quais 9.053 eram homens e 3.188 eram mulheres. Os principais países de origem foram Itália (3360), Alemanha (2083), França (1736), Espanha (1542), Argentina (890), Suíça (479) e Inglaterra (413). WARREN, Harris Gaylord. **Op. cit.**, 1985. p. 320. Ver também: RIVAS, Bárbara Ganson de. **Op. cit.**, 1985. p. 23; DECOUD, Héctor Francisco. **Los emigrados paraguayos en la Guerra de la Triple**

Tal qual em outros países, mostra-nos Raquel Zalazar, também no Paraguai o imigrante europeu era visto como superior, em vontade e capacidade de trabalho, ao camponês local. No caso paraguaio, a imigração seria, também, uma forma de suprir, mesmo que parcialmente, as perdas demográficas com a Guerra.¹⁰⁵ Além disso, para o governo os camponeses eram vistos como indolentes, sobrecarregando as mulheres nas atividades agrícolas. Em alguns pontos do interior, segundo constava, a atividade agrícola e a comercialização dos produtos *“unicamente quien realiza estos trabajos son las mujeres, pues con mucha dificultad se encaminaran hombres que se dediquen á la labranza de la tierra”*.¹⁰⁶ A maioria absoluta de mulheres no pós-Guerra permitiu recuperar e reforçar o antigo discurso que via a mulher apta ao trabalho, relegando e restringindo a população masculina sobrevivente, em menor número, *“a las irre recuperables categorias de vagancia, holgazanería y ‘malavaje’”*.¹⁰⁷

Os imigrantes, paradoxalmente, sofriam certa discriminação; essa xenofobia ocorria, por um lado, porque os paraguaios tinham medo que eles ocupassem cargos públicos. Por ser o imigrante um fator novo, constituía-se, assim, em elemento potencialmente perturbador das formas de dominação construídas após 1870.¹⁰⁸ Por outro lado, era visto por intelectuais como uma ameaça à cultura paraguaia tradicional, com receio que outra cultura absorvesse a cultura paraguaia, modificando seus costumes e tradições.¹⁰⁹

Pretendia-se, todavia, melhorar o rendimento da força de trabalho e a produção nacional. O intuito de atrair imigrantes ao Paraguai não foi possível de realizar-se em grande escala, devido às condições sociais e à falta de recursos. Isso se deve, em parte, pela lenta recuperação da agricultura e da pecuária, devido à ausência de uma administração centralizada e forte e pela instabilidade política e econômica da época.

Alianza. Buenos Aires: Talleres Gráficos, 1930 e **Album Gráfico del Paraguay:** Inmigración y Colonización antes y después de la Guerra. pp. 296-300.

¹⁰⁵ ZALAZAR, Raquel. Regeneración de la sociedad paraguaya: aporte de los inmigrantes (1870-1904). In: **Diálogos**. Maringá: DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 2, 2005. pp. 67-78.

¹⁰⁶ **La Regeneración** de 27 de julho de 1870. n. 123. ano 2. p. 3.

¹⁰⁷ Entre os discursos oficiais, é famosa a citação de José Segundo Decoud, ideólogo *liberal* dos governos do pós-Guerra, alegando que o povo paraguaio era *“tradicionalmente indolente”* e os camponeses *“pocos afectos al trabajo, y prefieren en su mayor parte la vida haragana y vagabunda”*. PASTORE, Carlos. **Op. cit.**, 1972. p. 190.

¹⁰⁸ Em 1879, proclamou-se a igualdade entre imigrantes e paraguaios, exceto na ocupação dos altos cargos públicos. SUSNIK, Bratislava. **Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX**. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1992. p. 150.

¹⁰⁹ PIDOUX de DRACHENBERG, Lyra. Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. **Revista Paraguaya de Sociología**. Asunción, año 12, n. 34, 1975. p. 74.

Este era o contexto político do pós-Guerra; *colorados* e *liberais* levantavam a bandeira do liberalismo como modelo para a reconstrução e o progresso do país. Antes de tudo, é necessário visualizarmos algumas questões sociais importantes do pós-Guerra, para melhor compreendermos como as mulheres se enquadravam no processo de reconstrução.

2. SOBRE LOS ESCOMBROS DE LA GUERRA

Em Assunção, após a Guerra, a imprensa apresentava uma crescente preocupação com a moralidade da população. Os discursos reguladores foram capazes de transformar e rearticular as idéias de sexualidade e de identidade de gênero que recaíam no campo da moral. Neste contexto, o corpo passou a ser o alvo no discurso médico, sanitarista e pedagógico, regulado numa rede discursiva de preceitos moralizadores, higienizadores e civilizadores. Deste modo, os discursos eram dispositivos de poder, definindo de acordo com o sexo as posições sociais que os sujeitos ocupavam na sociedade.¹¹⁰ Os corpos transformavam-se em agente de demarcação das diferenças sexuais e de gênero, servindo como receptáculo que deveriam nortear as aparências, gestos, comportamentos e atitudes.

Para entender essas questões, bem como as políticas disciplinadoras do governo, é necessário visualizar a sociedade no imediato pós-Guerra.¹¹¹ A redefinição da identidade social feminina, contudo, apresentava alguns obstáculos rumo ao progresso e à civilização. Como construir uma sociedade nos moldes civilizados, sabendo que grande parte da população passava fome, em uma sociedade onde a cultura guarani estava fortemente enraizada? Esses temas foram constantemente reforçados pela imprensa, desprezando a cultura popular e demarcando linhas bem definidas para o projeto de civilização da elite paraguaia.

Neste segundo capítulo analisamos os reflexos na condição e na modificação do papel da mulher na nova ordem social após a Guerra. O primeiro sub-capítulo objetiva analisar o envolvimento da mulher durante a Guerra, os reflexos da questão demográfica e entender o seu papel e inserção na sociedade paraguaia. A segunda seção oferece um panorama social e o impacto direto da Guerra sobre as instituições paraguaias. Destacamos, a seguir, as estratégias de controle moral utilizadas pelo governo, em especial, sobre as mulheres das classes pobres de Assunção. Por fim,

¹¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

¹¹¹ Na reestruturação do pós-Guerra é necessário levar em conta não só as seqüelas causadas pela Guerra, mas determinadas estruturas sociais e políticas do período, entre as quais a maneira como os paraguaios viviam e concebiam a relação com o trabalho e a produção; as relações de poder e propriedade diante do Estado; o caráter que através de séculos haviam adquirido a instituição familiar e o peso da religião na sociedade. RIVAROLA, Milda. **Obreros, utopias, & revoluciones**. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal, 1870-1931. Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993. p. 23.

procuramos destacar os discursos da imprensa com relação à educação no pós-Guerra. Para que a reconstrução do país se efetivasse, era essencial que a mulher tivesse um bom nível educacional, fundamental para a reconstrução da sociedade, na medida em que ela educava os filhos e consolidava a moral da família.

2.1. Uma questão de classes. Senhoras da elite e as *Kygua veras*

La mujer se despoja de sus joyas y alhajas y las ofrece para la salvación de su adorada Patria. Levanta esa voz celestial y conmueve a sus defensores, infundiéndoles nuevo aliento y la más firme resolución de ‘vencer o morir’ al pie de su gloriosa bandera. Esta es la mujer paraguaya, esta la mujer del sacrificio, del heroísmo, del calvario, la heroína del siglo XIX.

El Centinela de 12 de setembro de 1867. n. 21. ano 1. p.1.

Na cultura guarani, a mulher tem sua formação revestida de particularidades; durante o período colonial, a imagem consagrada sobre a mulher guarani é, muitas vezes, distorcida e alvo de detração, o que se deve ao fato do conquistador ter explorado as mulheres indígenas sob todos os aspectos. Segundo Bartomeu Meliá, *“la mujer guarani se incorporó al sistema hispano-paraguayo por la puerta de servicio”*.¹¹² Sua educação a preparava para integrar-se cultural e economicamente no seu meio, pois *“entre los guaraníes, las actividades masculinas y femeninas ofrecen un cuadro distintivo de un paralelismo casi total, con pocas superposiciones, lo que puede y debe hacer una mujer no puede ni debe hacer un hombre y viceversa”*.¹¹³ Ao tempo da conquista, as relações entre os espanhóis e os índios guaranis estabeleceram-se sem controle legal e moral. A mulher desempenhava papéis sociais e religiosos de extrema importância na engrenagem social guarani. Percebida como dom e revestida de um valor simbólico, a mulher guarani estava plenamente inserida no “antigo e bom modo de viver e de ser” dos indígenas.¹¹⁴

Nesse cenário, a poligamia era uma forma de consolidar alianças políticas e através do intercâmbio de mulheres, os grupos familiares aliados se comprometiam a apoiar e a socorrê-los mutuamente. Essas relações de parentesco constituíam uma garantia para a estabilidade de uma aliança interfamiliar, pois somente os laços de

¹¹² MELIÁ, Bartomeu. **Una nación dos culturas**. Asunción: RP/CEPAG, 1990. p. 79.

¹¹³ **Idem**. p. 80.

¹¹⁴ FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Rostos Femininos e Corpos Piedosos – representações femininas em Montoya. In: **Anais Eletrônicos ANPHLAC** (III Encontro), Salvador, 2001. p. 6.

sangue podiam garantir que o princípio de reciprocidade fosse realmente evidenciado. Com isso, o número de mulheres de um homem era o indicador de seu prestígio político e a poligamia era a forma de conservar esse poder conquistado. No caso dos índios guaranis, havia outro fator: as parcelas de terra para o cultivo de milho e mandioca eram divididas segundo o número de mulheres e filhos, pois eram elas que cultivavam a terra conquistada pelo homem.¹¹⁵

A sociedade colonial dos séculos XVII e XVIII apresentava significativa diferenciação social, apesar da relativa pobreza em todas as estratificações sociais. Com a mescla cultural e racial entre a classe indígena e a *européia-criolla*, surgiu uma classe alta, diferenciando-se tanto cultural como economicamente da massa popular. Os matrimônios dentro da classe alta contribuíram para criar grandes propriedades agrícolas, enquanto os *criollos* pobres eram desprezados cada vez mais e forçados a viver na periferia.¹¹⁶

Se pensarmos a situação da mulher paraguaia durante o século XIX pouco difere da condição das mulheres de outros países latino-americanos. Muitas delas, principalmente aquelas do interior, eram chefes de família, o que pode ser explicado, em parte, pelo emprego temporário e migratório de muitos homens, principalmente os peões que trabalhavam em estâncias distantes para não se apresentarem ao serviço militar.¹¹⁷

Independentemente da razão que venha explicar esse fator social, a terça parte dos lares de muitos distritos do Paraguai era conduzida por mulheres, isso demonstra que muitas delas estavam em uma posição de responsabilidade e autoridade no período que antecede a Guerra do Paraguai.¹¹⁸ Esse sistema agrário

¹¹⁵ SUSNIK, Branislava. **El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay**. Vol. 1. Asunción: 1982. pp. 25-28. Ver também: CARDOZO, Efraim. **Paraguay Colonial**. Buenos Aires: Nizza, 1959; CENTURIÓN, Carlos R. **Historia de la Cultura Paraguaya**. Vol. 1. Asunción: Biblioteca Ortiz Guerrero, 1961; GONZALEZ, Natalicio. **Proceso y formación de la cultura paraguaya**. Asunción: Guaranía, 1948.

¹¹⁶ POTTAST, Jutkelt Bárbara. **"Paraíso de Mahoma" o "El País de las Mujeres"?** Asunción: Litocolor SRL, 1996. p. 55.

¹¹⁷ O fato de muitas mulheres serem arrendatárias se deu, também, porque muitos homens se ausentavam de casa por longos períodos e muitos inclusive não regressavam. A partir de 1845, todos os homens desde os 16 anos tinham que cumprir o serviço militar por dois anos. Ainda, os homens também consideravam o seu salário um adicional, pois haveria sempre a garantia da alimentação que neste momento estava a cargo das mulheres. **Idem**. p. 111.

¹¹⁸ Em estudos dedicados às mulheres urbanas pobres francesas, Michelle Perrot relata o papel importante das mulheres em viabilizar a vida de suas famílias nas grandes cidades: destinar os salários dos maridos às necessidades básicas dos filhos, complementar a renda familiar através dos mais variados serviços miúdos realizados primeiramente na rua e depois dentro de casa, dedicar-se a atividades comerciais nos mercados, à lavagem de roupas nos lavadouros, às faxinas, às entregas de pão. Essa mulher, como diz Perrot, não se parece com a "caseira" camponesa, tampouco com a "senhora de casa" burguesa da cidade. Reúne, em grande parte, o contingente de mulheres que vivem o processo de industrialização e empobrecimento do campo. Parte delas migrou das áreas rurais para as

permitiu às mulheres margens de independência, devido à disponibilidade de terra barata para arrendamento, tanto no campo, como nos arredores das cidades – especialmente onde ficavam as antigas possessões territoriais dos conventos e dos seminários dos sacerdotes. Dessa forma, as mulheres camponesas executavam a maior parte dos trabalhos agrícolas, representando a maior parcela da mão-de-obra rural do país. Na verdade, antes da Guerra a agricultura era considerada trabalho de mulheres e não de homens. O viajante Richard F. Burton relatou que *“a mulher paraguaia sempre foi o homem da família, lavrava a terra e recolhia a safra”*.¹¹⁹

Grande parte dos estudos sobre Guerra do Paraguai apoiou-se nos relatos de viajantes, sobretudo daqueles que estiveram no Paraguai no período da Guerra. Através desses relatos, que narram diversos episódios do conflito, podemos analisar as representações produzidas no palco das batalhas. Por ser estrangeiro e possuir componentes ideológicos característicos de uma cultura diferente, a percepção de um viajante se torna mais aguçada devido suas experiências anteriores e por não compartilhar dos mesmos códigos culturais da sociedade que o acolhe como visitante.

Como lembra Ilka Boaventura Leite, os estudos que se valem dos relatos de viajantes *“tem sido, portanto, convocados a dar conta de uma parte significativamente grande do nosso passado.(...) A idéia de realizarem estudo de representação partiu da necessidade de tratar os dados fornecidos pelos viajantes como reinventores de realidade”*.¹²⁰ Assim, por não estar envolvido e até desconhecer a história do grupo visitado, *“alguns dos autores-viajantes conseguem uma lucidez na penetração das relações sociais, capaz de fazer aflorar as contradições do sistema social, que se diluem para quase todos os habitantes integrados nele”*.¹²¹

Apesar de ter independência econômica, no âmbito social a mulher tinha obrigações e devia pautar sua conduta por uma obediência cega ao marido como agradecimento pela proteção e pelo apoio que este lhe proporcionava, exigindo fidelidade e obediência absoluta de sua esposa, chegando inclusive a proibir sua saída

cidades e ali precisou encontrar formas de sobreviver. PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. pp. 189-216.

¹¹⁹ BURTON, Richard F. **Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1997. p. 325.

¹²⁰ LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem**. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 22.

¹²¹ LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, Século XIX:** antologia de textos de viajantes. São Paulo: Edusp. 1984. p. 19.

de casa ou conversas com outros homens.¹²² O modelo ideal de conduta era muito severo para a mulher. As normas espanholas e a presença da Igreja católica consideravam as mulheres como seres frágeis e, desse modo, necessitavam de constante proteção e vigilância da família. Sua reputação dependia profundamente da valorização social que se construía através da castidade, das virtudes femininas e da fidelidade ao homem.

As relações afetivas entre o homem e a mulher eram pautadas numa relação de honra. A grande maioria das mulheres permanecia casada, cumprindo suas funções como mães e esposas. A maternidade era uma função importante, porque a esperança e o futuro da família se apoiavam na reprodução e criação dos filhos. Apesar das funções maternas absorverem parte do tempo das mulheres, para muitas, especialmente das classes baixas, não impediu a realização de outras atividades complementares.

Durante o século XIX, do Paraguai pré-Guerra, as mulheres da elite realizavam poucos trabalhos manuais, tendo muitos empregados à sua disposição. Em determinadas situações, estas se vestiam de acordo com a moda europeia e eram grandes consumidoras de seda, chapéus, meias e sapatos importados, revistas de moda e perfumes finos. Nessa época, as mulheres de famílias ricas solicitavam por catálogos e gravuras seus trajes, chapéus e acessórios da Argentina e da Europa. Casas como Gath & Chaves, La Piedad o Harrod's de Buenos Aires, o La Fayette y Beaumarchais, de Paris, vestiam as mulheres assuncenhas que podiam pagar elevado preço pelas roupas da moda.¹²³

Nesse contexto, levamos em consideração, também, a influência e renovação que Madame Lynch promoveu na sociedade paraguaia ao trazer um estilo francês para os modos de vida da elite paraguaia. Solano López não se opunha à inclinação de sua companheira pela vida luxuosa; pelo contrário, transmitia seus pedidos a exportadores londrinos e parisienses e a ajudava a adquirir bens de propriedade do

¹²² A fidelidade matrimonial era exigida de ambos os cônjuges, porém o adultério tinha conseqüências muito diferentes para a mulher. Se fossem flagrados, ao homem traído era concedido o direito de matar a esposa e o amante. Para o homem, só haveria condenação se fosse flagrado com uma mulher casada. Além do adultério, a Igreja católica permitia a separação quando ocorriam abusos físicos durante longo período e quando ocorria o abandono do lar. LAVRIN, Asunción. *La mujer en la Sociedad colonial hispanoamericana*. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. Vol. 4. Barcelona: Crítica, 1990. p. 115.

¹²³ RIVAROLA, Milda. **Abrir baules y roperos**. Como vestían las mujeres paraguayas y los hombres del viejo Paraguay. Asunción: Escuela Municipal de Danza. 1994. pp 13-17. Ver também: ROBERTSON, Jhon Parish; ROBERTSON, William. **Cartas sobre el Paraguay**. Vol. 1 y 2. Buenos Aires: Hyspamerica Ediciones Argentinas, 1988.

Estado em condições francamente vantajosas. Na casa de Madame Lynch, em Assunção, de acordo com a maior parte de seus biógrafos, podia-se admirar telas caras, o melhor champanhe, as últimas revistas da moda, os tecidos importados, que impunham uma nova moda às mulheres da elite.¹²⁴

Elisa Alicia Lynch nasceu em Cork, na Irlanda, em 1833. Depois de um breve casamento, aos 15 anos, com um cirurgião francês, a irlandesa conheceria Solano López em janeiro de 1854, em Paris. Lynch e Solano jamais se casariam, devido ao matrimônio anterior de Elisa, mas juntos teriam cinco filhos. Conhecida como *La Madama* pelos paraguaios da época, ao contrário de *La Señora*, denominação dada à esposa do Presidente Carlos Antonio López e mãe de Solano López, *La Lynch* é muitas vezes apontada como *cortesã* pelos opositores, críticos do estilo parisiense que impôs ao país, incentivando a música e a arte e concentrando enorme poder, o que a fez acumular inimigos e admiradores. Elisa Lynch permaneceria até o final da Guerra, em 1870, quando retornou a França onde ficou enquanto pode manter-se e desfrutar de boa condição; na escassez dos recursos, viveu na Inglaterra, mas seus últimos dias foram passados em Paris, onde morreu em 1886.¹²⁵

Os observadores estrangeiros¹²⁶ ressaltavam a atitude respeitosa que as mulheres da classe baixa tinham em relação às “damas paraguaias”. Também

¹²⁴ BLOMBERG, Hector Pedro. **La dama del Paraguai**. Buenos Aires: Inter-Americana, 1942; DECOUD, Hector Francisco. **Elisa Lynch de Quatrefages**. Buenos Aires: Casa Cervantes, 1939; BARRET, William E. **Una amazona: la vida de Elisa Lynch y Francisco Solano López**. Buenos Aires: Editora del Plata, 1940; BAPTISTA: Fernando. **Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra**. São Paulo: Civilização brasileira, 1986; VARELA, Héctor. **Elisa Lynch**. Buenos Aires: Elefante Blanco, 1997; REES, Siân, **The Shadows of Elisa Lynch: How a Nineteenth Century Irish Courtesan Became the Most Powerful Woman in Paraguay**. London: Review, 2003.

¹²⁵ LILLIS, Michel; FANNING, Ronan. **Calúnia**. Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

¹²⁶ Citamos alguns relatos de viajantes do período da Guerra: AMERLAN, Alberto. **Bosquejos de la guerra del Paraguay**. Buenos Aires, 1904; BURTON, Sir Richard Francis. **Op. cit.**, 1997; CENTURION, Juan Crisostomo. **Memórias: reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay**. Asunción: El Lector, 1987, 4 Vol.; CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865-70**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1980; KENNEDY, Andrew Jackson. **La Plata, Brazil and the Paraguay during the present War**. Londres, 1869; MARQUÊS DE CAXIAS. **Diário do Exército**, Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1868; MASTERMAN, Jorge Federico. **Siete Años de Aventuras en el Paraguay**. Buenos Aires: Juan Palumbo Editor, 1911; MELLO, Francisco Ignácio Homem de. Viagem ao Paraguai. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil**. v. 36. 1873. pp. 5-53; REBOUÇAS, André. **Diário: a Guerra do Paraguai (1866)**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1973; TAUNAY, Visconde de. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959; TAUNAY, Visconde de. **Memórias do Visconde de Taunay**. São Paulo: Melhoramentos, 1946; TAUNAY, Visconde de. **Diário do Exército**. 1869-1870 – De Campo Grande a Aquidabã, A Campanha da Cordilheira. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958; THOMPSON, George. **Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Conquista, 1968; VERSEN, Max Von. **História da Guerra do Paraguai**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora USP, 1976; WASHBURN. Charles A. **Historia del Paraguay**. Con notas de observaciones personales y reminiscencias de algunas dificultades diplomaticas. Buenos Aires: Revista del Paraguay. Vol 1 y 2, 1892. Do período do pós-Guerra, apresentamos as seguinte reminiscências: BAGUET, A. **Le Rio Grande do Sul et le Paraguay**, Précédés d'une notice historique sur la découverte du Brésil, Souvenirs de Voyage. Amberes, 1874; MULHALL, Marion McMurrough. **Between the Amazon and Andes or Ten a Lady's Travels in the pampas, Gran Chaco, Paraguay and Mato Grosso**. London: E. Stanford, 1881; MULHALL, Marion McMurrough. **From Europe to Paraguay and Matto-grosso**. Londres, 1877; CLARK, Edwin. **A Visit to South America**; with notes and observations on the moral and physical features of the country, and the incidents of the voyage. Londres, 1878; VECCHI, Lionello Pio. **Uruguay, Paraná, Paraguay**. 1870-73. Génova, 1885;

observavam, com certa estranheza, que as senhoras da classe alta, especialmente quando estavam em seus lares, apenas se diferenciavam das mulheres mais humildes pelos costumes e pelos gestos. Jorge Federico Masterman assim relatou:

No dejaba de ser un espectáculo muy curioso de los costumbres paraguayos, aún cuando poco agradable, encontrar, por ejemplo, en el baile del Club, á la esposa de un coronel vestida á la última moda de Paris, y luego al di a siguiente ver á la misma muy pobre y escasamente vestida de algodón, sin medias, ni zapatos, sentada en medio de sus esclavas, con los cabellos sueltos, riñéndolas ásperamente en guaraní, mientras sus hijos sucios y abandonados, se revolcaban con el cigarro en la boca, entre las cabras y gallinas de la casa.¹²⁷

Ainda, de acordo com Masterman, quase todas as camponesas e indígenas andavam descalças. Os sapatos eram uma indicação de classe social, fato que os estrangeiros dividiam a sociedade paraguaia entre “gente calçada” da classe alta e “gente descalça” da classe baixa.¹²⁸ Os hábitos e a vestimenta da mulher paraguaia rural eram semelhantes da mulher da Capital, com exceção das ocasiões onde as mulheres da elite vestiam-se conforme a moda europeia. Isto porque também as damas usavam em casa o famoso *typóí*¹²⁹, mais adequado ao clima, andando descalças e fumando fortes cigarros.¹³⁰

O Paraguai era a mistura homogênea de espanhóis e índios guaranis, e a fusão dessas duas culturas estava refletida no bilingüismo quase universal que ajudava os paraguaios a se sentirem um povo singular. Evidentemente existiam

CRIADO, Matias Alonso. **La République du Paraguay**. Burdeos, 1889; CARRASCO, Gabriel. **Cartas de viaje por el Paraguay**: Los territorios nacionales del Chaco, Formosa y Misiones y las provincias de Corrientes y Entre Rios. Buenos Aires, 1889; BRUYSSSEL, Ernest Van. **La Republique du Paraguay**. Bruselas, 1893; BOURGOING, A. de. **Viajes en el Paraguay y Misiones**. Recuerdos de una expedición a los yerbales de Concepción, Cerro-Corá y Sierras de Amambay, etc. Paraná, 1894; DE CASTRO, Carlos Rey. **El Paraguay**. Rápidas notas de un viajero. Buenos Aires, 1903; BOURGADE LA DARDYE, Emmanuel de. **El Paraguay 1889**: antigua crónica de un viaje al presente. Asunción: Arte Nuevo, 1985; GRUBB, Barbrooke W. **Among the Indians of the Paraguayan Chaco**. Londres, 1904.

¹²⁷ MASTERMAN, Jorge Federico. **Op. cit.**, 1911. pp. 50-51.

¹²⁸ MASTERMAN, Jorge Federico. **Op. cit.**, 1911. p. 39.

¹²⁹ O *typóí* era feito de algodão, do tamanho de uma camisa, porém sem mangas. Era usado pelos guaranis, tanto homens quanto as mulheres, desde a época colonial.

¹³⁰ O espanhol Ildefonso Antônio Bermejo, que passou nove anos no Paraguai, entre 1853 e 1863, convidado por Francisco Solano López, relata um pouco dos pitorescos costumes estendidos inclusive às damas da elite. Em uma das visitas à casa do Presidente, Carlos Antonio López, relatou as atitudes da “Primeira Dama” da seguinte maneira: “Dona Ramona Gil interrompeu seu diálogo para tirar do bolso um molho de charutos e presenteou minha esposa com um puro. Essa agradeceu com voz tremula. Dona Ramona então disse: “Você não pita? Que lástima! Logo se acostumará”. BERMEJO, Ildefonso Antônio. **Episódios da vida privada, política e social na República do Paraguai**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002. pp. 34-35.

estratos sociais, mas as linhas entre eles não eram tão rígidas, pois mesmo na classe alta, que empobrecera por causa da Guerra, corria um pouco de sangue indígena nas veias.

Com relação ao papel das mulheres paraguaias que colaboraram com o Estado na Guerra, atuando efetivamente na retaguarda e nas campanhas militares, é preciso destacar dois momentos. Durante a primeira etapa, que corresponde ao período da Guerra formal que iniciou em 1864, até a evacuação de Assunção em fevereiro de 1868, as mulheres paraguaias foram as principais fornecedoras de suprimentos para a Guerra. Num segundo momento, que corresponde à Guerra direta entre as forças, que começa com a queda de Assunção nas mãos dos Aliados e termina com a morte de Solano López em Cerro Cora, em 1º de março de 1870, as mulheres se incluem nas baixas e entre as vítimas da Guerra.¹³¹

É necessário entender a atuação dos diferentes estratos sociais femininos buscando, ainda, observá-las em seus “contextos diferenciados” de atuação. Diversas razões, algumas reais e outras imaginárias, fizeram com que o Presidente López, ao mesmo tempo em que deslocava suas tropas para o norte do país, fugindo do avanço dos Aliados, se transformasse num verdadeiro caçador de “traidores”. Nesta retirada, muitas mulheres se viam condenadas à fuga: de um lado, as *traidoras*, parentes de réus políticos, integrantes da elite paraguaia, castigadas pelas faltas cometidas por seus familiares, amigos ou mesmo conhecidos. De outro lado, as que não foram fuziladas, depois de terem passado por todo o tipo de vexames e torturas

¹³¹ Ver capítulos 2 e 4 da dissertação de mestrado: ORTOLAN, Fernando Lóris. **Sob o olhar da imprensa e dos viajantes**. Mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai. 1864-1880. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, 2004. pp. 43-79; 141-179; ORTOLAN, Fernando Lóris. *Imagens do feminino na Guerra do Paraguai*. In: **Métis**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, v. 5, n. 9, 2006. pp. 83-95. ORTOLAN, Fernando Lóris. “Vencer ó morir”: o recrutamento feminino na Guerra do Paraguai. In: **História: Debates e tendências**. Passo Fundo, v. 7, n. 1, 2007. pp. 181-195; POTTAST. Jutkelt Bárbara. **Op. cit.**, 1996; POTTAST. Jutkelt Bárbara. Algo más que heroínas: Varios roles y memorias femininas de la guerra de la Triple Alianza. In: RICHARD, Nicolas; CAPDEVILA, Luc; BOLDIN, Capucine. **Les Guerres du Paraguay. Aux XIX et XX siècles**. Paris: Colibris, 2005. pp. 432-444. SILVA, Alberto Moby Ribeiro. **A noite das Kygua Vera**: a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904). Tese (Tese em História) PPG-História Universidade Federal Fluminense, 1998; DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**: A presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005; A participação das mulheres paraguaias na *Guerra Grande* tem sido abordada pela historiografia paraguaia por um viés apologético e patriótico. Isto se deve, em grande medida, à produção de alguns historiadores que inseridos num forte movimento nacionalista, iniciado na década de 1970, produziram trabalhos sobre a participação da mulher paraguaia na Guerra, nos quais não pouparam elogios à atuação “heróica” da “grande protagonista da Guerra”. Como exemplo, citamos algumas obras: KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. **La Mujer Paraguaya**. Asunción: 1970; KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. **La Cultura en la Epopeya Nacional**. Asunción: Instituto Feminino de Investigaciones Históricas. 1967; ZARZA, Idália Flores G. de. **La Mujer**. En la Epopeya Nacional. Asunción: 1972; ZARZA, Idália Flores G. de. **La Mujer Paraguaya**. Protagonista de la Historia. (1537-1870). Vol 1. Asunción: 1985; TORRES, Gabriela Valenzuela de Franco. **La Mujer através de la Historia**. Asunción: 1975; ROJAS, Pastor Urbieto. **La Mujer Paraguaya**. Asunción: 1962; ODDONE, Beatriz Rodríguez Alcalá de Gonzalez. **¿Residenta? - ¿Reconstructora?** Asunción: 1974; MUSSI, Maria Graciela Pallares de. **Heroína de la Epopeya Nacional**. Asunción: Instituto Feminino de Investigaciones Históricas. 1971.

transformaram-se em *destinadas* e foram enviadas ao norte do país, onde se instalou um “campo de concentração” para elas.¹³²

Inicialmente, é necessário compreender o sistema autoritário-patriarcal do governo, que implicava conseqüências bastante negativas para a vida das mulheres, como a submissão ao homem e a exclusão dos cargos e da vida pública. Em segundo lugar, devemos considerar a desconfiança de López, que passa a sufocar a oposição, real ou hipotética, com maior rigor. Essa rigidez recaía sobre as mulheres da classe alta, cujos maridos seriam os “possíveis” traidores.

Também apresentadas como vítimas das atrocidades de López, encontramos as *residentas*, em sua maioria mulheres da classe baixa, que buscaram, de todas as formas, garantir sua sobrevivência num país que estava sendo sistematicamente devastado pela Guerra. As *residentas* foram as mulheres que acompanharam o Exército Paraguai em Guerra. Na historiografia oficial paraguaia, que durante décadas ditou a vertente ideológica no Paraguai, prevalecem representações de uma mulher patriota e obediente à causa paraguaia.¹³³

¹³² As *destinadas* foram, inicialmente, enviadas para Yhú, entre janeiro e maio de 1869, permanecendo em razoáveis condições até o mês de agosto, quando Curuguaty foi declarada a Capital da República, e Yhú se tornou um ponto de passagem para as tropas que iam até Curuguaty. Depois de marchar até Caraguaty, seguiam em marchas forçadas até Igatimi e, por último, até Espadín, onde foram libertadas pelas tropas brasileiras. ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Op. cit.**, 1991. pp. 16-17. Os estudos biográficos muito contribuem para avaliar melhor as representações consagradas sobre as *destinadas*. As obras publicadas por Concepción Domecq de Decoud, Dorotea Lassarre, Encarnación Bedoya e Silvia Cordal relatam e redimensionam a história destes “campos de concentração” e, particularmente, narram o deslocamento de Yhú até Espadín, denunciando do mesmo modo, o despotismo e as atrocidades do governo Solano López. Concepción Domecq de Decoud foi uma das *destinadas*, mãe de José Segundo Decoud, um dos fundadores do *Partido Colorado*, e Héctor Decoud, conhecido historiador paraguaio. Qual crime ela cometera? Ser esposa de um dos líderes políticos do Paraguai e estar em Assunção quando começou a Guerra e seu esposo em Buenos Aires, tentando articular contra o governo López. De qualquer forma, ela teve que sair de Assunção e peregrinar pela campanha com seus quatro filhos menores. Sobre a vida de Concepción em: DECOUD, Héctor Francisco. **Sobre los escombros de la guerra**. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: S/Ed., 1925. Sobre Dorotea Duprat de Lassarre ver: Aventuras y padecimientos de Madame Dorotea Duprat de Lassarre. In: ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Op. Cit.**, 1991 e MASTERMAN, Jorge Federico. **Op. Cit.**, 1911. Encarnación Bedoya era proveniente de uma das famílias mais influentes, cujo tio era parente de López. Apesar de sua origem, não podemos qualificar Encarnación Bedoya como instruída; desconsiderando os erros ortográficos, suas memórias são confiáveis, pois foram redigidas no começo do século XX, livres de exageros ou emoções fortes e tristes do momento, como aparecem evidentes nas Memórias de Duprat. Memórias de Encarnación Bedoya. In: ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Op. Cit.**, 1991. A análise de Guido Alcalá tem um propósito diferente, não tenta mitificar, nem glorificar a mulher paraguaia, apresenta o caráter “humano” do conflito, as penúrias da mulher paraguaia, a irracionalidade da Guerra, apontando Solano López como bárbaro, anti-democrático, despótico, citando-o como precursor dos governos totalitários. Sobre o envolvimento de Silvia Cordal ver: VILLAMIL, Manuel Peña; QUEVEDO, Roberto (Orgs.). **Silvia**. Asunción: Criterio, 1987.

¹³³ O culto à *residenta*, considerada a heroína que acompanhou pacientemente o homem em muitos momentos da Guerra, é parte de uma idealização romântica presente nos estudos da Guerra do Paraguai. Ao abandonar suas casas e deslocar-se para os povoados do interior, eram “obrigadas” a trabalhar em pequenas plantações. Sobre as *residentas*: ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Op. Cit.**, 1991. pp. 06-42; POTTAST. Jutkelt Bárbara. **Op. Cit.**, pp. 269-279; ORTOLAN, Fernando Lóris. **Op. cit.**, 2004. pp. 164-180; ODDONE, Beatriz Rodríguez Alcalá de Gonzáles. **Op. cit.**, 1974; TORRES, Gabriela Valenzuela de Franco. **La Mujer de la Residenta**. Guerra de la Triple Alianza. 1865 a 1870. Asunción: Instituto de Cultura Hispánica, 1967.

Muitas mulheres, de forma voluntária, participaram da luta contra os Aliados. Outras tantas, especialmente as mulheres da classe baixa, não tinham opção e se encontravam no meio de uma batalha, restando a elas participar das campanhas militares. Durante o período da Guerra, as demonstrações de solidariedade com os soldados nos campos de batalha se devem às pressões realizadas pelo Estado. Era necessário convencê-las e certificar-se do seu apoio em caso de necessidade, pois em determinadas situações e estágios da Guerra as mulheres foram a alternativa de defesa do país.

Os jornais da época se tornaram um termômetro da opinião pública a respeito da Guerra.¹³⁴ Neste período os órgãos de imprensa estavam vinculados ao Estado, de tal modo que toda divulgação objetivava manipular e controlar determinados segmentos sociais, conseguindo apoio em todos os níveis. Além de divulgar atos de heroísmo por parte de suas mulheres e exaltar a figura do Marechal López, a imprensa encarregava-se de difundir uma série de insultos sobre e contra os Aliados, expressando um forte desprezo pelo inimigo.

A imprensa abordava temas relacionados às batalhas, às reuniões do *bello sexo*, às doações de jóias, difundindo entre a população o patriotismo e a necessidade de todos se engajarem na Guerra. Ao apresentar as várias ações tomadas pelas mulheres paraguaias, reforçava com admiração ainda maior o fato delas pegarem em armas, “antes que permitir a los invasores adelantar una línea sobre nuestro territorio”.¹³⁵ A situação do Paraguai desde 1868 vinha se agravando, de tal forma que foi organizado um “batalhão feminino” e criados os postos de “sargentas”, integradas diretamente às guarnições militares e com uma estrutura similar a dos soldados.

¹³⁴ Destacamos o **Cacique Lambaré**, o **El Centinela** e o **Cabichuí**.

¹³⁵ **El Centinela** de 2 de maio de 1867. n. 2. ano 1. p. 2. A primeira edição data de 25 de abril de 1867 e se prolonga até o número 36, de 26 de dezembro de 1867. Dirigiu o periódico o Dr. Tristán Roca, Natalício Talavera e Juan Crisóstomo Centurión. Colaboravam na redação Gumersindo Benitez, Gaspar López, Padre Landini e Cornelio Porter Bliss. As xilogravuras estavam sob a responsabilidade de Inocencio Aquinio, Saturio Ríos e Juan Vargas. O desenvolvimento da xilogravura no **El Centinela** e no **Cabichuí**, bem como a utilização do guarani, fizeram parte de uma mesma vontade política. O papel desses periódicos era evidentemente canalizar a informação. Mais ainda, constituía em adensar o tecido patriótico, criar um contexto de cumplicidade entre os mobilizadores e os mobilizados. A construção da imagem do inimigo emprega procedimentos tradicionais de difamação: utilização regular da caricatura para satirizar o adversário, acentuando seus traços étnicos, mostrá-lo assustado, em fuga, desunido. **El Centinela** contava com uma seção escrita em guarani, que assume um novo valor com a Guerra. Francisco Solano López, poliglota, empregava-o em seus discursos, nos comunicados militares; a transmissão das ordens na língua materna era, evidentemente, mais eficaz no campo de batalha, visto que muitos soldados eram monolíngües. Assim, a imprensa do período da Guerra fez com que o guarani passasse da oralidade para o texto publicado.

É importante destacar que a imprensa enfatizava o heroísmo paraguaio com acentuado exagero, transformando simples atos em feitos heróicos. As imagens e informações que os jornais veiculavam a respeito das mulheres procuravam representá-las como “guerreiras espartanas”, que deveriam ser observadas como exemplo para toda a sociedade, como motivação e difusão patriótica. Toda essa ação das mulheres, ou seja, a politização daquilo que era desempenhado por elas - de forma voluntária, por algumas, ou obrigada, por outras - foi reconhecida por Solano López. É necessário entender o quanto ele necessitava do seu apoio e o quanto significava este trabalho. Não restam dúvidas de que a mulher ficava sobrecarregada, assumindo outras atividades, o que significava mais obrigações, sendo muito bem apresentado pelo discurso da imprensa no período da Guerra.

O Paraguai estava participando em condições desvantajosas da Guerra e procurava, através da imprensa, apresentar a imagem de uma mulher nobre, ativa e empenhada em fazer sacrifícios para o país. É neste momento que a condição feminina é repensada. **El Centinela**, por exemplo, em seu editorial de 18 de junho de 1867, denominado “*La Mujer*”, destacará algumas questões relevantes para o momento, questionando: “¿Quién osará poner límite a las legítimas aspiraciones de la mujer, y decirle: hasta aquí llegarás y no pasarás adelante?”¹³⁶ Neste período as mulheres foram convocadas a participar com os homens nos esforços de guerra. Esse processo evidenciava uma manipulação a que estava submetido o engajamento feminino, ou seja, enquanto essa participação era necessária, criou-se uma ideologia aparentemente progressista visando afastar a mulher do lar e rever sua condição na sociedade. Porém, quando essa presença não é mais necessária passou a vigorar um discurso conservador que induz a volta das mulheres para a esfera privada.

A evacuação de Assunção coube às mulheres, tanto às *Kygua veras* quanto às representantes das famílias ricas, por razões e caminhos distintos, cada qual da sua maneira. Se isso tinha consequências negativas para o inimigo, teria também para as populações civis, já que muitos morriam de fome pela privação nas evacuações forçadas. Do mesmo modo, ao abandonarem seus lares e bens à mercê do invasor, as mulheres estavam conscientes de que depois da Guerra ficaria difícil recuperá-los.

¹³⁶ **El Centinela** de 18 de junho de 1867. n. 13. ano 1. pp. 1-2.

Essa marcha que durou, aproximadamente, dois anos, expôs as mulheres às mesmas penúrias que os soldados.

Depois de Caacupê, Peribebuí e demais povoados próximos terem caído nas mãos dos Aliados, as famílias paraguaias ou estrangeiras, crianças, velhos e mulheres, tanto as *destinadas* como as *residentas*, se misturaram em meio aos mortos. Embora fossem divididas em duas categorias distintas - *as residentes* e *as destinadas* - em muitos momentos as trajetórias desses dois grupos se tocavam, compartilhando sofrimentos, tentando sobreviver e buscando um espaço num país assolado pela Guerra.

De maneiras diversas, as mulheres paraguaias sofreram as conseqüências diretas da Guerra. Além do grande número de mulheres que morreram em conseqüência de combates, muitas perderam seus maridos e filhos, aumentando, deste modo, o número de mulheres chefes de famílias. Do final da Guerra até início do século XX o Paraguai era conhecido como um “país de mulheres”.¹³⁷ Após cinco anos de conflito, o Paraguai perdeu dois terços de sua população. Os efeitos demográficos causados pela Guerra ainda despertam o interesse de historiadores e demógrafos.¹³⁸ Muitos fizeram inferências e suposições, outros apresentaram dados questionáveis, provenientes, em grande medida, de estimativas feitas por viajantes estrangeiros que as publicaram em suas memórias.¹³⁹ Conforme Bárbara Potthast, pode-se assegurar

¹³⁷ POTTHAST, Barbara. Hogares dirigidos por mujeres e hijos naturales. Familia y estructuras domésticas en el Paraguay del siglo XIX. In: Cicerchia, Ricardo. **Formas familiares, procesos históricos y cambio social en América Latina**. Quito: Abya - Yala, 1998. pp. 131-132.

¹³⁸ Harren Gaylord Warren expressou o pensamento de historiadores e demógrafos que se ocuparam em estudar e analisar as questões demográficas do período pré-Guerra e pós-Guerra, ao afirmar que: “*Querer determinar o número da população paraguaia sempre tem sido um exercício de grande frustração*”. WARREN, Harris Gaylord. **Op. cit.**, 1985. p. 15. O censo de 1846 e o de 1886, bem como as questões demográficas no Paraguai, foram analisados por diversos historiadores e demógrafos. Entre os pesquisadores que abordaram o tema: GANSON DE RIVAS, Bárbara. **Las Consecuencias Demográficas y Sociales de la Guerra de la Triple Alianza**. Asunción: Litocolor, 1985; RIVAROLA, Domingo M.; HEISECKE, Guillermo. **Población, urbanización y recursos humanos en el Paraguay**. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1970; RIVAROLA, Domingo M. **La Población del Paraguay**. Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos. 1974; MAEDER, Ernesto. La población del Paraguay en 1799. El censo del Gobernador Lázaro de Ribera. **Estudios Paraguayos**. Asunción, v.3, n. 1, 1975. pp. 63-86; WHIGHAM, Thomas L; POTTHAST, Barbara. La Piedra “Rosetta” Paraguaya: Nuevos conocimientos de causas relacionados con la demografía de la Guerra de la Triple Alianza, 1864-1870. **Revista Paraguaya de Sociología**. Asunción, Año 35, n. 103, 1998. pp.147-159.

¹³⁹ Possivelmente, entre os primeiros estudos demográficos estão o do francês Benjamin Poucel, atribuindo ao Paraguai uma população de 1.100.000 habitantes. POUCCEL, Benjamín. **La France Et L’Amérique du Sur**. Paris: 1849. p. 37. Outros dados que acreditamos serem “exagerados”, constam de uma publicação encomendada pelo governo paraguaio e, na qual, de acordo com informações do cônsul belga Alfredo Marbais du Graty, em 1862, a população paraguaia era de 1.337.439 habitantes. Com certeza, esses dados foram superestimados, tendo em vista os interesses do próprio governo. DU GRATY, Alfredo Marbais. **La República del Paraguay**. Besanzon: 1862. p. 132. Enfim, é difícil esclarecer a questão demográfica do pós-Guerra, tema controvertido na historiografia, que dá conta de cifras muito elevadas e equivaleriam a um “genocídio”, como defendido por alguns historiadores. Ver: CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

que a população do Paraguai, ao começar a Guerra, era estimada entre 420.000 e 450.000 habitantes.¹⁴⁰

Com relação ao censo de 1º de março de 1886, este apresenta mais nitidamente a catástrofe produzida pela Guerra, em especial, nos dados relativos ao grupo com idade superior a 30 anos, ou seja, a geração da Guerra, que nos revelam uma relação desproporcional entre os sexos. De acordo com este censo, havia três paraguaias maiores de 30 anos para cada homem, e não proporções exageradas como, por exemplo, dez por um.

Grupos de Idade	Homens	Mulheres
Menos de 5 anos	20.324	20.982
5 – 9 anos	18.127	18.186
10 – 14 anos	9.975	10.069
15 – 20 anos	10.641	13.478
21 – 30 anos	22.586	31.900
31 – 40 anos	6.420	18.697
41 – 50 anos	3.497	12.124
51 – 70 anos	2.652	9.284
Mais de 71 anos	646	2.290
TOTAL	94.868	137.010

Fonte: Oficina de Estadística. Anuário Estadístico de la República del Paraguay. Año 1886.¹⁴¹

¹⁴⁰ WHIGHAM, Thomas L. e POTTHAST, Barbara. **Op. cit.**, 1998. pp. 147-159. Posteriormente, o censo de 1870, conhecido como *La Piedra Rosetta Paraguaya*, estimou uma população total de 231.196 habitantes, cifras que incluem 56.000 estrangeiros e os membros dos Exércitos de ocupação. Além daqueles que morreram nos campos de batalha ou vítima das epidemias, havia outros que estariam escondidos no próprio país ou se encontravam como prisioneiros ou, ainda, haviam fugido para o Brasil, Argentina ou Uruguai. Na década de 1990, foi localizado este censo que, até então, sabia-se de sua existência, porém, jamais havia sido encontrado. Quando caiu a ditadura Stroessner, abriram-se novas áreas de investigações antes restritas para pesquisa. Cada vez mais começaram a aparecer arquivos completamente desconhecidos e documentos até então obscuros no Paraguai. Um dos arquivos é o do *Ministerio da Defensa Nacional* no qual consta vastíssima documentação da Guerra do Chaco (1932-1935) e lá foi encontrado o censo de 1870, pelo Major Hugo Mendoza.

Cifras de 1:20 ou 1:30 são representativas, apesar de que existiam localidades nos primeiros anos após a Guerra que o único homem era o Juiz de paz. Segundo o **La Regeneración**, no Departamento de Paraguari, ao distribuir a ração, constatou-se que a população que lá vivia era a seguinte:

Mujeres: 770 y Varones: 241. Total: 1011. Entre las mujeres se encuentran de todas las clases desde niñas de pechos hasta 70 años. Entre los 241 niños varones, el mayor sería de 14 años el menor de cinco es decir los que pudieron entrar en la doble fila formada de ellos. Sé creyó al principio que no habría tantos hombres, resulta un cómputo de 3 mujeres por cada varón. No es pues el cuadro tan desolador como parecía á primera vista.¹⁴²

Este desequilíbrio entre os sexos marcou as relações de trabalho e a atuação da mulher no seio da família paraguaia. No pós-Guerra, isso contribuiu, de certo modo, para reforçar o trabalho da mulher no âmbito familiar e o predomínio masculino na esfera pública.

Com o final da Guerra do Paraguai, a Capital em ruínas era a prova mais evidente da devastação. De acordo com os relatos dos viajantes e as publicações da imprensa da época, a miséria era espantosa e pior em localidades mais distantes de Assunção. Nos locais em que chegavam os soldados aliados, estes se deparavam com um quadro assombroso: povoados completamente abandonados, gente que arrastava seus “esqueletos”, em sua maioria, mulheres e crianças. Esse próximo tema é importante para visualizarmos as condições sociais do pós-Guerra e o panorama dos principais problemas que afetaram a vida das famílias paraguaias.

¹⁴¹ Para cobrir possíveis omissões, acrescentou-se 10% à primeira contagem. Estimou-se, dessa forma, 263.000 habitantes. No ano seguinte, em 1887, Jacquet, responsável pelo censo, estimou uma população de 329.645 habitantes, aumentando a cifra em 25%. **Anuário Estadístico de la República del Paraguay. Año 1886**, p. 41.

¹⁴² **La Regeneración** de 24 de dezembro de 1869. n. 33. ano 1. p. 2.

2.2. A sociedade do pós-Guerra

¿Quien, en fin, no posee un débil sentimiento hacia la infeliz mujer paraguaya que cubierta con los harapos de la miseria, tendida en el duro suelo, ostenta en sus frentes cubierta por las amarguras un algo de misterioso y sombrío semejante a la momia de Egipto al cadáver viviente?

La Regeneración de 2 de dezembro de 1869. n. 24. ano 1. p. 4.

A condição social da população paraguaia, ao final da Guerra, era dramática. Semanas depois da tomada de Assunção iniciou-se uma “verdadeira caravana” de paraguaios sobreviventes, formada em sua maioria por mulheres e seus filhos que tentavam chegar à Capital. Muitas *residentas* haviam se dirigido ao norte do país junto com o Exército e a grande maioria delas se pôs no caminho de volta depois da tomada de Peribebuí.

As guerras afetam as vidas das populações civis, destruindo-lhes terras e lares, recrutando maridos, pais e filhos. Após a guerra, mulheres e crianças, constituem-se nos grupos mais vulneráveis e, normalmente, com idosos de ambos os sexos, a maior parte da população. No caso paraguaio, a Guerra traduziu-se num fator de miséria para quase a totalidade da população, que perdeu seus bens, incluindo as terras para o cultivo e, conseqüentemente, o seu meio de subsistência, provocando milhares de mortes, mutilados e desarticulando famílias. Mulheres e crianças lutavam pela sobrevivência e aglomeravam-se diariamente em frente aos centros de abastecimento e dos restaurantes, mendigando pelos restos de comida dos soldados. Hector Francisco Decoud descreveu essa situação da seguinte maneira:

La mortandad de aquellas infelices se tornó alarmante. No bajaba de 6 y más por día, y lo peor era, que morían en las calles, en los corredores exteriores de las casas, templos, oficinas públicas, en donde se las encontraban casi desnudas: unas porque realmente no tenían ropa, y otras, por que los soldados brasileños, antes de morir, las despojaban de todo lo que tenían. Muchas sucumbían también en las casas de los particulares y

los ocupantes las enterraban en sus patios, considerando el procedimiento más expeditivo.¹⁴³

Os soldados ocuparam, em especial, as casas abandonadas pelos paraguaios da classe alta, dos oficiais e da família do Presidente. Quando mulheres e filhos tentaram ocupar novamente suas residências, encontravam novos habitantes que, *“atribuyéndose supuestos derechos reales o de carácter transitorio, las detentaban. Y no tan solo se consideraban como tales, sino que, además, practicaban, en los cuartos y patios, excavaciones profundas en busca de los entierros”*.¹⁴⁴ Isso determinou que a “força de ocupação” instalasse um Tribunal com o objetivo de examinar as reclamações dos proprietários de tais casas. Os Tribunais, por sua vez, eram formados por integrantes destas “forças” e se a reclamação fosse contra um oficial brasileiro, era quase impossível readquirir a propriedade. Segundo constava, os soldados e oficiais revistaram todos os cantos das casas, até mesmo os Consulados e as Embaixadas estrangeiras.

Antes de registrar sua entrada em Assunção, Dionísio Cerqueira descreveu impressionado a situação das mulheres que pelo caminho: *“esfaqueavam uma vaca mais magra das do sonho do Faraó, quase sem pelo, coberta de lazeira, berrando de angustia com a língua grande pendida arroxeadada e escorrendo baba espessa; e apavavam o sangue com as suas mãos ou em cuias e o bebiam e davam aos filhos esqueléticos, que o sugavam também nas feridas. Era a miséria feroz”*.¹⁴⁵ Pelas informações não é difícil entender as formas usadas pela população esfarrapada e faminta para saciar a fome. Muitas vezes, isto era feito da maneira mais repugnante como registrou Cerqueira.

¹⁴³ DECOUD, Héctor Francisco. **Op. cit.**, 1925. p. 254. Hector Francisco Decoud (1855-1930) era filho de Juan Francisco Decoud, um dos chefes da *Legión Paraguaya*, e de Concepción Domecq de Decoud. Nesta obra relata a trajetória das mulheres *destinadas*, baseado principalmente nos relatos de sua mãe.

¹⁴⁴ **Idem.** p. 79.

¹⁴⁵ CERQUEIRA, Dionísio. **Op. cit.**, 1980. p. 322. Dionísio Cerqueira iniciou a carreira como soldado em 5 de fevereiro de 1865, com apenas 17 anos de idade. Participou da maior parte dos conflitos travados durante a Guerra e acreditava estar cumprindo um dever patriótico. Via o povo paraguaio como vítima do governo Solano López e admirava sua valentia e coragem. Nos freqüentes relatos sobre o cotidiano da Guerra, fez algumas observações sobre as mulheres brasileiras que acompanhavam a tropa, ressaltando sua bravura e dedicação. Quanto às mulheres paraguaias, seus relatos são mais freqüentes ao final do conflito, sendo que, de um modo geral, serão retratadas como indigentes e pobres indefesas. Segundo o próprio Cerqueira, as Reminiscências foram *“escritas à luz bruxuleante de cansada memória”* e sua primeira edição surgiu em 1910. **Idem.** pp. 45-47.

O preço pago por uma guerra é o retrocesso temporário à selvajaria. Por enfermidade, fraqueza, mutilação, fome ou outras necessidades, uma legião de pessoas necessitava de ajuda. A presença e movimentação dessas pessoas pelas ruas da Capital, aumentavam os problemas com a promiscuidade, saúde, higiene e outras perturbações que exigiam uma política eficaz para contê-los; era uma tarefa difícil e complexa, exigindo um esforço maior dos governos do pós-Guerra.

Para as mulheres da classe pobre, uma das principais vítimas da Guerra, outro combate ainda seria travado no campo da sua cultura, em especial ao seu padrão de comportamento. Os governos deste período procuravam tratar a questão da pobreza em procedimentos disciplinares voltados para o controle e o confinamento. A pobreza tornava-se um problema social, exigindo sistemas de controle, em geral compostos pela ação caritativa das Sociedades de Beneficência.

As normatizações do comportamento e dos papéis sociais destinados às mulheres criam um imaginário sobre estas, que excluía a população pobre. Veremos adiante que para as integrantes das elites era possível cumprir com as expectativas de comportamento, mas as mulheres pobres, pressionadas pelas condições de vida, pela necessidade de trabalho e de sobrevivência, acabavam rompendo totalmente com o padrão hegemônico que determinavam quais seriam as atividades e aptidões naturais femininas.

Vivenciar a Guerra é um episódio, vivenciar o pós-Guerra é outro. A gravura visa sensibilizar; apresenta mãe, cortejo e sepultura ao mesmo tempo. A mulher caminha em direção ao cemitério para enterrar o filho pequeno, vítima da fome, provavelmente. Outro filho a segue e, ao que parece, não tardará a seguir o mesmo destino. Pelo caminho podem ser vistas muitas cruzes e um grande crucifixo envolvendo seu pescoço, simbolizando a religiosidade dessas mulheres.



Enterrando a su hijo.

Herper's Weekly, abril de 1870. Biblioteca del Congreso de los EE.UU. In: CUARTEROLO, Miguel Angel. **Soldados de la memoria**. Imágenes y hombres de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Planeta, 2000. p. 145.

É relevante discutir a importância de se olhar para o sujeito social, ou melhor, para o ator social que compõe um cenário onde as práticas e representações se entrelaçam e constroem sentidos, subjetividades que estão inseridas em uma determinada formação social condicionada ao gênero e à classe. Dessa forma, não podemos ignorar um olhar individual para esta mulher, com suas particularidades, construindo um determinado espaço social.¹⁴⁶

La Paraguaya igualmente nos traz a representação do Paraguai ao final da Guerra. Uma mulher descalça, só, cabisbaixa, desolada e triste, em meio a um campo repleto de cadáveres. O cenário da batalha está caracterizado pelos escombros e pelo extermínio da população masculina paraguaia; nele se destacam armas e canhões,

¹⁴⁶ CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

enquanto ela, solitária, abraça seu filho ainda no ventre. Pintada pelo uruguaio Juan Manuel Blanes, *La Paraguaya*, apresenta as características da mulher do povo, a *Kygua vera*, símbolo da luta de uma mulher que buscou, por muitos anos, a afirmação de sua identidade.



La paraguaya

Juan Manuel Blanes (1879) In: CUARTEROLO, Miguel Angel. **Soldados de la memoria. Imágenes y hombres de la Guerra del Paraguay.** Buenos Aires: Planeta, 2000. p. 132.

A população, em geral, tentava retornar à Capital, o que piorou as precárias condições de vida já debilitadas desde o início da Guerra. No periódico **La Regeneración** encontramos um registro sobre as mulheres *residentas* que regressavam à Capital no final de 1869:

Ninguno hasta hoy de todos los que escriben en La Regeneración ha tenido la deferencia de ocuparse de las familias, de las pobres y desgraciadas familias que hace más de cinco meses han empezado a llegar de su larga peregrinación por los bosques, las sierras y los montes (...) ¿Quien al pasar delante de una de esas desgraciadas no ha sentido el horror y la compasión al mismo tiempo? (...) ¿Quien, en fin, no posee un débil sentimiento hacia la infeliz mujer paraguaya que cubierta con los harapos de la miseria, tendida en el duro suelo, ostenta en sus frentes cubierta por las amarguras un algo de misterioso y sombrío semejante a la momia de Egipto al cadáver viviente? (...).¹⁴⁷

Identificadas com “*la momia de Egipto*”, as mulheres descritas revelam um cenário desolador e reforçam a situação de penúria que viviam. Mais adiante, o jornal informou que essa situação ocorria tanto na cidade como no interior, atingindo as crianças e as mulheres:

Pálida y flaca el rostro de la virgen, se ha marchitado su belleza en la flor de sus días. El anciano y la anciana al borde del sepulcro. El niño desecado. Se contemplan en sus rostros las tristes sombras de su corazón. ¡Todo es anarquía en aquellas almas donde ha rebotado tanta hiel, tanta amargura! ¡Pobres víctimas! (...) ¡Y hasta han perdido la sensibilidad, - porque la tiranía ha tenido sobre ellas más poder que Dios! Tal el doloroso espectáculo que se presencia en la campaña y hasta en la ciudad, donde es horroroso ver que todavía hoy, mueren de hambre tantas infelices.¹⁴⁸

Desse modo, o governo, através da imprensa, solicitava que as famílias retornassem à campanha, pois lá, segundo constava, teriam mais comodidade e abundância de produtos do que na Capital. O Estado tinha interesse que as famílias

¹⁴⁷ **La Regeneración** de 2 de dezembro de 1869. n. 24. ano 1. p. 4.

¹⁴⁸ **Idem.**

logo regressassem a seus Departamentos, evitando a aglomeração nas ruas da Assunção. Entretanto, a insegurança era um problema constante no interior e necessitava de uma polícia ativa e enérgica para evitar os roubos e saques pela campanha: “(...) *Ellos roban sin ningún escrúpulo y no habiendo hombres suficientes para contenerlos, las pobres mujeres se ven sin cesar expuestas al pillaje*”.¹⁴⁹

No decorrer dos anos 70, as mulheres sobreviventes foram regressando, pouco a pouco, aos povoados do interior, de maneira que a vida na Capital foi melhorando gradativamente. Em agosto de 1871, o governo lança um Decreto que estabelecia algumas normatizações sobre a importância do trabalho, sobretudo do trabalho agrícola. O Decreto buscava um maior comprometimento e rigor por parte dos homens nas atividades nos campos, evitando que vagassem pelas ruas cometendo badernas e furtos. Registrado no **El Pueblo**, estabelecia o referido Decreto:

Considerando: que el actual atraso de nuestra campaña es debido en gran parte á la apatía o indolencia de muchos de sus habitantes qué, olvidando su dignidad y sus deberes de hombres y de ciudadanos, viven en la mayor holganza, obligando á sus esposas, hermanas y parientes á trabajar en labores impropios de su sexo, corrompiendo así las costumbres públicas y aprovechando con el mayor cinismo el sudor de esas débiles mujeres, para satisfacer sus vicios, hijos de tan perniciosa ociosidad, y que además esos mismos individuos son autores de casi todos los robos y raterías que se cometen en los Departamentos.¹⁵⁰

Embora os jornais ressaltassem a sobrecarga e a importância do trabalho da mulher na sociedade, essas determinações tinham como principal objetivo assegurar o abastecimento de alimentos no país e garantir o controle da produção, mantendo a

¹⁴⁹ **La Regeneración** de 17 de dezembro de 1869 n. 30. ano 1. p. 2.

¹⁵⁰ **El Pueblo** de 5 de agosto de 1871. n. 214. ano 2. p. 2. **El Pueblo**, herdeiro do jornal **Voz del Pueblo**, apresentou como redator chefe e editor responsável Miguel Macías e Florencio Fredes como diretor da parte tipográfica. Era editado nas terças, quintas e sábados, pela manhã, e o primeiro número é de 18 de outubro de 1870, e o último de 31 de dezembro de 1872. Políticos conservadores e defensores de um governo centralizado e forte escreviam neste jornal. Era porta voz do *El Club del Pueblo* e servia como instrumento político do Presidente Rivarola. Em suas colunas começou a vida literária do poeta espanhol Victorio Abente y Lago, tendo a colaboração do boliviano Teodoro Chacón. Apresentava as seguintes seções: *almanaque, seccion oficial, miscelânea, seccion judicial, seccion municipal, diversiones públicas, avisos nuevos, remates, seccion parlamentaria, revista política, exterior*.

população produtiva no campo, pois, assim, o governo passaria a ter controle sobre os produtos plantados e vendidos.

Para uma parte da população sobrevivente, a alternativa encontrada foi emigrar para fora de suas fronteiras. Muitos, devido a falta de recursos materiais para a reconstrução do país no pós-Guerra, acompanharam o retorno das tropas aliadas; famílias inteiras, em sua maioria mulheres e crianças, da região de Misiones e Itapuá, cruzaram o Paraná, povoando a província argentina de Corrientes e a região do Mato Grosso, no Brasil.¹⁵¹

Antes da Guerra eram sobretudo os homens que buscavam melhor sorte fora do Paraguai, especialmente na Argentina, que oferecia boas oportunidades devido à constante falta de mão de obra.¹⁵² Depois da Guerra, muitas mulheres saíram do país, já que acreditavam que nenhuma outra parte seria pior do que o Paraguai. O jornal **La Reforma**,¹⁵³ em particular, começou uma campanha contra a prática dos brasileiros que ofereciam passagens gratuitas para mulheres até Corumbá. **Los Debates**, em 1876, também refere-se ao assunto:

Las mujeres paraguayas que, reducidas por vanas esperanzas, fueron a Corumbá a probar fortuna, están hoy completamente desengañadas en ese país inculto y apenas semi-civilizado, donde falta completamente cualquier clase de comodidad, y están muy descontentes y deseosas de regresar. Pero sucede que ese regreso no lo pueden hacer, porque hasta cierto punto las autoridades se lo impiden, privándolas de los recursos necesarios.¹⁵⁴

¹⁵¹ Alguns dados podem ser considerados relevantes para esta análise como os mais de 300 pedidos de casamentos com mulheres paraguaias realizados por militares brasileiros, somente no ano de 1870, período no qual os militares brasileiros eram os responsáveis por tal registro em Assunção. Livro de Solteria n. 1, 2 e 3. **Cúria do Bispado de Asunción**. Ver também: BUARQUE, Helena. O amor depois da guerra. Brasileiros e paraguaias casaram-se durante e depois do conflito. In: **Bonifácio**. Brasília, n. 6, 2005. pp. 14-15; GERCHMANN, Leo. Brasileiros e paraguaias casaram após a Guerra. In: **Folha de São Paulo**. 20 de junho de 2004. A9; Mulheres e crianças na Guerra. In: **Grandes Guerras**. n. 10, março de 2006. p. 31.

¹⁵² Na Argentina, o censo incompleto de 1895 computou quase 15.000 paraguaios, sendo 6.500 deles na região das Missões, Chaco e Formosa. Só nas Missões, os paraguaios correspondiam a 45% da população. Um censo mais completo de 1914 revelou 28.000 paraguaios na Argentina, mais da metade nas regiões acima citadas. WILCOX, Robert. Paraguayans in the making of the Brazilian far west, 1870-1935. In: **The Americas** - A quarterly review of inter-american cultural History, n. 4, 1993. p. 485.

¹⁵³ **La Reforma** refere-se ao assunto nas edições de 24 de fevereiro de 1876. n. 117. ano 2. p. 2. e de 26 de fevereiro de 1876, n. 119. ano 2. p. 2. **La Reforma**, fundado em outubro de 1875 e editado até março de 1885. Em 1885 foi substituído pelo **El Orden**. Foi dirigido por José Segundo Decoud e depois por Angel Peña e Benjamín Aceval; era redigido pelo espanhol Antonio Aguayo e contava com a colaboração de Augusto Cálcena e Juan Filisbert. Apoiou a candidatura de Juan Bautista Gill, mas, logo após a eleição presidencial, mudou sua orientação política. Era composto das seguintes seções: *edición, sección especial, variedades, boletim do dia, literatura, edictos judiciales, remates, avisos nuevos*.

¹⁵⁴ **Los Debates** de 21 de julho de 1876. n. 7. ano 1. p. 2. **Los Debates**, fundado, dirigido e redigido por Adolfo Decoud, cuja publicação ocorreu entre 4 de julho de 1876 e 24 de dezembro de 1876. Apresentava as seções: *edición, noticias gerais, documentos oficiales, noticias, solicitadas, avisos*.

As acusações paraguaias, todavia, eram exageradas, mas, por outro lado, evidencia o quanto os paraguaios necessitavam da presença e da força de trabalho das mulheres no país. Além das penosas conseqüências causadas pela Guerra, Genaro Romero atribui a emigração aos seguintes fatores: a carência de terra para o cultivo, já que a maioria da população paraguaia tinha origem rural; a insegurança e a falta de perspectivas.¹⁵⁵ Ou seja, essa emigração era vista como mais um problema: *“Los diarios de Corrientes dicen que miles mujeres paraguayas emigran á esa Provincia buscar asilo y comida. El Gobierno tome esto en consideración á fin de socorrer á tantas pobres, y evitar esa emigración tan perjudicial al país (...)”*.¹⁵⁶

Comparando a experiência migratória de mulheres e de homens, observa-se que as mulheres, quer migrando sozinhas ou com suas famílias, têm oportunidades, preocupações e reações diferentes e, por essa razão, seguem estratégias de adaptação distintas. Geralmente, para mulheres migrantes, sua necessidade é o trabalho e raras vezes em que as mulheres adaptam-se à nova sociedade são inseridas em papéis domésticos e mantidas pelo marido. Muitas delas exercem um certo grau de autoridade em razão do monopólio sobre as tarefas domésticas e a criação dos filhos.¹⁵⁷

Nesse contexto social do pós-Guerra, com todas as modificações ocorridas, era preciso mudar também a aparência física da Capital. Essa reestruturação social alterou o modo de vida da população, acarretando em uma série de novos hábitos e costumes. Para as mulheres da elite será no cotidiano que percebemos mais nitidamente as mudanças. Por outro lado, os comportamentos da classe popular, considerados subversivos e desviantes na nova ordem social, passaram a ser perseguidos. As ruas da Capital foram o palco de todos os vícios, transformando-se no lugar dos excluídos; pobres, mendigos e prostitutas vagavam por este espaço que necessitava da intervenção das autoridades para submetê-los a políticas disciplinares mais sistemáticas.

¹⁵⁵ ROMERO, Genaro. **Repatriación**. Asunción: S/Ed., 1913. pp. 8-10.

¹⁵⁶ **La Regeneración** de 11 de fevereiro de 1870. n. 44. ano 2. p. 3.

¹⁵⁷ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. A literatura judaica-feminina de imigração nos Estados Unidos e no Brasil. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. São Paulo, v. 3, 2003. pp. 157-182. No século XIX, para Michelle Perott, “as mulheres se mexem, viajam. Migram quase tanto quanto os homens, atraídas pelo mercado de trabalho das cidades, onde acham emprego como empregadas domésticas”. PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998. p. 37.

2.3. O corpo e a cidade. As intervenções sobre a classe popular

(...) hombres sin pudor que más se parecen a bestias y no a seres racionales, se les halla en los corredores de las iglesias y de las calles, escandalizando atrozmente aun durante el día, por saciar sus brutales pasiones es necesario tomar medidas enérgicas contra estos nuevos sibaritas.

La Regeneración de 12 de dezembro de 1869. n. 28. ano 1. p. 4.

No processo de reconstrução do pós-Guerra, a mulher da elite foi o modelo feminino idealizado. Segundo Elias, as atitudes e costumes são moldados, em geral, de cima para baixo. Ou seja, primeiramente se molda o comportamento das elites culturais ou econômicas, e depois este comportamento é estendido às classes populares. Favorecidas pelo *status* social, o modelo pretendido pelas elites deveria refletir nas condutas das mulheres das camadas mais baixas da população, procurando demonstrar determinados valores e comportamentos adaptáveis ao novo modelo de sociedade almejado pela elite. Nessa conjuntura, tanto a imprensa quanto o Estado defendiam a moral para civilizar e reorganizar a sociedade, de modo que as mulheres do povo, as *Kygua veras*, passavam a ser o “alvo” de um discurso moralizador e constantemente disciplinador no período do pós-Guerra. Desse modo, a imprensa procurou disciplinar suas mentes e corpos, influenciando diretamente no comportamento e padronizando a formação das famílias e sua adequação às atuais regras e normas vigentes.¹⁵⁸

O Estado liberal, com a finalidade de civilizar o povo, ditava medidas de bons costumes e sinalizava para muitas transformações, entre as quais se incluem aquelas relativas ao comportamento social. As indicações de Norbert Elias são importantes

¹⁵⁸ Antes de tudo, é preciso entender o que significa “ser civilizado” na sociedade paraguaia da época, atentando para as relações que presidem as significações inscritas nessa construção. Historicizar esses movimentos, a partir da leitura do gênero, implica atentar para a dimensão sexual que habita os comportamentos sociais, a conduta cotidiana de homens e mulheres, já que é parte constitutiva da subjetividade de cada indivíduo. MUNIZ, Diva Cuto Gontijo. Gênero e educação: corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generizadas. **História e Memória da Educação Brasileira**. Natal: UEPB, 2002. pp. 1-2. Disponível na Internet em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0519.pdf>, Acesso realizado em 18 de setembro de 2009.

para pensarmos as relações de poder na sociedade que coincidem com o processo de normatização do comportamento social e a constituição de um projeto de disciplina para a cidade de Assunção. Elias refere que as mudanças de comportamento na sociedade objetivam condicionar seus membros a novos hábitos e regras sobre o comportamento correto. Para o autor os modos de comportamento são referidos como:

instrumentos diretos de “condicionamento” ou “modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e a situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre o que era considerado, em épocas diferentes, maneiras boas ou más.¹⁵⁹

As premissas do liberalismo defendiam a idéia da intervenção mínima, onde o Estado deveria atuar de maneira indireta nos problemas sociais, ou seja, não deveria figurar encabeçando as tarefas assistencialistas e filantrópicas que, não obstante, eram mantidas através de seu respaldo político e econômico. Eduardo Zimmerman, analisando os fundamentos da ordem liberal-conservadora, menciona como os liberais na América procuraram conciliar sua preocupação com os limites do poder do Estado com as exigências do processo de construção das Nações-Estado, o que geralmente produziu posições doutrinárias pouco coerentes. Desta maneira, os higienistas tenderam a argumentar a favor da expansão do Estado em matéria de saúde pública, além do apoio das instituições dirigidas pela elite.¹⁶⁰

O modelo liberal impunha padrões bastante rígidos com relação à moralidade. A prostituição e a mendicância, por exemplo, eram considerados como problemas graves para o governo e desconexos com a nova ordem.¹⁶¹ **La Regeneración**

¹⁵⁹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 95.

¹⁶⁰ ZIMMERMAN, Eduardo. **Los liberales reformistas**. La cuestión social en la Argentina, 1890 – 1916. Buenos Aires: Sudamericana-Universidad de San Andrés, 1995.

¹⁶¹ As transformações econômicas e sociais produzidas pelo modo de produção capitalista provocaram uma reestruturação do espaço europeu, favorecendo a concentração da população nas cidades e gerando sérios problemas urbanos. O crescimento e o adensamento populacional, as revoltas urbanas, a miséria, as epidemias, a violência, os confrontos entre burgueses e operários, ricos e pobres, tornam-se mais freqüentes. A cidade doente do século XVIII dá lugar a toda sorte de pânico e mitos, colocando sob vigilância médica todo um conjunto de construções e instituições. Nasce o que Foucault chamou de medo urbano: “*medo da cidade, angústia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos*

alertava, entre os tantos problemas, sobre a prostituição; era preciso que a polícia acabasse com seus focos e identificasse suas causas, tratando de fiscalizar com severidade os bailes que ocorriam durante à noite em vários pontos da cidade, pois *“la prostitución, que es una de las gangrenas que corroen las sociedades tomará tan considerable cuerpo y acarreará tantos males que probablemente será imposible soportar por más tiempo los continuos escándalos que se repiten”*.¹⁶²

Na imprensa, uma das formas de tratar da prostituição feminina era associá-la com a marginalidade e o atentado à moral e mostrar, ao mesmo tempo, os perigos e infortúnios oriundos do contato com essas mulheres. Segundo Magareth Rago, o conceito de prostituição foi criado no século XIX por uma referência médico-policial como um fenômeno essencialmente urbano, que se inscreve numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, com a presença de todo um sistema de codificações morais, que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade e a fidelidade feminina.¹⁶³ Esse conceito, impregnado de conotações moralistas e associado a imagens de sujeira e desmoralização funcionava como um indicador da forma como o mundo da prostituição também foi concebido pela sociedade paraguaia após a Guerra.

Com relação aos problemas envolvendo a moral pública, o **La Regeneración** mostrava constantemente a situação de Assunção e entendia que o governo deveria atuar contra os escândalos públicos envolvendo as mulheres das classes mais pobres.¹⁶⁴ No tocante a esses problemas, a imprensa se encarregou de denunciar a seguinte situação:

Llamamos la atención de la Municipalidad sobre el escándalo que se presencia no solo en el Mercado sino en todo punto donde hay reunión de mujeres, escándalo que consiste en la inmoralidad de los hombres sin

cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar”. Este pânico urbano é característico deste cuidado, desta inquietude político-sanitária que se forma à medida em que se desenvolve o tecido urbano. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 87.

¹⁶² **La Regeneración** de 09 de fevereiro de 1870. n. 53. ano 2. p. 2.

¹⁶³ RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 23.

¹⁶⁴ A moralidade oficial estava deslocada da realidade da mulher popular; as condições sociais fizeram com que ela se dedicasse ao trabalho fora do lar e, assim, corresse o risco de ser tachada de mulher pública, recebendo uma série de difamações moralistas. FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 516.

pudor, que creen lícito saborear el amor en los lugares públicos (...) La municipalidad debe dar un Edicto ordenado que la policía se muestre intransigente con los que por ebrios ó libidinosos se creen autorizados á hacer lo que les parezca en las calles.¹⁶⁵

Enfatizando os perigos presentes nas classes populares, buscava-se eliminar seus vícios, reformulando os padrões de moralidade e os hábitos de sociabilidade, para enquadrá-los nas normas de comportamento impulsionadas pela elite e satisfazer as crescentes exigências necessárias para o seu desenvolvimento. Tudo o que se afastava do ideal de família patriarcal e sexualmente hierarquizada que objetivavam impor, era percebido como uma ameaça para a ordem social.

Tendo como base o atentado ao pudor, a sexualidade tinha seus limites, devendo ser contidos e punidos os excessos. Dessa forma, visando o controle e a disciplina, de um lado, e resguardar a honra das mulheres e os bons costumes, de outro, o governo provisório promulgou um Decreto ao qual, *“todo individuo que sea, hallando en sitios públicos cometiendo acciones que ataquen el pudor y la honestidad de la mujer, será multado en 10 patacones ó tres días de prisión a trabajos públicos”*.¹⁶⁶

A ruptura com a antiga ordem determinou mudanças substanciais no imaginário da época, configurado no abandono de antigos modelos e na adoção de novos signos. Como parte de um processo histórico mais amplo, envolvendo aspectos econômicos, culturais, políticos, jurídicos e científicos no Ocidente europeu, ao longo do século XIX, aparece um conjunto de princípios, normas e valores fundados, sobretudo na observação, na disciplina e no controle, como instrumentos de dominação.¹⁶⁷

O jornal **El Pueblo** advertia, com a mesma freqüência, os problemas da moral pública que afetavam, principalmente, as classes mais baixas. Em diversos artigos de 1871, mencionava as condições sociais da população paraguaia, a imoralidade de homens e mulheres em plena luz do dia e a situação das crianças nuas vagando pelas ruas de Assunção. Segundo o jornal, o progresso dependia de medidas políticas e de

¹⁶⁵ **La Regeneración** de 12 de dezembro de 1869. n. 28. ano 1. p. 4.

¹⁶⁶ **La Regeneración** de 21 de fevereiro de 1870. n. 61. ano 2. p. 3.

¹⁶⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. 2007.

uma constante vigilância das autoridades, sendo necessário mover a máquina governamental da época para dar solução aos problemas sociais que afetavam as classes menos abastadas.

Ao adotar uma Constituição liberal e “negar o passado”, a massa popular, de forma lenta, deveria adaptar-se aos “bons costumes” e abandonar *“el laberinto de su ignorancia”*.¹⁶⁸ *“El bajo pueblo”*, como referia o jornal, *“sigue adoptando las mismas costumbres”* e seria obrigação das autoridades zelar pela moral, *“porque sin moral en lo que constituye el verdadero pueblo, no puede fundarse con solidez ninguna Nación”*.¹⁶⁹

Os atos imorais necessitavam ser corrigidos, de modo que o silêncio das autoridades estaria justificando esses episódios. A elite, neste aspecto, cumpria uma missão que lhe era específica como porta-voz de valores universais e globalizantes, a “missão civilizadora”. Mesmo com a indiferença em observar os costumes da população, entendiam que muitos viveriam e morreriam nessa condição, porém, *“los mismos desgraciados se creerán ese convencimiento, y ahí esa parte de pueblo excluida de la sociedad moral, condenada a vivir en la miseria en el ostracismo de las buenas costumbres, pero presentándose á los ojos del extranjero con toda la repugnante asquerosidad de sus usos viciosos”*.¹⁷⁰

A freqüente utilização de expressões como a “moral” e os “bons costumes”, no vocabulário jornalístico da época, como demonstração de uma visão organicista da sociedade, procuravam oferecer uma versão higienizada da Capital paraguaia, de forma a considerar as áreas de perigos como focos eminentes de promiscuidade. É nesse caminhar que intelectuais vão analisando o discurso e as práticas médicas que, aos poucos, vão sendo assumidas como políticas públicas sanitárias, visando uma mudança nos costumes sociais e nas condutas familiares, e que tentavam conduzir para melhores atitudes físicas, sociais, higiênicas e sexuais.¹⁷¹

É nítido o propósito de atribuir a esses atos, além do caráter atrasado, bárbaro, o de depravação e obscenidade, de insulto à moral, excessivamente

¹⁶⁸ **El Pueblo** de 15 de junho de 1871. n. 168. ano 2. p. 1.

¹⁶⁹ **Idem.**

¹⁷⁰ **Idem.**

¹⁷¹ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989; URTEAGA, Luis. Miseria, miasmas y microbios. Las topografías medicas y el estudio del medio ambiente en el siglo XIX. **Geocrítica, Cuadernos Criticos de Geografía Humana**, n. 29, 1980.

praticados com voluptuosidade no espaço público, que estimularia, aos olhos da imprensa, “*paixões viciosas*”. Os redatores do **El Pueblo** publicaram artigo intitulado “*La desnudez*”, na tentativa de corrigir um costume da população camponesa que agora passara a viver na Capital, pois seria conveniente adotar uma nova postura, mesmo reconhecendo que era um hábito andar sem camisa, contudo “*eso no es por miséria sino por una escandalosa costumbre. Muchos tienen su camisa debajo del brazo, y se revuelcan en la arena ostentando su repugnante desnudez*”.¹⁷²

A construção de uma sociedade disciplinar impôs uma nova configuração ao sistema e às instituições, que se reordenaram em presença de mecanismos sistemáticos de vigilância e estratégias de controle. Nesse momento, valorizam-se novas regras com relação ao corpo, ao modo de assegurar seu adestramento, sua docilidade e sua submissão. A promiscuidade não era tolerada pelos grupos que assumem o poder no pós-Guerra e consideravam tais manifestações retrógradas, incompatíveis com a nova fase que ingressava o país. Além disso, era o momento de consolidação dos princípios de modernidade e aspirações europeizantes.

Em outro artigo, **La Regeneración** pediu “*mas moralidad*” por parte da população. Caso não houvesse uma solução imediata, o jornal avalia que as questões que envolvam escândalos públicos deveriam ser solucionadas pela polícia. Homens e mulheres, em plena luz do dia, estariam a “*infestar los lugares públicos que sirven de paseo á la población*”. Na argumentação do jornal, “*esto traerá la corrupción completa de las familias y crear nuevos focos de infección que solo podrán traernos epidemias*”.¹⁷³

Na mesma atmosfera moralista, durante a década de 1880, a imprensa continuou a denunciar o despudor, a imoralidade e as práticas contrárias aos sadios princípios pelos quais a sociedade deveria orientar-se, e lamenta a promiscuidade ainda reinante. Com referência a este período, **La Democracia** relatou as condições do país e argumentava que após a Guerra o país devastado levou tempo para que a vida voltasse à normalidade. A situação da maioria da população, segundo o relato, “*permanece hasta aquí, desposeída de la satisfacción de verse dueña siquiera de*

¹⁷² **El Pueblo** de 6 de junho de 1871. n. 161. ano 2. p. 2.

¹⁷³ **La Regeneración** de 17 de dezembro de 1869 n. 30. ano 1. p. 2.

aquello que se llama vida propia, vegetando en vez de vivir, sin más bienes que los que el acaso la proporciona de ordinario".¹⁷⁴

As medidas, de alguma forma, tentavam inserir a cidade de Assunção nos rumos do progresso, mesmo que isso implicasse na criação de inúmeros mecanismos de repressão e controle da vida mundana, restringindo, assim, a liberdade individual. O alvo principal era as camadas populares, que se avolumavam de forma bastante desordenada no centro da cidade. Segundo Margareth Rago, a representação do pobre está estruturada em função de ser este o outro da burguesia limpa e civilizada; a partir de sua moradia, sua família, seus hábitos, serão desenvolvidos práticas higiênicas e disciplinizadoras, que compõem o que a autora chama de uma "pedagogia totalitária".¹⁷⁵

A rigor, as próprias necessidades do capitalismo conduziam a um processo de organização do espaço público que parecia particularmente perigoso, atentatório aos padrões morais da família burguesa e ameaçador aos bons costumes. Os hábitos torpes e desregrados das camadas populares dificultavam, aos olhos das elites, o tão esperado ingresso nesta modernidade, que tinha na radicalização do devir a sua maior característica. No foco dessa interpretação, **El Orden** alertava sobre os inúmeros mendigos que se arrastavam pelo chão e *"presentan una cara repugnante por los destrozos que ha hecho la sífilis, es cosa de lo más desagradable y sin embargo se tropieza con ellos muy frecuentemente, ó se le presentan en su alojamiento repentinamente cual visiones desagradables"*.¹⁷⁶

A matriz de comportamento privilegiava diferentes padrões de moralidade conforme o gênero e a classe social. Assim, **El Orden**, de 04 de novembro de 1886, tratou a respeito dos frequentes escândalos pelas ruas de Assunção, onde *"las mujeres*

¹⁷⁴ **La Democracia** de 07 de setembro de 1882. n. 395. ano 2. p. 1. **La Democracia**, fundado por Ignacio Ibarra, em maio 1881, foi um dos periódicos de maior duração no Paraguai da época. De publicação vespertina e oposicionista, esteve sob o comando de Ibarra até 1887. Questionava com frequência o governo, apontando alternativas para melhorar a condição de vida do povo paraguaio. Foram muitas as publicações sobre o movimento operário e socialista ocorrido na Europa. Alguns temas, nos 24 anos de publicação, como as "Cartas del Infierno" de José de La Cruz Ayala, cartas de Manuel Domínguez, Cecilio Báez e Benigno Riquelme, até hoje são referências literárias. O jornal publicou até 17 de dezembro de 1904, tendo como diretores Fernando A. Carreras, B. Samaniego, Daniel Codas, Enrique Zanotti, Ricardo Brugada e José Rodríguez Alcalá. Foi administrado por B. Ferriol e M. Irala. Apresentava as seguintes seções: *edición, avisos nuevos, municipalidad, cámara dos deputados, remates, seção judicial, correo del día*.

¹⁷⁵ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**; a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 175.

¹⁷⁶ **El Orden** de 14 de janeiro de 1886. n. 257. ano 2. p. 1. **El Orden** substituiu o **La Reforma**. Estava vinculado ao **Centro Democrático**, cuja direção era do espanhol Cristóbal Campos y Sánchez e administração de Daniel Maldonado. Teve publicação entre os anos de 1885 e 1886; era um jornal crítico e apresentou inúmeros textos anônimos. Seu inimigo direto era o periódico **El Herald**. Vinha com as seguintes seções: *Revista política y económica, crônicas, noticia generales, aduana central, avisos judiciales, anúncios*.

de la clase baja” “que, más por andar á su gusto que por carencia de recurso, se muestran con los senos y espaldas al aire libre, y muchas cubiertas las demás partes del cuerpo con trapos semi-transparentes”.¹⁷⁷ A condição social, o clima e os costumes eram desconsiderados; esses corpos seminus eram associados à sexualidade transbordante, que exibida em público transformava um “estar à vontade” corporal em falta de decoro.

A cobrança de um novo comportamento para as mulheres do povo, através da repressão do corpo, está relacionada a um processo ligado ao gênero. Embora a normatização dos corpos e comportamentos atinja homens e mulheres, como refere Ana Paula Vosne Martins, as mulheres são “os principais alvos-objetos de diferentes tipos de discursos que, à sua maneira e com formas de expressão fundamentalmente visuais, procuram ‘enquadrar’ as mulheres, transformando-as, na sua corporalidade e subjetividade, em mulheres ‘normais’”.¹⁷⁸

A imprensa explicitava seu preconceito em relação à falta de civilidade daqueles corpos femininos, de modo que “*todos están igualmente obligados á respetar la moral; lo que no hacen las que andan semi-desnudas, según lo dejamos expuesto*”.¹⁷⁹ Nesse caso, os discursos possuem uma dupla finalidade: apresentar o próprio ato imoral e o anseio à moralidade. A falta de pudor atribuída à mulher, associada à mulher fácil ou prostituta, por um lado, confina a mulher a um código moral severo de controle; por outro lado, as mulheres são representadas com repugnância pela exibição de seus corpos e consideradas sem decoro. Esse jornalismo que aparece com o final da Guerra está sustentado pelas idéias de modernidade e de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, pela consolidação das novas instituições democráticas sustentadas por ideais de progresso. De certa forma, os excessos da população nas ruas da Capital preocupavam a imprensa com as possíveis repercussões no exterior. Tais atos incomodavam profundamente a imprensa, considerando necessária essa “limpeza urbana”, visto que, “*muchos solo juzgan por las apariencias sin entrar á averiguar quiénes y cómo son los que dan tema á sus ligeras y acerbos recriminaciones*”.¹⁸⁰

¹⁷⁷ *El Orden* de 04 de novembro de 1886. n. 482. ano 2. p. 1.

¹⁷⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 12.

¹⁷⁹ *El Orden* de 04 de novembro de 1886. n. 482. ano 2. p. 1.

¹⁸⁰ *Idem*.

Jornais como **La Regeneración**, **El Orden** e **El Independiente** denunciavam os lugares onde viviam os pobres da Capital. Certos locais eram observados como áreas perigosas, lugares propícios à proliferação de doenças e de maus hábitos. O Mercado Central da Capital era um local insalubre, representado como um ambiente de perigo pela falta de elementos necessários à saúde e à moral.¹⁸¹ Era um espaço no qual se agrupava um grande número de pessoas, reunia os excluídos e, desse modo, era preciso focalizar a atenção nessas classes: *“Hoy es un foco mas inmundo donde viven según se nos dice más de 400 mujeres entre la podredumbre y la infección, haciendo imposible el transito por las cuatro calles que lo rodean. Hace poco se encontró un hombre ahorcado en estado de putrefacción en ese lugar inmenso.”*¹⁸²

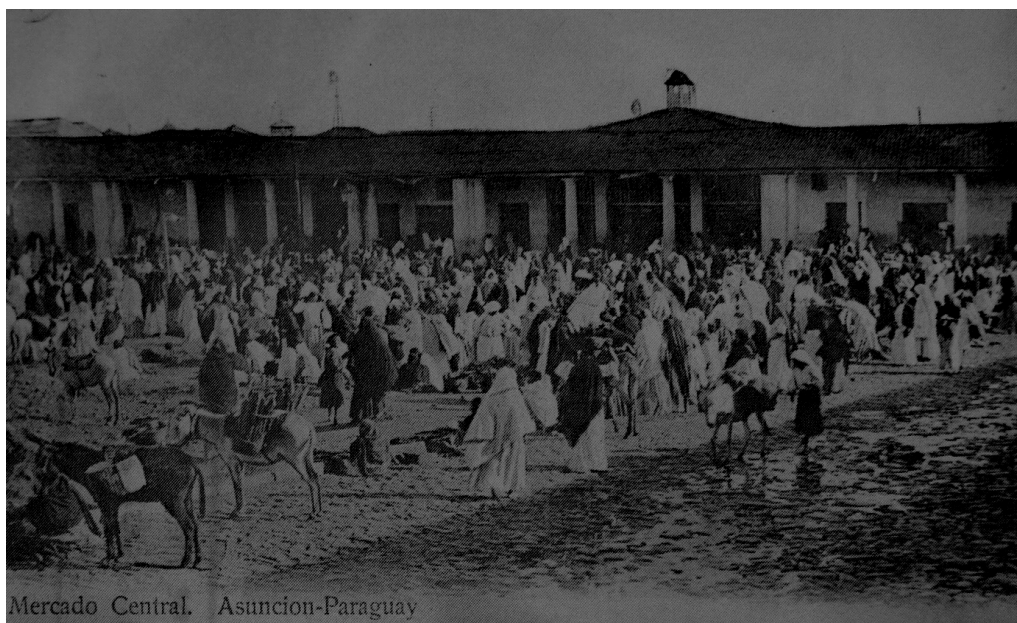
O ataque ao modo de vida popular passa a incidir diretamente sobre os espaços de sociabilidade popular: a rua.¹⁸³ O Mercado Central foi marcado pela constante presença da população mais pobre; as mulheres que ali permaneciam dormiam pelos corredores sobre trapos, juntamente com mendigos, doentes e prostitutas. Isso gerava preocupação, uma vez que era o primeiro local que os estrangeiros se deparavam ao desembarcarem do Porto de Assunção. Segundo **El Orden**, *“estas escenas, que desdican de nuestra cultura de pueblo civilizado deben ser suprimidas cuanto antes, y á ese fin es que llamamos la atención de la autoridad correspondiente, esperando no se nos desoiga.”*¹⁸⁴

¹⁸¹ Conforme Foucault, o medo das aglomerações no centro de Londres e Paris, no século XVIII, representava os primeiros sinais de preocupações manifestadas por alguns moradores da cidade, em especial os médicos que, posteriormente, com o auxílio de higienistas, sanitaristas, autoridades policiais e governamentais, passaram a discutir as possíveis soluções para o problema do crescimento das cidades. FOUCAULT, Michel. **Op. cit.**, 1979. pp. 79-98.

¹⁸² **La Regeneración** de 23 de janeiro de 1870. n. 46. ano 2. p. 1.

¹⁸³ PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Imagens da cidade**. Séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 31.

¹⁸⁴ **El Orden** de 04 de novembro de 1886. n. 482. ano 2. p. 1.



Mercado Central de Asunción, en una vista tomada a comienzos del 900.

MUSEO DEL BARRO. **La Guerra del 70.** Una visión fotografica.
Asunción: Edición Museo del Barro, 1985.

Tentando resguardar a moral e os bons costumes, a diligência local em consonância com o projeto moralista considerava necessário construir uma cidade sob disciplina e controle social da população. Essa intervenção do Estado se transformou em disciplinamento quando sua ação se relacionou ao ordenamento de determinados espaços da cidade. As representações negativas das cidades - vista como um ambiente perigoso do ponto de vista sanitário, social, moral e político -, que se difundem no século XIX, vão recorrer com frequência a analogias médicas para definir os problemas atribuídos à cidade - suas “doenças” e “taras” - e explicar como devem ser investigados, prevenidos e diagnosticados os “remédios” e “cirurgias” desse espaço doentio.¹⁸⁵

As analogias entre o corpo e a cidade encontravam respaldo na idéia de que o bom funcionamento de um, dependia o bom funcionamento do outro; a sujeira da rua revelava a falta de higiene do habitante da cidade, sobretudo das populações pobres.

¹⁸⁵ GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001. p. 236.

Desse modo, a falta de higiene e de saúde era associada a desregramentos e a comportamentos desviantes. Como ponto crucial ao bom funcionamento do organismo urbano e dos organismos de seus habitantes, a saúde e a circulação se articulavam como questões básicas na problematização das cidades.

Mesmo na década de 1890, a prostituição era um problema presente no Mercado Central, “*siendo sus protagonistas unas desgraciadas mujeres engolfadas en el vicio y la perversión*”.¹⁸⁶ Outras tantas, “*abandonadas completamente á la bebida, promoven todos los días escandalosas algazaras como resultado de las obscenas injurias y soeces provocaciones que se dirigen ellas mismas*”. Às autoridades, cuja proteção a elas estaria em suas mãos, deveriam zelar pela ordem e pelo futuro dessas mulheres, “*víctimas de la debilidad de su sexo y sumidas en un atroz infortunio*”.¹⁸⁷ Tentando velar pela moralidade, a prostituição, desse modo, já não era mais considerada um problema de moral ou pecado, mas, também, de higiene.

A reorganização e higienização de Assunção fizeram com que o Estado, através da imprensa, atuasse junto à população pobre, combatendo a prostituição, os escândalos que afetavam a moral pública, as formas de vadiagem e a implantação de doutrinas voltadas, em especial, para a disciplina no trabalho. As famílias da elite sentiam-se afrontadas pelos modos acintosos das camadas populares em áreas públicas. A prostituição, neste caso, extrapolava os limites do privado e atingia a rua, espaço público que carecia a ordenação do poder do Estado.¹⁸⁸

Fundamentado na concepção geográfica da doença, o discurso médico higienista, dominante no século XIX, contribuiu para um novo pensamento sobre a cidade e a sociedade urbana. Esses discursos eram utilizados para justificar o controle social, que passava dos focos de insalubridade para os perigos sociais. Assim os modelos defendidos não expressavam apenas a saúde física e manutenção estrutural da cidade, eles propõem uma remodelação na conduta moral e social de seus habitantes. O discurso médico, ao mesmo tempo, contribuiu para grandes reflexões

¹⁸⁶ **El Independiente** de 28 de maio de 1890. n. 817. ano 4. p. 1. **El Independiente** foi um jornal oposicionista, fundado por Liberato Rojas, Juan Ascencio Aponte e Manuel Ávila. Entre 1887 e 1893 foi um importante jornal para a imprensa e a política da época; era o porta-voz do *Partido Liberal* e seus principais diretores e redatores eram Marcelino Fleitas, Juan Francisco Pérez Acosta, Alesandro Audivert e Juan Soa Escalada.

¹⁸⁷ **Idem**.

¹⁸⁸ ELMIR, Cláudio Pereira. Imagens da prostituição na Porto Alegre dos anos 10. O discurso d'O Independente. In: MAUCH, Claudia (Org.). **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1994. p. 88. Ver também: ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

sobre a cidade e favoreceu a elaboração de projetos de reforma urbana, com intervenção no espaço urbano e doméstico, interferindo na vida pessoal e coletiva dos indivíduos. A difusão, através da imprensa, de regras de higiene e comportamento, dirigidas especialmente ao cuidado do corpo, moradia e vestuários, visava, ao mesmo tempo, a denunciar os perigos de contaminação que eram oferecidos em face das péssimas condições de higiene de grande parte da população.

Para a população pobre, vitimados pela Guerra, muitos eram os obstáculos a serem ultrapassados; destacava-se como modelo de comportamento desviante, por apresentarem o maior risco para a empreitada civilizatória da Capital guarani. Daí resulta a razão de ser desses discursos da imprensa, à medida que instauram novas regras de vivências que definem padrões de condutas extremamente rígidos. Para a elite local era preciso mudar aqueles indivíduos com condutas imorais no sentido de que se removessem os defeitos raciais, as tradições culturais, os comportamentos e hábitos deletérios, incompatíveis com a reorganização da sociedade.

A política paraguaia foi marcada pelo esforço das elites na organização do Estado e pelas discussões acerca das condições do país vir a se tornar uma Nação moderna, devido particularmente ao que era representado como as peculiaridades de constituição de sua população: mestiça, pobre, ignorante e indolente. A *regeneración* paraguaia atingia todos os setores da sociedade. Para a elite, o princípio de modernidade era o objetivo a ser alcançado; para a classe pobre era preciso inicialmente reduzir os níveis de pobreza e de imoralidade para quem sabe atingir níveis de um país civilizado e desenvolvido. A imprensa mencionava a importância e a necessidade da educação para a mulher e para o país. A educação feminina, sobretudo para a mulher da elite, estava ligada à moral e à necessidade em desempenhar a contento suas funções domésticas. Assim, a valorização da educação e o progressivo acesso das mulheres nos bancos escolares eram observados pelos jornais como uma necessidade para a reconstrução do país.

2. 4. Educar a mulher é educar a Nação

Débase por tanto educar suficientemente á todos los miembros de la sociedad, hombres y mujeres y dejarlos actuar según su aptitud en la sociedad.

El Cívico de 29 de agosto de 1903. n. 2071. ano 8. p. 1.

Após a Guerra, o acesso a educação foi outra bandeira defendida pelos reformistas paraguaios. No Paraguai, muitos defendiam a educação feminina como um elemento imprescindível para a formação dos cidadãos. A imprensa salientava que a instrução ampliaria as possibilidades femininas. De um lado, esta proposta passava pela representação da mulher esclarecida e com acesso a uma profissão; de outro, a educação tinha como argumento a transformação da mulher em uma boa mãe e esposa.

As resistências à escolarização feminina lentamente foram sendo superadas, sob o argumento de que as mulheres, como guardiãs do lar, influenciavam na sociedade e por essa razão precisavam ser educadas para melhor desempenhar o seu papel. No século XIX encontramos duas direções bem definidas na imprensa: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades femininas; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando ênfase à educação.¹⁸⁹

Diante da importância que passou a ter a educação no projeto de Estado liberal no pós-Guerra, a elite dirigente paraguaia passou a olhar com mais atenção para este tema. Para que a reconstrução do país se efetivasse, ocorreu um especial cuidado e fiscalização das autoridades com a educação. Deste modo, o povo deveria ser educado e assim estar inserido no projeto de modernização. Assim, a educação traduzia-se no elemento que iluminaria o caminho para a *regeneración*.

O **La Regeneración** tratou de inúmeros aspectos da condição feminina após a Guerra. Para o jornal, as mulheres também estariam comprometidas com o proceso

¹⁸⁹ BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**. A representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981. p. 29.

de *regeneración* social, sendo-lhes atribuída a educação daqueles que sobreviveram à catástrofe: *“La Guerra ha venido a despertar á la mujer de su tranquilo sueño, convirtiéndola en ser activo, en ser agente, en que tomando parte en todas las luchas de la vida contribuya con su grano de arena para la gran obra de la regeneración social, que indudablemente encontrara ella en él uno de sus más poderosos elementos”*.¹⁹⁰

Os princípios da *regeneración* determinavam a maneira de educar, vestir, falar e agir das pessoas e não se adequavam com a ausência de instrução. Acerca da educação feminina, a imprensa enfatizava, devido a constante ausência do homem, a responsabilidade que agora recaía nos ombros das mulheres: *“al frente de la familia, obligada en las frecuentes ausencias de su marido á intervenir en los detalles de las transacciones comerciales, á escribirle de sus hijos á formar estudiadas combinaciones para promover el fomento de sus intereses, y a tomar parte en fin en la vida social, en la que tan grandes servicios puede prestar al hombre”*.¹⁹¹

Assim, era essencial que a mulher tivesse um bom nível educacional, fundamental para a reconstrução da sociedade, na medida em que ela educa os filhos e consolida a moral do trabalho e da família nos padrões vigentes: *“He ahí explicada esa ambición que se va despertando en ella de leer, de escribir correctamente, de comprender las bellezas y los progresos de artes y ciencias para ellas hasta ahora desconocidas; explorando con afán el nuevo horizonte que se explaya ante sus ojos”*.¹⁹²

A mulher, como mãe e educadora, garantidora da moral e da ordem, através da sua função normativa dentro da família, é também fomentadora do progresso. Deixar a mulher sem educação e mantê-la na ignorância, era anular o papel que ela exercia no grupo familiar. Esta era a representação ideal da mulher da elite. Evidentemente, nem todos pensavam as questões pelo mesmo viés. Alguns homens, acostumados a modos de vida culturalmente cristalizados, olhavam com receio para as novas representações que simbolizavam, em certa medida, uma ameaça aos padrões de conduta estabelecidos na sociedade paraguaia.

¹⁹⁰ *La Regeneración* de 30 de agosto de 1870. n. 138. ano 2. p. 2.

¹⁹¹ *La Regeneración* de 2 de setembro de 1870. n. 139. ano 2. p. 2.

¹⁹² *Idem*.

A imprensa também enfatizava a importância da educação pública e, ao mesmo tempo, a necessidade de criar escolas municipais. Desse modo, o Estado deveria legislar em matéria de educação, afastando a interferência religiosa na esfera educacional. Entre as mulheres que se empenharam na reestruturação educacional do pós-Guerra estava Asunción Escalada¹⁹³, tendo seu trabalho reconhecido em diversos artigos:

conociendo la importancia de la Educación pública, sus resultados practicas en seno de las sociedades como esta, que necesita para su regeneración gérmenes de esta naturaleza, y conociendo también, por otra parte, la inteligencia, las luces, y las virtudes de la Señorita Escalada: tenemos la intimas satisfacción de invitarla para la realización de esta noble idea, que es la base inmovible del porvenir del Paraguay.¹⁹⁴

A Constituição de 1870, em seu artigo 8º, prescrevia: “*La educación primaria será obligatoria y de atención preferente del gobierno y el Congreso oirá anualmente los informes que a este respecto presente el ministro del ramo, para promover por todos los medios posibles la instrucción de los ciudadanos*”.¹⁹⁵ Em cumprimento a esta norma constitucional e conscientes da importância da instrução pública para o progresso e a recuperação do Paraguai, os governos do pós-Guerra fomentaram e aperfeiçoaram o sistema educacional no país. Em 1872 foi fundado o *Consejo de Instrucción Pública* com a finalidade de fiscalizar e ampliar o sistema de ensino.¹⁹⁶

A taxa de alfabetização dos homens no Paraguai pré-Guerra era considerável. Desde o governo Francia, a escola gratuita e obrigatória elevava a escolarização dos meninos a níveis muito superiores aos dos Estados vizinhos na mesma época; as mulheres, em compensação, eram maciçamente analfabetas. A qualidade geral da instrução transmitida em espanhol era, no entanto, medíocre.¹⁹⁷

¹⁹³ Asunción Escalada (1850- 1894), filha de Juan Manuel Escalada e Casimira Benítez, é considerada uma das primeiras professoras do imediato pós-Guerra. Finalizada a Guerra, criou uma instituição municipal para mulheres, a *Escuela Central de Niñas*, sendo a primeira do gênero existente no Paraguai.

¹⁹⁴ *La Regeneración* de 3 de novembro de 1869. n. 1. ano 1. p. 1.

¹⁹⁵ MARÍNAS OTERO, Luis. *Las constituciones del Paraguay*. Madrid: Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978. p. 162.

¹⁹⁶ VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Breve historia de la cultura paraguaya*. Asunción: Edición del autor, 1966. p. 195.

¹⁹⁷ PETERS, Hein. *El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865*. Asunción: ICPA, 1996. p. 69.

No pós-Guerra a educação era uma tema delicado. Não havia referências e estrutura para montar um sistema de ensino. Francia e Carlos López desenvolveram a educação exclusivamente em espanhol, restringindo o guarani para a oralidade. Carlos López instituiu a obrigatoriedade de imprimir os livros, periódicos e revistas em espanhol; mandou, inclusive, substituir por lei todos os nomes e sobrenomes guaranis da população por outros de origem espanhola.

As mulheres paraguaias, no entanto, eram as menos afetadas pelo sistema educativo imposto, pois seguiam educando seus filhos na língua guarani. Durante a Guerra o guarani adquiriu relevância preponderante, sendo utilizado profusamente pela imprensa e nas comunicações militares. O próprio governo do Marechal López, contrário às ações do antecessor, alentava as publicações bilíngües, e assim apareceram novos periódicos que faziam cintilar a alma guarani, publicando poemas que tentavam animar ao povo paraguaio.

A nacionalidade do Paraguai está associada ao bilingüismo ainda presente no país. A Guerra da Triplice Aliança e, na década de 1930, a Guerra do Chaco foram momentos decisivos no processo de elaboração da identidade paraguaia calcada na língua guarani. No decorrer de ambos os conflitos a língua guarani se fortaleceu. Isto se deve ao fato de que, sendo quase totalmente desconhecida pelos exércitos inimigos, seu uso representou uma arma fundamental a favor do país. Foi possível veicular informações estratégicas entre os combatentes, ampliando as chances de organização militar da própria população.

O programa escolar no pós-Guerra excluiu novamente a língua selvagem para que o Paraguai pudesse se incorporar à civilização. A inauguração das primeiras escolas municipais era saudada com alegria pela imprensa. Asunción Escalada estava entre as idealizadoras deste projeto: *“Hoy será la solemne inauguración de las escuelas municipales. (...) Por nuestra parte felicitamos en nombre del pueblo á la corporación municipal por los esfuerzos que ha hecho por plantear las escuelas, que son los verdaderos templos de la democracia, donde se aprende á se libre y odiar á los tiranos”*.¹⁹⁸ Entre os avisos municipais, a imprensa destacava a escola exclusiva para meninas, que havia sido inaugurada na Capital:

¹⁹⁸ **La Regeneración** de 7 de novembro de 1869. n. 13. ano 1. p. 2.

La corporación municipal invita á todos los padres de familia á mandar sus hijas á esta escuela que se denominara Escuela Central de Niñas, y cuya dirección correrá á cargo de la ilustrada educacionista señorita paraguaya Asunción Escalada. Entre los ramos de instrucción primaria y labor, se enseñara también los idiomas Español, Francés y Ingles, cuyas clases se abrirán sucesivamente á medida que se vayas presentando alumnas.¹⁹⁹

A criação de escolas exclusivas para meninas oferecia uma diferença no ensino.²⁰⁰ A *Escuela Central de Niñas* caracterizou-se, mais tarde, por ser uma escola de refinamento cultural, preocupando-se muito mais em torná-las damas aptas ao convívio social, virtuosas e polidas, de tal forma que pudessem educar bem seus filhos. Uma mulher educada estaria imprimindo seus valores a seu grupo social, concretizando, pois, não só um projeto de formação pessoal, mas os propósitos educativos e de moral social que a sociedade do pós-Guerra almejava. A educação representava o progresso da sociedade, associado ao desenvolvimento da proposta de *regeneración* para o povo paraguaio. Asunción Escalada, ao escrever sobre a importância e a situação da educação no Paraguai, tentava mobilizar, através da imprensa, o poder público e criticar os governos anteriores:

Al tener la honra de representarme hoy en esta respetable reunión, me es grato manifestar mi cordial reconocimiento á los señores de la Junta Municipal por haberse dignado acordarme un puesto tan honroso como de tanto mérito para mi y de suma utilidad para la Patria, cual es la dirección de la Primera Escuela Central que jamás haya existido en el Paraguay. (...) La municipalidad considerando la magna importancia y grande utilidad que resultará de un acontecimiento tan grandioso, viene hoy á crear algunos establecimientos, en los que con el esmero posible, se cultive y se desarrolle la inteligencia de la juventud paraguaya, tanto tiempo sepultada en la ignorancia y en la miseria, a falta de un Gobierno humanitario, protector verdadero de la instrucción de su Pueblo.²⁰¹

O desejo de ajustar e inserir o país no rol das Nações modernas dependia de profundas reformas, como a industrialização, reformas urbanas, preocupações com a

¹⁹⁹ *La Regeneración* de 14 de outubro de 1869. n. 5. ano 1. p. 3.

²⁰⁰ Em 1874 as escolas chegavam a cento e cinco, sendo oitenta para meninos e vinte e cinco para meninas. VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Op. cit.*, 1966. p. 195.

²⁰¹ *La Regeneración* de 10 de novembro de 1869. n. 14. ano 1. pp. 2-3.

higiene e com a saúde e, especialmente, com a educação. Daí a importância da educação para o Paraguai da época, pois esta vai se constituir como elemento de amoldamento de comportamentos desejáveis para extinguir os comportamentos indesejáveis, reproduzindo o que as elites esperavam das pessoas na vida em sociedade. Para Escalada, o governo deveria ser o mentor e o patrocinador dessa reforma educacional, mas dependeria igualmente do apoio de todas as famílias:

Ahora, pues, que yo he se elegida por la Municipalidad protectora de este establecimiento, me cabe el honor de pedir á las Señoras madres de familia, que depositando en mi su entera confianza, se sirvan enviar a esta Escuela á sus niñas á recibir el mas rico tesoro que les puedan desear – la Educación; para que obrando de esta suerte alcancemos más y más el glorioso porvenir de nuestra Patria.²⁰²

Assunção, por ser a sede do governo, deveria apresentar-se como centro cultural, foco do desenvolvimento e irradiadora dos novos hábitos e costumes. Para isso era preciso montar uma estrutura educacional que, inicialmente, educasse a mulher. *“Influencia de la mujer en la civilización”*, escrito por Mercedes Cabello de Carbonera, tratou da importância da mulher ilustrada para *“combatir esos males inmensos que nos invaden y parece que van matando nuestra tranquilidad, no hay mas que un remedio que á nuestros débiles alcances nos parece ser el único posible. Ilustrar á la mujer”*.

O artigo reivindicava para a mulher uma educação qualificada, defendendo, ao lado do homem, a equivalência de suas virtudes intelectuais: *“Para que ella pueda ejercer esa influencia bienhechora, es preciso darle una instrucción sólida y vasta. La ilustración limitadísima que hoy se la da no hace más que abrir un abismo inmenso que lleva al hogar domestico el germen de amargos sinsabores, de eternas contradicciones y de males infinitos”*.²⁰³

Um argumento muito comum nos periódicos era a relação das características naturais da mulher com a formação dos filhos. Uma Nação desenvolvida necessitava

²⁰² **La Regeneración** de 10 de novembro de 1869. n. 14. ano 1. pp. 2-3.

²⁰³ **La Patria** de 16 de abril de 1875. n. 285. ano 2. pp. 1-2.

de uma mãe instruída. Assim, o artigo *“Instrucción de la mujer”* defendeu a importância da educação na formação das novas gerações: *“Sabido es que la mujer convertida en madre, hermana ó esposa instruye a los pequeñuelos, que representan la generación futura. Y una mujer, sin tintes de ilustración ¿Qué beneficios podrá reportar á la familia? Ninguno”*. Além disso, o jornal salientava que a educação das meninas recebida no lar não era suficiente:

Lo que la joven puede aprender en la casa misma no basta; lo que ella de por si sepa ó descubra no basta; es preciso un campo más ancho donde pueda aprender cosas nuevas, adquiriendo la experiencia de los demás para aplicarla juiciosamente á las propias necesidades. Un curso completo de instrucción, lo más práctico posible, es indispensables á la mujer en general, cualquiera que sea la posición que ocupe. Entre nosotros ya era tiempo de lanzar esta idea para reformar la instrucción del bello sexo. Al concluir estas líneas, solo deseamos que nuestras autoridades presten un poco de apoyo á la opinión que sustentamos.²⁰⁴

A linha de argumentação de alguns jornais foi mais suave, procurando conciliar a inserção das mulheres na vida pública com seu papel tradicional. Os jornais paraguaios, em regra, posicionavam a mulher no espaço doméstico, como era o pensamento vigente na época. Nos papéis masculinos e femininos, definidos pela sociedade burguesa, caberia ao homem o espaço público, a profissão, a política; à mulher, entretanto, o espaço privado do lar, as tarefas domésticas e a educação moral e religiosa dos filhos. Daí a importância da instrução, não observando a mulher como uma rival, mas propondo a difusão do conhecimento científico em nome de uma sociedade unida. A propagação de determinados preceitos nos jornais garantiu, ao mesmo tempo, a legitimação das relações dicotômicas entre homens e mulheres e, conseqüentemente, o papel que cada um deveria cumprir no contexto social. Na há dúvida de que a mulher deveria ser educada, mas sem perder o foco de sua atuação: *“un impulso de instrucción que le permita mejorar la condición de sus servicios”*.²⁰⁵

O modelo feminino deveria ser preservado, baseado em princípios que educavam as mulheres para o casamento e os cuidados do lar. A maternidade era

²⁰⁴ *El Independiente* de 4 de agosto de 1893. n. 1760. ano 7. p. 1.

²⁰⁵ *El Independiente* de 10 de março de 1892. n. 1335. ano 6. p. 1.

vista como a principal missão da mulher e para que ela pudesse melhor educar as futuras gerações deveria se emancipar intelectualmente. Assim, a mulher ilustrada não seria apenas a boa gestora e educadora dos filhos, seria consciente de suas responsabilidades frente à sociedade.

No Paraguai, durante o século XIX, poucas mulheres tiveram acesso à educação superior. Os números aumentaram com a imigração e com o desenvolvimento do projeto liberal para o pós-Guerra. As correntes imigratórias, provenientes sobretudo da Europa, desde o final da Guerra, foram determinantes para difundir a importância da educação feminina. Nas primeiras décadas do pós-Guerra, numerosos estrangeiros de origem européia constituíram família, exercendo grande influência cultural junto à população de Assunção. Muitos costumes no Paraguai eram comuns e estendidos a toda a população, no entanto, algumas famílias chegaram a se diferenciar, sendo reconhecidos como um novo grupo social: pelo sobrenome, pela adoção de alguns modismos europeus ou pela educação.²⁰⁶

As portas dos estudos universitários foram abertas através do exercício do magistério. Entre as professoras, receberam destaque as irmãs Adela e Celsa Speratti²⁰⁷, consideradas as primeiras docentes no imediato pós-Guerra:

Estas dos compatriotas con título de maestra normal obtenido en la Escuela Normal de la Concepción del Uruguay (Provincia de Entre Rios), llevan ya, á más de los conocimientos, una larga práctica en la carrera del profesorado, han desempeñado sucesivamente puestos de profesoras y secretarias en la mencionada escuela y en la de la ciudad de Corrientes. Últimamente han salido para Buenos Aires, donde se las ha ofrecido la dirección de uno de los establecimientos de educación de dicha ciudad. De las señoritas de Speratti, podemos decir con razón, que son modelos de virtud y nobleza.²⁰⁸

As irmãs Speratti deram à instrução pública paraguaia um importante passo. Em meio às precariedades no ensino, conseguiram formar um grande número de moças da Capital e localidades próximas. A primeira escola graduada para meninas foi

²⁰⁶ CENTURIÓN, Carlos R. **Historia de la cultura paraguaya**. Asunción: Biblioteca "Ortiz Guerrero", 1961. pp. 456-459.

²⁰⁷ Adela, terminando o seu curso básico, foi incorporada como professora em 1886; em 1889 o mesmo ocorreu com sua irmã Celsa Speratti.

²⁰⁸ **La Democracia** de 13 de fevereiro de 1890. n. 2592. ano 10. p. 1.

a *Escola de Mestres* que, mais tarde, em 1896, no governo do Presidente Juan Bautista Egusquiza, daria origem a *Escola Normal de Mestras*.²⁰⁹ Segundo o *Anuário Estadístico de 1887*, dos 448 educadores, 33% (148) eram mulheres.²¹⁰

No final da década de 1870 e na década de 1880, aconteceram fatos importantes no campo da educação. Em 1877, foi criado o Colégio Nacional, por Benjamín Aceval, instituição que, mais tarde, se constituiria na base para a construção de uma universidade. Em 1880, voltou a funcionar o *Seminario Conciliar* que, em 1882, recebeu os primeiros acadêmicos do curso de Direito, constituindo no mesmo ano a Escola de Direito.²¹¹ Em 1889 foi criada a Universidade Nacional, projeto de autoria do Senador José Segundo Decoud, que criaria os colégios em Villarrica, Encarnación, Pilar e Concepción.

A Universidade cumpriu um papel importante na formação dos dirigentes políticos paraguaios, preparando os quadros superiores da administração pública. Para Efraim Cardozo, o surgimento da Universidade Nacional marcou o fim de uma etapa: *“La regeneración de la patria, después de una gran catástrofe, daba sus primeros frutos intelectuales”*.²¹² Cecilio Báez que posteriormente teve uma relevante atuação acadêmica e política no país, destacou o significado deste acontecimento: *“nada menos que nuestra independencia intelectual, que era lo que al Paraguay le faltaba para ser una nación verdaderamente autónoma”*.²¹³

Enfim, através da educação era esperada uma melhoria geral das condições do país, tanto no aspecto social quanto no aspecto econômico. A imprensa acreditava que educar a mulher também melhoraria o seu desempenho como mãe ou esposa, contribuindo assim para o fortalecimento da Nação. Além disso, aprimorar o conhecimento e estimular a moralidade eram vistos como aspectos aliados à educação. Aos poucos, conforme a classe social, um novo estilo de vida e dos

²⁰⁹ GANSON, Bárbara. *Las Consecuencias Demográficas y Sociales de la Guerra de la Triple Alianza*. 1985. p. 28. Entre as principais professoras do pós-Guerra destacamos: Adela e Celsa Speratti, Asunción Escalada, Maria Felicidad González, Serafina Dávalos, Concepción Silva, Aparicia Frutos, Rosa Pena de González e Rosa Ventre.

²¹⁰ Determinadas profissões eram exclusivas de homens, como o exercício da medicina (com exceção de um pequeno grupo de parteiras que estudaram na Escola de Obstetrícia), química, veterinária e odontologia. DECOUD, Arsenio López. *Álbum Gráfico de la República del Paraguay*. Buenos Aires: Compañía General de Fósforos, 1911. pp. 283; 288-289.

²¹¹ RIVAROLA, Domingo M. *Informe Nacional sobre Educación Superior en Paraguay*. Caracas: IESALC-UNESCO, 2002. pp. 8-9.

²¹² CARDOZO, Efraim. *Breve historia del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1996. p. 126.

²¹³ *Idem*. p. 126.

costumes civilizados “obrigaram” a população a controlar os excessos e a regular os comportamentos em todos os setores.

Partindo de iniciativas diversas, com objetivos comuns, no sentido da ordem e do controle social, da higiene e dos bons costumes, da limpeza e estética da Capital paraguaia, num discurso compassado pela filantropia e pela caridade, e com apoio declarado do Estado, da Igreja e da imprensa, Assunção tentava ingressar na modernidade, mesmo com todos os problemas econômicos e sociais gerados pela Guerra. Para tanto, nada melhor que a mulher - mulher da elite - para cuidar dos necessitados, pois, para a imprensa, elas cumpriam com uma atribuição compatível à sua natureza. Ocuparam um espaço de poder que justificava sua presença no espaço público, rompendo com preceitos que as condenavam a permanecer nos lares. É importante perceber que essas mulheres foram um modelo para as mulheres das classes desfavorecidas, transmissoras de valores e agentes de controle sobre os setores populares e, do mesmo modo, encontraram meios para transcender o espaço doméstico, fazendo-se presentes na esfera pública.

3. A EXTENSÃO DO LAR. CUIDADOS, CARIDADE E FILANTROPIA

Com o fim da Guerra, a elite política paraguaia canalizou seus esforços na constituição da ordem social e do Estado que devia alinhar-se ao caminho da modernidade. Buscava-se, dessa forma, instaurar a civilização deixando para trás a barbárie das décadas anteriores. Nesse período, a condição social das mulheres paraguaias se diferenciou segundo a classe social. As mulheres economicamente desprivilegiadas tinham poucas condições para sair da pobreza, de modo que os setores populares tiveram que se adaptar à nova realidade cultural e socioeconômica. Para o Estado, a desordem social era uma ameaça e impôs um modelo de sociedade e de família, no qual a mulher foi conclamada para ocupar o lugar principal de uma nova ordem moral na sociedade. Nesse sentido, diferentes instâncias de poder atenderam às demandas dos diferentes setores da sociedade, entre elas as instituições de caridade que tinham um forte vínculo político com as elites.

A tentativa de instalar um governo liberal se chocava com a anarquia presente no pós-Guerra, já que a maior parte da população era, aos olhos da elite, desprovida de moral, devido à miséria e à pobreza. A assistência aos pobres e aos necessitados era prestada pelas Sociedades de Beneficência existentes em Assunção, que tinham na liderança feminina seu maior trunfo de elite. A posição de classe, na época, permitiu que as mulheres estivessem à frente dessas instituições, cuidando da administração de hospitais e asilos e através da imprensa fossem ouvidas nos principais jornais paraguaios do pós-Guerra. A mulher da elite, protegida por seu *status*, ganhou destaque diferente na imprensa: devia ser caridosa, elegante e amorosa, um modelo muitas vezes distante da realidade paraguaia; ou seja, ao fazer caridade a elite objetivava muitas vezes a projeção social, o que conseguia através da imprensa.

Os problemas sociais gerados pela Guerra estimularam a prática da caridade, que, por sua vez, contribuiu para retirar as mulheres do confinamento do espaço doméstico. Visitar doentes, recolher e distribuir donativos, organizar festas e campanhas beneficentes, construir e manter instituições de caridade, entre outras atividades afins, demandavam intensas relações sociais entre os gêneros. Os bailes e

outras festas caritativas eram geralmente organizados por mulheres, sendo um meio para aumentar a visibilidade social.

Os conceitos de caridade, beneficência, filantropia podem, muitas vezes, confundir-se. A caridade e a beneficência aparecem com maior freqüência e associadas à tradição católica. A filantropia, no entanto, começa a aparecer com mais força ao final do século XIX, com o fortalecimento do Estado, permeado pela ideologia liberal e pela influência do positivismo republicano, que demarcará seus contornos. De todo modo, a caridade e a filantropia, nos limites deste trabalho, não são entendidas de forma antagônica, visto que se encontram ambas indissociáveis à questão da pobreza, do socorro aos pobres e, posteriormente, do controle social sobre eles.

Para Dorice Williams Elliott, o termo filantropia refere-se a grandes doações de qualquer tipo de instituição sem fins lucrativos; no século XVIII, filantropia e caridade poderiam ser usadas alternadamente no sentido de ter amor pelos semelhantes ou em esforços práticos para ajudar os necessitados. No entanto, o termo caridade é mais freqüentemente usado para indicar os esforços tradicionais, cristãos e que procura ajudar os pobres e necessitados, enquanto que a filantropia é mais secular, institucionalizada e sistematizada. Porém, para a autora, no século XIX, os termos caridade e filantropia são freqüentemente utilizados como sinônimos e usados indistintamente.²¹⁴

Tratamos a seguir da ação benemerente organizada pelas mulheres da elite paraguaia que cuidavam de, praticamente, todas as categorias de necessitados: assistiam os doentes, formavam e encaminhavam órfãos e crianças, abrigavam velhos e inválidos. Objetivamos compreender, inicialmente, como a imprensa apresentou as ações benemerentes e a atuação das mulheres da elite junto às Sociedades de Beneficência da Capital. Abordamos também aspectos relacionados ao Hospital de Caridade, o maior beneficiário desta ação na época e a proteção à infância, uma missão atribuída às mulheres e fortalecida por um discurso sobre a maternidade e as aptidões domésticas da mulher. Por fim, apresentamos os principais eventos sociais destinados à “celebração” da caridade, uma maneira de perpetuar o poder da elite política e estimular a sociabilidade.

²¹⁴ ELLIOTT, Dorice Williams. **The Angel out of the House: Philanthropy and Gender in Nineteenth-Century England.** Virginia: The University Press of Virginia, 2002. p. 12.

3.1. En nombre de la caridad. A Caridade e seus significados

La caridad para con los niños, los huérfanos, los ancianos, los desamparados de todo o género, es acción noble, que despierta la simpatía de cuantos saben compadecer los humanos dolores.

La Democracia de 08 de julho de 1881. n. 52. ano 1. p. 1.

Os discursos acerca da ação caritativa, envolvendo as Sociedades de Beneficência, eram acompanhados de ideais cristãos, nacionalistas e humanitários e, dessa forma, segundo a imprensa paraguaia da época, era possível atingir o progresso e ser reconhecida como uma Nação desenvolvida.²¹⁵ Em parte, as práticas beneficentes sob tutela da classe dominante, eram coerentes com a visão liberal da época. Além disso, era igualmente interessante tornar o país potencialmente atrativo, tanto para os imigrantes quanto para a imagem que era apresentada fora do Paraguai.

Para Bronislaw Geremek, tanto o discurso filantrópico, presente desde o século XIX, quanto a doutrina cristã, encaravam o problema da pobreza como algo degradante da existência humana, o que ensejou atitudes de piedade e caridade. No caso dos movimentos filantrópicos, uma das suas características era a de não analisar os motivos geradores da condição de vida das populações pobres, pois a filantropia fundamentou-se na beneficência individual e na idéia de que a ajuda aos pobres deveria vir da iniciativa dos particulares. É uma atividade que se pretendia estar inspirada por motivações mais elevadas do que as que movem a assistência pública estatal. Tratava-se, portanto, da laicização do “mandamento do amor ao próximo”, ao mesmo tempo em que se buscou o estabelecimento de uma coexistência entre particulares e Estado no controle da felicidade social.²¹⁶

Na França, por exemplo, ocorreu uma diferenciação entre os conceitos de caridade e de filantropia. Conforme Chaterine Duprat, a laicização da filantropia, ao

²¹⁵ Buscando o exemplo do que ocorreu no México no mesmo período, a “ordem e o progresso” não significaram somente o desenvolvimento econômico, mas também a moralização e a civilização de todos os grupos sociais. Leis que consideravam critérios morais tinham o objetivo de controle social. PADILLA, Antonio. Pobres y criminales. Beneficencia y reforma penitenciaria en el siglo XIX en México. **Secuencia**. México, n. 27. 1993. p. 49.

²¹⁶ GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a força**. História da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1995.

esvaziá-la da gratificação espiritual, diferenciou-se da caridade e deslocou seu foco para o bem comum, o progresso moral e social, reforçando seu vínculo com a sociabilidade. Talvez a maior diferença entre a caridade e a filantropia esteja não na ação propriamente dita, mas nos meios de realizá-la, pois a caridade, por ser obra piedosa, pressupõe a abdicação de toda vaidade de seu autor, propondo o anonimato como valor máximo, enquanto que a filantropia, por ser um gesto de utilidade, tem na publicidade sua arma, visto que provoca a visibilidade da obra.²¹⁷

Para sustentar o poder e a influência, as Sociedades de Beneficência de Assunção buscavam em outros países, especialmente na Argentina, as referências e as experiências dessas instituições.²¹⁸ Andrés Thompson, ao analisar as motivações que impulsionaram a criação das instituições de caridade na Capital argentina, menciona entre os distintos e antagônicos fatores ideológicos, a imigração, as influências religiosas internas e externas. Além disso, segundo o autor:

un decisivo y decidido papel de la mujer y problemas sociales de variado tipo fueron confluyendo e imbricándose de tal manera que delinearon distintas matrices en las que se encuadró el accionar de estas organizaciones. Ellas fueron un fiel reflejo, generalmente relegado a un nivel secundario en los análisis históricos, de cómo se fueron conformando las relaciones entre el Estado y la sociedad en la Argentina.²¹⁹

As Sociedades de Beneficência - ao menos os casos do Brasil e da Argentina - apresentavam-se, desde a época colonial, associadas ao ideário liberal e a um forte peso da influência católica em seus ideais. *“Caridade e filantropia determinam os cuidados ou socorros oferecidos dentro de uma estrutura de assistência constituída em âmbito privado que, no entanto, possuía caráter de serviço público, recebendo*

²¹⁷ DUPRAT, Chaterine. **Usage et pratiques de la philanthropie — pauvreté, action sociale et lien social, à Paris, au cours du premier XIX^e siècle**. Paris: Comité d'Histoire de la Sécurité Sociale. 1996. p. 54. Ver também: FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Rio de Janeiro: 2006. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2006. p. 101 e SANGULAR, Gisele Porto. **Entre os salões e o laboratório**: Filantropia, mecenato e práticas científicas. Rio de Janeiro, 1920-1940. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ, 2005. pp. 29-31.

²¹⁸ Há de se considerar que Buenos Aires, ao menos na última década do século XIX, se encontrava no desenvolvimento para uma sociedade moderna, capitalista e burguesa e sua população era maiormente urbana e alfabetizada.

²¹⁹ THOMPSON, Andrés. El "tercer sector" en la historia Argentina. **CEDES**. Buenos Aires, Enero 1994. p. 4.

apoio e subvenção do Estado”.²²⁰ Este tipo de sociedade civil estabeleceu novas relações com as instituições públicas, de tal modo que delimitavam igualmente novas fronteiras na divisão entre o espaço público e privado.

As Sociedades de Beneficência eram entidades privadas criadas, muitas vezes, pelo Estado para cumprir funções públicas.²²¹ No caso argentino, a criação dessas Sociedades se deu pela falência que havia acarretado a transferência dos hospitais à administração municipal. Diante dos problemas enfrentados, foram essas entidades que assumiram o papel de *“cuidadoras de la salud del cuerpo social”*²²² José Luis Moreno assim define essa ação: *“cuando un grupo de individuos recibe ayuda sistemática de una institución creada a tales fines (...) nos encontramos frente a una organización de beneficencia. Cuando las organizaciones de beneficencia se incorporan plenamente al aparato burocrático del estado, la ayuda a los pobres se transforma en política social”*.²²³

Pablo Vagliente, ao avaliar as Associações de Córdoba, entre 1850 e 1880, confirma que *“estas asociaciones auxiliares estaban integradas por miembros de la élite, y, además, su accionar social estaba signado por los intereses que ella definía”*, e, neste período, *“las asociaciones de caridad y beneficencia operan como si fueran prolongaciones institucionales de la Iglesia”*.²²⁴ Neste contexto, a Igreja Católica manteria o domínio dos setores sócio-culturais, que, no caso de Córdoba, as novas formas de associativismo caritativo e filantrópico terminaram por reproduzir esse “matrimônio” e, desse modo, *“las sociedades de beneficencia tendrán un indudable*

²²⁰ No Brasil, as Sociedades de Beneficência tinham um caráter diferente, elas normalmente eram Sociedades de Socorros Mútuos. Neste caso, as Irmandades da Santa Casa de Misericórdia desempenharam um papel semelhante. TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência**: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas-RS (1847-1922). Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, 2007. p. 148.

²²¹ Ainda, segundo Cláudia Tomaszewski, as Sociedades de Beneficência organizadas nos países formados a partir das áreas de colonização espanhola são normalmente criadas pelos respectivos Estados e substituem as irmandades religiosas que têm seus bens confiscados pelo Estado. Para a autora, a questão não era a fiscalização ou relação próxima com o Estado, mas a autonomia e a garantia de posse dos recursos materiais para a prática da assistência. TOMASCHEWSKI, Cláudia. Caridade, assistência, misericórdias e beneficências na construção do estado no Brasil e América Latina do século XIX um exercício de comparação a partir da bibliografia. Trabalho apresentado no **IV Congresso Internacional de História**. pp. 2111-2124. Disponível na Internet em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/610.pdf>, consulta realizada em 10 de novembro de 2009.

²²² MORENO, José Luis (Org.). **La política social antes de la política social**. Caridad, beneficencia y política social en Buenos Aires siglos XVII a XX. Buenos Aires: Ed. Trama Editorial /Prometeo Libros, 2000. p. 6.

²²³ *Idem*. p. 6.

²²⁴ VAGLIENTE, Pablo. La asistencia social por fuera del estado. Córdoba, Argentina, mediados del siglo XIX. In: HEINZ, Flávio Madureira; HERRLEIN JR, Ronaldo (Org.). **Histórias Regionais do Cone Sul**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004. pp. 435-459.

*sesgo religioso y femenino, a partir del protagonismo, primero, de las matronas, y luego, de las 'niñas' o 'señoritas'".*²²⁵

No Uruguai, de acordo com Gonzalo Rodríguez Doldán, a influência do liberalismo se deu a partir da metade do século XIX. Isso permite encontrar uma distinção entre as concepções de ação social: a caridade como virtude cristã e como expressão própria dentro daqueles que atuavam no catolicismo; a filantropia como virtude humanística e como expressão usada por aqueles identificados pelo anti-clericalismo - entre eles incluem-se os racionalistas, os liberais e os maçons e, por outro lado, a beneficência como expressão utilizada pelo governo, sem comprometer-se com os modelos anteriores.²²⁶

No caso uruguaio, a atuação dos católicos, através de bazares, doações e concertos, esteve organizada em torno *Sociedad San Vicente de Paul*, fundada em 1857. Já a filantropia uruguaia foi impulsionada pela maçonaria que, em 1843, criou a *Sociedad Filantrópica* e, em 1892, fundou sua principal instituição, a *Sociedad Filantrópica Cristóbal Colón*. Outros, no entanto, compartilhando de uma filosofia liberal, distanciando-se de católicos e maçons, fundaram as Sociedades de Beneficência juntamente com o apoio de imigrantes estrangeiros. Em sua maioria eram responsáveis pela administração de escolas, asilos e hospitais que eram administrados pela elite uruguaia e, em alguns casos, contavam com o apoio das religiosas, como as *Hermanas de Caridad, Vicentinas, del Buen Pastor e Hijas de María*.²²⁷

Um conjunto de investigações históricas sobre as organizações femininas de beneficência na América Latina valoriza o papel das mulheres e de suas organizações. Através de um exame destas instituições, - organizadas, em sua maioria, por mulheres da elite - podemos ter outra compreensão a respeito das origens dos Estados de bem estar social na América Latina e de elementos e circunstâncias que colaboraram na

²²⁵ Em Córdoba, a primeira Sociedade de Beneficência foi uma criação estatal, em 1855, pelo governador Alejo C. Guzmán. Porém, seu funcionamento não permite pensá-la como uma entidade estatal, pois desempenhava suas funções com muita liberdade, tendo que comunicar ao governo e esperar a aprovação de suas diretorias e o ingresso de novas sócias. VAGLIENTE, Pablo. El asociativismo comparado: Buenos Aires y Córdoba en la etapa de la explosión asociativa (1850-1890). Trabalho apresentado na **Segunda Jornada de História Regional Comparada**. Disponível na Internet em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h1-05.pdf>, consulta realizada em 10 de novembro de 2009.

²²⁶ RODRÍGUEZ DOLDAN, Gonzalo. **Primera guía uruguaya de fundaciones**. Montevideo: Universidad Católica del Uruguay, 1995.

²²⁷ **Idem**. Ver também: BARRÁN, José Pedro. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. El disciplinamiento (1860-1920). Tomo 2. Montevideo: Banda Oriental, 1990.

construção de um feminismo liberal.²²⁸ Na Argentina, após a fundação das Sociedades de Beneficência, as mulheres assumiram um papel relevante: *“no se trataba solamente de una organización orientada hacia la provisión de servicios de asistencia social sino que incorporaba una idea moralizadora de los pobres, encomendando a las mujeres patricias su cumplimiento”*.²²⁹

Na historiografia Argentina, a ação caritativa e o papel desempenhado por essas mulheres assumem duas direções.²³⁰ A obra de Emilio Tenti Fanfani argumenta que a centralização outorgada à mulher nas tarefas de beneficência estava embasada na dominação de gênero, que homens e mulheres desempenhariam atividades na sociedade de acordo com seu sexo. Essa dominação encontra justificativa na ordem natural, na posição social e no ordenamento moral.²³¹ Segundo esta visão, a centralização feminina na beneficência estava relacionada às elites de Buenos Aires, já que a grande maioria era de mulheres recrutadas entre as esposas e parentes mais próximos dos grandes proprietários de terras e comerciantes da Capital. Ainda, de acordo com Tenti Fanfani, a condição de ser mulher devia agregar qualidades morais, bem como a sua condição econômica e instrução, derivados de sua classe social.²³²

Na visão de María Inés Passanante, baseada na análise das idéias de Bernardino Rivadavia²³³, o aperfeiçoamento intelectual e moral da mulher era um fator

²²⁸ SOBRADO, Ana María Botey. De la beneficencia a la filantropía “científica”: la fundación de La Gota de Leche (1913). *Diálogos*. Revista Electrónica de Historia, IX Congreso Centroamericano de Historia. 2008p. 1339.

²²⁹ THOMPSON, Andrés. *Op. cit.*, 1994. p. 18.

²³⁰ Sobre o tema, citamos as seguintes referências: CIAFARDO, Eduardo. Las Damas de Beneficencia y la participación social de la mujer en la ciudad de Buenos Aires, 1880-1920, *Anuario del IEHS*, n. 5, 1990, pp. 161-170; CICERCHIA, Ricardo. Las vueltas del torno: claves de un maltusianismo popular. In: FLETCHER, Lea (Org.). **Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX**. Buenos Aires: Feminaria, 1994. pp. 196-206; LEANDRI, Ricardo González. Caridad y Filantropía en la ciudad de Buenos Aires durante la segunda mitad del siglo XIX. In: ARMUS, Diego (Org.). **Sectores populares y vida urbana**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 1984. pp. 251-258; GUY, Donna. Niños abandonados en Buenos Aires (1880-1914) y el desarrollo del concepto de madre. In: **Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX**. FLETCHER, Lea (Org.). Buenos Aires: Feminaria, 1994. pp. 217-226; LANDABURU, Alejandra; FERNÁNDEZ, María Elena; MACÍAS, Flavia. Esfera pública, moralidad y mujeres de la elite. La sociedad de Beneficencia de Tucumán. In: **Temas de mujeres**. Perspectivas de género. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1998; NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**. Buenos Aires: Biblos, 2004. SABATO, Hilda. **La política en las calles**: entre el voto y la movilización (Buenos Aires, 1862-1880). Buenos Aires: Sudamerica, 1998; DALLA CORTE, Gabriella; PIACENZA, Paola. **Alas puertas del hogar. Madres, niños y damas de la caridad en el Hogar de huérfanos de Rosario** (1870-1920). Rosario: Prehistoria, 2006.

²³¹ Dorice Williams Elliott faz um relato da história da filantropia do século XVIII para o século XIX, examinando os romances e outros textos na Inglaterra da era vitoriana. Menciona que a participação das mulheres no trabalho voluntário parecia ser uma extensão natural do seu papel doméstico, um trabalho ideal para uma mulher. Representadas como mães e esposas, com qualidades que associavam simpatia, carinho e emoção, justificaram que elas poderiam assumir o dever de cuidar dos pobres, ou seja, uma conexão entre o trabalho de caridade e os trabalhos domésticos. ELLIOTT, Dorice Williams. *Op. cit.*, 2002. pp. 10-11.

²³² TENTI FANFANI, Emilio. **Estado y pobreza**: estrategias típicas de intervención. Vol. 1 y 2. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1989.

²³³ Bernardino Rivadavia (1780-1845) foi o primeiro Presidente da Argentina, de 08 de fevereiro de 1826 a 07 de julho de 1827. Em 1821 foi Ministro de Governo da província de Buenos Aires, do então governador Martín Rodríguez. Durante os 5 anos seguintes, Rivadavia exerceu uma forte influência, e focou principalmente nos melhoramentos da cidade de Buenos Aires, tornando-a uma cidade com ares mais europeus.

de progresso social. As idéias de Rivadavia eram consideradas avançadas para a época, pois não se referia somente ao trabalho beneficente como sinônimo de sensibilidade feminina, mas defendia também a participação da mulher no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a sua independência.²³⁴

Para Andrés Thompson, as idéias rivadavianas seriam um tanto revolucionárias ou “*casi feministas*”, já que “*estaba convencido que era preciso luchar contra la creencia de la inferioridad de condiciones de la mujer para el trabajo. Secularización y feminismo parecerían ir de la mano: la mujer no sólo ejerce la caridad sino que lo hace en nombre del Estado, quien le encomienda esa tarea*”.²³⁵ Ainda, de acordo com Passanante, a tarefa feminina nas Sociedades de Beneficência, no campo educativo, leva a crer que o Estado estava preocupado com a condição e o bem-estar feminino. Por um lado, o Estado atribuía a ela a participação social, outorgando uma atividade e uma função específica, a organização da caridade pública, sendo a responsável pela administração direta da instituição; por outro lado, é depositada nela a função de enaltecimento da Nação.²³⁶

Com o final da Guerra, na tentativa de reconstrução nacional, foram as instituições de caridade que prestaram a assistência aos doentes, pobres, órfãos e mendigos da Capital paraguaia. O governo era o representante de uma classe dominante e politicamente com relações muito próximas com a imprensa do momento. Assim, a consolidação do pensamento liberal, de certa forma, valorizava um discurso onde afloravam as virtudes femininas associadas à ação caritativa, enquanto os homens, através da imprensa, discutiam as ferrenhas rivalidades políticas, sustentando os interesses de suas agremiações partidárias.

Não se tratava de mulheres comuns, mas mulheres de uma elite, vinculadas a uma trama de relações dentro dos grupos dominantes de Assunção, o que demanda, ao focalizarmos esse envolvimento feminino, uma articulação das relações de gênero, classe e poder. A atuação dessas senhoras significava a ampliação de um espaço de

²³⁴ PASSANANTE, María Inés. **Pobreza y acción social en la historia argentina**. De la beneficencia a la seguridad social. Buenos Aires: Humanitas, 1987.

²³⁵ THOMPSON, Andrés. **Op. cit.**, 1994. p. 19. Durante este período, a beneficência argentina estava em mãos de particulares ou de ordens religiosas. A criação da *Casa de Niños Expósitos*, na época colonial, e da *Sociedad de Beneficencia*, em 1823, durante o governo de Rivadavia, podem ser considerados os antecedentes mais significativos da presença do Estado em questões caritativas. Porém, o Estado não incorporou a beneficência dentro de seu aparato burocrático, sendo em alguns casos apenas seu colaborador.

²³⁶ PASSANANTE, María Inés. **Op. cit.**, 1987.

ação dentro da própria classe e, ao mesmo tempo, definia os ideais de gênero a partir da ação daquelas mulheres. Ou seja, pode-se dizer que nas Sociedades de Beneficência a elite se posicionava com condutas que deveriam servir de exemplo e inspiração para toda a população. Com isso, a valorização da ação caritativa e a construção da família estavam na pauta da caridade feminina, sendo um componente que fortaleceu a identidade de gênero junto à sociedade da época e implicou um novo vínculo social que modificou de maneira gradual a posição das mulheres da elite.

As relações entre assistência e poder revelam outros atores sociais. As ações de caridade ligadas a um espírito humanitário de ajuda ao próximo são também estratégias de construção de uma imagem de prestígio social e econômico. A caridade era uma prática política cumprida pelas senhoras da elite e tal como para os homens, os atos caritativos funcionavam como uma via para garantir prestígio social. Joan C. Tronto fornece um enquadramento teórico útil para pensarmos o cuidado como um conceito político, centrado na pluralidade e diversidade de necessidades, interesses e situações da vida.

Na sociedade ocidental, é no cuidado que se evidenciam as dimensões mais profundas da diferenciação tradicional entre homens e mulheres. De acordo com Tronto, *“cuidar é uma atividade regida pelas mulheres tanto no âmbito do mercado quanto da vida privada. As ocupações das mulheres são geralmente aquelas que envolvem cuidados, e elas realizam um montante desproporcional de atividades de cuidado no ambiente doméstico privado”*.²³⁷ Tronto defende o cuidado não apenas como uma atitude de compaixão, alteridade e reconhecimento, mas também como um ato moral e de responsabilidade. Mesmo sendo uma relação complexa, a extensão da ética do cuidado reflete nas relações da vida privada e nas mais distantes relações da vida pública.²³⁸

Antes é necessário compreender como a imprensa representava essa ação e os atos de benemerência praticados como uma peculiaridade da elite local. Ao estabelecer um diálogo com os diferentes jornais, procuramos destacar os diferentes discursos na imprensa no sentido de entender como as ações caritativas foram

²³⁷ TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso? In: JAGGAR, A.; BORDO, S. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997. p. 189.

²³⁸ TRONTO, Joan. C. Care as a Political Concept. In: HIRSCHMANN, Nancy J.; DI STEFANO, Christine (Orgs.) **Revisioning the Political: Feminist Reconstructions of Traditional Concepts in Western Political Theory**. Colorado: Westview Press, 1996. pp. 139-155.

interpretadas, seja pelo governo, sejam pelos demais conjuntos da sociedade da época que se expressavam através dos jornais. A imprensa paraguaia foi decisiva para dar eco aos problemas enfrentados, noticiando as ações do Estado e em especial, das instituições de caridade, que, segundo a imprensa, era ilustrada como um dom feminino: “¿hay alguna cosa terrena mas cara, mas dulce y que suscite en el alma emociones mas tierna que la caridad cuando esta ejercida por una mujer?”²³⁹

Cuidar do espaço público era tarefa que exigia uma reorganização radical da família, do trabalho e dos costumes. Nessa perspectiva, o projeto de reforma urbana, para além do sentido manifesto de melhorar a qualidade de vida da população, tinha fortes bases ideológicas e morais. “*Socorros a las familias paraguayas*”, de 07 de janeiro de 1870, é o título do artigo do **La Regeneración** que visava motivar as doações no sentido de “*socorrer a las desgraciadas familias paraguayas, donde se ira recogiendo el óbolo que cada uno buenamente quiera dar*”.²⁴⁰ O objetivo do Triunvirato - integrado por Cirilo Antonio Rivarola, Carlos Loizaga e Jose Dias de Bedoya – era, inicialmente, socorrer as mulheres e as crianças órfãs para “*llevar a cabo la grande y gloriosa obra de nuestra regeneración política y social*”.²⁴¹

Os primeiros anos da década de 1870 foram de extrema dificuldade para a população em geral, isto porque parcela significativa dos camponeses pobres dirigia-se para a Capital em busca de auxílio. Como a questão social no imediato pós-Guerra era grave, a imprensa buscava constantemente o apoio da população. Intitulado “*Socoros á los desgraciados*”, **La Regeneración** manifestou-se da seguinte maneira: “*Como lo verán hoy nuestros lectores, la situación que hemos levantado para socorrer las familias pobres y á los huérfanos, todos los días aumentan. No esperamos menos del filantrópico pueblo paraguayo, que no puede ser indiferente con la desgracia del sus hermanos*”.²⁴² A Guerra trouxe a pobreza e junto com ela outros tantos problemas. Nos dizeres do **La Regeneración** a República apresentava-se diante de uma triste situação:

²³⁹ **La Pátria** de 05 de fevereiro de 1875. n. 229. ano 2. p. 1. **La Pátria** publicou entre março 1874 e outubro de 1875. Diário político-comercial foi fundado por Francisco Martínez e redigido por José C. Mazó. Seu redator e diretor foi Teodoro Chacón. Era o órgão oficial do governo e deixou de ser publicado para dar lugar ao **La Reforma**. Era composto pelas seguintes seções: *edición, seccion oficial, seccion parlament, variedades, boletim do dia, edictos judiciaes, remates e avisos*.

²⁴⁰ **La Regeneración** de 07 de janeiro de 1870. n. 39. ano 2. p. 2.

²⁴¹ **Idem**.

²⁴² **La Regeneración** de 19 de janeiro de 1870. n. 44. ano 2. p. 2.

animados del más vehemente deseo para aliviar la miseria y la orfandad que afligen a una gran parte de la población, amenazada de innumerables males y de un total exterminio: inspirados en los sentimientos de filantropía y a nombre de la humanidad dolorida que gime, volvemos á recurrir al pueblo para pedirlo su óbolo caritativo con el fin de realizar el noble pensamiento que dejamos indicado.²⁴³

Os deveres de proteção que se cumpriam por meio de uma virtude moral davam sustentação a este espírito filantrópico do imediato pós-Guerra. Naquele momento, o governo provisório foi o responsável pela arrecadação de donativos e através da imprensa conclamava a população a praticar a caridade. Num discurso “comovedor”, pedia a colaboração de todos:

Una limosna por Dios!!! ... pide á gritos implorando la caridad pública, la afligida madre cuyos pechos están secos y ya no tienen leche para alimentar á su tierno hijo y millares de huérfanos desnudos, hambrientos y harapientos que no tienen otro padre ni otra madre que la generosa protección del pueblo. Si vosotros nos los amparáis como á vuestros legítimos hijos perecerán irremediamente de hambre y miseria, y vosotros seréis los únicos responsables y nadie más.²⁴⁴

As crianças e as mulheres eram lembradas como as principais vítimas da Guerra e, nesse caso, seria responsabilidade de todos protegê-los dos males e infortúnios que afetava a sociedade naquele momento. Era preciso, em especial, cuidar das crianças, facilitando o desenvolvimento de suas atitudes frente a um futuro incerto, e que tivessem, ao mesmo tempo, um “bom comportamento” e uma “função” para a sociedade. Igualmente presente nos discursos da imprensa era a associação da benemerência à uma prática cristã:

Pueblo! No olvidéis los sagrados deberes que tenéis para con vuestros semejantes que hoy apelan á vuestros sentimientos de caridad y de filantropía. Acordaos que el Cristo predicó la caridad y para que os amareis los unos á los otros como hermanos. En esta imprenta queda abierta

²⁴³ **La Regeneración** de 30 de março de 1870. n. 73. ano 2. p. 2.

²⁴⁴ **Idem.**

permanentemente una suscripción para todos los que deseen contribuir con algo al noble fin, que nos proponemos. Es preciso que todos sin excepción acudan á contribuir con su óbolo caritativo para el socorro de nuestros hermanos desgraciados cuyo deplorable estado reclama con urgencia la protección pública.²⁴⁵

A caridade assume uma acepção de virtude cristã, aliada à prática de um dever que beneficia mais aquele que exerce do que aquele que necessita. Esse discurso, impregnado de um sentimento de piedade e, muitas vezes, permeado por valores morais cristãos, indica que as mulheres da elite não deixavam de ter um trato confessional com a Igreja. Especialmente quando as *hermanas de la caridad*, vindas de Buenos Aires, se fizeram presentes no Hospital de Caridade é perceptível a manutenção de uma moral cristã, incrementada pela presença religiosa em relação às classes subalternas.

A assistência no abandono, na doença e na morte não tem uma legitimidade no direito, mas em um dever religioso e moral dos mais ricos com os mais pobres. Deste modo, os indivíduos que são o objeto desta assistência não podem reivindicar melhoria na sua prestação ou exigir algum tipo de serviço, já que estão recebendo a ajuda como um dom, não como um direito. A ajuda, nesse sentido, não é percebida como uma obrigação, mas como uma virtude espontânea. Assim, tanto os doadores individuais, quanto os representantes do Estado que concebiam subvenção a instituições de ajuda, compreenderam suas ações como atos de benemerência.²⁴⁶

Ainda tentando compreender o significado que assumia a ação caritativa no período do pós-Guerra, um artigo do **La Reforma** definia o que entendia por caridade e apresentava essa ação como uma atividade essencialmente feminina, vinculada à sua natureza maternal: *“La caridad es un deber para todos, pero este deber se convierte en una satisfacción muy dulce para la mujer, porque es innegable que la mujer ha nacido con la caudal más rico de sentimientos que ele que ha sido otorgado al hombre”*. Restariam, portanto, para as mulheres poucos destinos na sociedade: *“la principal ocupación de la mujer, es el amor”*. Para o homem, contudo, outras funções

²⁴⁵ **La Regeneración** de 30 de março de 1870. n. 73. ano 2. p. 2.

²⁴⁶ TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Op. cit.**, 2007. pp. 148-149.

eram conferidas: “*El cálculo y el trabajo constituye la vida del hombre*”.²⁴⁷ Mulher e caridade, deste modo, eram uma combinação perfeita:

La caridad debe ser, pues, una ocupación en la mujer, por avenirse mejor con su organismo, y con el destino que el cielo le ha deparado sobre la tierra. A la mujer que reciba en su pecho á esta bella hija de la religión, Dios la calmará de dicha y de prosperidades; con la caridad vendrá la esperanza y la fe, y su vida será feliz y estará exenta de pesares, pues no hay dolor que no endulcen esas hijas del cielo.²⁴⁸

Esses discursos reafirmavam as diferenciações de gênero quanto aos papéis sociais, ocupando atividades de cuidado e assistência, principalmente na dimensão do âmbito doméstico. Essa atuação estava pautada em alguns princípios com relação às mulheres: virtudes morais próprias de seu sexo e sua condição na sociedade; virtudes relacionadas ao trabalho, sempre realizado com esmero e as virtudes relacionada à sua aplicação, ou seja, ser útil para uma instituição de caridade. Para o jornal, os espaços femininos eram limitados na sociedade e, para sentir-se uma mulher realizada, ela deveria se dedicar à ação caritativa: “*su poder está en el ascendiente que pueden darlo su dulzura y el exacto cumplimiento de sus deberes, su gloria en la práctica de las virtudes, y su felicidad depende en gran parte de las dulces emociones de la caridad*”.²⁴⁹

A sociedade organiza a distribuição das tarefas entre homens e mulheres numa dimensão sexuada, pautada na dicotomia entre o poder e o saber, hierarquizando socialmente o masculino e o feminino e estabelecendo a inferioridade e a subordinação do segundo pelo primeiro.²⁵⁰ Assim, numa sociedade patriarcal e capitalista, as práticas sociais conservam tarefas masculinas e femininas, criam modalidades de divisão social e sexual das tarefas. Estas ações, segundo Cristina Carrasco,

²⁴⁷ **La Reforma** de 17 de dezembro de 1876. n. 358. ano 2. p. 1.

²⁴⁸ **Idem.**

²⁴⁹ **Idem.**

²⁵⁰ As relações sociais de classe e gênero permeiam toda a sociedade, apoiadas na divisão social e sexual do trabalho. É no campo das relações sociais que para Danièle Kergoat “*se organizam, denominam e hierarquizam as divisões da sociedade privado/público, trabalho manual/trabalho intelectual, capital/trabalho, divisão internacional do trabalho, etc*”. Isto faz com que haja atribuições construídas socialmente de forma diferenciada para homens e mulheres. KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDON, Vera Regina (Org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p 24.

estão diretamente comprometidas com a sustentabilidade da vida humana, na medida em que garantem o atendimento às necessidades diversas e imprescindíveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. À mulher coube o papel de mãe e esposa, responsável pelas tarefas que envolvem afeto e cuidados com relação à família, aos dependentes - crianças, pessoas idosas ou doentes.²⁵¹

Em outro artigo de 20 de setembro de 1882, **La Democracia** enfatiza a importância da beneficência como o “meio seguro para conquistar os corações” e, em troca, receber o carinho, a estima e a admiração de todos: *“La beneficencia es una disposición habitual de contribuir al bienestar de aquellos con quienes nos une nuestro destino, a fin de merecer su benevolencia y gratitud. Puede decirse que la beneficencia no es desinteresada ó sin motivos, pues quien la practica, da y recibe placer.”*²⁵² Aproveitavam a oportunidade para apresentar um modelo pautado na abnegação à caridade, pois quem a pratica terá a recompensa, mesmo promovida por diferentes motivações. Segundo Bronislaw Geremek, *“a atividade filantrópica, traduzindo o desejo humanitário de socorrer outrem, permite que o benfeitor mostre a sua riqueza e afirme publicamente o seu prestígio social”*.²⁵³ Esse trabalho assistencial pode ser compreendido pela análise da reciprocidade, ou seja, eram legitimados pela sociedade de Assunção como abnegados colaboradores e almejavam a projeção e *status* social.

O auxílio aos desvalidos e sofredores é entendido como uma obrigação cristã e um dever de fraternidade humana. Essa ressonância religiosa, muitas vezes implícita, coloca a caridade como um sentimento existente nos homens, concebida por Deus e eleita como uma das virtudes mais nobres e grandiosas da humanidade e que sem ela não existiria uma base segura na sociedade. A dimensão religiosa cristã que impunha um sentimento de amor ao próximo fica exemplificada no trecho da reportagem: *“dirigiéndolas siempre en socorro del desvalido para quien la fortuna ha sido negativa y adversa; todo en el sentido de observar el precepto cristiano que*

²⁵¹ CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org.) **A produção do viver**. Ensaios de Economia Feminista. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2003. p. 16.

²⁵² **La Democracia** de 20 de setembro de 1882. n. 405. ano 2. p. 1.

²⁵³ GEREMEK, Bronislaw. **Op. cit.**, 1995. p. 290.

reassume el significado de caridad en estas pocas palabras: lo que no quisieras para ti no quieras para tu prójimo".²⁵⁴

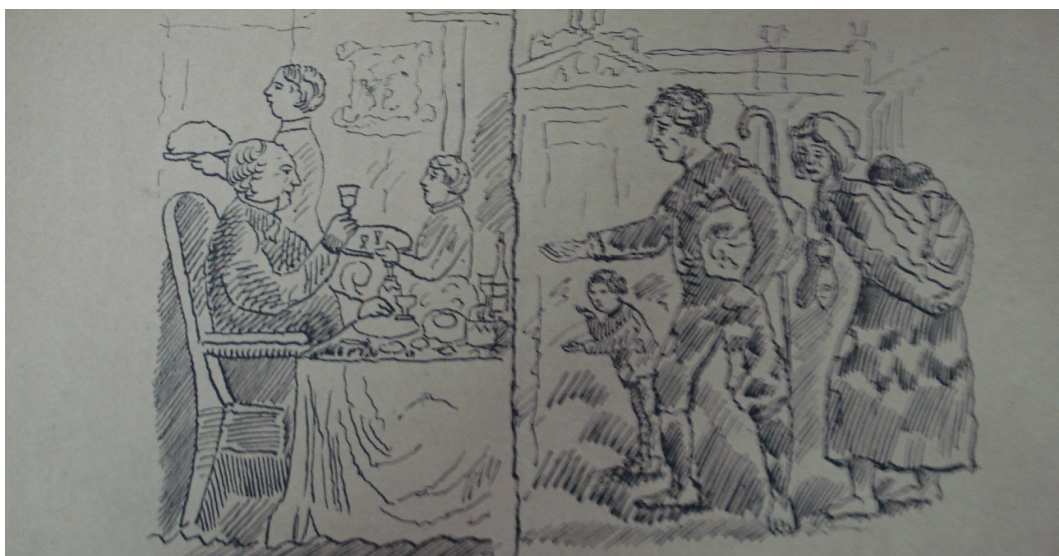
Por piedade cristã e igualmente por valores de civilidade, a elite da época se viu obrigada a fazer algo mais pela população necessitada. A maioria das estratégias do governo articulava, fundamentalmente, mecanismos disciplinadores e repressivos, os quais se mostravam insuficientes. Como alternativa surgiam as Sociedades de Beneficência, conquistando espaço importante na assistência social. Para a imprensa, *"Entre todas las instituciones humanas, las más santas, las más moralizadoras, las más piadosas y las más humanitarias, son las asociaciones de caridad"*.²⁵⁵ Esses discursos apresentam-se como fontes privilegiadas para a análise desses sentimentos e ideologias, uma vez que constituem atos materiais de mobilização em torno de uma causa. Esse conjunto de ações pode ser visto como uma expressão pragmática de uma configuração de idéias, influenciadas por noções de moral. Essa obrigação moral em socorrer o necessitado apresentou-se, através da imprensa, como uma obrigação legal, já que o Estado, não conseguindo prover com exclusividade a ação caritativa, deveria apoiar a ação de terceiros, seja na criação das instituições ou nas atividades realizadas por elas.

El Orden, de 16 de janeiro de 1886, o articulista entendeu que o problema da pobreza residia na distribuição da renda: *"Desde que la riqueza está repartida desigualmente, resulta de esto, aplicado a las condiciones sociales, las dos clases en que se divide el mundo, ricos y pobres"*.²⁵⁶ É um período onde são definidos os lugares da pobreza e da riqueza e, ao mesmo tempo, são atribuídas responsabilidades diante do infortúnio dos outros. A imagem abaixo apresenta uma classe social protegida por seu *status* social e político, enquanto ao lado é apresentada a classe pobre, a maior parte da população da época.

²⁵⁴ **La Democracia** de 14 de setembro de 1882. n. 400. ano 2. p. 1.

²⁵⁵ **La Democracia** de 09 de novembro de 1884. n. 1034. ano 4. p. 1.

²⁵⁶ **El Orden** de 16 de janeiro de 1886. n. 259. ano 2. p. 1.



Los de arriba y los de abajo

La Verdad Autógrafa de 03 de maio de 1885. n. 8. p. 2.²⁵⁷

Era preciso corrigir esse desequilíbrio. A imprensa desejava, em muitos momentos, apurar as causas da pobreza e as deficiências no seu combate, pois a Guerra só havia aumentado as diferenças sociais. Essa “análise científica” foi determinante na vida cotidiana dos indivíduos e em seus comportamentos coletivos. Além de amenizar imediatamente a pobreza, a caridade devia ser preventiva e *“combatir las causas de la indigencia, es decir, prevenirla y la mismo tiempo aliviarla. La caridad bien entendida y aplicada, debe trabajar por destruir la miseria, más bien que socorrerla; debe pues, ser, á la vez preventiva”*.²⁵⁸ Para tanto, era importante uma atuação coletiva e, em resumo, a caridade era vista como uma ação repleta de amor e sem ostentação: *“afectuosa en sus formas, paciente, activa y vigilante, empleando lo que todo hombre emplea cuando quiere sobre aquellos seres que tienen necesidad de su beneficencia”*.²⁵⁹

²⁵⁷ **La Verdad Autógrafa** foi editado pelo ilustrador espanhol Plácido Casaús e consta de 20 exemplares publicados entre 15 de março e 2 de agosto de 1885. O maior destaque deste jornal era ser escrito e desenhado manualmente. Outra particularidade eram as ilustrações enviadas pelo público e depois articuladas com textos de acordo com a linha editorial de cada edição. Em regra, o jornal adotava uma linha editorial bastante crítica e humorística.

²⁵⁸ **El Orden** de 16 de janeiro de 1886. n. 259. ano 2. p. 1.

²⁵⁹ **Idem**.

Juntamente com esse discurso caritativo, é constantemente lembrada a atuação das Sociedades de Beneficência, administradas pelas mulheres da elite. Tinham que cuidar dos doentes, formar e encaminhar órfãos e crianças carentes, abrigar velhos e inválidos, ou seja, havia a necessidade de cuidar e dar alívio para praticamente todas as categorias de necessitados, de maneira especial às vítimas da Guerra. No Paraguai, a iniciativa privada foi quem tomou a dianteira perante os problemas sociais. Essa ação privada com fins públicos é fruto da relação que o Estado manteve com a elite paraguaia que, por sua vez, incumbiu às mulheres a prestação e a administração desses serviços.

3.2. Ações privadas com fins públicos

No es en nombre de un vano filantropismo ni exagerado sentimentalismo que venimos á levantar nuestra humilde voz en pro de la causa de los menesterosos; sino en nombre de la caridad, de la civilización y del patriotismo; y es también en nombre de ellos que los poderes componentes deben votar el aumento de la subvención á las Sociedades de Beneficencia.

La Democracia de 13 de abril de 1888. n. 2038. ano 8. p. 1.

Para entender o surgimento e a atuação das Sociedades de Beneficência no Paraguai é preciso remeter sua origem ao período colonial. A conquista e a colonização da América espanhola foram organizadas em conjunto com a Igreja e o Estado espanhol e este processo trouxe consigo ideologias e modelos institucionais que foram se ocupando de questões educacionais, sociais e sanitárias, demandadas pela necessidade e pela imposição do modelo político e econômico instalado.

Durante quase três séculos, a colonização espanhola se apresentaria em torno de três pilares fundamentais: o Estado, que supervisionava as questões sanitárias, o Clero regular e a Irmandade da Santa Caridade. Caberia, portanto, à Igreja Católica a ação evangelizadora e a prática da caridade; dessa forma, foram particularmente as ordens religiosas, com apoio dos monarcas espanhóis, quem construíram conventos paroquiais, asilos, colégios e universidades.

As reduções jesuíticas, como alternativa evangelizadora, consistiam também uma atividade filantrópica, cujo objetivo era ajudar as viúvas, órfãos, enfermos e os mais pobres. Levando em consideração a independência que gozavam as reduções - fato que culminaria com a sua eliminação no Estado colonial - podemos pensar como uma forma de assistência, ou seja, a assistência dentro das reduções não era o resultado da iniciativa privada, mas uma organização social que se desenvolvia paralelamente ao Estado colonial. As instituições religiosas desenvolviam suas práticas caritativas, de maneira que tanto o Clero regular quanto o Clero secular intermediavam as ações filantrópicas. Enfim, na América espanhola, essas primeiras

associações e ações voluntárias mesclavam o público e o privado, o religioso e o civil e, em especial, serviam como instrumento de intervenção social.²⁶⁰

No início do século XIX, antes dos processos de independência, a caridade cristã, até então praticada, abriu espaço para uma *filantropía señorial*, constituída por cidadãos ilustres que contribuía com doações diretamente ao Estado ou a determinadas instituições sob a responsabilidade de uma congregação religiosa. No caso argentino, como analisa Andrés Thompson, “esta ‘caridad señorial’ de la época colonial, basada en la superioridad religiosa de los ‘notables’ sobre los ‘pobres’ marcaría la historia de lo que pueden llamarse los ‘servicios sociales privados’ en la Argentina, aún después del proceso de secularización”.²⁶¹

No Paraguai, após a Guerra, devido à crescente necessidade de assistência e, ao mesmo tempo, pela ausência do Estado na promoção do bem estar da maior parte da população, foram criadas as Sociedades de Beneficência, sustentadas com recursos privados e recebendo algumas subvenções do Estado. Não se tratava de uma delegação de funções para exercer uma tarefa específica, mas elas eram, em regra, responsáveis por toda a assistência relacionada aos abandonados e, também, às atividades hospitalares. Essas relações com o poder público eram, em geral, marcadas por demandas de cunho social e apoio na obtenção de reconhecimento da sociedade como um todo. Embora fossem instituições de caráter privado, é difícil caracterizá-las tão somente como privadas, pois mantinham uma relação muito próxima ao poder público e, com frequência, afluía a dependência financeira diante dele.²⁶²

²⁶⁰ GANDOLFO, Mercedes. **La Iglesia**. Factor de poder en Argentina. Montevideo: Nuestro Tiempo, 1969. p. 79.

²⁶¹ THOMPSON, Andrés. **Op. cit.**, 1994. p. 12. As Associações de Córdoba, por exemplo, contaram, simultaneamente, com uma múltipla estrutura: “de la de la Nación, la de la esfera pública, la de la sociedad civil moderna, la del capitalismo liberal, la del pacto oligárquico, la de una Iglesia Católica” e o agentes dos grupos dominantes do Estado “son muchas veces los mismos agentes que crean asociaciones”. VAGLIENTE, Pablo. El asociativismo comparado: Buenos Aires y Córdoba en la etapa de la explosión asociativa (1850-1890). Trabalho apresentado na **Segunda Jornada de História Regional Comparada**. Disponível na Internet em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h1-05.pdf>, consulta realizada em 10 de novembro de 2009.

²⁶² As Sociedades de Beneficência que surgiram em Buenos Aires, por exemplo, nasciam pela iniciativa estatal e eram sustentadas parcialmente com fundos do próprio Estado. Cláudia Tomaschewski, ao avaliar o modelo de organização da assistência no Uruguai, Argentina e Brasil afirma: “O primeiro país teria uma organização mais centrada no Estado, possibilitando a promulgação de uma lei de assistência em 1910, o segundo teria parte dos aparelhos sob controle do Estado e outra sob controle das mulheres (com menos peso na política), o terceiro teve quase toda organização da assistência centrada nas irmandades da misericórdia, comandadas por homens que influíam diretamente na política local”. TOMASCHEWSKI, Cláudia. Caridade, assistência, misericórdias e beneficências na construção do estado no Brasil e América Latina do século XIX um exercício de comparação a partir da bibliografia. Trabalho apresentado no **IV Congresso Internacional de História**. pp. 2120. Disponível na Internet em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/610.pdf>, consulta realizada em 10 de novembro de 2009.

O envolvimento das senhoras de caridade com o Estado é uma relação complexa de se avaliar. Importante entender, em nosso estudo, a destacada atuação da elite assuncenha na organização dessas Sociedades, uma vez que elas pertenciam às famílias dos principais políticos e dirigentes do Paraguai da época. É preciso, desse modo, perceber que essas ações visavam reforçar, na maioria das vezes, a posição social de seus pais ou maridos. Isso, em parte, as colocava em uma situação de subordinação como representação de um espaço de poder.

A ação feminina junto as Sociedades de Beneficência possibilitou, ao mesmo tempo, uma abertura social para as mulheres, envolvendo-se em outras tarefas além daquelas previstas para elas; passam a compreender melhor as origens da pobreza e ter uma visão mais ampla e estrutural da sociedade.²⁶³ Enfim, a classe dominante ocupava-se tanto do material como do ideológico, aproveitando a situação para legitimar o seu poder e influência. A entrada na vida pública, para este grupo de mulheres, possibilitou dialogar e negociar com as autoridades e com diversos órgãos do Estado, para poder fazer frente às demandas.²⁶⁴

Por outro lado, ao desempenhar uma função no interior dessas instituições, acionavam uma série de intercâmbios, de contatos com outros espaços de sociabilidade e políticos que, até então, não eram usuais às mulheres. Sem dúvida, havia a necessidade de manter constante interlocução com o poder público, empresários locais, Igreja e representantes de diversas instituições, para que sua atuação realmente se concretizasse. Por meio da experiência na administração das Sociedades de Beneficência, interiorizada através do debate, construindo consensos, realizando eleições, estratégias de gestão, controle e administração, as mulheres da elite ampliaram sua participação na esfera pública.²⁶⁵

²⁶³ PERROT, Michelle. Sair. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1991. p. 509.

²⁶⁴ Na Inglaterra, na metade do século XIX, a filantropia era aceita como o prolongamento natural da esfera doméstica. A mulher visitando regularmente os pobres, asilos, hospitais e até prisões foi definido como uma atividade social, dentro da esfera pública. As mulheres de classe média e alta, ao deixar o lar e visitar as casas dos pobres, usaram sua experiência adquirida no seio da família. Os problemas identificados como públicos caíram sob a análise do social e como um domínio adequado para as mulheres, modificando os espaços na esfera pública e afetando os papéis de gênero e de classe que trilhou o caminho para que muitas mulheres surgissem como trabalhadoras profissionais. ELLIOTT, Dorice Williams. **Op. cit.**, 2002. pp. 112-114.

²⁶⁵ Este é um período onde também se estrutura uma esfera pública em torno da criação de Sociedades de Beneficência. A fronteira entre o público e o privado tornou-se um marco importante nos debates políticos quando os governos procuraram redefinir o escopo da atividade estatal. Ao longo dos séculos XIX e XX, o domínio privado inclui organizações econômicas privadas operando num mercado econômico e visando, de alguma maneira, fins lucrativos, como também uma vasta gama de relações pessoais e familiares. O domínio público incluiu uma série de instituições estatais e paraestatais: das corporações legislativas, judiciais à polícia, serviços militares e secretos, dos serviços sociais a uma variedade de organizações de bem-estar. Entre os domínios público e privado, várias organizações intermediárias surgiram e prosperaram; estas organizações não pertencem ao Estado nem se situam inteiramente

No final de 1869, foi criada a *Comisión Protectora de los Paraguayos Desvalidos y Huérfanos* “con el fin benéfico de socorrer la miseria de las familias paraguayas”.²⁶⁶ Neste Comitê, foram nomeados, respectivamente, Don Manuel de Biedma e Adolf Decoud como Presidente e Secretário. As relações sociais e políticas estabelecidas com o poder local indicam uma relação bastante ampla a respeito das estratégias utilizadas através da imprensa. Predominantemente masculina, entre os organizadores estavam as mais distintas famílias da Capital cujo convite era estendido entre as famílias mais importantes de Assunção:

Un gran pensamiento se pretende llevar á cabo. Se trata de levantar del suelo de la horrible miseria a millares de desgraciadas familias que han vuelto de su larga peregrinación. Para ello, se ha instalado la Comisión de Beneficencia que componen jóvenes distinguidos y también algunas señoritas de las más distinguidas de nuestra sociedad para la dirección de la función. ¡Magnifico pensamiento! A no dudarlo, el público tan filantrópico, prestará toda cooperación para la realización de esta idea salvadora y caritativa. No olvidar se trata de salvar la horrible miseria de las familias paraguayas.²⁶⁷

Ao assumir o poder, o governo provisório instituiu um Decreto com o intento de reduzir a miséria e o número de órfãos pelas ruas da Capital: “*Considerando que la caridad pública sirve para curar el mal de la miseria. Considerando de primordial necesidad, dar educación profesional á la juventud huérfana, que se encuentra abandonada con vicios de la ignorancia y ociosidad*”.²⁶⁸ (Ver Anexo II, p. 264). Esta ação representou uma forma de impor o controle dos setores subalternos da sociedade e erradicar os níveis de pobreza de grande parte da população. De forma a depender menos do auxílio do governo, essas iniciativas eram mediadas por

dentro do domínio privado. Elas incluem, como destaca John B. Thompson, as instituições não lucrativas de beneficência e caridade. THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 111.

²⁶⁶ **La Regeneración** de 15 de dezembro de 1869. n. 29. ano 1. p. 3. A Sociedade de Beneficência de Buenos Aires, de acordo com Hilda Sabato, era inicialmente administrada por homens, “*pero desde 1889 se crearon las de Señoras que se expandieron en los años siguientes. Asistían a los pobres, a través de visitas al domicilio de las familias de esa condición, a las cuales ofrecían ayuda material - en forma de bonos mensuales, limosnas, reparto de comestibles a familias - y espiritual*”. Já nas Sociedades Filantrópicas e Mutuais predominavam homens: “*Había, además, un predominio masculino, pues las mujeres estaban excluidas de muchas entidades y en otras ocupaban lugares marginales*”. SABATO, Hilda. Estado y Sociedad Civil. 1860 – 1920. In: STÉFANO, Roberto; SABATO, Hilda; ROMERO, Luis Alberto; MORENO, José Luis. **De las cofradías a las organizaciones de la sociedad civil**. Historia de la iniciativa asociativa en Argentina, 1776 – 1990. Buenos Aires: GADIS, 2002. pp. 129-131.

²⁶⁷ **La Regeneración** de 12 de dezembro de 1869. n. 28. ano 1. p.3.

²⁶⁸ **La Regeneración** de 19 de dezembro de 1869. n. 31. ano 1. p.1.

interesses econômicos, como a distribuição da população para áreas menos povoadas - como a campanha -, aproveitando essa força de trabalho e evitando que perdessem, segundo o Decreto, o hábito do trabalho, tornando-se indolentes.

O Estado, carente de recursos, necessitou da organização das mulheres nas instituições beneficentes. Por esta via, as mulheres se posicionaram no espaço público, o que teve um efeito político sobre muitas delas. Este trabalho feminino foi constantemente valorizado, de forma que, para o jornal **La Pátria**, *“no hay sociedad bien y debidamente constituida, allá donde no exista una ó mas sociedades de señoras, que tengan por objeto el alivio del infortunio”*.²⁶⁹ Nesse caso, existiam redes de poder que se construíam, confirmada na presença da elite política de Assunção. Como em outros lugares, a prática da caridade era sinônimo de *status* social: *“entre los nombres de las virtuosas señoras que la llevan a cabo, se encuentra, en su mayor parte, todo lo que la Asunción cuenta de selecto y distinguido, tanto en damas paraguayas como en damas extranjeras, encabezando la lista en nombre de la señora del primer Magistrado de la Nación”*.²⁷⁰

Essas Sociedades foram organizadas graças a consolidação de aspectos impulsionados pelo contato de exilados paraguaios em Buenos Aires, pelo processo migratório, pela ação da Igreja Católica e pela necessidade de assistência social no pós-Guerra. Essas entidades cumpriam objetivos definidos desde a sua fundação, porém acabavam desenvolvendo outros trabalhos devido a sua posição e inserção no espaço público de Assunção.

As instituições, no caso paraguaio, tinham espaços delimitados: administravam o Asilo e o Hospital, além de atuarem junto aos orfanatos e escolas; porém, dialogavam entre si e mantinham um intercâmbio em determinadas atividades. Podemos destacar como regra a constante utilização da imprensa para anunciar as suas principais atividades, as prestações de contas, as festividades e as eleições de suas diretorias. Elas se apresentam como representantes de uma coletividade, embora estivessem defendendo os interesses de sua respectiva classe. Nesse sentido, as Sociedades de Beneficência e a imprensa estabeleceram uma relação

²⁶⁹ **La Pátria** de 05 de fevereiro de 1875. n. 229. ano 2. p. 1.

²⁷⁰ **Idem**.

importante, devido ao vínculo das mulheres como administradoras das instituições e a imprensa, atrelada a uma agremiação partidária.

O discurso acerca da caridade e compaixão para com os excluídos é fortalecido pelo desejo de ver aparecer Sociedades de Beneficência no país. Segundo a imprensa, os povos mais desenvolvidos fomentam essas instituições: *“Y como que sus propósitos son admirablemente grandiosos, todos los pueblos cultos y civilizados les dan cabida en su seno, procuran fomentarlas, les ayudan y les dan vida para que puedan cumplir con éxito su santa misión”*.²⁷¹ É evidente que os gestos filantrópicos buscavam alargar e firmar as bases de apoio do governo para estas instituições. A imprensa também servia como veículo de protesto e reclamações, buscando mobilizar e pressionar as autoridades. **La Democracia** disparava críticas ao governo paraguaio que, até então, pouco apoiava essas instituições: *“Pero en tanto que las asociaciones de caridad se sostienen en otras partes con el concurso unánime de gobernantes y gobernados, son aquí desgraciadamente miradas con indiferencia las dos únicas que tenemos, y aun combatidas por quien debía protegerlas más bien”*.²⁷² E lança o questionamento: *“¿Será porque en esta sociedad domina sentimientos contrarios á la filantropía?”*²⁷³

A filantropia, em Assunção, não alcançou muito êxito, ou seja, ficou à margem da ação das Sociedades de Beneficência. As Sociedades, por sua vez, mantinham uma relação próxima do Estado; seria ingênuo pensar que havia independência, tanto que o Estado patrocinava de certa forma - participação nos bailes, isenção de impostos, loterias -, o que possibilitou ampliar e financiar seus serviços. As doações privadas recebidas eram advindas de atividades executadas pelas instituições e o Estado geralmente fazia as doações patrimoniais, ou seja, colaborava na infraestrutura dos prédios. Ainda, podemos pensar que, por sobreviverem de doações e subvenções, recorrendo ao governo nos momentos de apuros, exerciam uma autoridade social, expondo-se nas reuniões e atividades sociais. No século XIX, por meio da prática filantrópica, as mulheres desenvolveram inúmeras habilidades. Através das reuniões e encontros organizados pelas mulheres tiveram a oportunidade

²⁷¹ **La Democracia** de 09 de novembro de 1884. n. 1034. ano 4. p. 1.

²⁷² **Idem.**

²⁷³ **Idem.**

de construir uma “consciência de gênero” que, por sua vez, foi, muitas vezes, matriz de uma certa “consciência feminista”.²⁷⁴

A falta de recursos era uma constante e tinham na imprensa sua parceria mais próxima, já que lutavam com a falta de contribuições voluntárias, fato ainda mais agravado quando o governo municipal agia com indiferença diante de suas necessidades. Conforme ampliava a atuação das instituições, aumentava a necessidade de mais recursos, pois, segundo constava, “*ella tiene que pagar mensualmente sueldos al personal doméstico y costear diariamente la manutención de muchos asilados, á parte de tener que proporcionarles la asistencia médica también, en casos necesarios*”.²⁷⁵

O que se tentou, na maioria das vezes, foi transferir estruturas de outros países com estágios distintos de progresso e organização capitalista para o Paraguai, espaço no qual as coisas não ocorreram da mesma maneira. As duas principais Sociedades de Beneficência do pós-Guerra foram a *Sociedad de Beneficencia del Paraguay*, criada em 1877 e responsável por administrar o Hospital de Caridade²⁷⁶, e a *Sociedad de Beneficencia y Caridad*, fundada 1887 e administradora do Asilo.²⁷⁷ Estas duas instituições, buscavam, novamente, através da imprensa, a colaboração da sociedade:

²⁷⁴ PERROT, Michelle. Sair. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres**: o século XIX. Lisboa: Afrontamento, 1991. Os cuidados incluídos como parte de uma esfera política possibilitou novos espaços e estratégias para as mulheres, pois uma perspectiva mais ampla para a participação política se abria para elas. TRONTO, Joan C. **Op. cit.**, 1996. p. 144.

²⁷⁵ **La Democracia** de 18 de outubro de 1887. n. 1892. ano 7. p. 1.

²⁷⁶ Entre as eleições diretivas da *Sociedad de Beneficencia y Caridad* responsável pelo Hospital de Caridade, destacamos a de 1901, organizada da seguinte maneira: “*Presidenta: Margarita V. de Bibolini; Vice-Presidenta: Ana Rius de Jorba; Tesorera: Mônica A. de Apleyard; Pro Tesorera: Silvia Cordal de Vilaamil; Secretaria: Sta Adela Speratti; Pro Secretaria: Carmen Morra; Consejeras: Señoras Benigna Pena de Decoud, Casiana E. de Baez, Andrea G. de Guerrero, Maria Gomes de Torres, Gregoria C. de Montero, Matilde V. de San Martin; Consejero: Doctor José Irala; Inspetoras: Señoras Feliza Ubeda de Goitia, Etelvina Venlla de Uriarte, Cipriana U. de Recalde, Maria V. de Garay, Anuncia de Insaurralde y Juana B. de Pascual*”. **El Cívico** de 10 de agosto de 1901. n. 1484. ano 6. p. 1. **El Cívico** foi outro representante do *Partido Liberal*, redigido por Adolfo Soler e Carlos L. Iasi; representava a facção mais conservadora de Benigno Ferreira, que posteriormente triunfará na Revolução Liberal de 1904. Foi publicado de 01 de setembro de 1896 até 1908.

²⁷⁷ As eleições ocorriam a cada dois anos. Destacamos, aqui, as eleições de agosto de 1897 da nova diretoria na *Sociedad de Beneficencia y Caridad* responsável pelo Asilo. A Assembléia Geral realizada na residência da Senhora Casiana E. de Baez definiu uma nova comissão constituída da seguinte forma: “*Presidenta: Sra. Maria G. de Garcia; Vice-Pta: Sra. Anselma D. de Heyn; Secretaria: Sta. Susana Dávalos; Pro-Sria: Sta. Carmen Appleyard; Tesorera: Sra. Etelvina V. de Uriarte; Consejeras: Señoras Clara J. de Alcorta, Clara E. de Saguiet, Atanacia E. de Bareiro, Matilde V. de San Martin, Carmen U. de López y Encarnacion de Romero; Consejero: Señor Manuel Domínguez*”. **El Cívico** de 09 de agosto de 1897. n. 284. ano 1. p. 1. Manuel Domínguez (1868-1935), integrante do *Partido Colorado*, foi Chanceler em 1902, Vice-presidente em 1904, Ministro da Justiça em 1911; foi um dos revoltosos de 1904. Destacou-se também como jornalista e escritor.

Esperamos, pues, del generoso público que no mirará con indiferencia el exhorto de la Sociedad de Beneficencia y Caridad, que tiene a su cargo el Asilo de Mendigos, así como la otra Sociedad tiene a su cargo el Hospital de enfermos: Sociedades ambas que merecen las más decidida protección del público y de las autoridades del país, por la santidad de su objeto y sus fines.²⁷⁸

O governo que atuava em outras áreas sociais, na opinião da imprensa, não se recusaria em ajudar uma instituição tão valiosa para a época: *“El Estado sostiene Colegios y Escuelas, construye edificios valiosos y obras de consideración, costea así mismo una Academia de pasatiempos pedagógicos y debiera también sostener aquellos templos de la caridad erigidos en beneficio de los combatidos por la suerte, ó, como dirán los poetas, de los naufragados en el mar de la vida”*.²⁷⁹ A questão residia no fato do Estado ampliar a sua contribuição, pois muitos dos que buscavam ajuda no Hospital, administrado por esta Sociedade de Beneficência, foram os combatentes que lutaram na Guerra e mereceriam uma atenção especial da Pátria:

Entre los pobres y desvalidos que imploran la caridad en las puertas de los dos Hospitales, muchos hay á quienes la patria debe inapreciables servicios: nos referimos á los que en los campos de batalla perdieron miembros de sus cuerpos ó miembros queridos de sus familias, y vertieron su sangre preciosa por la patria independencia y la integridad del territorio, de que últimamente se han repartido otros que no merecían consideración alguna.²⁸⁰

A imprensa procurava enfatizar dois pontos: o significado da caridade e a dificuldade em manter as instituições, buscando constantemente apoio da população e, principalmente, do Estado. As atividades prestadas pelas Sociedades de Beneficência contavam com a presença das mais altas autoridades do país e, nessas ocasiões, as Sociedades de Beneficência ganharam proeminência mantendo um discurso de louvação à Nação paraguaia. No caso dessas ações, estas são interpretadas não apenas como sentimento de caridade que envolvia as pessoas

²⁷⁸ *La Democracia* de 18 de outubro de 1887. n. 1892. ano 7. p. 1.

²⁷⁹ *La Democracia* de 13 de abril de 1888. n. 2038. ano 8. p. 1.

²⁸⁰ *Idem*.

diante da desgraça do outro, mas revelavam o grau de importância que essas pessoas tinham na sociedade.

A Presidente da *Sociedad de Beneficencia y Caridad* que administrava o Asilo apresentou seu relatório final da administração entre 1892 e 1893. Inicia o relatório apresentando as dificuldades da Sociedade em manter-se com recursos advindos, na maioria das vezes, das doações: *“Sociedades como la nuestra que, desde el día de su fundación, han tenido que luchar constantemente con los medios de arbitrase recursos para su sostenimiento, se hacen doblemente más meritorios que aquellas que son favorecidas con rentas, que por distintos conceptos tienen asegurados”*.²⁸¹ Esta instituição cuidava do Asilo de Mendigos e que, na época, atendia a 52 mulheres, 38 homens e 15 alienados. A cada administração a direção das Sociedades apresentava um relatório e a prestação de contas, geralmente acompanhado de agradecimentos e elogios à composição de sua equipe Diretiva:

Nuestros trabajos, señoras socias, durante el año, han sido precedidos de la más abnegada y buena voluntad. A mis nobles y distinguidas compañeras que forman la Comisión Directiva de nuestra Sociedad, les debo las buenas obras que hemos podido realizar durante el periodo de que voy dándoos cuenta, pues, sin la cooperación de corazones tan bien dispuestas para ejercer la caridad cristiana, que enaltece á las personas y las dignifica.²⁸²

Identificada com a virtude cristã tradicional, a imprensa considerava uma “dádiva” a ação feminina aos necessitados; relatou, ao mesmo tempo, os cuidados com os asilados da instituição, mesmo com todas as privações e a constante falta de verbas: *“sin que esto importa decir que nuestros queridos asilados hayan pasado ninguna clase de privaciones que pudieran hacer más dolorosas su desgraciadas economías han consistido en guardar el mayor orden en la administración del establecimiento y en el manejo del dinero que hemos recibido”*.²⁸³

²⁸¹ *La Democracia* de 02 de setembro de 1893. n. 3634. ano 13. p. 1.

²⁸² *Idem.*

²⁸³ *Idem.*

Continuando o relatório, **La Democracia**, neste momento, faz elogios ao trabalho das *hermanas de caridad* que, graças aos seus serviços, foi possível melhorar o funcionamento do Asilo:

No obstante esos buenos servicios, se venía notando desde hace tiempo, la necesidad de que fuesen encomendados á hermanas de caridad; peor dificultades que se tocaban para conseguirlas, nos impidió la realización de estos deseos, que los vemos hoy satisfechos, pues, desde el día de ayer, se han recibido del Asilo, tres de dichas hermanas, llegadas recientemente de Buenos Aires y pertenecientes á la Hermandad de San Vicente de Paúl.²⁸⁴

A instituição fez um agradecimento especial ao Senhor Benjamin Aceval, Conselheiro da instituição, *“por los importantes servicios que nos viene prestando, hacen algunos años, como Consejero de la Sociedad y á quien hemos encontrado siempre deferentemente dispuesto á darnos sus ilustrados consejos en las consultas que hemos tenido que hacerle, para el mejor acierto de nuestras deliberaciones”*.²⁸⁵ O Conselheiro aparecia pouco nas assembleias e nas decisões mais importantes ele deveria ser consultado, representado como um “saber masculino” que poderia colaborar. A escolha levava em conta os vínculos familiares, apresentando relevante influência política, econômica ou intelectual.

As instituições de Assunção gozavam de liberdade na administração financeira, contando com uma contabilidade que não passava pelas mãos do Estado e após aprovadas as contas eram publicadas na imprensa. No dia 08 de agosto de 1893 foi publicado o resumo contábil da administração entre 1892 e 1893 que, segundo as informações, tinha como saldo positivo onze mil cento e setenta e seis pesos fortes com noventa centavos.²⁸⁶ (Ver Anexo III, p. 266). Por fim, a direção agradecia as companheiras que colaboraram na administração passada e desejava sucesso à nova diretoria:

²⁸⁴ **La Democracia** de 04 de setembro de 1893. n. 3635. ano 13. p. 1.

²⁸⁵ **La Democracia** de 05 de setembro de 1893. n. 3636. ano 13. p. 1. Benjamin Aceval foi um dos primeiros *liberais* a ingressar como Ministro em um governo *colorado*. Durante a Presidência de Juan Gualberto González (1890-1894), foi nomeado Ministro da Justiça e Instrução Pública.

²⁸⁶ **La Democracia** de 06 de setembro de 1893. n. 3637. ano 13. p. 1.

Reitero mis más sinceros agradecimientos á mis distinguidas compañeras que se asocian á los fervientes votos que hago porque la providencia siga dispensando sus favores á nuestra sociedad y acompañe con sus bondades á las respetables damas que deben sucedernos en la misión que dejamos cumplida con la lisonjera esperanza de que serán aprobados nuestros actos.²⁸⁷

As Sociedades de Beneficência tinham um forte vínculo com as elites; marcadas pela sombra do contexto político paraguaio da época, as duas Sociedades passaram por um longo período de disputas, aflorando motivações por um maior espaço na sociedade, seja pelas doações ou pela representatividade de cada uma delas.²⁸⁸ Se antes as duas Sociedades tinham uma certa “disputa”, agora estavam em harmonia: *“Cabeme la satisfacción de comunicarlos, que el distanciamiento en que vivían las Sociedades de Beneficencia de esta Capital, se ha convertido en una fraternal unión y que durante este año han trabajado en la más completa armonía con el objeto de lograr recursos para las Saciedades del Hospital de caridad y Asilo de mendigos”*.²⁸⁹

Além das prestações de contas que acompanhavam os relatórios anuais, quando surgia uma nova Sociedade de Beneficência, a imprensa realizava a publicação de seu estatuto interno. Os estatutos, em regra, manifestavam que os sócios contraíam um compromisso moral e sagrado com respeito ao cumprimento das obrigações que eram impostas pela instituição. Em 1894, o jornal **La Democracia** publicou o Estatuto da *Sociedad Femenil Italiana de Beneficencia Margarita de Saboya*, cuja primeira Presidente foi a Senhora Amalia P. del Albano.²⁹⁰ As Sociedades eram imbuídas de um caráter elitista; tornar-se uma sócia benemerente, portanto, não era para todas as mulheres, ou seja, para ser considerada uma *Protectora de la Sociedad Femenil Italiana de Beneficencia Margarita de Saboya* era preciso atender a alguns requisitos, em especial àqueles relacionados com a

²⁸⁷ **La Democracia** de 06 de setembro de 1893. n. 3637. ano 13. p. 1..

²⁸⁸ Em Buenos Aires, as Associações, ante a divisão dos dissidentes, fundavam outra Associação. Em Assunção, no entanto, parece que os períodos de crises levavam a uma paralisação ou diminuição de seus serviços. SABATO, Hilda. **Op. cit.**, 2002. pp. 99-167.

²⁸⁹ **La Democracia** de 04 de setembro de 1893. n. 3635. ano 13. p. 1.

²⁹⁰ O Estatuto foi publicado no **La Democracia** de 03 de outubro de 1894. n. 3953. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 04 de outubro de 1894. n. 3954. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 05 de outubro de 1894. n. 3955. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 08 de outubro de 1894. n. 3957. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 09 de outubro de 1894. n. 3958. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 10 de outubro de 1894. n. 3959. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 11 de outubro de 1894. n. 3960. ano 14. p. 1; **La Democracia** de 12 de outubro de 1894. n. 3961. ano 14. p. 1 e **La Democracia** de 13 de outubro de 1894. n. 3962. ano 14. p. 1.

contribuição mensal. No artigo 70º, capítulo XIV, isto fica evicenciado: *“Después de haber pagado por lo menos doce mensualidades, el Consejo Directivo es obligado declarar las tales, y discernirles un diploma especial de Protectora de la Sociedad. Las protectoras de esta Asociación, de que habla el presente artículo, pueden intervenir en las Asambleas Generales con derecho simplemente á la palabra”*.²⁹¹

No mesmo ano, foi constituída a *Sociedad de Damas de Beneficencia de Villa del Pilar*. O artigo primeiro apresentava o objetivo da instituição: *“Queda fundada una sociedad que se denominará ‘Sociedad de Damas de Beneficencia’ cuyo objeto es propender al alivio de la humanidad doliente y desamparada”*.²⁹² Seu artigo 2º contemplava as atividades prestadas: *“A los fines de esta asociación, la Sociedad sostiene un Hospital para ambos os sexos que subsistirá por los recursos de la caridad pública, de las cuotas mensuales, de las partidas que asignen las autoridades y toda donación en dinero, muebles ó inmuebles etc., que se dedicaren en interés de su sostenimiento”*.²⁹³ Uma das intenções da instituição era construção de um Hospital, que ficaria a cargo da *Ecónoma*.²⁹⁴ (Ver Anexo IV, p. 268).

A insuficiência de práticas individuais impulsionou as elites a criar instituições mediante os quais se criaram comunidades assentadas em vínculos morais entre os benfeitores e os receptores que, no olhar da imprensa, era um modelo de sociedade civilizada. Dessa forma, as Sociedades, juntamente com o apoio da imprensa, contavam com a presença importante das mulheres da elite que administravam essas instituições.

²⁹¹ **La Democracia** de 12 de outubro de 1894. n. 3961. ano 14. p. 1. Em 1899, a *Sociedad Femenil Italiana de Beneficencia Margarita de Saboya* apresentou balanço da última administração e também procedeu a nomeação de uma nova comissão diretiva: *“Presidenta: señora Lidia B. de Cerruti; Vice-presidenta: señora Maria de Schifini; tesorera, señora Emilia R. de Barzi; Pro-tesorera: señora Josefina S. de Laguardia; Secretaria: señora Tereza Z. de Brusa; Pro-secretaria: señora Clara S. Di Lascio; Consejeras: señoras Felicita V. de Ferraro, Margarita V. de Bibolini, Teresa L. de Bailario, Rosa de Magrini, Maria P. de Mantero y señorita Irene de Gasperini. Comisión consultiva: señores Julio Cerruti, José Palermo Albano y José Golletti. Comisión revisadota de cuentas: señoras Maria P. de Albano, Maria A. de Gulletti y Elisa N. Zin”*. **El Cívico** de 06 de novembro de 1899. n. 961. ano 4. p. 1.

²⁹² **La Democracia** de 26 de outubro de 1894. n. 3973. ano XIV. p. 1.

²⁹³ **Idem**.

²⁹⁴ O artigo 45 menciona que: *“El nombramiento de la Ecónoma siempre recaerá en persona de conducta moral y sana”*. Os deveres e atribuições da *Ecónoma* estariam expressos no artigo 44º: a) Llevar un libro de entradas, salidas y muertes de los hospicianos y enfermos; b) Hacer al fin de cada año un inventario de las existencias del Establecimiento. c) Cuidar porque los demás empleados cumplan sus funciones debidamente; d) Vigilar por la higiene y orden del establecimiento; e) Solicitar todo lo que crea necesario para la buena alimentación y aseo, recibir lo que le fuere entregado y hacer cumplir escrupulosamente las instrucciones y órdenes recibidas del médico ó de la C.D; f) Acompañar al crédito en sus visitas a los enfermos con el libro de recetas, instruyéndole de las novedades y observaciones que él necesitare; g) Dar á los favorecidos del Hospital un trato afable en armonía con su edad, sexo y estado de salud; h) Recibir con maneras cultas á las personas visitantes. **La Democracia** de 29 de outubro de 1894. n. 3975. ano 14. p. 1.

Como as mulheres das camadas mais pobres atuavam em outras atividades, como o trabalho no campo, cabia às mulheres da elite a atuação junto às atividades beneficentes. Essa participação e hegemonia das mulheres da elite na direção dessas instituições era uma missão importante no processo de *regeneración* da sociedade, cabendo a elas, através do bom exemplo em sua ação caritativa, cuidar dos vitimados da Guerra. O projeto liberal elaborou um conceito de reclusão para as mulheres no espaço doméstico; no entanto, foi por meio das Sociedades de Beneficência que as mulheres tiveram uma maior inserção no espaço público. Enfim, a beneficência assumiu uma dimensão bastante ampla na sociedade, incorporando as mulheres nesta missão e o Hospital de Caridade foi o principal expoente da ação caritativa. A respeito dele trataremos a seguir.

3.3. Entre a caridade e a prática médica

¿Con qué corazón se niega una cama en el Hospital al desgraciado devorado por la fiebre y que no tiene un lecho donde guarnecerse, ni los más insignificantes recursos con que adquirir las medicinas más indispensables?

La Democracia de 28 de julho de 1882. n. 362. ano 2. p. 1.

As enfermidades trazidas com a Guerra foram desastrosas para o Paraguai, sendo que a maior preocupação era melhorar a higiene e a limpeza da cidade para evitar a propagação de epidemias. Ao final da Guerra aparecem inúmeros problemas relacionados com a saúde e a assistência social, de modo que o governo provisório tratou de solucionar as questões mais urgentes, através de uma reorganização de entidades civis e militares.²⁹⁵

A recriação do espaço urbano não remete apenas às questões higienistas e de ordem médica; como já citado anteriormente, o governo almejava construir uma cidade com ares modernos e, para isso, foram aplicadas diversas normatizações. A estrutura médica do imediato pós-Guerra era precária e costumeiramente compreendida como última instância do doente, que chegava quase sempre em estado terminal, não importando o tipo da doença e nem a possibilidade de contaminação, aumentando, consideravelmente, a chance de morrer por outras infecções.

Assolado pela Guerra, era imprescindível a construção de um Hospital que atendesse especialmente a indigentes e pacientes vítimas de moléstias deixadas pelos conflitos.²⁹⁶ Em 1875, uma primeira comissão organizada por mulheres desejava

²⁹⁵ As enfermidades que surgiram vitimavam com maior frequência as crianças e os idosos, em geral subprodutos da miséria. Tentando melhorar os níveis de pobreza e as condições sanitárias do país, as ações do governo tiveram um caráter de “cruzada” contra os costumes populares e as epidemias que se propagavam, em especial a cólera.

²⁹⁶ O primeiro Hospital construído em Assunção foi em 1603, pelo Bispo franciscano Martín Ignacio de Loyola, funcionando até meados do século XVIII. Um segundo Hospital foi fundado e organizado pelo paraguaio José Dávalos y Peralta que havia estudado medicina em Lima, no Peru, onde recebeu o diploma de licenciado em 1689 e de doutor em 1695, atuando até sua morte, em 1731. Em 1760, construiu-se outro Hospital, sendo denominado mais tarde de *Hospital Potrero*, *Hospital de Asunción* e *Hospital Militar*; à época da Guerra, sendo o único Hospital de Assunção até o

a construção de um Hospital. Esse engajamento apresenta uma relação de parentesco entre os políticos da época com essas senhoras, comprovada na lista composta maiormente pelas mães, esposas e filhas dos principais dirigentes paraguaios:

Presidenta: Sra Da. Concepción de Gill; Vice-Presidenta: Sra Da. Maria de Gondin; Secretaria: Sra Da. Adelaida Vasconcellos; Tesorera: Sra Da. Eva de Totia; Votantes: Sra. Baronesa de Yguaron, Sra. Concepción Baldovino de Gill, Sra. Clara de Machain, Sra. Maria de Mezquita, Sra. Rafaela López de Pedra, Sra. Chirife de Cancela, Sra. Emilai Machain, Sra. Alicia Gondin, Sra. Nuncia Bareiro, Sra. Leopoldina Baez, Sra. Ercilia Baez.²⁹⁷

Quem eram essas senhoras e senhoritas na sociedade de Assunção? Os sobrenomes revelam a existência de uma rede de vínculo pessoal com os principais políticos da época, assinalado por uma relação direta entre as senhoras de caridade e as atividades desempenhadas pela organização pública administrativa. Nesse contexto, podemos caracterizar a maneira como as instituições seriam utilizadas para os propósitos políticos dessa elite.

Neste sentido acreditamos que, ao analisarmos as relações de gênero em questão, estamos em contato igualmente com diversos aspectos das relações de poder mais gerais existentes na sociedade paraguaia. Certamente essas relações de gênero não esgotam as relações de poder, mas eram parte constituinte destas últimas e nos ajudam a compreender a formação das hierarquias sociais entre os indivíduos e entre os diversos grupos políticos do pós-Guerra.

O Hospital de Caridade foi inaugurado em 14 de outubro de 1877, quando a *Junta Económica Administrativa* - equivalente a organização pública municipal - constituiu uma comissão diretiva que tinha sob seu encargo a organização e a administração do Hospital.²⁹⁸ O local escolhido foi o antigo *Hospital Potrero*, onde funcionava um Hospital durante a Guerra; era sustentado com atividades de sua

final do século XIX. TORRES, Dionisio M. González. **Aspectos sanitarios de la guerra contra la Triple Alianza**. Asunción: 1968. p. 8. Durante a Guerra, organizaram-se Hospitais Militares, como o de Luque, Humaitá, Cerro León, Concepción, Villa Rica, Encarnación, Paso Pucú, Peribebuí e Ybycuí.

²⁹⁷ *La Pátria* de 05 de fevereiro de 1875. n. 229. ano 2. p. 1.

²⁹⁸ Os exilados paraguaios que se encontravam em Buenos Aires trouxeram as referências para organizar o Hospital; mas foi através da Sociedade de Beneficência que se complementou, em dimensão muito significativa, o atendimento à população carente e desprotegida. O Hospital passou por três distintas denominações: *Hospital de Caridad* (1877-1915); *Hospital Nacional* (1915-1927) e *Hospital de Clínicas* (1927 até os dias atuais).

comissão diretiva, atendendo em média, até 1880, a trinta pacientes internados e mais cem consultas mensais. Com a chegada das *hermanas de caridad*, da congregação de *San Vicente de Paul*, juntamente com as damas da Sociedade de Beneficência responsável pelo Hospital, foi decidido construir um novo espaço com edifício próprio.²⁹⁹ A inauguração deste novo espaço ocorreu em 19 de julho de 1894, tendo como seus padrinhos o General Patricio Escobar, ex-Presidente da República, e a Senhora Clara Queirolo de Bajac, Presidente da Sociedade de Beneficência. Essa ação caritativa enaltecia o trabalho permitido para as mulheres e incentivado pela imprensa como uma maneira de reagir ao ócio e à frivolidade, já que para uma sociedade almejar o seu progresso e modernidade deveria reagir a esses males. Aparecem aí as esferas distintas de atuação de cada gênero, assim como o dever de obediência da mulher.

À frente da Comissão que almejava a construção do Hospital, a atuação da mulher como “guardiã da caridade” e, ao mesmo tempo, “protagonista dessa assistência” foi representado da seguinte forma:

Si hay un país en el mundo que necesite de una sociedad ó institución privada del carácter de la que venimos hablando, si hay un país en el mundo en que LA SEÑORA pueda socorrer, aliviar y hasta hacer desaparecer miserias materiales y morales, es seguramente el Paraguay que tantos y tan horribles dolores ha sufrido hasta ahora; y que, aquí como en todas partes, solo pueden y deben ser aliviados, por la voz angelical, por la mano dulce y bienhechora de la mujer.³⁰⁰

Depois de inaugurado, o Hospital de Caridade passou por períodos difíceis. Para a imprensa, o que o amparou até então havia sido a competente atuação de suas diretorias “*y la cooperación del público cuantas veces se han excitado sus sentimientos filantrópicos, han salvado aquel caritativo establecimiento que tan*

²⁹⁹ As *hermanas de caridad*, organizadas segundo o modelo criado pelo sacerdote francês Vicente de Paúl (1581-1660), tinham como fim primordial socorrer, tanto material quanto espiritualmente, os enfermos e necessitados. As *hermanas* cabiam algumas funções administrativas e de enfermagem, mas a Sociedade de Beneficência nunca deixou de marcar presença na instituição. No mundo cristão, as instituições religiosas foram as responsáveis pela organização da assistência que visava o atendimento aos velhos, aos peregrinos, às crianças abandonadas e aos doentes. Assim, nas sociedades ocidentais o hospital representava a tradicional caridade cristã aos pobres. Em 1879, a *Sociedad de Beneficencia del Paraguay* organizou a vinda das *hermanas* de *San Vicente de Paúl* de Buenos Aires. Em 1880 elas chegam ao Paraguai atuando, juntamente com as damas de beneficência, no Hospital de Caridade.

³⁰⁰ *La Pátria* de 05 de fevereiro de 1875. n. 229. ano 2. p. 1.

importante servicios presta á los enfermos pobres".³⁰¹ A imprensa estava preocupada com as repercussões negativas no exterior acerca da situação do Hospital, de forma que a manutenção e sua eficaz atividade era uma questão de honra para o país: *"El sostenimiento de ese Hospital, no es solo para nosotros una cuestión de conveniencia, ni un tributo debido á la humanidad desgraciada, sino una cuestión de decoro que afecta el buen nombre de esta localidad. ¿Qué se diría en el exterior si por falta de recursos tuviera que cerrarse ese piadoso establecimiento?"*³⁰²

Em 1879, foi organizado um conselho de medicina que começou a cuidar de aspectos relacionados à saúde da população, estabelecendo normatizações nos matadouros, transporte de cadáveres aos cemitérios e na assistência direta aos cidadãos desamparados, idosos e órfãos. Em 1883, foi criado o Conselho de Medicina e Higiene Pública que deveria fiscalizar o exercício legal da medicina, cirurgia e farmácia, ou seja, previa a legislação que ninguém poderia exercer essas atividades sem estar devidamente habilitado.³⁰³

A higiene pública é fundada como disciplina de intervenção. A medicina higienista do século XIX, visando ao controle do meio e do espaço, aponta para uma proposta intervencionista. Ela objetiva recuperar a salubridade dos espaços doentes; assim, os médicos, depois de espacializar a doença e localizar os ambientes insalubres - hospitais, prisões, matadouros, cemitérios, quartéis, barcos, instalações portuárias, casa do pobre etc -, isolam no sistema urbano as regiões que constituem pontos de aplicação de um exercício do poder médico; por conseguinte, ocorre uma preocupação com a circulação, com as cidades e com as condições de vida.³⁰⁴

O hospital não se manteve alheio a esse clima e tornou-se um dos focos principais de problemas. No entanto, a partir do processo de reforma ou medicalização

³⁰¹ **El Comercio** de 16 de julho de 1879. n. 37. ano 1. p. 1.

³⁰² **Idem**.

³⁰³ AYALA, Vivian Ragnhild Frejd. **Génesis**: La historia de la Enfermería, del arte a la profesión. Asunción: CEPUD-Centro de Publicaciones de la Universidad Católica, 2002. p. 176.

³⁰⁴ O saber médico não elabora uma teoria sobre a vida urbana, mas fornece elementos para que se possa pensar o modo de organização ideal das cidades. As interpretações da enfermidade como fenômeno social alcançam uma ampla difusão no século XIX. A pobreza, o excesso de trabalho, a má alimentação, a falta de moral, os ambientes insalubres e outros fatores de tipo econômico social foram considerados de grande relevância para explicar o impacto de determinadas enfermidades. Depois de esquadrihado o espaço físico foi a vez do espaço social. A doença podia ser resultado tanto do meio físico, quanto do meio social; surge então a teoria social da doença. Além disso, fundamentados nestas teorias, a partir do final do século XVIII, os médicos passam a realizar levantamentos das características físicas, sociais, econômicas e culturais dos lugares. Eram as chamadas topografias médicas, que contribuíram para diagnosticar os males e localizar as doenças no espaço. Através delas podia-se indicar os lugares sãos e enfermos, as zonas onde era possível habitar e aquelas que se deveriam evitar. URTEAGA, Luis. Miseria, miasmas y microbios. Las topografías medicas y el estudio del medio ambiente en el siglo XIX. **Geocrítica, Cuadernos Críticos de Geografía Humana**, n. 29, septiembre de 1980. pp. 6-22.

ele se converteu em uma peça essencial na política sanitária e demográfica posta em prática na Europa ao longo do século XIX e espalhou-se pelo mundo. Administrar o Hospital era a principal função da Sociedade de Beneficência. Entre as queixas mais comuns, estava a falta de leitos, devido à falta de espaço físico, e a questão financeira, maior problema da instituição. Embora contassem com a contribuição de suas sócias, com o recebimento de esmolas e de donativos, necessitavam, mesmo assim, do constante apoio da *municipalidad* e do governo.

Nos dizeres do **La Democracia**, tentando socorrer o Hospital, é apresentado o seguinte questionamento: “¿Quién se negará á oír la voz de la caridad? ¿Quién ni acudirá con una limitadísima cuota, á aliviar las dolencias de seres desgraciados, maltratados por el infortunio y la miseria?”³⁰⁵ O objetivo naquele momento era conseguir uma pequena parcela mensal fixa em favor do Hospital, que, segundo a imprensa, com uma ajuda coletiva mais numerosa, teria novas forças e exerceria com qualidade seus serviços.

As principais cidades da Europa e da América estariam repletas dessas associações caritativas: “Los pueblos cultos se distinguen precisamente por su anhelo en pro de las instituciones de beneficencia: hospitales, asilos, sociedades protectoras”.³⁰⁶ No Paraguai, de acordo com o jornal, os méritos dessa ação cabiam às senhoras de caridade, “distinguidas matronas que componen la sociedad de beneficencia, cuyos constantes anhelos las hacen dignas de la sociedad”.³⁰⁷ A elite política da época, através de um discurso estratégico de gênero, conseguiu manter e dar as mulheres a autoridade frente às Sociedades de Beneficência, tanto que poucos homens participavam dessas instituições. Em 1882, a nova comissão diretiva do Hospital de Caridade, exclusivamente feminina, foi composta da seguinte maneira:

Presidenta: Regina C. de Gaona; Vice-Presidenta: Concepción D. de Decoud; Secretaria: Carolina F. de Gonzalez; Pro-Secretaria: Leona R. de Iturburu; Tesorera: Dolores S. de Pereira; Consejeras: Benigna Gaona; Francisca H. de Thompson; Petrona Corvalan; Margarita V. de Bibolini;

³⁰⁵ **La Democracia** de 26 de julho de 1882. n. 360. ano 2. p. 1.

³⁰⁶ **La Democracia** de 28 de julho de 1882. n. 362. ano 2. p. 1.

³⁰⁷ **Idem.**

Carlolina de Marrero; Suplentes: Casiana E. de Baez; Manuela R. de Aguinaga; Marcelina Rivarola.³⁰⁸

Mesmo com as contas pagas, o jornal coloca a dificuldade em mantê-las em dia. Durante certo período, o Hospital contou com uma contribuição mensal e regular, suficiente para manter suas necessidades mais básicas. Depois as subvenções diminuíram, ou seja, contavam com a entrada de verbas do governo, do município e de particulares, que somadas contabilizavam somente duzentos e setenta pesos, um valor insuficiente diante das despesas da instituição que não baixavam de seiscentos pesos. Com a indiferença do governo municipal diante dessa situação, a alternativa era conseguir novos recursos para manter o Hospital funcionando:

Sensible es por cierto, que el único centro de caridad con que contamos, y donde muchos desgraciados que arrastran un lánguido cuerpo en la mansión sombría de la miseria, encuentran los recursos de la vida, atraviase por tan difícil situación; nos causa hasta vergüenza el decirlo, que á causa de la indiferencia pública el hospital se encuentra vacilante; pero si es una verdad, por triste que sea, no debemos ocultar.³⁰⁹

A atuação das mulheres da elite nas Sociedades de Beneficência permitiu a saída dos lares e serviu para valorizar a mulher paraguaia como forte e caridosa, disposta a trabalhar pelos mais necessitados.³¹⁰ Essa visão, em parte, tende a considerar a mulher como subalterna, ampliando o controle e a dominação masculina, ou seja, era uma forma de projeção social de seus maridos ou pais e, ao mesmo tempo, servia para enaltecer a sua função materna:

abrigamos la mas lisonjera esperanza que las señoras de beneficencia, correspondiendo á su misión, trabajarán unidas para salvar al hospital del

³⁰⁸ *La Democracia* de 11 de agosto de 1882. n. 374. ano 2. p. 1.

³⁰⁹ *La Democracia* de 15 de setembro de 1882. n. 401. ano 2. p. 1.

³¹⁰ Para Michelle Perrot, *“às senhoras caridosas, mais ou menos empurradas pelos seus confesores ou pelos seus maridos, a quem desse modo ilustram o nome, sucedem mulheres mais independentes, freqüentemente celibatárias ou viúvas, indignadas com a miséria física e moral e animadas por um espírito missionário”*. PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 1991. p. 505.

abismo á que va precipitándose, seguro de que encontrarán apoyo en la sociedad toda vez que se le dirijan en nombre de la caridad, pues esta nunca ha escuchado impasible la voz dolorida de los infelices.³¹¹

As Sociedades divulgavam a importância em manter os necessitados nessas instituições, pois não havia trabalho e condições para seu retorno às ruas; era preciso afastá-los do ócio e da mendicância, males da sociedade da época. Dessa forma, teria ocorrido um incremento do poder coercitivo do Estado, permitindo-lhe melhorar o controle e a regulação dos grupos sociais marginais. Devido à diversidade de problemas sociais presentes nas ruas da Capital, mencionava-se, ao mesmo tempo, a necessidade de criar instituições específicas para homens e mulheres, orfanatos, asilos de pobres e casas para alienados:

á cada paso que da con un desvalido que le extiende la mano pidiendo una limosna; con un enfermo que le muestra un cáncer ó una llaga, para moverle de compasión y pedirle también un socorro; con un demente, en fin, que ofendiendo, á veces, el pudor y la moral, sirve en las calles para promover corros de niños y otros insensatos, que costean, con su desgracia, un momento de salvaje y brutal diversión.³¹²

Nos modelos ideais de cidades, perpassa a utopia de uma cidade higiênica, salubre, harmoniosa, racional, ordenada e planejada, onde fosse garantido o bem-estar social da população. As noções de higiene, as novas conquistas científicas para a saúde pública, o tratamento da cidade como território que devia ser normatizado, eram componentes inerentes do discurso no sentido de amenizar os problemas da pobreza da Capital paraguaia. Enfim, uma definição mais científica para os problemas situados no território da saúde é presenciada.³¹³ As dificuldades do Hospital eram

³¹¹ **La Democracia** de 15 de setembro de 1882. n. 401. ano 2. p. 1.

³¹² **La Democracia** de 20 de setembro de 1882. n. 405. ano 2. p. 1.

³¹³ Os médicos higienistas que criticavam a falta de salubridade nas cidades acusavam como responsáveis as condições de vida e trabalho, o amontoamento da população, a desordem do espaço urbano e apontavam e localizavam os espaços que deveriam ser alvo de intervenções. Depois de diagnosticado o mal, de localizada a doença no espaço, o médico vai tornar o ambiente salubre, através da medicalização, da higienização da sociedade e do espaço. A salubridade, como lembra Foucault, é um estado das coisas, do meio, transformado e racionalmente preparado de modo que a saúde dos indivíduos possa ser assegurada através da higiene pública, modificando o meio para torná-lo salubre. A higiene, portanto, é a técnica de controle e de modificação dos elementos materiais do meio que são suscetíveis de favorecer ou, ao contrário, prejudicar a saúde. FOUCAULT, Michel. **Op. cit.**, 1979. p. 93.

tantas que quando o Conselho de Medicina visitou suas instalações encontrou-as em péssimas condições. Assim foi descrito:

Un descuido de la higiene en proporciones desesperantes: la botica, desprovista de los medicamentos más indispensables y situada en una pieza que solamente en ciertas horas permite el despacho de ellos; unas letrinas arrojando olores que sofoca, la respiración desde todos los comportamientos de la casa; la municipalidad diciendo esto, el médico ordenando aquello, las señoras de la Sociedad de Beneficencia proyectando esto otro y las hermanas de la caridad esto otro y las hermanas de la caridad haciendo ninguno; tal es el estado en que el Consejo de Medicina ha encontrado el único establecimiento que de su género tenemos.³¹⁴

Os prédios e a organização interna do Hospital eram vistos como inadequados às noções de higiene e planejamento. Impressionados com a situação encontrada informaram ao governo a situação e tentaram apresentar um projeto de reformas para colocá-lo em condições de funcionamento. A relação, o apoio e as subvenções do Estado é um debate paralelo ao tema. Certo é que, nesse momento, a desordem reinava no Hospital.³¹⁵ Em consonâncias com as idéias higienistas, ocorreram transformações que reclamavam, ainda mais, a intervenção das autoridades para resolver de maneira burocrática os problemas relacionados com a saúde.

Em um tempo em que os preceitos de higiene ganhavam força, a intervenção das autoridades passou a ter papel decisivo, sobretudo nos locais conhecidos como focos privilegiados de doenças. Um marco importante, ao menos no final do século XIX, foi a influência dos ideais positivistas e higienistas, que redefiniram a moral a partir dos discursos médicos. Para Alfredo Juan Manuel Caraballeda, as Sociedades de Beneficência da Capital argentina eram vistas pelo discurso médico como uma etapa prévia na estruturação do Estado moderno: *“sus actividades eran criticadas por*

³¹⁴ **La Democracia** de 21 de novembro de 1884. n. 1044. ano 4. p. 1.

³¹⁵ Na segunda metade do século XIX, buscaram-se soluções para os problemas da higiene pública, em especial no funcionamento e estrutura dos hospitais: a disposição interna, higienizada e disciplinada, buscava a separação interna do seu espaço físico. FOUCAULT, Michel. **Op. cit.**, 1979. pp. 99-111.

acientíficas en cuanto a organización y utilización de recursos. Se planteaba que tenía criterios empíricos para organizar la disciplina".³¹⁶

A caridade e a filantropia já não eram suficientes para atender a nova realidade do Hospital. Em 1886, a situação econômica da instituição continuava precária, mesmo com as todas as medidas para prover a instituição. **El Orden**, no mesmo ano, publica um artigo reiterando sua condição, *"cuyo actual estado es bien lamentable y desolador"*. Para o jornal, *"los establecimientos de esta índole, entienden la caridad y la filantropía, agotan tantos recursos, para su sostenimiento, es donde más se refleja la moral de los gobernantes, y el grado de cultura de los pueblos"*. Segundo os informes, o Hospital encontrava-se em um estado de *"desnudez"*, *"y si tiene algunos harapos con que cubrirse, lo debe solo á la abnegación de las hermanas de caridad, y á los esfuerzos de la Beneficencia cuya sociedad, preciso es decirlo, hace unas de lo que está en sus fuerzas para sostenerle"*.³¹⁷

Os espaços internos dentro do Hospital ainda não eram setorizados, convivendo indigentes, loucos e doentes: *"Y lo que decimos del hospital, decimos que la situación en que se encuentran los locos ó dementes, encerrados como criminales en el reducido espacio que ocupan en la cárcel pública"*.³¹⁸ As noções higienistas ganham destaque, visando ao tratamento específico de cada doença, com espaços adequados. Porém, as condições do Hospital, naquele momento, ao invés de dispor de quartos espaçosos e ventilados, colocavam os pacientes com problemas mentais em prisões sem condições de higiene. Durante esse período, não havia uma instituição funcionando com a finalidade específica de ser utilizada para o internamento dos alienados, assim eles passaram a ser encarcerados no quartel de polícia da Capital. O problema da loucura passa a apresentar-se como um problema policial; por perturbar a ordem pública, era preciso encerrá-lo. A construção de um novo espaço para os alienados era percebida pela imprensa como a forma de dar um tratamento mais adequado a estes pacientes: *"la Sociedad de Beneficencia y Caridad piensa trasladarles al nuevo Asilo de mendigos, destinando un departamento especial para los dementes"*.³¹⁹

³¹⁶ CARABALLEDA, Alfredo Juan Manuel. Génesis del discurso de la acción social y medicalización de la vida cotidiana. **Revista de Trabajo Social Margen**. Buenos Aires, Año 3. n. 5. 1994. p. 72.

³¹⁷ **El Orden** de 14 de agosto de 1886. n. 425. ano 2. p. 1.

³¹⁸ **Idem.**

³¹⁹ **Idem.**

É interessante analisarmos um artigo publicado sobre *las hermanas de caridad*, da congregação de *San Vicente de Paul*, cuja instituição religiosa tomava conta do Hospital de Caridade; eram perceptíveis, nesse momento, os julgamentos negativos ao trabalho prestado por elas: *“No queremos ser aventuradas en nuestros juicios; pero, á decir verdad las que se encuentran actualmente en el Hospital de Caridad, parece que responden muy poco al propósito filantrópico por excelencia, de la institución á que dicen pertenecer”*.³²⁰ Segundo o jornal, a *municipalidad* não poderia atuar, já que elas obedeciam a ordens diretas de sua Superiora, que residia em Buenos Aires. A questão era saber se de fato elas cumpriam ou não uma finalidade no Hospital. Mas por que tal crítica? Talvez porque as senhoras da elite tinham perdido seu espaço diante das *hermanas* e pelo fato da imprensa destilar críticas às instituições religiosas da época. De acordo com o jornal, as *hermanas* não praticavam a “verdadeira caridade”, e este tipo de congregação não era bem vinda no Paraguai: *“porque las asociaciones impropriamente llamadas religiosas no son mas que centros de corrupción, fundadas con el único objeto de eludir el trabajo que dignifica y ennoblece, como que es el manantial fecundo de todas las virtudes”*.³²¹

A indiferença pela qual tratavam os doentes e a ineficácia de seu atendimento não correspondiam ao sentimento da caridade. Entendiam, dessa forma, que *“La superiora de ellas que dicen residir en Buenos Aires, no puede ser la directora de nuestro Hospital. Y si no quieren así, mejor es que vayan á plantar sus reales en otra parte; porque como decimos, no necesitamos de religiosas que deban acostumbrar á nuestras niñas en un ascetismo ridículo”*.³²²

Na primeira metade do século XIX, a influência da Igreja Católica é bastante perceptível na ação caritativa e sob esta perspectiva havia uma relação com a salvação da alma de ricos e pobres. No final do século XIX, a ação filantrópica,

³²⁰ **La Democracia** de 19 de novembro de 1884. n. 1042. ano 4. p. 1.

³²¹ **Idem.**

³²² **Idem.** O Hospital vivenciou alguns conflitos entre as *hermanas de la caridad* e as senhoras da elite, que representavam a Sociedade de Beneficência que administrava o Hospital. Quando a administração dos hospitais não estava a cargo do corpo médico, o conflito entre este e os gestores leigos ou religiosos, a controlar e impor regras de funcionamento, era inevitável. Os confrontos podiam se dar entre médicos e freiras, no que se referia aos cuidados aos enfermos, ou mesmo entre médicos e administradores a respeito da função e do papel do hospital. Um conflito parecido ocorreu com as irmãs vicentinas à Misericórdia de Salvador, em 1856. Segundo Venétia Durando Braga Rios, a chegada das irmãs com o objetivo claro de disciplinar o funcionamento do hospital, desagradou médicos e internos da Faculdade de Medicina, que foram impedidos de permanecer nas dependências do hospital depois das 18 horas. A autora destaca que, apesar dos elogios da Mesa Diretora da Irmandade ao trabalho e à dedicação das irmãs, era difícil a relação entre elas e os médicos, demais empregados e pacientes, o que demonstra os limites da convivência de práticas médicas e culturais diversas no interior daquele hospital. RIOS, Venétia Durando Braga. **Entre a vida e a morte: medicina, médicos e medicalização na cidade de Salvador. 1860-1880.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, 2001.

alegando um “amor à humanidade” e juntamente com a racionalização imposta pelas práticas de educadores e médicos, abandonam o discurso religioso com uma atenção mais científica aos problemas sociais. Ocorre uma reflexão mais intensa acerca da pobreza e as oportunidades que eram oferecidas para a classe pobre. Problemas como a insegurança, a mendicância e as doenças são pensados de maneira diferente, de modo que a pobreza e os pobres eram vistos como uma ameaça à ordem social. Por um lado, os pobres eram apresentados como vítimas de um sistema social; por outro, sua presença exigia uma intervenção mais sistemática do governo, que iria além da caridade privada.³²³

Embora registrassem necessidades de ordem financeira a assistência prestada expandia-se e muitos dos recursos arrecadados eram voltados para a construção e ampliação das instalações do Hospital. **El Independiente** publicou um artigo sobre o Hospital que, sob a administração das *hermanas de caridad*, havia passado por reformas. Na visita ao Hospital constatou-se uma boa estrutura após as reformas: “*tuvimos el placer de visitar en nuevo Hospital que dentro de poco albergará centenares de enfermos, que irán á recibir las atenciones y cuidados de las buenas hermanas, á quienes la Comisión Directiva de señoras ha confiado la dirección del Hospital*”.³²⁴

O Hospital, depois de reformado e adaptado dentro das normatizações propostas, poderia atender um maior número de pessoas e enfrentar com eficiência os problemas da Capital. Por seu duplo papel, - um Hospital privado que exercia funções de Hospital público - a instituição se transformou em sinônimo de socorro médico. As instituições de caridade buscavam uma autonomia diante do governo, porém, não renunciavam ao apoio financeiro, indispensável para a sua sobrevivência. Concluída as observações sobre as novas instalações, **El Independiente** finalizou com as mesmas críticas:

³²³ Para as mulheres, a assistência possibilitou sua saída do espaço da casa, mesmo que em atividades de extensão das tarefas domésticas. Michelle Perrot cita a filantropia como a gestão privada do social, onde as mulheres têm um lugar primordial. “*Por esse ‘trabalho de amor’ as mulheres não devem esperar qualquer retribuição; cuidar da cidade é tão gratuito como cuidar da casa*”. Motivada pela exortação à maternidade social e à assistência aos pobres, a ação filantrópica transforma-se em oportunidade de conhecer e experimentar o ambiente extra-casa; o contato com prostitutas, operárias, crianças famintas, famílias miseráveis, a proximidade com a exploração de trabalhadoras e a discriminação da mulher possibilitam a formação de uma consciência social, política e de gênero, que está nas origens de movimentos sociais tanto de mulheres como sindicais. PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1991. pp. 503-504.

³²⁴ **El Independiente** de 12 de abril de 1892. n. 1663. ano 6. p. 2.

La comisión no omite esfuerzo; las distinguidas damas, siguen en el sendero que se han trazado; atendiendo al Hospital, visitando los enfermos y ayudando al pobre en su desgracia. Que el Gobierno y nuestra sociedad responda al llamado que hoy hacen a favor de que sus nobles acciones, serán los mejores títulos de orgullo que puedan ostentar ante la Caridad.³²⁵

A situação do Hospital sempre foi de altos e baixos. A instituição vivenciou diversas crises de ordem financeira, deixando suas marcas nas inúmeras contestações da imprensa. Em meados de 1899, a situação financeira do Hospital se agravou ainda mais: *“Esta institución de caridad, que tantos y tan valiosos servicios ha prestado desde su fundación, atraviesa, en las actuales circunstancias, según los informes que hemos recogido, por situación harto difícil”*.³²⁶ As senhoras que administravam o Hospital, segundo constava, haviam esgotado todos os meios e possibilidades de recursos. As verbas em dinheiro e as doações não acompanhavam o crescente aumento de doentes que necessitavam do Hospital; caso contrário, *“se vean hay obligadas á recurrir ante el gobierno en demanda de fondos para no tener que cerrar las puertas de la caridad al desvalido”*.³²⁷

Essa atuação feminina, em nome da Sociedade de Beneficência, assumia, muitas vezes, sua própria voz, implicando alguns conflitos e possibilitando uma maior visibilidade no espaço público; dessa forma, expostas a essa visibilidade, as críticas e cobranças eram inevitáveis. Alguns fatos foram divulgados na imprensa a respeito do Hospital, no sentido de que muitos que lá estavam eram desatendidos e jogados pelo chão. No entanto, frente a essas denúncias, o jornal desmente: *“Es falseen absoluto que los hombres se encuentren desatendidos, pues no solamente reciben un servicio esmerado de parte das beneméritas hijas de San Vicente de Paúl, sino que tienen además una sala especial donde reina el aseo más completo”*.³²⁸

Além disso, havia a contestação do serviço de pensionistas prestado pelo Hospital. De acordo com o jornal, eram quatro quartos, com oito camas ao todo, ao custo de cinco pesos diários. Na opinião do **El Cívico**, este tipo de serviço era útil e deveria ser mantido pelos benefícios que traziam, pois *“muchas personas que vienen*

³²⁵ **El Independiente** de 12 de abril de 1892. n. 1663. ano 6. p. 2.

³²⁶ **El Cívico** de 22 de agosto de 1899. n. 1663. ano 3. p. 1.

³²⁷ **Idem.**

³²⁸ **El Cívico** de 03 de outubro de 1899. n. 933. ano 4. p. 1.

de la campaña ó que carecen de familia recurren á ese establecimiento, donde tienen la seguridad de un solícito cuidado, pues no pueden costear un hotel porque les resultaría oneroso”.³²⁹ Acreditava, ainda, não existir razões para essas críticas, pois as “distinguidas damas de beneficência” sempre demonstraram interesse e empenho, merecendo, como sugere a imprensa, mais respeito.

A beneficência, quando visa o interesse coletivo, anuncia um “bom governo” e que seus cidadãos são zelosos com os semelhantes. As contribuições provenientes da abnegação de muitas senhoras de caridade se convertem em um dever de todos os cidadãos. Assim, a ação da mulher da elite e suas iniciativas eram incentivadas e valorizadas pela imprensa, que, ao mesmo tempo, as representavam como altamente prestativas para o país: “*Son incalculables los bienes que deben el país y los pobres á la acción inteligente y caritativa de las damas de nuestra alta sociedad*”.³³⁰ Cuidar dos necessitados era, ao mesmo tempo, cuidar da Pátria: “*Las fundaciones de obras de beneficencia para la curación de enfermos y la protección de los desvalidos y de los huérfanos son monumentos de su labor, de su constancia y de su inimitable espíritu de amor á la patria*”.³³¹

O século XIX marcou tanto para a América Latina como para o mundo ocidental a intervenção dos poderes públicos na saúde da população. Os discursos higienistas em países como França, Inglaterra e os Estados Unidos se constituíram em referências para os profissionais da Argentina, México e outros países latino-americanos, preocupados com a situação da população, pois era preciso vinculá-los ao novo contexto de prosperidade econômica e a ordem política da sociedade e da Nação.³³²

As reformas ocorridas na área sanitária e o aparecimento de conselhos gerais de saúde e departamentos sanitários ocorridos na Europa e nos Estados Unidos foram um grande marco na história da saúde pública no Ocidente.³³³ Além do contexto sul-

³²⁹ *El Cívico* de 03 de outubro de 1899. n. 933. ano 4. p. 1.

³³⁰ *El Cívico* de 05 de setembro de 1901. n. 1504. ano 6. p. 1.

³³¹ *Idem*.

³³² NARI, Marcela. Conflicto social, maternidad e degeneración de la raza. In: FLETCHER, Lea. **Mujeres y cultura en la Argentina del Siglo XIX**. Buenos Aires: Feminaria, 1994.

³³³ ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: Hucitec, Editora da Unesp; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994. p. 177. O surgimento de convenções sanitárias entre a Argentina, o Brasil e o Uruguai integra-se, desta forma, ao movimento sanitário já existente na Europa e nos Estados Unidos e a uma concepção de que somente o poder público poderia solucionar os problemas de saúde da população e os problemas econômicos advindos das doenças epidêmicas. O Congresso Sanitário de 1887 indicou, dentre outros aspectos, a necessidade de integração entre os três países, que procuravam resolver os seus problemas

americano de propagação e busca de controle das epidemias, é importante situar, na Europa, a primazia do movimento para a constituição de um código sanitário internacional. Como afirma George Rosen, a segunda metade do século XIX esteve marcada pelas preocupações com o sanitarismo e a urbanização das grandes cidades européias.³³⁴

O saber médico se consolidava e ganhava o respaldo das autoridades administrativas. Esse processo de consolidação da medicina científica aconteceu a partir da década de 1880, quando as elites médicas teriam conseguido consolidar sua profissionalização, depois de muitos conflitos com os grupos políticos e dentro da própria corporação médica, fortalecendo assim os laços entre as autoridades governamentais e os médicos que julgavam agir, de forma neutra e imparcial, em nome da ciência.³³⁵

Em agosto de 1889, surge no Paraguai a primeira legislação a respeito da saúde pública, através do Conselho Nacional de Higiene, sob a responsabilidade do Ministério do Interior, composto por quatro médicos e dois farmacêuticos. O Conselho era a autoridade máxima quando se tratava da higiene pública e foi o responsável pela regulamentação do exercício da medicina, em 11 de fevereiro de 1900.³³⁶ Em 1899, foi destinado um espaço situado aos fundos do Hospital, para que os estudantes de medicina realizassem as primeiras aulas de anatomia, iniciando, assim, o vínculo do Hospital com a Faculdade de Medicina.

Em 1900, o governo promulgou a lei regulando o exercício da medicina, obstetrícia, veterinária e odontologia, que requeriam títulos expedidos pela Universidade Nacional e aos que portassem títulos no estrangeiro deveriam ser autorizados pelo Conselho Nacional de Higiene.³³⁷ Contudo, foi em 1901 e 1902 que

de ordem econômica e social de maneira coletiva. As relações, inicialmente de caráter bélico, assumiram paulatinamente um caráter sócio-econômico e diplomático, até chegar ao final do século XIX com uma política de cooperação e integração.

³³⁴ O governo da França tomou a iniciativa de organizar a primeira conferência sanitária internacional, inaugurada a 5 de agosto de 1851 em Paris. Estavam representadas as seguintes nações: Áustria-Hungria, as duas Sicílias, Espanha, os Estados Papais, Grã-Bretanha, Grécia, Portugal, França, Rússia, Sardenha, Toscana e Turquia. Cada Estado se fazia representar por dois delegados, um diplomata e um médico, pois se reconhecia à conferência dizer respeito a problemas técnicos e médicos, e administrativos e diplomáticos. O objetivo da conferência era o de remover todos os atrasos desnecessários ao comércio internacional, salvaguardando-se a saúde geral. ROSEN, George. *Op. cit.*, 1994. p. 225.

³³⁵ CHAVES, Cleide de Lima. A ciência médica na Convenção Sanitária firmada entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai em 1887. In: *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas: 2006. pp. 01-15.

³³⁶ *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana*, Año 20, n. 7, Julio de 1941. p. 659.

³³⁷ AYALA, Vivan Ragnhild Frejd. *Génesis*: La historia de la Enfermería, del arte a la profesión. Asunción: CEPUD-Centro de Publicaciones de la Universidad Católica, 2002. p. 176.

de fato iniciaram as primeiras cirurgias nas instalações do Hospital, transformando de um espaço de caridade para um local de cura. O saber médico, agindo como um dispositivo de poder, tratou de medicalizar a sociedade enquanto os sujeitos eram chamados a responder por um conjunto de práticas corporais às aspirações morais, ideológicas e políticas, amparadas por instituições que reproduziam e rearticulavam discursos intimamente ligados às novas propostas e tecnologias médicas.

Juntamente com os avanços na área da medicina, as descobertas de Pasteur tiveram um papel importante nesse processo. Ao final do século XIX e início do século XX, o modelo pasteuriano preventivo, tanto o de pesquisa quanto o de gestão institucional, teve reflexos no Paraguai.³³⁸ De fato, o alcance dessas medidas extrapolou o âmbito da questão sanitária e da saúde, alterando radicalmente, pelo viés da higiene, a vida do homem urbano, configurando-se como uma modalidade efetiva de controle da pobreza. Os discursos geravam mecanismos de combate e controle não só dos efeitos físicos da doença, mas de todo o social, no que diz respeito aos hábitos, condutas e lugares. Esse “adestramento” perpassa pelo ideário dessas instituições que, de certa forma, propõem incluir os excluídos, desde que naturalmente “aptos” para viverem em sociedade e que não comprometam a nova ordem social.

Enfim, mudou a relação da caridade com a medicina. Aos poucos os hospitais se tornam o espaço de demonstração técnica da medicina. Para a imprensa, o vínculo do Hospital com a Faculdade de Medicina era uma obra útil para a sociedade paraguaia:

de una ventaja incalculable que da idea de la buena voluntad y del pensamiento inteligente que preside la asociación de damas. Su realización, empero, ha de exigir desembolsos que indudablemente no podrá hacerlos únicamente la caja de la asociación. Pero ya que el provecho ha de ser directo para la universidad que tanto el Consejo Secundario y Superior como el Poder Ejecutivo han de secundar tan patriótica iniciativa, destinando los recursos indispensables para que se lleve á feliz realización.³³⁹

³³⁸ As descobertas da microbiologia, a partir de Louis Pasteur, em 1857, tiveram um profundo efeito no controle das doenças infecciosas. Na verdade, as formas de transição dessas doenças eram conhecidas antes da identificação dos agentes causais, ou seja, relacionava doença e agente causal específico.

³³⁹ *El Cívico* de 05 de setembro de 1901. n. 1504. ano 6. p. 1.

A atuação das mulheres nas Sociedades de Beneficência é um trabalho que encontra significado na filantropia, na caridade e na doação, sendo representada como uma tarefa fundamentalmente feminina. A corrente positivista, à qual muitos médicos higienistas aderiram, entendia que o sistema de beneficência deveria ter as mulheres como principais organizadoras, supervisoras e reprodutoras. Desse modo, o espírito caritativo e o sentimento patriótico ganhavam espaço na imprensa graças ao envolvimento das senhoras nas diversas ações por elas prestadas: *“las damas asuncenas no pierden su tiempo, y su mano generosa, impulsada por una corazón lleno de caridad y de amor, se tiende á cada rato para auxiliar á los menesterosos y realizar obras de verdadera utilidad para el país”*.³⁴⁰ Portanto, no início do século XX, quando o Hospital passou a ter uma intervenção maior dos médicos da Universidade - em especial de higienistas - se sustentou uma necessidade maior de intervenção do Estado no terreno da saúde.

Para a imprensa da época, um dos caminhos ao progresso e às concepções modernizantes, passava por essas instituições associativas que realizavam a caridade. Intensificou-se uma política de higienização tanto para a população pobre, quanto para os ricos, porém com aplicação diferenciada para cada grupo. Em ambos, a família seria o instrumento para se atingir a infância desprotegida. Com isso, uma política social de atendimento às crianças carentes, abandonadas ou órfãs, foi empreendida pela iniciativa privada e complementada, muitas vezes, pelo Estado, com amplo envolvimento das mulheres da elite paraguaia, de modo que a proteção à infância também ganharia espaço na imprensa da época.

³⁴⁰ **El Cívico** de 05 de setembro de 1901. n. 1504. ano 6. p. 1.

3.4. Proteção à Infância

Nada es tan sentimentalmente sublime como la orfandad, nada merece más el concurso de la protección social. Cuidar de un enfermo pobre y alimentar quien tiene hambre, es humano; pero cuidar de un niño que no tiene padre, puede decirse que es divino.

El Independiente de 30 de dezembro de 1892. n. 1581. ano 5. p. 2.

Desde o final do século XIX, a proteção à infância constituiu-se em uma esfera privilegiada para a filantropia feminina. Em parte, isso era apresentado como uma função social de gênero, inerente à natureza da mulher. Os discursos acerca da maternidade estariam situados em torno do papel da mulher nos cuidados da criança e na educação de seus filhos.³⁴¹ No final do século XIX e início do século XX, segundo Mary Nash, o pensamento eugenista desempenhou, nessa nova concepção de maternidade, uma influência decisiva, já que a maternidade biológica se relacionou com a preocupação em torno da degeneração da raça; por outro lado, a função social das mulheres era garantir a procriação e a sobrevivência das futuras gerações de cidadãos em boas condições morais, de saúde e de higiene.³⁴²

Com efeito, essas preocupações contribuem para exaltar a importância do papel de mãe. Para Marcela Nari, “(...) *el estado politiza a la maternidad al convertirla en un objeto de preocupación y debate público y político*”.³⁴³ As transformações nesse modelo maternalista - em particular no século XIX - tiveram um forte impulso graças a um conjunto de transformações sociais que estavam se desenvolvendo, legitimadas e provenientes das ciências médicas. Segundo a argumentação da autora: “*el vínculo madre-hijo era pensado desde una moral más tradicional, menos biologicista y el*

³⁴¹ Para Ana Paula Vosne Martins, juntamente com as denúncias acerca das condições de vida das mães e das crianças das classes populares, “*articulava-se um discurso maternalista, enunciado por homens e mulheres das classes altas e médias que defendem a infância como um tesouro, uma fonte de riqueza das nações, ao mesmo tempo que enaltece a função maternal, elevando-a moral e socialmente, já que as mulheres não davam a luz apenas, mas eram as responsáveis pela criação dos filhos, nutrido, educando e preparando a nova geração de homens e mulheres*”. MARTINS, Ana Paula Vosne. **Políticas da maternidade**: uma introdução à história comparada de gênero e políticas públicas. 2004. p. 16.

³⁴² NASH, Mary. Maternidad, maternología y reforma eugénica en España 1900-1939. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Org.). **Historia de las mujeres**. El siglo XX. La nueva mujer. Vol. 10. Madrid: Taurus, 1993. pp. 246-247.

³⁴³ NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**. Buenos Aires: Biblos, 2004. p. 18.

incumplimiento de la naturaleza maternal por parte de algunas mujeres era lo que precisamente les ofrecía la posibilidad de ejercer la caridad, entendida como una buena obra necesaria para la salvación y, cada vez más, como una responsabilidad cívica y una forma permitida de hacer política”.³⁴⁴ Como bem cita Yolanda de Paz Trueba, nesse momento ocorreu uma intervenção pública no âmbito privado das famílias:

La medicina moderna cumplió en este sentido un papel central, colaborando con las pautas y necesidades políticas del momento, al naturalizar la maternidad, el amor de madre y el instinto maternal. Se pretendía así imponer, biologizándolo, el ideal de que la misión de la mujer en la sociedad era el de ser madre y dar ciudadanos, en un marco de conflictividad social que se acentuaba.³⁴⁵

Na opinião de Ana Paula Vosne Martins havia um ambiente favorável, no século XIX, à intervenção nas famílias mais pobres, objetivando atender as necessidades mais urgentes das mães e das crianças pequenas, especialmente àquelas relacionadas à saúde e assistência social. *“Se os homens não conseguiam prover as necessidades de suas famílias com salário, a filantropia e o estado deveriam intervir, através da legislação social e da criação de políticas de saúde e assistência que atendessem este grupo social composto pelas mães e crianças pobres”*.³⁴⁶

Preocupada não só com as crianças, mas, em geral, com toda a situação das classes populares, a imprensa paraguaia focalizou o olhar sobre a mulher da elite como mediadora do processo de controle, moralização e disciplina dos setores populares, com vistas a alcançar a “ordem e o progresso” que requeriam o Estado moderno. A imprensa, por seu turno, teve um papel significativo, divulgando a ação do Estado sobre esses setores como forma de sustentar o controle social. Emergia, assim, um discurso que projetava uma imagem de mulher higiênica, amorosa e cuidadosa; por esta via, a maternidade adquire projeções políticas, ou seja, as mulheres ajudam a moralizar a sociedade ao lado do Estado.

³⁴⁴ NARI, Marcela. *Op. cit.*, 2004. p. 126.

³⁴⁵ TRUEBA, Yolanda de Paz. El ejercicio de la Beneficencia. Espacio de prestigio y herramienta de control social en el centro y sur bonaerense a fines del siglo XIX. *In: História*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2007. p. 366.

³⁴⁶ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Op. cit.*, 2004. p. 16.

Nesse contexto de tentativa de modernização que vivenciou o Paraguai, especialmente ao final do século XIX, o discurso acerca da beneficência e da maternidade foi uma ferramenta importante para o Estado como meio de controle, ao reforçar que as mulheres deveriam ajudar a formar futuros cidadãos. A idéia de perigo social, acompanhada do convencimento da necessidade de prevenir os males que poderiam afetar as crianças, centrou a atenção nos órfãos e naqueles que circulavam pelas ruas da Assunção, sujeitas às vicissitudes da sua condição, as crianças desprotegidas necessitavam ser educadas. Pela frágil condição, eram apresentadas como as vítimas mais vulneráveis: *“Pero no se ha acordado de los que con más razón tienen derecho á la protección de los demás: de los niños desvalidos, de esos retoños huérfanos que se desprenden del árbol de la familia, por muerte de sus padres”*.³⁴⁷

Ao se falar em significado da infância, faz-se imprescindível salientar a natureza de seu caráter histórico e cultural. A idéia que uma sociedade tem de infância é particular e deve ser compreendida em seu contexto, analisando-se as relações de poder e as ideologias dominantes de cada época. Na sociedade burguesa, por exemplo, as crianças necessitavam de uma educação intelectual e disciplinar para se tornarem adultos. Assim, havia a preocupação com a educação e o disciplinamento das crianças, para que estas se tornassem adultos úteis, dóceis e concordantes com os valores sociais vigentes. Os espaços escolar e familiar, de acordo com Foucault, passaram a funcionar como uma máquina, tanto de ensinar, como também de vigiar, hierarquizar e recompensar.³⁴⁸

No tocante à preocupação com a criança abandonada e para tentar amenizar a pobreza daqueles que viviam pelas ruas da Capital, criou-se o Ministério de Menores com a exclusiva finalidade de prestar assistência aos menores abandonados. Naquele momento, o Ministério era instância máxima na organização e definição de competências sobre a infância: *“la ley, por su parte, no se ha olvidado de ellos y ha establecido el ministerio de menores; pero esta institución no puede llenar cumplidamente su objeto si un concurso social expreso, no viene auxiliarlo”*.³⁴⁹ Ou seja, era necessária uma legislação eficaz, além de uma dedicação conjunta de toda a sociedade. Argumenta, ainda, que havia várias Sociedade de Beneficência na Capital

³⁴⁷ *El Independiente* de 30 de dezembro de 1892. n. 1581. ano 5. p. 2.

³⁴⁸ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, 2007, pp. 143-148.

³⁴⁹ *El Independiente* de 30 de dezembro de 1892. n. 1581. ano 5. p. 2.

paraguaia: “*hasta para bailar, para proteger á los animales - ¡y no ha de haber para tomar de la mano al niño que aparece al mundo buscando su camino sin poder acertar á él, porque ha perdido la guía de sus padres!*”³⁵⁰

As instituições, por serem administradas pelas mulheres, olhavam para o problema da criança, da mulher e da família de maneira diferenciada. Desse modo, as ações caritativas do *bello sexo* paraguaio foram merecedoras de elogios na imprensa, pois cuidar dos necessitados, através das instituições de beneficência, era apresentada como “*uma definição moral de maternidade*”.³⁵¹ Além disso, muitas crianças, nos argumentos da imprensa, entregavam-se aos vícios com profundas seqüelas para a sociedade e sem um cuidado especial estariam fadadas a caminhar sem direção. O governo liberal do pós-Guerra entendia que era necessário cuidar das crianças, pois representavam as vítimas dos piores problemas sociais, entre eles a vadiagem e a prostituição:

cuán triste, cuando peligroso es el espectáculo de la infancia abandonada, aquí se ven niñas que han perdido desde temprano el tesoro de su sexo, alía niños en el mundo del vicio ó criaturas que ofenden con su desnudez - y sus ojos con lágrimas, una expresión de que ellos no se dan cuenta, pero que es la voz del instinto con los ademanes de pedir.³⁵²

Além da órbita higiênica, disciplinar e comportamental, estabelecia também o hábito do trabalho como um passo importante para a construção de uma sociedade moderna, pois muitos pais estimulavam o ato de pedir esmolas para sustentarem seus vícios. A imprensa acreditava que cuidar das crianças deveria ser uma prioridade do Estado e, com esse intuito, anos mais tarde, as damas de beneficência constituíram uma associação destinada exclusivamente à proteção de crianças órfãs. Uma das diretorias organizadas e eleitas na *Sociedad de Beneficencia y Patronato de la Infancia* foi assim composta:

³⁵⁰ *El Independiente* de 30 de dezembro de 1892. n. 1581. ano 5. p. 2.

³⁵¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Op. cit.*, 2004. p. 27.

³⁵² *El Independiente* de 30 de dezembro de 1892. n. 1581. ano 5. p. 2.

Presidenta: Da. Regina C. de Gaona; Vice - Presidenta: Da. M. R. Aguinaga; Tesorera: Da. Virginia N. de Paoli; Pro-Tra: Da. D. A. de Olascoaga; Secretaria: Sta. Deolinda Ferreira; Pro-Stria: Sta. Maria Elena Gaona; Vocales: Sras. Inocência M. de Ibarra Legal, Benigna G. de Sosa y Elvira G. de Freitas; Suplentes: Sras. Rosenda S. de Parodi, Francisca B. de Iribas y Teresa R. de Salas; Consejero: Sr. Victor M. Soler.³⁵³

A ação filantrópica, no caso paraguaio, era apresentada como uma atividade essencialmente feminina. Como as demais instituições, predominavam mulheres na sua composição e, nesse caso, em 1897, somente o Sr. Victor M. Soler, como Conselheiro, fazia parte da instituição. Ao finalizar o artigo, o jornal felicitava a nova diretoria *“cuya benéfica influencia en pró de los desheredados de la fortuna se hace sentir continuamente”*.³⁵⁴

No momento da fundação de uma Sociedade de Beneficência esta instituição constituiria um organismo indispensável, como um espaço de progresso moral, cultural e material que a cidade passava a desfrutar. A inspiração veio de Buenos Aires que, em 1892, fundou a *Sociedad de Beneficencia y Patronato de la Infancia*, uma instituição privada destinada a dar apoio à infância desprotegida e prevenir a mortalidade infantil, além de *“lograr la capacitación de los niños para desempeñar oficios útiles a la sociedad”*. Isso demonstrava uma articulação de esforços privados e estatais em torno de uma ação filantrópica específica, *“orientada a atender y formar en los hábitos del trabajo, la disciplina social y la moral a un segmento importante de la población, los niños-futuros adultos”*.³⁵⁵

³⁵³ **El Cívico** de 02 de agosto de 1897. n. 278. ano 1. p. 1. Na residência da Senhora Regina C. de Gaona, de acordo com o estatuto da *Sociedad de Beneficencia y Patronato de la Infancia*, realizou-se a assembléia geral ordinária para eleição da nova diretoria, assim constituída: “Presidenta: Señora Maria Emilia S. de Ferreira; Vice-Presidenta: Señora Emilia Q. de Soler; Tesorera: Señora Virginia N. de Paoli; Pro-Tesorera: Señora Lydia T. de Cotas; Secretaria: Señorita Teresa Macias; Pro-Secretaria: Señorita Etelvina Urdapilleta; Consejeras: Señoras Semiramides B. de Marengo, Margarita S. de Carvalho y Maria T. de Cotas; Suplentes: Señoras Teresa V. de Braga, Maria T. de Ramirez y Tereza R. de Salas”. **El Cívico** de 21 de agosto de 1899. n. 886. ano 3. p. 3. Dois anos de mandato e a instituição acumulou uma soma de setenta mil pesos. Em 1901, a nova diretoria assim ficou composta: “Presidenta: Clara Q. de Bajac; Vice – Presidenta: Patrona B. de Duarte; Secretaria: Carmen Del M. Torres; Pro – Secretaria: Joaquina Machain; Tesorera: Regina C. de Caona; Pro – Tesorera: Manuela R. de Aguinaga; Consejeras: Virginia N. de Paoli, Elvira G. de Fleitas y Asunción M. de Bogarin; Suplentes: Emilia H. de Peraso, Rosario M. T. de Soteras y Maria G. de Saguier; Consejero: Pedro Saguier”. **El Cívico** de 06 de agosto de 1901. n. 1480. ano 5. p. 1. “Asamblea de Damas” era o título do artigo publicado que divulgou a nova diretoria da *Sociedad Protectora de la Infancia*: “Presidenta: señora Maria T. de Ramirez; Vice-presidenta: señora Susana V. de Samaniego; Secretaria: señora Maria R. de Zelada; Pro-Secretaria: señorita Carmen Falabella; Tesorera: señora Rosa B. de Magrini; Pro-tesorera: señora Estanislana B. de Banks; Consejeras: señoras Tomasa A. de Ramirez, Josefa A. de Sanchez, Maria V. de garay, Mercedes V. de Tourmine, Margarita de Tami y señorita Irene de Gasperi; Consejeros: señores doctor Teodosio Gonzalez, Antonio Sosa y Luis Magrini”. **El Cívico** de 27 de outubro de 1903. n. 2121. ano 8. p. 1.

³⁵⁴ **El Cívico** de 02 de agosto de 1897. n. 278. ano 1. p. 1.

³⁵⁵ SABATO, Hilda. **Op. cit.**, 2002. p. 164.

Condicionadas pela constante dificuldade econômica que se refletia nas solicitações de verbas, as mulheres da elite paraguaia projetavam outros interesses. No final do século XIX, outras instituições almejaram abrigar crianças pobres e desamparadas. As Sociedades de Beneficência, responsáveis pelo Hospital e pelo Asilo, ensejaram essa vontade com o intuito de construir um orfanato para atender um maior número de crianças. Devido aos atrasos na obra, o **El Cívico**, em 10 de dezembro de 1897, com artigo intitulado “*Postergación*”, assim descreveu:

La inauguración del orfanatorio construido á inmediaciones de Hospital de caridad que debió efectuarse a mediados de este mes, se postergó para el invierno próximo, con motivo de haberse resuelto ensanchar el edificio á fin de que ofrezca mayores comodidades. Actualmente el número de huerfanazas asiladas en el hospital pasa de cuarenta, dedicándose en su mayoría en la confección de objetos de arte, que siempre han sido muy solicitados.³⁵⁶

No final do século XIX a proteção à infância recebeu destaque e maior evidência, não só por parte do Estado e pela legislação criada, mas igualmente por instituições que já existiam no Paraguai. Ou seja, esse momento estabeleceu o surgimento do significado da infância como uma etapa da vida distinta dos adultos e que necessita de cuidados especiais: era preciso combater a ignorância, obstáculo ao desenvolvimento pretendido, de forma a adquirir, por intermédio de uma formação adequada, novos hábitos e de dedicação ao trabalho. A educação deveria preparar a criança para viver em sociedade, consistindo em formar cidadãos úteis e cientes de suas funções sociais: “*recoger los niños de ambos sexos que han perdido á sus padres y educarlos é instruirlos convenientemente á fin de que más tarde puedan ser útiles á sí mismos*”.³⁵⁷

O aparecimento de mais uma agremiação para a proteção das crianças pobres não passou despercebido pela imprensa; pelo contrário, ocorreu uma grande exaltação por parte dela ao trabalho das mulheres e sua ação nesses movimentos. Os termos assistência, proteção e cuidado da infância estabeleceram uma centralidade

³⁵⁶ **El Cívico** de 10 de dezembro de 1897. n. 388. ano 1. p. 1.

³⁵⁷ **El Cívico** de 08 de maio de 1899. n. 809. ano 3. p. 3.

segundo a qual dela dependeria o futuro da raça e da Nação. A atenção à criança representou um engajamento prioritário, sendo, para alguns jornais, de fundamental importância formar cidadãos aptos ao trabalho, ajudando na construção de um Paraguai mais desenvolvido:

Hoy van á coronar su obra con la creación del establecimiento que nos sirve de tema y que en un porvenir no lejano formará generaciones de obreros de ambos sexos que influirán grandemente para modificar los hábitos del pueblo, inculcándole costumbres sanas de labor, economía y orden.³⁵⁸

A imprensa demonstrava acreditar na força disciplinadora da formação contra os perigos potenciais representados pela rua, identificada como a responsável pelo abandono, pelos crimes e pelos desvios dos indivíduos das regras e normas de conduta social. Essas iniciativas inscreviam-se, portanto, num processo de reconstrução política e social, com vista a assegurar a ordem e a estabilidade da sociedade, ameaçada pelos pobres e ignorantes. Era preciso, ao mesmo tempo, formar e qualificar meninos e meninas de acordo com seu sexo: *“Se trata de dar á los huérfanos nociones practicas de servicio domestico, enseñando a las niñas a planchar, lavar, cocinar, coser, hacer flores, etc., etc. y á los varones, aprovechando el terreno que posee el Asilo, se les sementarán á trabajos agrícolas, cuidados de aves de corral, así como al aprendizaje de algunos oficios”*.³⁵⁹

Os ofícios eram compatíveis ao universo das possibilidades de homens e mulheres na época. A estruturação de discursos e práticas intervencionistas por parte do Estado com relação à criança trouxe a emergência de se configurar os campos de competência dos saberes a fim de organizar instâncias que pudessem assegurar os cuidados, considerando os perigos que o abandono representava, mas também a necessidade de formá-las e encaminhá-las para uma profissão, em nome da construção de uma nova sociedade.

A preocupação com a profissionalização das crianças e jovens órfãos visava combater o ócio e a delinquência. É perceptível o discurso que procurava ajudar os

³⁵⁸ *El Cívico* de 08 de maio de 1899. n. 809. ano 3. p. 3.

³⁵⁹ *Idem*.

menores a inserirem-se no mercado de trabalho, dando-lhes uma profissão: aos meninos eram ensinadas tarefas próprias de seu sexo e de acordo com as necessidades da época; as meninas deveriam receber instruções relacionadas com trabalhos de costura, cozinha e outras tarefas do lar. Enfim, a mulher era inserida neste modelo como o exemplar de domesticidade, como aquela responsável por cuidar e organizar o espaço doméstico:

Que las pobres niñas antes que saber tocar piano, sepan cómo se remienda una pieza de ropa, antes de inclinar su tierno espíritu á los salones conozcan como deben tener limpia su casa, como deben hermosearla y hacerla agradable por el orden, la sencillez y la higiene, a eso debe tender su educación si es que verdaderamente se les quiere prestar un servicio.³⁶⁰

O projeto liberal para a sociedade paraguaia influenciou a esfera educacional e este modelo que inspirava as damas de beneficência devia ser objetivo e prático. A defesa de uma “ciência doméstica” para as meninas passou a ser notada; além da educação escolar, moral e religiosa, deviam aprender todas as prendas domésticas necessárias a uma boa mãe de família:

antes que enseñarles á recitar una poesía de Zorrilla, de Peza ó de Espronceda, que mañana no dará de comer ni vestirá á los huerfanitos á quienes vamos á recoger, procuremos que sepan cocinar, coser, sembrar, cuidar su casa, atender enfermos, se han dicho las respetables matronas, y hacen divinamente. Es una obra caritativa y patriótica al mismo tiempo.³⁶¹

As instituições escolares e de assistência tiveram um importante papel de difusoras dos ideais de civilidade, calcados na disciplina e na edificação de uma moral classificatória e circunscrita em papéis diferenciados para meninos e meninas. A educação, por sua vez, consistiria em robustecer nos meninos os hábitos de ordem e obediência ao trabalho, tidos como sustentáculos da vida de todas as classes sociais.

³⁶⁰ **El Cívico** de 08 de maio de 1899. n. 809. ano 3. p. 3.

³⁶¹ **Idem**.

O conjunto de aparatos reguladores localizava a preocupação com o comportamento das meninas; um bom modelo de educação, segunda a imprensa, era favorável em especial para elas, pois *“los obreros para casarse preferían á las jóvenes que presenten certificado de haber cursado en las escuelas de cocina y manejo de casa”*.³⁶² Esses exemplos poderiam servir de referência para a educação das crianças e, também, como um meio de habituá-las ao trabalho e à adaptação aos novos conceitos morais.

Um interessante pronunciamento foi realizado no Congresso Nacional pela Presidente da *Sociedad de Beneficencia y Patronato de la Infancia*, Senhora Maria T. de Ramirez. Segundo ela, parte significativa da população vivia no completo abandono e, nesse caso, seria um dever do Estado ajudar essa classe social para avançar rumo ao progresso e o bem estar. De acordo com a reportagem, as mulheres das classes menos favorecidas estariam sobrecarregadas em suas atribuições: *“¿Podrá una pobre mujer, siendo casi una heroína del hogar, mantener, vestir y proveer de útiles á sus niños? ¿Podrá una mujer que se conchaba cuidar solamente á sus hijos que los deja abandonados en mañanas extrañas, cuando no abandona completamente en la calle?”*³⁶³

No final do século XIX e início do século XX o discurso maternalista preocupado com as mulheres pobres e as crianças ganha espaço e, enquanto função social, deveria ser protegido pelo Estado. A maternidade tornou-se alvo das políticas públicas, pois garantindo o bem-estar da mãe, estariam assegurando um futuro melhor para os filhos; ao mesmo tempo, a infância passou a ser cada vez mais valorizada como uma fase especial, digna de atenção e cuidados. No caso do Paraguai, a mobilização em prol dos necessitados indica a importância que esse problema tinha para a elite e revela a constante preocupação com o trabalho, a ordem e a disciplina. Com a Guerra, a mulher pobre assumiu outras atribuições; o enaltecimento de suas funções maternas, especialmente a educação dos filhos, era constantemente reforçado na imprensa. Isso demonstrava uma certa consciência de gênero, preocupando-se com os problemas na criação e formação da criança e com as

³⁶² *El Cívico* de 08 de maio de 1899. n. 809. ano 3. p. 3.

³⁶³ *El Cívico* de 08 de julho de 1903. n. 2028. ano 8. p. 1. Gisela Bock menciona que, ao final do século XIX e início do século XX, para as mulheres da classe média as funções de maternidade e emprego não podiam e nem deviam combinar; já para as mulheres da classe baixa *“tinha que os combinar, não porque os quisessem, mas por necessidade económica”*. BOCK, Gisela. Pobreza feminina, maternidade e direitos das mães na ascensão dos Estados-providência (1890-1950). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **Historia das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Vol 5. Porto: Afrontamento, 1991. p. 436.

dificuldades específicas das mulheres neste processo. Preocupada com o futuro dessas crianças argumentou que, embora presenciando as aulas por determinado período, não sairiam aptos ao trabalho:

¿Qué harán para ganarse la vida? Tendrán que seguir la misma senda, la misma pendiente en que se hallan colocadas, tan peligrosa para su moralidad y buenas costumbres, tendrán que vivir conchabándose ó vendiendo en el mercado y al término, viendo sus trabajos sin poder adelantar, corromperse y volver á formar un hogar desgraciado criando hijos infelices á los cuales no podrán enseñar los dulces gozes que proporciona el trabajo, puesto que ellas mismas los ignoran.³⁶⁴

A despeito da submissão e do controle social, era inegável que a formação profissional e o desenvolvimento das habilidades domésticas eram a perspectiva de inserção para as meninas carentes na sociedade. O treinamento profissional asseguraria um espaço social para as futuras mulheres. No cerne regenerador da sociedade, segundo o argumento da autora, *“desgraciadamente en la parte baja de nuestra población reina en alto grado la corrupción, ¿por qué? Porque no sabe trabajar. Entre ellas, salvo raras excepciones, no hay obreras, no hay personas de servicio que conozcan su obligación, no hay quien sepa esos deberes primordiales de la mujer hacendosa, como coser, zurcir, etc.”*³⁶⁵

A *Sociedad de Beneficencia y Patronato de la Infancia* acordou que melhorariam a estrutura da instituição e para esse fim, *“la sociedad deberá establecer Asilos maternos, escuelas especiales para niños pobres, en la que se les proporcionará la ropa y útiles necesarios”*. As meninas sairiam aptas para ganhar a vida se tivessem uma formação adequada; nesse caso, deveriam ensinar *“costura, zurcido, lavado, planchado, hasta la cocina; conocimientos indispensables para toda mujer, sobre todo para la que debe vivir ganándose la vida por medio del trabajo”*.³⁶⁶

O discurso enfatizava que as mulheres das classes pobres deveriam também ser formadas para a direção do lar, na costura, na cozinha e outras atividades, como exercer o emprego de domésticas. Não cremos que os papéis desempenhados pelas

³⁶⁴ *El Cívico* de 08 de julho de 1903. n. 2028. ano 8. p. 1.

³⁶⁵ *Idem.*

³⁶⁶ *Idem.*

mulheres das classes populares estavam vinculados somente à esfera doméstica, espaço que delimitava ao mundo privado, ao qual afirmava que o ideal de educação da mulher seria o lar e seu papel social seria de esposa, mãe e dona-de-casa. Para essas mulheres o espaço público, a rua, o mundo do trabalho fora de casa era uma realidade antiga, que datava do período colonial.

Para atingir êxito nesta formação, a instituição necessitaria de uma melhor estrutura, com ambientes cômodos e higiênicos, destinando, inclusive, dependências à administração da Sociedade de Beneficência. Além disso, o objetivo desse pronunciamento era conseguir fundos para a instituição, pois caberia ao Estado a manutenção da beneficência pública:

Honorables miembros del Congreso, es el cumplimiento de uno de los más sagrados deberes del Estado que vengo á solicitar de vosotros, cual es el ejercicio de la beneficencia pública, deber sagrado del Estado, porque siendo uno de sus primordiales fines propender al bienestar general. No puede cruzarse de brazos ante la condición miserable de una parte de la generación llamada á jugar serio papel en el destino de la nación Paraguaya, y porque le es conveniente educar á sus hijos para que en vez de ser elementos dañinos que corroen su seno, sean miembros útiles, factores positivos del progreso.³⁶⁷

Algumas considerações devem ser destacadas para compreender essa preocupação da sociedade em relação à proteção à infância. Dentre elas, talvez a mais importante tenha sido a ação caritativa, quando passou a priorizar o disciplinamento e a educação das crianças para que estas fossem disciplinadas para o trabalho e tivessem uma formação. Nesse tocante, as necessidades sustentaram e justificaram a criação de instituições responsáveis pelo recolhimento, pela formação e pelo destino das crianças pobres e desprotegidas. Ao mesmo tempo, a preocupação com a infância se encontrava com a construção do estereótipo feminino direcionado à maternidade.

A família e a escola formavam um circuito; a família bem estruturada tinha na mulher um papel fundamental, tais como moralizar a vida de seus filhos. No entanto, a

³⁶⁷ **El Cívico** de 08 de julho de 1903. n. 2028. ano 8. p. 1.

rua e a condição das classes populares era um lugar identificado pelo abandono, vagabundagem e prostituição, uma ameaça para uma parte da população que tentava se moldar de acordo com o modelo liberal.

Para conseguir levar adiante a tarefa da beneficência, a forma adotada para cobrir os serviços prestados pelas instituições de caridade foi a realização de festividades e atividades para conseguir responder às necessidades da população carente que se diversificava e crescia após a Guerra. Por trás dessa atmosfera caritativa, muitas atividades desenvolvidas pelas mulheres compartilhavam das amarrações que se desenvolviam no cenário político da Capital, do qual as mulheres participavam mesmo que indiretamente. Essas práticas caritativas apresentavam uma trama de vínculos, pessoais ou de grupos, de parentesco e de relações políticas.

3.5. Práticas caritativas

Actuarán en la fiesta hermosas y distinguidas señoritas, cuya sola presencia bastará para que los jóvenes concurren presurosos á depositar su óbolo en obsequio á la niñez desvalida.

El Cívico de 22 de abril de 1903. n. 1968. ano 8. p. 1.

A prática da caridade abriu para as mulheres da elite um caminho que lhes permitiu transitar entre a esfera pública e privada. Além de manter suas atividades domésticas e familiares, elas passaram a ter uma participação mais ampla na vida social e pública através da filantropia.³⁶⁸ A ação caritativa buscou mobilizar a população e angariar fundos de diversas formas. A organização de festas beneficentes, através de bazares e bailes, era uma atividade muito comum na época e cumpria um duplo papel: propiciar a sociabilidade da elite paraguaia e, ao mesmo tempo, contribuir com a caridade.

Os discursos da imprensa revelam um conjunto documental muito rico para a análise desse tema. Os jornais do período abriam seu espaço para as associações divulgarem suas atas, avisos e, sobretudo, suas festividades. Havia um destaque para essas matérias na imprensa, pois os recursos da Sociedade de Beneficência responsável pelo Hospital, por exemplo, provinham de doações feitas por particulares e de festejos. Contudo, essas doações eram consideradas insuficientes para manter as contas estáveis, o que dificultava a administração das instituições mantidas pelas Sociedades de Beneficência.³⁶⁹

Na Argentina as entidades associativas foram fundadas com o propósito de fomentar a sociabilidade *“entre las gentes acomodadas de las respectivas ciudades y se constituyeron en lugares de reunión, contacto, intercambio y diversión de hombres y mujeres de las clases propietarias”*.³⁷⁰ Em Buenos Aires, as Sociedades de

³⁶⁸ ELLIOTT, Dorice Williams. **Op. cit.**, 2002. p. 218.

³⁶⁹ Os jornais também faziam doações, juntamente com as principais personalidades políticas da época: *“La Regeneración: \$ 50, Rufino Tabeada: \$ 25, Adolfo Decoud: \$ 15, Jaime Sosa: \$ 10, Pedro Vera: \$ 2, Juan Francisco Decoud: \$ 40, Dr. D. Eduardo Zubiaga: \$ 15.”* **La Regeneración** de 07 de janeiro de 1870. n. 39. ano 2. p. 2.

³⁷⁰ SABATO, Hilda. **Op. cit.**, 2002. p. 123.

Beneficência realizavam inúmeras festividades: “(...) *en sus salones se realizaban banquetes, agasajos y, sobre todo, bailes, una verdadera institución en la que competían las diferentes entidades en lujo y despliegue de apellidos de prosapia (...) y se la valoraba positivamente pues, al canalizar el espíritu festivo, fomentaba el ingreso de los jóvenes a la sociabilidad pública*”.³⁷¹

Na província argentina de Rosário, as mulheres da elite, entre as décadas de 70 e 90, também atuavam de modo decisivo nestas atividades. Ao lado da obra caritativa, aparecia uma diversidade de obras culturais e educativas:

Organizaron y/o participaron de bazares anuales, fiestas florales, almuerzos campestres, exposiciones y, en particular, espectáculos de teatro, lo que las puso de nuevo en contacto con empresarios de diversas salas o compañías artísticas, sociedades mutuales, clubes deportivos o la multiplicidad de comisiones gestadas en el espacio público para afrontar cuestiones del interés general.³⁷²

De acordo com Marta Bonaudo, as mulheres argentinas, ao final do século XIX, estavam formalmente excluídas do espaço público, “*pasando de las estrategias imitativas y tuteladas, a ser capaces de hablar con su propia voz, de participar, utilizando su propia domesticidad como ruta de acceso a la vida pública*”. Ao mesmo tempo, de maneira gradual, começaram a visualizar o espaço público como um lugar para tomar decisões com relação à problemática da mulher e das crianças dos setores subalternos “*obligándolos a involucrarse en su resolución, alejándolos de respuestas exclusivamente privadas*”.³⁷³

A ação das Sociedades de Beneficência implicou numa rede de relações que, ao atuarem junto às práticas beneficentes, favoreciam a sociabilidade fosse ela masculina ou feminina. A atuação política era exclusiva dos homens e as mulheres tinham sua dimensão restrita ao espaço privado; porém, ao assumir o papel de provedoras da beneficência, entram em contato com o espaço público e com a

³⁷¹ SABATO, Hilda. **Op. cit.**, 2002. pp. 124-126.

³⁷² **Idem.** p. 87.

³⁷³ BONAUDO, Marta. Cuando las tuteladas tutelan y participan. La Sociedad Damas de Caridad (1869-1894). **Signos Históricos**, n. 15, Enero-junio, 2006. p. 77.

questão social, o que contribuiu para que elas se relacionassem com o poder e com a própria imprensa, o maior canal de comunicação entre a sociedade e o Estado.

Era notável a intenção do Estado em apoiar as práticas beneficentes, talvez pelo fato de diminuir a sua responsabilidade pública diante da assistência social e da saúde. Embora se destacassem os princípios humanitários dessas campanhas, chamava atenção os êxitos que esse tipo de auxílio poderia gerar. As ações promovidas pelas Sociedades de Beneficência, além dos sentimentos caritativos, visavam resolver o problema da miséria, tornando os beneficiários trabalhadores em condições de produzir para a Nação e não mais dependentes dos recursos da instituição. Dada a necessidade em auxiliar a população pobre, o governo provisório, em 16 de fevereiro de 1870, apoiou um baile beneficente. O artigo intitulado *“Socorros para las familias Paraguayas”* anunciou a festividade: *“La Comisión directiva del baile popular, que fecha 16 del corriente se dio al beneficio de los pobres de esta República en el Teatro Nacional”*.³⁷⁴

As doações também chegavam de fora do Paraguai. De maneira geral, os contatos com as instituições de outros países, em especial da Argentina e do Uruguai, contribuíram para dar uma resposta mais eficiente aos beneficiários da caridade. Com o título *“A los pobres. Caridad de las Señoras Orientales”*, **La Regeneración** agradece os donativos procedentes da República Oriental: *“nuestro más sincero agradecimiento en nombre de las familias paraguayas á las señoras orientales por tan filantrópico socorro, tanto más valioso cuanto que a pesar de todos nuestros esfuerzos hasta hoy se ven pulular por todas partes á seres racionales muertos de hambre, de miseria y desnudez”*.³⁷⁵

O poder público da época, na impossibilidade de erradicar os problemas relacionados à pobreza, procurou dar espaço às mulheres e, através da imprensa, foram divulgadas suas diversas ações. Entre elas, destacam-se os bazares como uma prática bastante comum entre as senhoras da elite. **La Pátria**, de 25 de fevereiro de 1875, relata o bazar de caridade organizado por uma Comissão de senhoras que recorriam às casas de comércio da Capital para obterem objetos para organizar seus bazares. Segundo constava, o objetivo principal dessas senhoras era conseguir

³⁷⁴ **La Regeneración** de 20 de fevereiro de 1870. n. 58. ano 2. p. 3.

³⁷⁵ **La Regeneración** de 22 de abril de 1870. n. 82. ano 2. p. 1.

fundos para construir um Hospital e, desse modo, solicitavam aos comerciantes, através da imprensa, para *“recibir la visita de tan distinguidas Comisiones, que darán en esta ocasión una nueva prueba de sus sentimientos filantrópicos, alentando con su mejor acogida los laudables esfuerzos de las Señoras”*.³⁷⁶

Outra Comissão, em 12 de junho de 1881, divulgou na imprensa a necessidade de donativos para a instalação de um bazar. Para esse fim, o próprio jornal reforça o ato, argumentando que a sociedade de Assunção sempre respondeu prontamente aos anseios da caridade e, ainda, estariam *“seguros de que no perderá esta ocasión mas para prodigar con cariñoso desprendimiento los auxilios que necesitan los desgraciados menesterosos”*.³⁷⁷ Na tentativa de amenizar as dores da miséria, promovendo os socorros e os auxílios para a sociedade da época, todas as doações eram bem-vindas, *“pequeña ó grande, todo redunda a favor y alivio de nuestros propios hermanos maltratados por la suerte”*.³⁷⁸

A doação geralmente tem um interesse pessoal. No entender de Andrés Thompson, *“el sentido de tales donaciones - como por lo general toda donación - no es desinteresada”*.³⁷⁹ De fato, a doação gera uma auto-satisfação para o doador. A esmola, por exemplo, enquanto uma prerrogativa dos cristãos, gera um ato de superioridade - não importando o que era doado - e valoriza a ação como caridade. Já a doação a uma instituição implica um compromisso e uma satisfação no sentido de haver uma identidade com o grupo social e doar, nesse caso, gerava prestígio social e um sentimento de pertencimento a classe que participavam.³⁸⁰

Os governos do pós-Guerra, embora não subvencionassem as associações, concediam-lhes vantagens e benefícios como a isenção de impostos, taxas e o privilégio da organização de loterias, cuja renda proveniente da venda de bilhetes era aplicada no custeio das entidades. A Presidente da *Sociedad de Beneficencia y Caridad*, responsável pelo Asilo de Mendigos, solicitou ao município parte dos valores

³⁷⁶ *La Patria* de 25 de fevereiro de 1875. n. 243. ano 2. p. 1.

³⁷⁷ *La Democracia* de 10 de maio de 1881. n. 8. ano 1. p. 1.

³⁷⁸ *Idem*.

³⁷⁹ THOMPSON, Andrés. *Op. cit.*, 1994. p. 23.

³⁸⁰ Pierre Bourdieu levanta a questão se *“É possível um ato desinteressado?”* e comenta que a noção de interesse é *“um instrumento de ruptura com uma visão encantada, e mistificadora, das condutas humanas.”* E que não há ato desinteressado; o interesse é o que dá sentido a um ato. O ato não-motivado é um ato gratuito, por nada, enfim, que não é lucrativo, pois a razão de ser de uma conduta impele a busca de fins econômicos. BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2005. pp. 137-156.

da loteria de beneficência, *“autorizando para su percepción al empresario del misma, señor Lopez Moreira. La Municipalidad tomó anteayer en consideración dicha solicitud, proveyéndola de conformidad, á cuyo efecto ordenó se proceda á la liquidación de todos los ingresos habidos en áreas municipales provenientes de la lotería”*.³⁸¹

A polêmica em torno da manutenção das Sociedades de Beneficência era sua questão financeira. A loteria, embora condenada por muitos, era uma maneira de colaborar com as instituições, já que o Estado enviava, quando solicitado, parte de sua arrecadação. **La Democracia** havia se posicionado contrário à lei que autorizava a loteria e outros jogos de azar, por julgá-los imorais, já que *“la beneficencia pública no era razón para legalizar los juegos de azar”*.³⁸² Era uma legislação que assumia uma posição ambígua, pois através dela era possível atender os beneficiados das instituições de caridade: *“pero no con la clase opuesta, porque se la expone á perder sus escasos ahorros, á abandonar el trabajo y á contraer vicios: el juego y la holganza”*.³⁸³

O jornal era avesso às loterias e entendia que a beneficência não estaria prejudicada por mais que representasse uma soma de valor bastante expressiva. De acordo com as informações, o governo deveria auxiliar de outra maneira a instituição: *“El gobierno no debe consentir que los Hospitales se cierren para los pobres y desvalidos por falta de recursos, cuando él dispone de suficientes para subvenir los establecimientos públicos que, como esos Hospitales, son la piedra de toque de la civilización y cultura modernas”*.³⁸⁴

Mesmo com a condenação dos jogos de azar, anos depois, as duas Sociedades de Beneficência, uma presidida pela Senhora Francisca H. de Thompson e, outra, pela Senhora Maria G. de Garcia apresentaram ao Congresso da República, uma solicitação pedindo autorização para estabelecer uma *loteria de caridad* em benefício de ambas as Sociedades. Argumentavam o quanto esses valores seriam importantes para as duas instituições: *“si nuestros deseos á este respecto se viesen realizados, tendríamos una fuente importante de recursos, como lo tienen las Sociedades del mismo género en las ciudades del Plata y algunas de Europa”*.³⁸⁵

³⁸¹ **La Democracia** de 10 de maio de 1885. n. 1290. ano 5. p. 1.

³⁸² **La Democracia** de 13 de abril de 1888. n. 2038. ano 8. p. 1.

³⁸³ **Idem.**

³⁸⁴ **Idem.**

³⁸⁵ **La Democracia** de 05 de setembro de 1893. n. 3636. ano 13. p. 1.

As loterias continuavam sendo uma significativa fonte de recursos; contudo, a aplicação do benefício, não tirava da loteria o caráter de um jogo. Evidentemente que a criação ou autorização de uma loteria com fins filantrópicos não significava que o Estado havia decidido assumir uma política de assistência social, mas, de certa forma, cooperou com recursos que, no decorrer das décadas de 70 e 80, não o fazia. Isso é um ato importante rumo a uma maior intervenção do Estado na ação filantrópica.

O governo em muitas oportunidades contribuiu com doações e incentivos. Pode-se dizer que a ação beneficente, em muitas ocasiões, era uma atividade conjunta, da elite e do Estado, já que estas mulheres tinham certa proximidade por serem esposas, irmãs ou filhas dos principais dirigentes paraguaios. Outra forma de ajudar na manutenção das Sociedades de Beneficência veio de um projeto apresentado pela Câmara dos Deputados que estabelecia um imposto de 2% sobre os soldos que excedessem 100 pesos fortes. Para a imprensa, *“ya era tiempo que algo durable se hiciera a favor de las Sociedades de Beneficencia. Estas no perciben del fisco sino una subvención insignificante, que no basta á asegurar su existencia, ni responde al fin humanitario que se proponen”*.³⁸⁶

A imprensa argumentava que os funcionários públicos, em especial, não teriam prejuízo com essa medida, *“por el contrario, deben sentir la satisfacción moral de contribuir al alivio de los menesterosos y desgraciados, cuya suerte interesa á toda la sociedad”*.³⁸⁷ Para as Sociedades era importante que a Câmara aprovasse esse projeto para que o Asilo e o Hospital tivessem assegurada sua existência. Segundo o **La Democracia**, o governo também deveria apoiar e assumir o compromisso junto às Sociedades de Beneficência, já que *“es uno de los fines primordiales del Estado crear y favorecer las instituciones pías. Lo que el sentimiento nacional aprueba, el gobierno debe fomentarlo y protegerlo”*.³⁸⁸

Seguramente, a principal fonte de recursos era procedente dos bailes de caridade organizados pelas mulheres da elite. Para isso, utilizavam largamente da imprensa para propagar suas festividades e comemorações e, nestas ocasiões, convidavam as principais autoridades locais e os ilustres estrangeiros que se encontravam na Capital. Esses bailes realizados na Capital, organizados quase que

³⁸⁶ **La Democracia** de 06 de setembro de 1893. n. 3637. ano 13. p. 1.

³⁸⁷ **Idem.**

³⁸⁸ **Idem.**

exclusivamente pelas damas de beneficência, era em benefício do Asilo e do Hospital de Caridade.

Os bailes realizados no Palácio Nacional, nos dias 12 e 13 de outubro de 1893, em comemoração ao aniversário do descobrimento de América, foram *“los más concurridos de todos los que las dos Sociedades habían celebrado hasta la fecha”*.³⁸⁹ A Presidente do Hospital de Caridade, Francisca de Thompson, e a Presidente do Asilo de Mendigos, Maria G. de Garcia, organizaram um bazar com objetos doados pelas sócias das duas entidades e de estrangeiras não sócias. Neste evento, foram doados 482 objetos, sendo emitidos 4000 bilhetes de loteria e vendidos 3000 deles. O lucro total líquido foi de \$ 8000,06 para as duas Sociedades, divididos \$ 4000,03 para cada uma das instituições.³⁹⁰ (Ver Anexo V, p. 276). A comissão finaliza o artigo agradecendo às autoridades presentes na festa, *“así también su gratitud al público, que no obstante la situación crítica, ha sabido responder á la voz de la Caridad en contribuir con su óbolo”*.³⁹¹

Como porta voz da instituição que cuidava do Asilo, o **El Cívico** apoiou outro evento em favor das beneméritas damas que integravam aquela associação. Em agosto de 1897, divulgou notícia destinada para a elite que comparecia nas festividades organizadas pelas ilustres senhoras: *“las distinguidas damas de la Sociedad de Beneficencia y Caridad, dignamente presidida por la señora Maria G. de García, tienen la laudable propósito de organizar un festival para el 25 de Noviembre próximo á beneficio del Asilo de Mendigos”*.³⁹²

De um lado, os bailes eram vistos com certa desconfiança, devendo ser observados os princípios morais e as boas condutas. Por outro lado, quando realizados em favor da caridade deveriam responder ao seu real significado. Para a imprensa, *“el baile eminentemente social y aceptado por las naciones que marchan a la vanguardia de la civilización y el progreso, no veo en que puede se incompatible con la practica de la caridad cristiana”*.³⁹³

³⁸⁹ **La Democracia** de 16 de outubro de 1893. n. 3646. ano 13. p. 1.

³⁹⁰ **Idem.**

³⁹¹ **Idem.**

³⁹² **El Cívico** de 20 de agosto de 1897. n. 294. ano 1. p. 1.

³⁹³ **El Cívico** de 07 de setembro de 1897. n. 309. ano 1. p. 1.

As chamadas nos jornais avisavam a respeito dos eventos que ocorriam em benefício da caridade. Entre outras notícias louvadas pela imprensa, de setembro de 1899, divulgou um passeio organizado pelas damas de caridade. A chegada da primavera, segundo constava, “*va a ser fecunda en diversiones y provechosa para los pobres*”.³⁹⁴ Depois do passeio realizado a bordo do vapor *Júpiter* seriam promovidos bailes no Teatro Nacional que, para a elite da época, assumia um duplo significado: “*no solo tendrá ocasión de divertirse sino de hacer una obra de caridad*”.³⁹⁵

Nos momentos mais críticos a ação das mulheres ganhou maior espaço, operando com uma dinâmica maior. Em 1899, a epidemia de cólera que reinava no país mobilizou as mulheres da elite da Capital que, reunidas na casa do Presidente da República, objetivavam obter fundos para amenizar a situação das famílias infectadas. Nesse “*Acto de filantropía*”, como foi intitulado, formou-se uma comissão encarregada em conseguir fundos, cuja direção era encabeçada pela 1ª Dama: Presidente: Josefina R. de Aceval; Tesoureira: Carmen M. de Ferreira e Secretária: Adela Speratti.

Para a elite liberal, que dominava o cenário político da época, a atividade junto às Sociedades representava um trabalho civilizatório. As atividades não deixavam de servir de palanque político, por isso participavam com frequência dos principais eventos. Tudo, enfim, era materializado na imprensa e, por isso, servia de sustentação dos interesses da elite paraguaia. A imprensa local era o maior instrumento de consolidação do *status* da elite paraguaia de modo que eram publicados anúncios relacionando as quantias doadas às instituições e seus respectivos doadores. As entidades filantrópicas, por sua vez, sabiam usar deste instrumento em seu próprio benefício. Nessas ocasiões, muitas resolveram fazer as doações, cujos valores foram apresentados do seguinte modo:

Josefina R. de Aceval \$ 200, Carmen M de Ferreira 200, Maria V. de Garay 100, Valentina V. de Nogués 200, Silvia C. de Villaami 200, Petrona G. de Urdapilleta 200, Carmen G. de Cordal 100, Juana Tesano Pintos de Cabral 200, Susana Burgoa de Garcia Sagastume 50, Regina C. de Gaoa 20, Margarira V. de Bibolini 20, Maria S. de Ferreira 20, Elsia M. de mazo 20, Benigna G. de Soza 20, Francisca de Usfran 100, Maria Gomes de Garcia 50, Maria G. de Tores 20, Angelina L. de Audibert 50, Lúdia T. de Cudas 50,

³⁹⁴ *El Cívico* de 06 de setembro de 1899. n. 910. ano 4. p. 1.

³⁹⁵ *Idem*.

Gregoria de Montero 20, Mercedes F. de Baez 10, Mônica A. de Appleyard 10, Dolores Ch. Decoud 10, Manuela G. de Domingues 50, Andréa G. de Guerrero 20, Teresa Loizaga 10, Juana Jovellanos 5, Vencnai L. de Brenan 20, Clara E. de Saguier 10, Elvira G. de Freitas 50, Adélia V. de Mazo 20, Julia de Machain 20, Estanila Estigarribia 5, Dolores de Guanes 15, Matilde V. de San Martin 25, Carmen R. de Jorba 100, Maria de D. Costa 2, Adela y Celsa Speratti 100, Juana B. de Pollitzer 50.³⁹⁶

Quando necessitavam de recursos, publicavam artigos apontando para as suas dificuldades e carências mais imediatas. A elite local em seguida respondia, enviando ao próprio jornal os valores de suas contribuições. Ao recebê-las, as associações mostravam-se agradecidas e homenageavam seus principais beneméritos. Os nomes acima apresentados comprovam a relação dessas mulheres com os principais dirigentes paraguaios; novamente encabeçando a lista estava Josefina Aceval, esposa de Emilio Aceval.

Em 14 de maio de 1900, foi realizado outro baile de caridade em prol do Hospital e em comemoração à independência do país. Segundo as informações da imprensa, o baile era repleto de luxo: *“no hay modista, aun las menos afamadas, que no reciba diariamente la visita de numerosas niñas que desean confeccionarse trajes para esta oportunidad”*.³⁹⁷ Esta festividade entusiasmou a alta sociedade, pois, segundo constava, todas as costureiras encontravam-se ocupadas na confecção dos trajes *“á cuales mejores y lujosos, para este festival, que tiende a ser la nota más brillante de la temporada de invierno”*.³⁹⁸

Esses eventos eram representados como um sinal de prestígio para as mulheres que faziam parte das famílias de maior importância política da Capital. Nesses bailes, dedicados à elite, comentavam-se os trajes usados e aqueles indicados para determinados eventos, *“con el objeto que la fiesta se aparte de la vulgaridad”*.³⁹⁹ Pretendia-se, na verdade, evitar situações constrangedoras como o que ocorreu no baile em *Villa Rosa* onde, *“muy pocas fueron las niñas que respondieron el objeto, pues la mayoría se hallaban vestidas con trajes comunes”*.⁴⁰⁰ Para a maioria da

³⁹⁶ *El Cívico* de 13 de setembro de 1899. n. 916. ano 4. p. 1.

³⁹⁷ *El Cívico* de 05 de maio de 1900. n. 1104. ano 5. p. 1.

³⁹⁸ *El Cívico* de 08 de maio de 1900. n. 1107. ano 5. p. 1.

³⁹⁹ *El Cívico* de 21 de maio de 1901. n. 1415. ano 6. p. 1.

⁴⁰⁰ *Idem*.

população, os modos e hábitos europeus eram diferentes e tão estranhos que tiveram dificuldade em adaptar-se a eles. Em uma sociedade fortemente marcada pela presença de uma população mestiça, as transformações foram muito lentas, reflexo de características culturais próprias.

Além da atuação nas instituições, o trabalho caritativo consistia também no atendimento de pessoas ou famílias carentes, auxiliando-os com gêneros alimentícios, roupas ou remédios. Por um lado, havia uma propagação das campanhas de arrecadação de donativos; por outro, havia os que defendiam uma intervenção rápida das autoridades, por intermédio de uma ação mais eficiente do Estado. A assistência aos enfermos dos Hospitais, mesmo com poucos recursos, continuava valorizada: *“Con recursos, puede decirse mezquinos, que les alcanzaba la protección oficial, que ellas aumentaban mediante organización de fiestas de caridad, han llegado á levantar verdaderos palacios para albergue de desvalidos y alivio de enfermos pobres.”*⁴⁰¹ Os jornais eram enfáticos no sentido de reconhecer as ações realizadas em prol da população carente da Capital, uma ação humanitária e cristã que deveria ser valorizada e protegida pelo poder público.

As divulgações na imprensa incorporavam um discurso que conclamava aos leitores para participarem das festas em defesa dos mais necessitados. Exemplo disso, foi outro baile organizado *pela Sociedad de Beneficencia y Patronato de la Infancia*, presidida na época pela Senhora Rafaela L. de Miranda, e que recebeu inúmeros anúncios na imprensa, despertando entusiasmo entre ambos os sexos. Esses eventos davam a tônica de uma animada programação, que *“crecido promete ser el número de parejas, pues las niñas, sabedoras de que lo jóvenes observarán con ellas la más refinada galantería, han resuelto ir directamente al salón del baile.”*⁴⁰²

O baile era apresentado como um espaço de sociabilidade onde a elite, em especial as senhoritas, podia apresentar suas roupas luxuosas e, quem sabe, alcançar um bom casamento. A Senhora Filomena Margarita enviou uma carta ao cronista da coluna *Vida Social*, do jornal **El Cívico**, indagando a respeito dos bailes de caridade. Inicia suas considerações da seguinte forma:

⁴⁰¹ **El Cívico** de 05 de setembro de 1901. n. 1504. ano 6. p. 1.

⁴⁰² **El Cívico** de 24 de junho de 1901. n. 1443. ano 6. p. 1.

vengo á hacer la defensa de una práctica que considero moral y honesta, universalmente aceptada por las sociedades más cultas y cristianas del mundo. Una simple consideración de los hechos me dará la razón: todas las instituciones, desde las más humanas hasta las más divinas que se desenvuelven en la sociedad, tienen siempre esa mezcla de que se protesta en el caso de los bailes de caridad.⁴⁰³

Criticando a opinião da Igreja, que condenava os bailes e tertúlias, a imprensa acreditava que essas diversões eram honestas, utilizando os seguintes argumentos: *“¿por qué ha de condenar á los que, aprovechando esos momentos de expansión, sacan dinero del bolsillo, á indicación de las damas que se acuerdan de los pobres y desvalidos, para proporcionarles pan, vestidos y medicamentos?”*⁴⁰⁴ De acordo com a autora do artigo, as idéias da Igreja não pareciam ser as idéias da Pátria. Se a Igreja recebe donativos para a construção de seus templos e outras construções para a celebração de festas religiosas, *“¿por qué se ha de prohibir que las damas caritativas organicen reuniones donde, los que acuden, puedan dejar su óbolo para la caridad pública, para socorrer a los pobres y desvalidos, que son los hijos mimados del Señor?”*⁴⁰⁵

A beneficência, de modo geral, adquiriu nesse contexto um novo desenvolvimento e sentido. Essas damas foram destinatárias dos discursos da caridade, da beneficência, da maternidade e colaboradoras na moralização das camadas populares. A fundação dessas instituições vem comprovar a hipótese de que essa modalidade de beneficência significou um novo olhar das classes privilegiadas sobre a pobreza, como uma possibilidade de educar e tutelar os necessitados com os valores que consideravam importantes para a preservação de seus próprios privilégios.

O reforço do *status* e do poder político derivado de tais ações explica as contribuições destinadas às mais diferentes obras de caridade existentes na Capital paraguaia da época; rendia prestígio político, ou seja, não importa a quantidade de assistência realizada, mas como ela podia ser uma aliada politicamente. Os eventos caritativos foram um espaço de sociabilidade para a elite paraguaia. De qualquer

⁴⁰³ *El Cívico* de 22 de julho de 1901. n. 1448. ano 6. p. 1.

⁴⁰⁴ *Idem.*

⁴⁰⁵ *Idem.*

forma, essa ação proporcionou às mulheres da elite o ingresso na vida pública para o exercício de atividades consideradas como uma extensão natural de sua função doméstica.

4. ESPAÇOS, COMPORTAMENTOS E SOCIABILIDADES

As nações em guerra reforçam as identidades de gênero e quando se inicia o processo de reconstrução a normatização dos papéis e comportamentos são reforçados: para os homens o espaço público, para as mulheres o espaço privado e as atividades a ele relacionados; dos homens espera-se agressividade, capacidade de liderança, racionalidade; das mulheres a delicadeza, a sensibilidade e a beleza. Representadas como portadoras de certas qualidades inerentes ao sexo feminino, como a ternura, o amor, seu lugar por excelência era o lar e suas tarefas estavam restritas aos cuidados do marido e dos filhos.

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher para desempenhar as funções da esfera privada, este discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar e gerar filhos para a Pátria. Dentro desta ótica não existiria realização possível para as mulheres fora do lar. A imagem de mãe, esposa e dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa.

No século XIX, às transformações econômicas e políticas seguiram-se às modificações nos hábitos e costumes da população que, no espaço público e no privado, deparava-se com novidades trazidas pelas idéias estrangeiras. Enfim, o modo de viver, morar, constituir família e as necessidades materiais básicas tomaram novas feições.⁴⁰⁶ Nesse contexto, às mulheres reservavam-se dois tipos de comportamento, determinados pela condição social: as pertencentes às classes abastadas estavam mais próximas do ideal tradicional feminino, geralmente restringindo ao ambiente doméstico, à vida em família, ao marido e aos filhos; as mulheres das classes baixas lançaram-se às ruas, buscando a sobrevivência e lidando, muitas vezes, com outros códigos de moralidade.

A cidade de Assunção passava por transformações que envolviam diversos aspectos, como o vestuário, os comportamentos, os hábitos e divertimentos em geral.

⁴⁰⁶ SAMARA, Eni de Mesquita. Famílias e Cidades: espaços de sobrevivência e de sociabilidade no século XIX. In: Revista de História. **Questões & Debates**, Curitiba, Vol. 14, n. 26/27, 1997. p. 238.

A manutenção da beleza tornou-se tema privilegiado dos discursos normativos dirigidos às mulheres da elite. Ocorreu um sentimento de desprezo do passado e o presente representava a felicidade, sendo apreciado e valorizado. Os paraguaios observavam com fascínio os ideais da *Belle Époque* francesa, deixando muitas marcas de sua influência. Valorizavam em demasia o que estava ligando à França, especialmente como sinônimo de modernidade. O modelo francês seria a moldura para a sociedade paraguaia, mas não se limitava a roupa, perfumes, adornos, etc.; todo um modo de ser foi regido por esta influência.

Nas festas, nos bailes, na maneira de se vestir e de se relacionar, cada categoria social possuía modelos característicos de sua própria especificidade, embora os padrões da elite, de modo geral, fossem impostos à sociedade como um todo. Os relacionamentos familiares, as formas de expressar a sexualidade, a maternidade, as sociabilidades, as relações de trabalho, as escolhas de cada um, a distribuição de tarefas e de poderes, são compreendidos e se manifestam de maneiras diferentes em cada contexto social, configurando relações de gênero distintas, em vários lugares e momentos históricos.

As artes visuais e a literatura desempenharam importante papel na divulgação de modelos de gênero fundados na oposição de esferas de ação e na idéia de complementaridade sexual. Ambas articularam as idéias dominantes sobre as relações de gênero através de romances, folhetins e representações imagéticas cada vez mais acessíveis ao público de classes médias.⁴⁰⁷ De um lado, se fortalece a idéia da mulher como um ser frágil, sensível e dependente, construindo um modelo de feminilidade assexuada e passiva. Por outro, se produz uma representação de mulher como portadora de uma organização física e moral facilmente degenerável, dotada de um excesso sexual que deve ser constantemente controlado.⁴⁰⁸ Para Michelle Perrot a representação da mulher é tomada pela ambigüidade:

é ao mesmo tempo o sangue e os lírios, branca madona, lilial jovem das auras transparentes e cheias de promessas e pérfida Salomé das tardes

⁴⁰⁷ MARTINS, Ana Paula Vosne. O caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 34, 2001. p. 161.

⁴⁰⁸ NUNES, Sílvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 55.

púrpuras; a vítima e o carrasco; amazona liberta e guerreira, rainha dos bosques e das fantásticas cavalgadas, e a criança ingênua e carinhosa; a água e o fogo, a liberdade das florestas e o afundar dos pântanos nauseantes; a Virgem e a prostituída (...).⁴⁰⁹

Privilegiando os discursos da imprensa, no presente capítulo analisamos inicialmente as representações do feminino em torno da “rainha do lar” e da “mulher fatal” e a seguir o significado do amor como um atributo essencialmente feminino. Após, em duas seções enfocamos a vestimenta feminina como elemento de mudança nos costumes para a elite e para as classes subalternas e os comportamentos desejados, especialmente, nos bailes ocorridos na Capital. Por fim, resgatamos os discursos que fortaleciam sua permanência na esfera privada.

⁴⁰⁹ PERROT, Michelle. De Marianne a Lulu. As imagens do feminino. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**. Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 179.

4.1. O Anjo do lar e a filha de Satã

La elección de una mujer no es más que un golpe de dados. En manos de un hombre prudente, sólo hay una probabilidad favorable contra veinte adversas.

El Cívico de 31 de maio de 1899. n. 828. ano 4. p. 1.

Durante a segunda metade do século XIX a mulher se converteu em tema que atraiu a atenção de moralistas, cientistas, filósofos, intelectuais e artistas; seu corpo tornou-se um mistério para o homem.⁴¹⁰ Não foram somente seus direitos e o papel que ela devia ocupar na sociedade que preocupavam e eram temas de debates, mas, também, seu aspecto psicológico e sua inteligência. Michelle Perrot apresenta os mitos e as imagens que cercam a figura feminina no século XIX:

Ora a mulher fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria das neuróticas; filha do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora. (...) outra imagem, contrária: a mulher-água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta, rio sombreado e pacífico para o banhar-se, onda enlanguescida cúmplice dos almoços na relva; mas ainda água parada, lisa como um espelho oferecido, estagnante como um belo lago submisso; mulher doce, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente, misteriosa, um pouco traiçoeira, sonho dos pintores impressionistas (...) Mulher-terra, enfim, nutriz e fecunda, planície estendida que se deixa moldar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e se enraízam os grandes caçadores nômades e predadores; mulher estabilizadora, civilizadora, apoio dos poderes fundadores, pedestal da moral (...).⁴¹¹

A imagem da mulher como objeto de apreciação do olhar masculino não pode ser dissociada da realidade em que foi moldada, de suas referências de tempo e espaço, de seu contexto histórico e social de onde emergem os valores, papéis,

⁴¹⁰ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1995. p. 179.

⁴¹¹ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1988. pp. 187-188.

representações e significados que são distintos para ambos os sexos. É importante entendermos como a imprensa paraguaia projetou e consolidou as imagens do feminino ao longo das décadas do período de reconstrução. Dentro do contexto das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais do pós-Guerra, a imprensa repensou a vida das mulheres. A construção do feminino esteve muitas vezes cercada de dois modelos: a heroína, como modelo de romantismo, frágil e virtuosa como amada, esposa e mãe; e a anti-heroína, mulher fatal, da qual se destaca a libido latente, a sensualidade e o poder de sedução, a ruína do homem.

A heroína é uma mulher passiva e abnegada, submetida ao homem, com gestos angelicais, incumbida de cumprir seu sagrado e eterno papel de mãe e esposa exemplar. Ao mesmo tempo em que se mencionava a função materna, se apresentava seu papel de civilizadora da família. O modelo de gênero na sociedade liberal paraguaia estabelecia a subordinação da mulher ao homem com restritas atuações na sociedade. O domínio masculino se baseava na idéia de domesticidade que fundava os arquétipos femininos de anjo do lar, mãe esmerada e doce esposa.

O discurso católico atribuiu às mulheres a responsabilidade como progenitoras de uma nova época, de novos homens, cujas vidas deveriam ser preparadas no seio de uma família moderna. Pais e maridos continuavam sendo as figuras proeminentes. O núcleo dessa nova vida familiar é a casa, um lugar privado e protegido contra as influências externas. Para que as mulheres pudessem assumir os encargos da maternidade foi preciso uma mudança radical em sua imagem.⁴¹² Nesse período, ocorreu uma transformação dos costumes que, para Elisabeth Badinter, transformou a antiga concepção de mulher para a de uma pessoa doce e sensata, de quem se esperava comedimento e indulgência: *“Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, ambiciosa, metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, que não ultrapassa os limites do lar”*.⁴¹³

O progresso do sentimentalismo religioso do século XIX está em estreita relação com o sentimentalismo familiar, ao qual o modelo feminino católico é

⁴¹² NUNES, Sílvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 28.

⁴¹³ BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 176. Algumas obras de caráter iluminista, como *Émile*, de Rousseau, publicada em 1762, ajudaram a difundir idéias que deram impulso à formação da família moderna, aquela fundada na crença do amor materno; amor que permitiria às mulheres alcançarem um certo grau de autonomia, porém dentro dos limites do lar. **Idem**. p. 54.

exclusivamente o da esposa e da mãe. A cultura católica do século XIX fundamenta a valorização do papel materno nos comportamentos de piedade sentimental típicos da devoção feminina, onde “a maternidade da Virgem apagou o pecado de Eva”.⁴¹⁴ Desta imagem resultam conjuntamente a intensa devoção mariana e a recuperação dos valores da maternidade. O lar passou a ser exaltado como lugar de felicidade feminina, no qual a mulher tinha autonomia. Como afirma Michela de Giorgio, ali a mãe zelava pelos seus filhos, pelo seu marido, uma espécie de “*padre no lar doméstico*”.⁴¹⁵ A mulher, louvada como esposa e mãe, é o suporte fundamental do catolicismo do século XIX, sendo a guardiã moral do grupo familiar: “*Ser outro, para outro, através do outro*”.⁴¹⁶

Para compreender a condição da mulher paraguaia durante a segunda metade do século XIX, é necessário projetar sua condição desde a época colonial, onde se constrói um perfil de mulher que deveria cumprir a normas estabelecidas pela sociedade e de submissão incondicional ao homem. Centrando o discurso nessas considerações, é notório perceber a centralidade do espaço doméstico ao apresentar como natural o confinamento ao lar:

La misión de la mujer en nuestra sociedad es la de la labor doméstica y la de dar ternura, dejando a los hombres las rudas tareas de la política y la guerra. A nuestras mujeres les corresponde el cuidado interno de hogar la dirección de los tiernos hijos: elevar preces al Señor por el bien de la humanidad, coser o planchar y lavar, cocinar una sopa, fermentar el queso, barrer la casa, cuidar la ropa del marido etc. etc.⁴¹⁷

Reclusas ao espaço privado, local determinado para o desempenho dos papéis sociais destinados à mulher, a imprensa apontava como ela devia agir, cujas habilidades revelariam as qualidades de beleza, fecundidade, bom caráter, de boa família, inteligência, pureza e piedade. Em outras palavras, a mulher teria que fazer o possível para manter a serenidade do lar. A mulher bela é aquela que conquista o

⁴¹⁴ GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente**: O século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991. p. 230.

⁴¹⁵ **Idem**. pp. 220-221.

⁴¹⁶ **Idem**. pp. 230-231.

⁴¹⁷ **La Libertad** de 27 de abril de 1874. n. 40. ano 1. pp. 2-3. Era um jornal vinculado à situação. Apresentava as seguintes seções: edição, correspondências, crônicas, remates, avisos novos.

marido “y las aleja de las demás mujeres, la evita caer en el crimen del adulterio”; a mulher fecunda cumpriria “uno de los grandes fines del matrimonio”; a mulher de bom caráter, por sua vez, “es para su esposo una corona de oro”; a de boa família cumpriria bem o seu papel de esposa, “sostiene á su marido en las pruebas de la vida, lo alienta y da á sus hijos sentimientos generosos”; a mulher inteligente é uma eterna aliada do marido, “vela por su fortuna y le deja todo su tiempo para los grandes negocios”; a mulher pura ama incondicionalmente o homem “y se conquista su intimidad. La naturaleza no hace preferir la persona que ha sido el objeto de nuestro primer amor”; por fim, a mulher piedosa reina no lar segundo os ensinamentos cristãos e “conserva la castidad y da a su familia un perfume de prudencia y religión”.⁴¹⁸

Dentro de uma concepção patriarcal, fora de casa a mulher perderia o estatuto de “rainha do lar”, uma vez que a esposa virtuosa foi aclamada e cercada de atributos morais: esposa gentil, amável, bondosa e educadora. Visando esse ideal de mulher, um artigo do **La Democracia** considera as diversas representações acerca do padrão feminino. Desde a infância se depositavam os deveres e os hábitos que fariam dela a mulher ideal para o matrimônio. Para não contaminar sua alma, a mulher paraguaia deveria manter-se circunscrita ao espaço do lar: “*mujer de la casa, del padre y del hijo, viene la esposa, viene la madre; viene el mundo de la familia; esa familia que es bello, el grande, el santo, el sublime bautismo de la mujer moderna*”. O articulista lança um questionamento: “¿Cuál debe ser la educación que la mujer tiene el derecho de reclamar de la sociedad y de la familia?” No entendimento do jornal, “la escuela que propaga que la educación de la mujer debe ser universitaria, es tan absurda como la otra escuela que nos dice que la mitad del género humano, nuestra madre, no debe aprender á leer ni á escribir”. Segundo os argumentos, a educação da mulher não poderia ser universal, “puesto que no es universal su destino en la vida”. O propósito era estabelecer regras e espaços confinados para a mulher: “sería ridículo que la enseñanza se propusiera hacer sacerdotisas, letradas, guerreras ó legisladoras, cuando la mujer no ha nacido para la Asamblea, ni para la guerra, ni para el foro, ni para el templo”.⁴¹⁹

Os discursos condizem com o comportamento esperado para a mulher, guardiã do bem estar da família. A mulher deveria, dessa forma, ser submissa,

⁴¹⁸ **La Regeneración** de 9 de março de 1870. n. 64. ano 2. p. 3.

⁴¹⁹ **La Democracia** de 26 de janeiro de 1889. n. 2279. ano 9. p. 1.

recatada e compreensiva; aquela que governa a família no espaço privado, e, sobretudo, no divino cuidado com seus filhos. Ilustrar a mulher, portanto, seria perigoso, *“porque la excesiva ilustración la separa de su grande arte, que es el sentimiento, de su grande ciencia que es el hombre, de su segunda religión que es el hijo”*. A mulher devia obediência, considerada um ser inferior devia respeitar e admirar o sexo oposto. Segundo o jornal, ela devia repetir sempre: *“yo soy la mujer redimida, yo soy la mujer educada; yo soy la providencia del hogar, yo soy el ángel de la familia; yo soy el encanto y el consuelo del hombre, yo soy la poesía de todos los pueblos; yo soy la estatua de todos los siglos, yo soy la belleza; yo soy la fe; yo soy el amor!”*⁴²⁰

As justificativas que historicamente destinaram à mulher o espaço doméstico exigiram outros argumentos capazes de mantê-la no reduto do lar. A construção da maternidade, não somente como função natural, mas, também, como função social, convocava a permanência da mulher no espaço doméstico, percebida como parte de seu dever sagrado. Ou seja, a ideologia burguesa do século XIX defendia o discurso católico de domesticidade da mulher, fazendo desse modelo um arquétipo perfeito da sexualidade feminina.⁴²¹

No imaginário social da época a mulher tinha que seguir muitas normas. Nesse sentido, determinados estereótipos apresentados na imprensa, como a mãe, a esposa e a virgem, reforçavam a inferioridade e a submissão:

¿Quién es la noble figura que después de haber animado con su sangre al recién nacido, lo orla, acaricia, sonríe, lo enseña á balbucear, á caminar y á orar? Es la mujer madre. ¿Quién es esa bella figura, graciosa y embellecedora por el espíritu y por el cuerpo, cuya perfección revela la importancia de la creación, esa alma con sacrificio busca la perfección? Es la mujer virgen. ¿Quien es esa sublime figura, tierna compañera del hombre en la adversidad, que vive para el amor? Es la mujer esposa.⁴²²

Enfim, a mulher exemplar para a sociedade era aquela cuja existência se voltava exclusivamente para o esposo e os filhos. As descrições correspondiam a uma

⁴²⁰ **La Democracia** de 26 de janeiro de 1889. n. 2279. ano 9. p. 1.

⁴²¹ LLORET, Rosa. Sueños de moralidad. La construcción de la honestidad femenina. In: MORANT, Isabel (Org.). **Historia de las Mujeres en España y América Latina**. Tomo III. Madri: Cátedra, 2006. p. 182.

⁴²² **El Cívico** de 5 de fevereiro de 1904. n. 2204. ano 9. p. 1.

mulher sensível, seu papel é valoroso, na medida em que ela deve incorporar a responsabilidade pelo bom funcionamento do lar:

La que cuida bien de su casa. La que jamás exige cosas que estén en pugna con los recursos ó con la posición social de su marido. La que tiene el espejo para estudiar en su luna la faz modesta y serena como la matrona. La que posee el tacto suficiente para evitar las asperezas y roces que presenta el mundo. La que, en suma, guía, consejera y amiga.⁴²³

É por intermédio da imprensa que os discursos dominantes sobre o que é ser homem ou mulher se estabelecem e instituem seu espaço no imaginário coletivo. A imprensa torna-se um órgão com força persuasiva, de modo que colaborou na divulgação da subordinação feminina em relação à autoridade masculina: no homem prevalece *“la osadía, el emprendimiento, el coraje, la ambición”*; na mulher, contudo, predominavam outras qualidades: *“la modestia, la timidez, la docilidad, la resignación”*. Vista como um ser mais da natureza que da cultura, era discriminada porque o seu corpo era diferente do homem; menor fisicamente *“su ambición es vanidad de belleza, de vestidos, de adornos, etc. La mujer es más sensible”*; o homem, por sua vez, *“es mas musculoso, más colérico, la mujer es más delicada en sus sentimientos, más exquisita en su gusto”*.⁴²⁴

O corpo enquanto espaço físico e moral era alvo de acirrada observação. Divulgava-se a idéia de que a mulher tinha uma natureza mais frágil e emotiva, portanto mais vulnerável às patologias mentais. Os padrões corporais almejados imputavam à mulher o desejo maternal e a força física ao homem. A idéia de fragilidade do sexo feminino ganhou um novo tratamento através da corrente de pensamento evolucionista, que se expande nesse período, e que propõe que a mulher é menos evoluída, estando mais próxima das crianças e dos seres primitivos. Essa idéia de fragilidade foi utilizada para explicar tanto a natural adequação da mulher para

⁴²³ **El Cívico** de 5 de janeiro de 1901. n. 1308. ano 6. p. 1.

⁴²⁴ **El Cívico** de 18 de maio de 1900. n. 1115. ano 5. p. 1. A mulher “normal” era considerada um ser naturalmente inferior física e mentalmente. Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero, em *A mulher delinqüente, a prostituta e a mulher normal*, traçam a inferioridade que considerava inerente à mulher normal, reforçando, dessa forma, o universo de representações sobre a feminilidade corrente no período. Tal como cientistas e médicos pensavam, Lombroso acreditava que a evolução da mulher e do homem fora diferenciada. Sustentam que a prostituição, por exemplo, é a manifestação de uma estrutura criminal presente na mulher. BORNAY, Erika. **Las hijas de Lilith**. Madrid: Cátedra, 1990. p. 151.

a maternidade quanto seus eventuais desvios.⁴²⁵ Essa fraqueza feminina seria ao mesmo tempo a comprovação da necessidade do casamento, devido à proteção que o homem podia lhe oferecer.⁴²⁶

Por outro lado, a imprensa apresentava a anti-heroína, uma mulher ativa, fascinante e perigosa para o homem. Esta mulher encarna todos os prazeres, vícios, sedução e alcançará sua maior representação no século XIX no mito da mulher fatal. No contexto europeu esta construção ocorre devido a certos fatores, entre eles o crescente poder feminino e a necessidade em manter a ordem social masculina; o temor do homem com relação ao novo papel da mulher nas relações de trabalho e na vida pública; a desconfiança diante dos movimentos feministas; o aumento considerável do número de prostitutas e das doenças venéreas e a influência de teorias de caráter profundamente antifeministas como de Schopenhauer, Nietzsche e Lombroso.

Nem todos os discursos apresentavam as atribuições de mãe e de boa esposa como idealização de seu papel de domesticidade. Peter Gay expõe as idéias dominantes sobre o tema, bem como as polêmicas a respeito dos *“paradoxos que a sexualidade feminina representava para a classe média do século XIX, encabulada como era, comprometida com o decoro, ansiosa por mudanças e ao mesmo tempo angustiada por causa delas”*.⁴²⁷ Os homens do século XIX atribuíram à mulher um caráter contraditório e confuso, e prepotentemente achavam que ela era ao mesmo tempo *“tímida e ameaçadora, desejável e assustadora”*.⁴²⁸ A mulher, nessa concepção, é uma eterna Eva, a fonte de toda corrupção moral e um poço de lascívia.

A mulher deixa de ser musa, a madona, para virar a vilã, a filha do Satã.⁴²⁹ A mulher desprezada pela sociedade - a mulher-demônio -, por representar a própria tentação para o homem, recebe atributos negativos. A imagem da mulher perfeita, que

⁴²⁵ NUNES, Sílvia Alexim. **Op. cit.**, 2000. p. 55.

⁴²⁶ Segundo Michelet, *“a mulher não vive sem o homem”*; para ele, a sua condição física e seu destino as tornam mais frágeis, devendo estar sempre submetida a uma tutela, passando do pai ao marido: *“o pior destino da mulher é viver sozinha”*. MICHELET, Jules. **A Mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 25-37.

⁴²⁷ GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 120.

⁴²⁸ **Idem.** p. 129.

⁴²⁹ Para Michelle Perrot *“essa dualidade entre amor sonhado e sexualidade trivial já está no coração do romantismo. A mulher ideal – musa e madona – é inacessível. A sexualidade cotidiana declina-se em gestos decepcionantes, realizados com mulheres ignorantes ou desencorajadas por uma violência conjugal dominadora e pouco preocupada com seu próprio prazer. Esse afastamento crescente entre coração e corpo, um e outro mais desejantes, gera um ‘miséria sexual’ que alimenta a prostituição e a galanteria”*. PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1998. p. 20.

se dedica inteiramente à casa, ao marido e aos filhos, contrasta com a mulher perdida, aquela que se deixou levar pelas tentações da vida mundana; esse estereótipo remete à imagem das prostitutas e santas que a tradição judaico-cristã construiu para a civilização ocidental. O mito da mulher fatal, considerada perigosa para o homem, surge na França durante a segunda metade do século XIX e se estende, posteriormente, por toda a Europa. É uma mulher cujo poder de fascinar provoca a morte de vários homens. Mario Praz define a mulher fatal como *“um arquétipo que reúne em si todas as seduições, todos os vícios e todas as volúpias”*.⁴³⁰ Neste imaginário, as esposas deviam ser seres angelicais abnegadas ao homem, enquanto que fora do lar, mesmo considerada perigosa, os homens buscavam a satisfação de seus instintos sexuais com a mulher fatal.

Mirelle Dottin-Orsini ao avaliar a imagem construída em torno da mulher fatal, menciona seus atributos profundamente sedutores, um arquétipo que se revelaria apavorante, uma assassina perigosa e maléfica: *“Essa repetição compulsiva da efígie feminina não a tornava nem mais próxima nem mais familiar. Parecia mais uma forma de exorcismo. A literatura da segunda metade do século XIX mostra claramente que a mulher mete medo, que é cruel, que pode matar”*.⁴³¹ Segundo Ana Paula Vosne Martins, a figura da mulher fatal é *“perigosa, naturalmente destinada à crueldade e à mentira, cuja beleza e sexualidade desenfreada podiam levar o homem à ruína física e moral”*. Esta mulher, segundo a autora, *“teve uma legião de admiradores entre artistas e escritores e sua representação foi amplamente divulgada, contribuindo para a formação visual e emocional de homens e mulheres envolvidos direta ou indiretamente com a questão da mulher que dividiu opiniões no século XIX”*.⁴³²

A representação da mulher fatal nasce de um ambiente intelectual e artístico marcado pela misoginia.⁴³³ À margem dos sentimentos misóginos que incluíram alguns artistas do final do século, algumas razões elucidadas por Erika Bornay explicam a

⁴³⁰ PRAZ, Mário. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Campinas: Unicamp, 1996. p. 196.

⁴³¹ DOTTIN-ORSINI, Mirelle. **A mulher que eles chamavam fatal**. Textos e imagens da misoginia fin-de-siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 13.

⁴³² MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op. cit.**, 2001. p. 162. Ao mesmo tempo em que a ciência tenta demonstrar a inferioridade intelectual da mulher, os artistas do final do século XIX apresentam sua angústia e seu temor através de uma imagem de mulher poderosa, perversa e devoradora. Independente da imagem, a mulher assume a condição de protagonista, como em *Madame Bovary* (1857), *Ana Karenina* (1877), *Naná* (1880), *La Regenta* (1884), etc.

⁴³³ Citamos entre as principais formulações acerca da misoginia a teoria filosófica da vontade de Schopenhauer que atribui à seleção natural a dissimulação feminina argumentando que as mulheres, por não serem fortes, tirariam sua força da “sutileza” que lhes seria instintiva; ou, como também é o caso de Lombroso, médico criminalista que postulou que a mulher, por constituição bio-fisiológica, dada a necessidade de ocultar a menstruação, seria dissimuladora e mentirosa. BARBOSA, Sonia Monnerat. Idealização romântica da mulher e misoginia: de alguns possíveis usos, em história da literatura, dos sonetos de José Maria do Amaral. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, vol. 31, n.4. 1996. p. 91.

difusão desta imagem, que teria relação com *“la búsqueda intelectual de sensualidades y erotismos raros, sofisticados y extravagantes”*.⁴³⁴ Aparece, desse modo, a representação de uma mulher artificial, amante e estéril, em oposição à mulher natural, esposa e mãe.

Um artigo intitulado *“La Mujer y el Diablo”*, assim foi apresentado no **La Democracia**: *“La mujer, ya saben ustedes, es rebelde al hombre”*. Num discurso moralizante e disciplinador, os motivos de tal manifestação estariam na pintura de seu rosto. Maquiagem era símbolo de coqueteria: *“la mujer no hay necesidad de pintarla de ningún modo, que ella sabe pintarse demasiado: los cuernos ó diablitos que dibujan en su frente y la exagerada cola que viste, le dan cierto carácter luciferino”*. A aparência externa de beleza esconderia uma outra realidade; maquiando-se finge e engana os homens: *“seduce, engaña y nos hace caer, (...) en la tentación”*. De moralidade duvidosa, confundida, muitas vezes, com a prostituta, essa mulher não recusa nenhum meio de sedução, emprega todos os artifícios para conquistar os homens; ela, sempre em fuga, se esconde atrás da cruz: *“Entonces por algo se dice que de tras de la cruz está el diablo. Sin duda por esa razón, cuando la mujer tienta la paciencia del hombre, este se desahoga poniendo el grito en los cielos. Dicen que la casa del diablo es el infierno”*.⁴³⁵

Em artigo escrito pelo articulista Modesto Costa, no **El Cívico** de 04 de agosto de 1897, mencionou os perigos encontrados na mulher, dona de uma exuberância sexual que trai o homem e é vingativa: *“la mujer en cuanto se trata desollar al próximo, es más sangrienta que el hombre”*. Para o autor,

la mujer, esa célica poesía de nuestra alma como amante, se convierte en hiena cuando murmura, cuando difama. La murmuración en la mujer, es el veneno que se introduce en nuestras venas, aniquilando nuestra existencia con dulce tranquilidad. El hombre es más salvaje; la mujer es más artera, más traidora.⁴³⁶

⁴³⁴ BORNAY, Erika. **Op. cit.**, 1990. p. 125.

⁴³⁵ **La democracia** de 26 de abril de 1889. n. 2351. ano 9. p. 1.

⁴³⁶ **El Cívico** de 04 de agosto de 1897. n. 280. ano 1. p. 1.

Contrários aos ideais de feminilidade, o artigo “*Lo que es la mujer*” apresenta o perfil de uma mulher perigosa e ameaçadora. O anjo cede lugar à esfinge; a mulher e a esfinge, misto de mistério e erotismo, são enigmas que devoram:

En el corazón de la mujer el odio crece con más rapidez que el amor decrece. Tener novios y rivales es manía de casi todas las mujeres. Las mujeres no se estiman entre ellas, porque se conocen mucho. No basta tener la desgracia de poseer una mujer bella, es menester aun sopórtala á los individuos que la rodean para admirarla. La mujer y la Esfinge son dos cosas que hay que evitar: os devorarán si no osas adivinarlas.⁴³⁷

Intitulado “*La Mujer*”, o **El Cívico** trata da sedução, frieza e insensibilidade feminina. O pecado afronta cada vez mais suas liberdades. Eva ainda está presente, é o lado fraco e instintivo da mulher; ao natural torna-se perigosa e infiel:

Las mujeres eligen al hombre, no porque lo quieran, sino porque desean ser admiradas por él. Las niñas no son, sino mujeres pequeñas. El niño tiene que aprender mucho para llegar a ser hombre. La niña necesita solamente crecer. La mujer es una rosa con espinas. La infidelidad de la mujer es merito porque todas pretenden humillarlos. La mujer lleva un cuarto de hora de ventaja al hombre, pues comió antes el fruto prohibido.⁴³⁸

Os discursos de matriz misógina identificam a mulher como a fonte de todo o mal - lugar de origem do pecado original: “*Feiticeira noturna e maléfica ela volta o poder contra o homem*”⁴³⁹; expressões que revelam a imagem de uma mulher que utiliza artifícios, fingimentos, mentiras, traições, por essência uma figura negativa, fria, dominadora, perversa e sensual:

La mirada de una mujer es un bálsamo y un veneno; acaricia y muerde; sonríe y llora, rechaza y atrae; anima y desconsuela; insulta y enaltece; da

⁴³⁷ **El Cívico** de 19 de maio de 1900. n. 1116. ano 5. p. 1.

⁴³⁸ **El Cívico** de 8 de junho de 1899. n. 834. ano 4. p. 1.

⁴³⁹ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1995. p. 180.

vida y mata. Las mujeres angelicales solo obtienen victorias cuando el enemigo capitula voluntariamente. Las mujeres diabras, gana las batallas a viva fuerza y toman las plazas por asalto. Cuando una muchacha angelical y una muchacha diabra pretenden conquistar á un mismo hombre, aunque la angelical sea la más linda, la diabra es la que se lleva al caballero.⁴⁴⁰

Podemos dizer que a imagem da oposição, tanto as do discurso de idealização e glorificação quanto o misógino eliminam em suas representações a mulher dos papéis centrais de condução da sociedade; ambas cumprem os interesses de um modelo patriarcal. Os jornais, em regra, enfatizam que a mulher deveria incumbir-se de tarefas a elas já destinadas pela sociedade: a ocupação doméstica, a passividade e a função materna. Ao mesmo tempo em que apresenta a representação de uma mulher perigosa, a imagem feminina que predominará será a de uma mulher dócil, meiga e sensível. O padrão feminino idealizado pela imprensa paraguaia via na família o meio natural para o qual a mulher devia ser orientada. É neste domínio que se operam as mudanças fundamentais no que diz respeito ao seu comportamento.

Ao mesmo tempo em que o espaço doméstico é privilegiado por fornecer à mulher a construção e o desenvolvimento de suas atitudes, a mulher amorosa, do discurso romântico de idealização do feminino, é também um perfil valorizado pela imprensa. Essa imagem romântica vem alicerçar a representação da feminilidade no século XIX, ou seja, a mulher amorosa é também aquela do espaço privado, lugar sagrado, dos bons exemplos, para se criar os filhos e manter a ordem. Trataremos a seguir do amor como uma figura idealizada para as mulheres da época.

⁴⁴⁰ **El Cívico** de 6 de outubro de 1902. n. 1803. ano 7. p. 1.

4.2. A turbulência da alma

Si las gentes supieran que el amor es una enfermedad, como por ejemplo, la escarlatina ó la “gripe”, tanto más terrible cuanto que ella ataca la razón, ¡cuántas cosas se evitarían!

El Cívico de 03 de novembro de 1903. n. 2127. ano 8. p. 1.

A imprensa tem um papel importante influenciando nos costumes, nas tradições, nos comportamentos e nas opiniões, interferindo no campo social, político, econômico, artístico e literário. Importante entender o papel da imprensa na construção de um modelo feminino não apenas na divulgação de determinadas informações, mas como isso implicaria na transformação e nas interações sociais de um modelo almejado. A temática do amor foi tratada como um sentimento inerente à alma feminina e como condição para a felicidade pessoal da mulher. A mulher, guardiã do lar e da pureza familiar, tem o tempo e o dever de pôr o amor em primeiro lugar.

O Romantismo representou um dos estilos mais importantes na história da mentalidade ocidental. O direito do autor de sentir seus sentimentos nunca antes, na história da arte, havia sido incondicionalmente acentuado. Por seu caráter contestador, o ideário romântico espalhou-se por todo o mundo ocidental, levando consigo o caráter de agitação e transgressão que acompanhava os ideais revolucionários franceses que atemorizavam as aristocracias européias.⁴⁴¹ Os românticos desejavam uma sociedade livre, aberta a experiências e à iniciativa pessoal. O amor enquanto jogo de tabuleiro não fazia mais sentido. Os românticos, ao valorizar a individualidade, perscrutando a alma arrojadamente, transbordando sensibilidade e sentimentos ternos, sentiam o amor como um desfalecimento consciente, uma força arrebatadora como uma onda gigantesca.⁴⁴²

⁴⁴¹ CADEMARTONI, Lúcia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 1990. pp. 37-39. O Romantismo é um movimento filosófico, artístico e estético surgido na Alemanha e na Inglaterra no final do século XVIII, mas que logo se espalhou por toda a Europa. O nacionalismo e a busca por uma identidade são umas das características marcantes desse período. Além disso, podemos citar como características românticas o lirismo, o sonho, o escapismo, a subjetividade, o pessimismo, a sensibilidade, a idealização da mulher, o individualismo e a aventura.

⁴⁴² ACKERMAN, Diane. **Uma história natural do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp. 117-118.

Segundo Peter Gay os escritos sobre o amor trazem pistas importantes acerca da cultura do século XIX. Aqueles que pensaram o amor projetaram as aspirações burguesas, bem como os medos, davam voz a fantasias mudas ou toscamente formuladas do desejo. O pensamento sobre o amor se inspirou nas eras passadas. Da mesma forma que a definição do amor como uma antítese das paixões terrenas e elevadas, a própria percepção do amor como uma loucura e como a subversão suprema das regras, de sabor tão romântico, remonta aos antigos. Havia um princípio essencial em torno do qual os clínicos, os metafísicos, os pesquisadores e os burgueses podiam se unir de bom grado: *“o verdadeiro amor é a conjunção da concupiscência com o afeto”*.⁴⁴³

A configuração de um sentimento amoroso e as condutas que ele inspira revelam os sonhos eróticos e as tensões que a sociedade atravessa. O amor cortês e seus procedimentos de deliberação, o neoplatonismo da Renascença e sua antropologia angelical, o discurso clássico sobre o torvelinho das paixões, a condenação do “louco amor” pelos clérigos da Contra Reforma católica pesam sobre o comportamento dos amantes do século XIX.⁴⁴⁴ O amor romântico possui uma complexidade maior. Reagindo contra o racionalismo e o iluminismo, reivindica os direitos do sentimento, da emoção e da intuição contra a razão.⁴⁴⁵ Os românticos do desenvolveram a sensibilidade delicada para o mundo, uma prontidão estética que, por vezes, conduzia à fraqueza física, ao pessimismo ou ao desespero. Apaixonados pela Idade Média, os poetas trouxeram à luz o amor cortês como uma maneira de purificar a atração sexual de seu aspecto carnal. Nesse torneio de vontades completo, “com armaduras e combates”, o domínio é o desafio e a donzela em apuros é a própria auto-estima.⁴⁴⁶

A classe média da época se pusera a tomar decisões com respeito às questões importantes da vida – religião, economia, moral e, até mesmo, os sentimentos e a maneira sentir. As mulheres deviam ser delicadas e recatadas; os homens queriam uma mulher para se casar, mas nas ruas procuravam uma mulher

⁴⁴³ GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a paixão terna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 46.

⁴⁴⁴ CORBIN, Alain. Bastidores. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.) **História da vida privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 483-485.

⁴⁴⁵ GUTIÉRREZ, Rachel. O amor sublime e os “perigos” da paixão. In: JACOBINA, Eloá; KÜHNER, Maria Helena. **Feminino/Masculino de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 81.

⁴⁴⁶ ACKERMAN, Diane. **Uma história natural do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp. 120-122.

sexualmente livre, representante do feminino ameaçador.⁴⁴⁷ Na condição fundamentalmente de símbolo e portadora dos filhos, a mulher se ajustava a um ideal romântico do qual nenhuma outra conseguiria estar à altura do homem, assim como as damas medievais não conseguiram igualar-se aos ideais de seus cavaleiros. As decisões importantes para a família eram tomadas pelo homem, o senhor da propriedade, cujo lar, ainda que fosse modesto, era seu castelo. Quando o amor romântico peneirou os novos sonhos da classe média, ele tornou-se domesticado, simplificado, metódico e assexuado.⁴⁴⁸

A bipolaridade das representações femininas é indispensável à compreensão das mentalidades da época. Atormentados pelo medo da mulher, os homens aplacam a sexualidade da companheira e a submetem à ordem masculina: *“A descendência de Eva é também filha espiritual de Maria. Desenha-se assim o pólo imaculado da feminilidade”*.⁴⁴⁹ O século XIX também buscava nela o anjo bom do homem, acessível à piedade e nascida para a benemerência. Na opinião de Ingrid Stein, a mulher possuía uma visão romântica do amor, o que não devia causar surpresa, pois ela vivia numa sociedade que *“praticamente não lhe dava nenhuma possibilidade de realização pessoal, quer no amor (o qual devia vir aliado ao casamento), quer fora dele”*.⁴⁵⁰ Esse desejo “nebuloso” de realização do amor romântico era contraditório, uma vez que ele só era praticável no casamento e este, por seu lado, não oferecia grandes possibilidades de realização pessoal.

Segundo a análise de Pierre Bourdieu, quando se ama aquele que o destino social lhe designou, o amor é dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida na paixão, feliz ou infeliz. Entretanto, o amor pode ser uma exceção à regra da dominação masculina: *“Ora, nesta espécie de trégua milagrosa, em que a dominação parece dominada, ou melhor, anulada, e a violência viril apaziguada (...), cessa a visão masculina, sempre cinagética ou guerreira, das relações entre os sexos”*.⁴⁵¹ Cessam, ao mesmo tempo, as estratégias de dominação que visam atrelar, prender, submeter, rebaixar ou subordinar, suscitando inquietações, incertezas, expectativas, frustrações, mágoas, humilhações, e reintroduzindo, assim, a

⁴⁴⁷ O modelo familiar em vigor deixa aos homens a possibilidade de uma vida sexual e afetiva mais livre, extraconjugal, onde prevalecem sua disponibilidade e seu desejo. SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura. Um exercício de compreensão histórica. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 8/9, 1997. p. 198.

⁴⁴⁸ ACKERMAN, Diane. **Op. cit.**, 1997. p. 123.

⁴⁴⁹ CORBIN, Alain. Bastidores. **Op. cit.**, 2009. p. 484.

⁴⁵⁰ STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 56.

⁴⁵¹ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 130.

dissimetria de uma troca desigual. Embora baseada na postulação de igualdade, o sujeito amoroso só pode obter o reconhecimento de outro sujeito, mas que abdique, como ele o fez, da intenção de dominar.⁴⁵²

A literatura romântica paraguaia do final do século XIX divide-se em três etapas. Um período precursor (1840 - 1860) que teve influência sobre os jovens que estudavam na *Academia Literária* e na *Escuela Normal*. Em sua maioria, estes jovens participavam das publicações do jornal **El Semanário**⁴⁵³ que iniciou suas edições em 1852. A segunda etapa (1860 - 1870) está representada pelo Romantismo propriamente dito, que irá marcar o governo de Francisco Solano López. Integravam-na os alunos bolsistas que retornavam da Europa fortemente influenciados pelo romantismo europeu. Além destes, participavam os alunos de Filosofia que produziam a revista **Aurora**⁴⁵⁴, de 1860, uma publicação de fatos e nomes da Guerra do Paraguai, considerada por este grupo uma “Guerra romântica”. Por último, um período pós-Romântico (1870 - 1900), que se estende até 1910, já com grande influência modernista.⁴⁵⁵

⁴⁵² BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, 2005. p. 132.

⁴⁵³ Como José Fernando Talavera menciona, **El Semanario de Avisos y Conocimientos útiles** “fue de avisos y conocimientos útiles con las primeras informaciones, pero reflejando la opinión del Gobierno: era un periódico de opinión”. TALAVERA, José Fernando. Historia del periodismo liberal. **Cuadernos Históricos**. Ano II. nº 12. Asunción, 1989. p. 9. Como imprensa oficial, publicava as medidas governamentais adotadas, as informações do crescente comércio, o movimento do porto e na aduana e os avisos comerciais diversos. Eram freqüentes as crônicas sociais que davam uma idéia dos usos e costumes da época, centradas sempre na figura e na família do Presidente da República. Colaboravam neste periódico Juan Andrés Gelly, Ildefonso Bermejo, Gumersindo Benítez, Juan Crisóstomo Centurión, Andrés Maciel, Luis Caminos, Gaspar López, Carlos Riveros, Julián Aquino, Manuel Trifón Rojas, os sacerdotes Fidel Maíz, José del Rosario Medina e Francisco Solano Espinoza. Até então, esses periódicos eram de caráter oficial, pois se limitavam a difundir propaganda e informações geradas, em sua maioria, pelo próprio Estado. Por serem instrumentos estatais, esses jornais não tinham objetivos comerciais e não faziam nenhum tipo de crítica ao governo. ORTOLAN, Fernando Lóris. *Op. cit.*, 2008. p. 61.

⁴⁵⁴ **La Aurora**, denominada “*Enciclopedia Mensual y Popular*”, apareceu em 1º outubro de 1860 e foi extinta em 1861, dirigida por Ildefonso Bermejo, tinha vínculo oficial, mas predominava o seu caráter cultural, com conteúdos exclusivamente literários, abordando temas como a moral, os estudos históricos, religiosos e científicos. Tinha como colaboradores as principais figuras intelectuais da época, como Natalicio Talavera, Gumersindo Benítez, Mateo Collar, Domingo Parodi, do francês Charles Riviere, responsável pela litografia, e uma mulher, Marcelina Almeyda, que enviava suas colaborações de Montevideu.

⁴⁵⁵ AMARAL, Raúl. “El romanticismo paraguayo”, **Comentario**, Buenos Aires, n. 47, 1966, pp. 63-73. O primeiro grupo está representado pelo Marechal López, por Natalicio Talavera e pelo poeta e pensador boliviano residente no Paraguai Tristán Roca. O segundo, por José Segundo e Diógenes Decoud, Enrique D. Parodi e Adriano M. Aguiar. O terceiro por Ercilia López de Blomberg, Delfín Chamorro e pelo poeta Ignacio Alberto Pane e O’Leary. Os autores que tiveram maior influência foram: Lamartine, Saint-Pierre y Víctor Hugo. Como representantes de um “*romanticismo social*” destacamos: Elisa Alicia Lynch (1831-1886), Gregorio Benítez (1834-1909) y Juan Crisóstomo Centurión (1842-1902). As poesias de Manuel Domínguez, Ignacio Alberto Pane e Rafael Barrett, a respeito da mulher paraguaia, são referências importantes para a literatura paraguaia do final do século XIX e início do XX. A serviço de um nacionalismo literário, apresentam as características da mulher do povo e contemplam com melancolia e exagero os sentimentos e as emoções despertadas nos diferentes cenários vivenciados pela mulher na história do Paraguai. (Ver Anexo VI, p. 278).

Na imprensa o conceito de amor se identificava com a perspectiva romântica, enquanto valorização dos sentimentos em detrimento da razão. O amor tem seu aspecto de loucura e substituí-lo seria impossível:

La mujer ama más que el hombre porque sacrifica más. El amor puro es la ficción más noble de almas bellas. La mujer ama ó aborrece; el hombre admira ó desprecia. El amor se desflora con la publicidad; el secreto le conserva su virginidad. El heroísmo es un amor excesivo que induce a sacrificar la propia vida y aspirar á la muerte. El amor físico destruye el amor divino. El que tiene más valor es más susceptible de amar; la cobardía no es hermana del amor.⁴⁵⁶

Esse amor correspondia a um afeto em plena libertação da subjetividade amorosa, cujos sentimentos rejeitam a ordem, o equilíbrio e a medida, virtudes eminentemente aristocráticas, ou seja, *“jovens burgueses erguem o direito irredutível da liberdade do coração”*.⁴⁵⁷ Os apaixonados portavam a semente da subversão, rompendo com o *status quo* amoroso. Instauram a desordem e desprezam as regras que haviam convertido o enamoramento numa encenação teatral. Mesmo privado, esse amor não se erige no silêncio. Os rapazes e as moças românticos reivindicam o grito, o desabafo, a confissão pública.⁴⁵⁸

Os românticos crêem no grande amor, no amor verdadeiro, na paixão definitiva. O resto é ilusão dos sentidos, temporária ambição da carne. Até o século XVIII, o desejo e o amor transmitem a idéia de que a mulher está sendo vista à distância, é intocável. A partir do Romantismo, o corpo feminino começa a permitir uma aproximação, começa a ser tocado de forma mais realista. Cabe à mulher provocar no homem o despertar do amor. Partindo de uma definição do amor como um sentimento afastado dos domínios da razão, a mulher, inevitavelmente, se deixava levar pelas emoções:

⁴⁵⁶ **La Regeneración** de 30 de agosto de 1870. n. 138. ano 2. p. 1.

⁴⁵⁷ GONZAGA, Sergius. O túnel. In: SCHÜLER, Donaldo. **O amor na literatura**. Porto Alegre: Ufrgs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992. p. 77.

⁴⁵⁸ **Idem**.

La mujer ama con el corazón; el hombre con el entendimiento. El amor avica el entendimiento á las mujeres y se lo quita á los hombres. Un majadero no debe pretender ser amado; las almas débiles aman á todos; las tiernas solo aman bien a un objeto; el amor y la avaricia no pueden hallarse juntos. La mujer en mi opinión, siempre más pierde que gana.⁴⁵⁹

A coluna social do jornal **El Cívico** era muito utilizada pela mulher da elite. Uma parte dela era destinada às leitoras que solicitavam dicas a respeito dos hábitos, costumes e comportamentos, respondidos sempre de acordo com a moral tradicional da época. Desta forma a coluna esclarecia as dúvidas e influenciava o comportamento das mulheres, onde eram reforçadas as características como a doçura, a pureza e a vocação para o casamento e para os trabalhos domésticos. Entre as cartas, uma senhorita manifestava a dúvida em declarar ou não seu amor a um homem:

Señor Cronista: - ¿La mujer puede confesar su amor? ¡Ay, señor cronista amigo, y como siendo que la experiencia no le haya demostrado lo contrario! En efecto, un hombre que debe ser joven, pues que se ocupa de chismes sociales, y que en pleno siglo diecinueve no ha encontrado mujer que le declare su amor, entiendo, señor cronista, que no debe ser el más feliz de los mortales. ¿Hasta dónde, y dentro de las conveniencias sociales, puede una mujer declarar su amor a un hombre?⁴⁶⁰

A correspondência amorosa era raramente utilizada pelo homem paraguaio, considerado pouco amoroso. Contudo, novos costumes eram apresentados pela imprensa: *“En la alta sociedad porteña se ha inaugurado una moda nueva. Hasta ahora se estilaba la gastada práctica de que el hombre declararse su amor á la mujer. En adelante, la mujer se declarará al hombre. Existen ya casos concretos, en Buenos Aires se citan con nombres propios”*. Românticas, as mulheres esperavam homens apaixonados e fiéis, uma utopia feminina no tocante ao relacionamento amoroso; para o jornal, era *“bienvenida sea la moda nueva, que esperamos haga camino en la*

⁴⁵⁹ **La Regeneración** de 30 de agosto de 1870. n. 138. ano 2. p. 1.

⁴⁶⁰ **El Cívico** de 03 de março de 1897. n. 152. ano 2. p. 1.

Asunción".⁴⁶¹ A mulher reivindicava um homem apaixonado, sensível, verdadeiro companheiro que lhe agradava:

Los presentes y caricias que en tal caso recibe de él, le son mucho más preciosos, y le inspiran cariño, gratitud e estimación. Tales flores harán muy agradable al marido á los ojos de su mujer, la buena opinión que él y la sociedad tendrán de ella, la impulsará á no desmentirla; porque es propio de la mujer, más aun que del hombre, conceder a la vanidad lo que la virtud más austera no pudiera conseguir.⁴⁶²

Uma mulher podia apenas aguardar que um homem a percebesse, e então aceitá-lo ou recusá-lo. De qualquer modo, as mulheres desejavam homens que revelassem seus sentimentos. O casamento, muitas vezes, visava à satisfação de uma ambição econômica e a conquista de uma posição social, ou seja, os critérios econômicos e sociais não deveriam ser de todo desprezados, apenas acrescidos das razões afetivas.⁴⁶³ Para o **El Cívico**, o homem ideal é austero e trabalhador, aquele que contenta sua mulher em todos os sentidos. Em um discurso irônico, assim manifestou:

El que ama las flores, la música y ... la mujer propia.
 El que se sepa remendar su ropa para no dar trabajo a su mujer.
 El que sepa sacrificarse por la verdad y la justicia.
 El que sepa morir dentro del primer año de matrimonio dejando rica á su mujer.
 Un pobre trabajador.
 El que, en momentos de echarle la bendición el cura, se saque el premio gordo de la lotería.
 El que solo ama una vez.
 El que sabe hacer vivir, comer, beber y divertir a su mujer.
 El que no regaña jamás.⁴⁶⁴

⁴⁶¹ **El Cívico** de 19 de outubro de 1900. n. 1245. ano 5. p. 1.

⁴⁶² **La Democracia** de 11 de agosto de 1882. n. 374. ano 2. p. 1.

⁴⁶³ Segundo Pierre Bourdieu, se as mulheres se mostram particularmente inclinadas ao amor romântico, é, sem dúvida, por um lado porque elas têm nele particular interesse: "*além do fato de prometer libertá-las da dominação masculina, ele lhes oferece, tanto em sua forma mais comum, como no casamento, pelo qual, nas sociedades masculinas, elas circulam em todos os lugares, como em suas formas extraordinárias, uma via, às vezes a única, de ascensão social*". BOURDIEU, Pierre. **Op. cit.**, 2005. p. 83.

⁴⁶⁴ **El Cívico** de 26 de dezembro de 1899. n. 1001. ano 4. p. 1.

As expressões amorosas reforçavam, também, o papel da conquista, considerada um momento terrível na vida de um homem: *“primero cuando tiene que decirlo todos á la mujer que ama; y el segundo, cuando está ya dicho”*. Para a mulher as palavras mais doces são aquelas ouvidas do homem que se ama. A felicidade no matrimônio precisava do amor, companheiro fiel dos românticos. Para a imprensa o sentimento amoroso encontrava eco em diversos aspectos da vida. Assim, o matrimônio assumia outras características, baseado, também, no princípio do bom relacionamento: *“está basado en el amor, en la confianza y en la amistad. Los que buscan en el matrimonio la frivolidad, el placer, el ruido y la pasión, se condenan á si mismos á trabajos forzados”*.⁴⁶⁵

Aconselhando suas leitoras, o **El Cívico** advogava que o amor devia ser o motor da relação entre o homem e a mulher. Alegava que para achar o verdadeiro amor, a beleza não podia ser a principal referência na escolha do cônjuge. Ao realizar a escolha, esta recairia sobre um novo modelo de homem: *“No quieras a los hombres tan solo por su belleza, pues, siendo la hermosura una cualidad pasajera que solo dura la vida de una flor”*. Além da beleza, o dinheiro poderia acabar rapidamente: *“Infelices mujeres, no saben que al menor golpe de la fortuna el oro desaparece; no ven que aquel que lo protege puede sucumbir mañana agotado por la ley inexorable de la vida, y entonces ¿Qué les queda? ... la miseria, el hastío, la desolación”*.⁴⁶⁶

Para o autor da notícia, a mulher deveria procurar um homem que fosse seu primeiro e único amor; o casamento deveria responder exclusivamente a aspirações afetivas, que se transforma no território do amor por excelência *“pues, siendo el corazón del hombre como el acero, más fino cuanto más se temple, su cariño será siempre más constante y su amor más verdadero”*. Relata, ainda, que havia observado determinados acontecimentos na sociedade, como casamentos realizados exclusivamente por interesses financeiros, ou seja, o casamento não poderia assumir um caráter mercadológico: *“las que se casan tan solo por el dinero ó por el deseo de la figuración social. Este convencimiento es el que me autoriza á darte este consejo y espero que lo escuches porque es leal, porque es sincero”*.⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ **El Cívico** de 16 de dezembro de 1903. n. 2163. ano 8. p. 1. No século XVIII, a natureza do casamento cristão era baseada no amor e na primazia da relação homem e mulher. MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra. 1330 -1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 186.

⁴⁶⁶ **El Cívico** de 21 de maio de 1903. n. 1988. ano 8. p. 1.

⁴⁶⁷ **Idem**. Ao mesmo tempo, apresenta um artigo a respeito do marido ideal no casamento: *“Las francesas aman en su marido frente despejada y semblante risueño; las alemanas piden ante todo que permanezca fiel a su palabra; las*

El Cívico mencionava também os perigos que a beleza feminina representava para o homem. Associada ao erotismo e aos perigos oferecidos afirmava:

El que ama á una mujer por su belleza, ¿la amará siempre? No tal; para matar su amor es lo bastante que las viruelas la desfiguren. La impresión del amor en el corazón de las mujeres, es como una figura trazada sobre la nieve, que un rayo de sol basta á borrarla. El amor no depende de la estimación: pero en muchas ocasiones, la estimación depende del amor.⁴⁶⁸

Os vitorianos ingleses encontraram a paz na adoração à própria família e no lar como um ambiente de liberdade e estabilidade. Neste estado sagrado, cumpria às mulheres ser a força civilizatória da família, promovendo os princípios morais, salvaguardando o bem e estimulando a espiritualidade. O amor incluía o culto à rainha, *“e a própria rainha Vitória, matrona rígida, preenchia perfeitamente os requisitos. E tornou-se o símbolo daquele”*.⁴⁶⁹

A prioridade sobre os afetos nas relações familiares implicou, no que se refere à conjugalidade, um processo de construção social de um novo conceito de amor entre homens e mulheres. A mistificação do amor romântico juntamente com a do amor materno outorgaram uma nova posição às mulheres nos contratos e legitimações entre os gêneros. A mulher passa a viver para o amor: amor a seus filhos, a seu esposo, a sua casa. Para tanto ela deve se manter pura, distante dos problemas e das tentações do mundo exterior, que deveria ficar sob o encargo do homem.⁴⁷⁰

O amor materno é apresentado na imprensa como um sentimento incondicional na vida e nas necessidades de qualquer pessoa; a mulher que tinha

holandesas prefieren hombres pacíficos que no tengan inclinación á la riña y, sobre todo que no sean batan; las españolas quieren un hombre que las sepa defender y vengar con soberbia. Las italianas aman á aquellos hombres que se ocupan en meditar y fantasear; las rusas estiman solamente á aquellos de entre sus paisanos que consideran como salvajes á los pueblos del este; las inglesas solamente quieren gentilhombres que se codean con testas coronadas y se saben captar sus favores; las americanas se casarían con cualquiera sin preocuparse de su rango ó posición social, aunque fuera jorobado, rengo, sordo, ciego, bastándoles que fuera rico”. **El Cívico** de 18 de junho de 1903. n. 2011. ano 8. p. 1.

⁴⁶⁸ **El Cívico** de 03 de outubro de 1899. n. 933. ano 4. p. 1.

⁴⁶⁹ ACKERMAN, Diane. **Op. cit.**, 1997. pp. 123-124.

⁴⁷⁰ ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 29.

apenas uma função biológica assumiu o papel de educadora, adquirindo uma função social.⁴⁷¹ O amor materno dura para sempre, diferente do amor não correspondido de uma mulher: *“El dolor sufrido puede calmarse al escuchar una palabra de aliento de un ser que estimamos, pero la única criatura capaz de hacerlo desaparecer con una sonrisa, es la madre”*. O amor de uma mulher pode ser perigoso: *“vive en el corazón mientras dura las ilusiones; el amor de madre mientras dura la vida”*. A ingratidão do amor de uma mulher *“lleva en sí propio el castigo y la venganza”*. O amor materno era apresentado como o maior de todos os sentimentos, *“en mayor proporción que el amor á la vida”*. Matar uma mãe, por exemplo, seria imperdoável: *“el suicida comete un crimen explicable, el asesino de la madre lleva á cabo la acción más horrenda que pueden registrar los anales de los crímenes humanos”*.⁴⁷²

O amor é apresentado em suas múltiplas formas. Ele, muitas vezes, assumia posições antagônicas e conflitantes. Em muitos artigos, o amor tentava ser decifrado: *“es completamente difícil la exacta definición de ese sentimiento, capaz de todas virtudes, de todas las grandezas y sublimidades, como de las miserias más brutales y vergonzosas”*. Para um espiritualista o amor é uma paixão acima de qualquer prazer: *“el amor es un destello de divinidad, es la religión de la humanidad, es una gota de miel hiblea que los dioses destilan en el cáliz de la vida para endulzar las amargas de la existencia”*. Contudo, para um materialista *“el amor fascina los sentidos, hace hervir la pasión en la sangre de las venas, enloquece los deseos de posesión y desarrolla con furia los apetitos hasta tanto no se pueda saciarlos”*.⁴⁷³

As pessoas se consumiam de amor; ele era capaz de muitas transformações, *“convierte á los jóvenes y hombres más serios en alocados chiquillos que á cada paso cometen tonterías en el múltiple desenvolvimiento de sus afecciones, como los bebés con sus juguetes que descomponen y recomponen por el simple placer de ocupar su atención”*. Assim, o amor assume a condição de valor absoluto: *“es una moneda que se cotiza en razón directa de los que la poseen son todas las ilusiones de la vida y en razón inversa de los desengaños de esas azucaradas nimiedades de la existencia”*.⁴⁷⁴

⁴⁷¹ No século XIX, as condições econômicas e políticas fizeram com que o homem fosse levado a sair de casa e a entregar muitas responsabilidades à mulher. Nesse contexto, o desenvolvimento do culto ao amor materno encontra seu apogeu. BADINTER, Elisabeth. **Op. cit.**, 1985.

⁴⁷² **El Cívico** de 23 de setembro de 1899. n. 925. ano 4. p. 1.

⁴⁷³ **El Cívico** de 13 de junho de 1904. n. 2307. ano 9. p. 1.

⁴⁷⁴ **Idem.**

O “*Código del amor*” foi também apresentado como um modelo eficiente que preparava o coração do homem e da mulher para o relacionamento:

Art. 1º. El primer paso que debe darse en materias de amor, es el de estudiar el corazón de la persona amada. Art. 2º. Un buen corazón repara muchas veces la falta de dotes personales ó de una figura agradable. Art. 3º. Un mal corazón tal vez consiga agradar, pero su triunfo será breve; tarde ó temprano le arranca algún accidente imprevisto la máscara con que se encubre.⁴⁷⁵

Se todas as formas de conquista foram apostadas, o caminho mais curto e último recurso era o coração: “Art. 4º. *Si por tus dotes personales no has logrado seducir á los ojos de una mujer; si tu talento no ha hecho efecto en su ánimo, recurre á su corazón, que más de una vez la compasión ha producido el amor*”. A mulher aqui, ao tratar do amor e da conquista, assume uma condição de superioridade, submete o homem aos seus desejos: “Art. 5º. *La mujer nos agrada porque nos domina, y nosotros la agradamos porque nos sometemos á su imperio*. Art. 6º *Nunca se descuides en desplegar en valor fingido y fanfarrón en presencia de las mujeres, se burlarían de ti y te despreciarían*”.⁴⁷⁶

A necessidade de amar, a ternura, a sensibilidade, a total dependência em relação ao amado e seu devotamento a este apareciam, cada vez mais, como atributos especificamente femininos. O amor está sempre disponível para a mulher e continua, ao longo dos séculos, a se impor como um pólo constitutivo da identidade feminina. Essa ideologia do amor contribuiu, de certa forma, para reforçar a representação da mulher como dependente econômica e socialmente do homem, incapaz de assumir com autonomia a sua vida.

Além de ser caridosa e amorosa da mulher é exigida a beleza corporal ou pela virtude de ser boa mãe e esposa. Os significados da beleza serão apresentados como um modelo estético voltado para a mulher da elite e moldado pela ideologia de gênero da época. Os discursos procuravam informar a respeito da moda, maquiagem

⁴⁷⁵ **El Cívico** de 01 de fevereiro de 1904. n. 2201. ano 9. p. 1.

⁴⁷⁶ **Idem**.

e comportamento social. Manter-se bela custava caro e muitas mulheres pagavam o preço; adornos, trajes, cosméticos e os acessórios faziam parte do dia a dia da mulher da elite. Pretendemos analisar a seguir os discursos associados com o embelezamento do corpo, em especial ao apreço por roupas, jóias e acessórios diversos, identificados, sobretudo, na composição de suas vestimentas que traduziam um determinado perfil de mulher.

4.3. Bela, maternal e feminina

Algunos se dejarán seducir únicamente por unos hermosos cabellos, otros por un pie fino y bien calzado, otros por una mano bonita, etc., La mirada, la voz y hasta el olor pueden ejercer también cierta influencia.

El Cívico de 12 de agosto de 1897. n. 287. ano 2. p. 1.

No século XIX a sociedade ocidental impõe uma estratégia de aparência, um sistema de convenções e ritos precisos que não visam senão à esfera privada. Depois, opera-se o lento enfraquecimento dessa recente especificidade, com base na distinção hipertrofiada entre o dentro e o fora. No espaço privado desenvolve-se também o toalete que prepara a aparição na cena pública. Esse ritual, como cita Alain Corbin, por muito tempo ficou confinado à mulher da elite: esta mulher tem o monopólio do perfume, da pintura, da cor, da sedosidade, da renda, tem a função de ser a insígnia do homem.⁴⁷⁷

No início do século XIX a produção de bens aumentou e influenciou, entre outras coisas, em uma melhora no nível de vida da população e na redução do preço das roupas. Desse modo, as classes sociais com poder aquisitivo mais elevado podiam adquirir numerosas peças e complementos de vestimentas. A partir disso se desenvolveu uma etiqueta social com relação às roupas. As senhoras deviam trocar de roupa diversas vezes ao dia e indicadas para cada ocasião: vestido da manhã, vestido da tarde, vestido de visita, vestido da noite, vestido para o teatro, vestido de baile, vestido de casa e, por último, a roupa de dormir.

Neste período, o pudor e a vergonha pretendem reger os comportamentos. Por trás desses termos oculta-se um duplo sentimento: de um lado, o medo de ver o outro, o corpo; de outro, o temor de que o segredo íntimo seja violado pela indiscrição.⁴⁷⁸ Desde a Revolução Francesa, é no corpo das mulheres, esposas ou amantes - através de seu porte diferenciado e do traje requintado - que se ostentam o

⁴⁷⁷ CORBIN, Alain. **Op. cit.**, 2009. pp. 415-417.

⁴⁷⁸ **Idem.** pp. 418-419.

sucesso ou a pretensão dos ambiciosos; uma mulher imponente e bela era o referencial para os homens ricos que optam por sustentá-la como demonstração de seu poder econômico e social.

Para as mulheres, tudo o que traduz a delicadeza e a sensibilidade é valorizado: uma pele fina onde afloram as ramificações nervosas, carnes aveludadas para embalar a criança ou o doente, mãos e pés pequenos. Mas também tudo o que traduz as funções naturais da reprodutora - ancas redondas, seios generosos, tecidos bem nutridos – é apreciado: *“A esses monumentos de vestuário sucedem-se anquinhas postiças, caudas, armações diversas que sublinham as formas com graça e elegância. A altura da cinta, a forma das mangas e das golas conhecem variações segundo a estação do ano”*.⁴⁷⁹

Durante o século XIX as roupas femininas evoluíram dos vestidos simples de musselina branca às pesadas roupas sob medida dos anos de 1900. Nos primeiros cinquenta anos do século XIX, a meta da roupa elegante era criar uma beleza jovem, frágil e idealizada. A mulher ideal deste século era exemplo das virtudes da dona de casa, habilidosa na administração doméstica. Embora permanecendo delicada, terna e discreta, também deveria ser talentosa, prática, caridosa, religiosa e, acima de tudo, extremamente maternal, capaz de instruir e orientar o filhos. A moda, no entanto, se alterou para se ajustar a esse ideal. As curvas se acentuaram, o tecido se tornou mais pesado, as cores mais fortes e a crescente importância das mulheres na esfera doméstica e social foi assinalada por sua corpulência. Nas décadas finais do século XIX, a mulher ideal continuou a se tornar maior e mais velha. Seu tamanho era um sinal de ser visível publicamente; mesmo ficando em casa, como uma peça decorativa, a mulher do final da era vitoriana tinha altura e peso acima da média.⁴⁸⁰

O século XIX foi o século da explosão da moda; neste período, a moda atinge um número maior de pessoas da pequena e média burguesia da França e da Inglaterra a lugares distantes, como Assunção. Na Capital paraguaia, os reflexos da *Belle Époque* parisiense foram significativos em decorrência da reestruturação social que a Capital estava passando.⁴⁸¹ Algumas transformações do espaço urbano, a

⁴⁷⁹ KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e corações*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). **Op. cit.**, 1991. p. 353.

⁴⁸⁰ LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 83.

⁴⁸¹ O período da “Belle Époque” na Europa (1870-1914) foi caracterizado pela elegância e o refinamento; os padrões que regiam a moda eram estéticos, sendo secundária a comodidade e o bem estar físico da mulher.

reconstrução da Capital, a europeização dos costumes, o renascimento e posterior incremento do comércio e a intensificação da vida social e cultural servem de pano de fundo para a difusão da moda.

O processo de modernização do pós-Guerra era marcado por uma certa ambigüidade no que diz respeito à condição da mulher. A imprensa apresentava uma discussão entre o moderno e o tradicional, preocupando-se com a condição feminina, bem como com a revisão dos papéis que homens e mulheres deveriam assumir na sociedade. As mulheres paraguaias, ao abandonarem o *typói* em determinadas situações, começaram a se identificar na aparência com as mulheres européias.⁴⁸² Um elemento fundamental para a difusão da moda entre os membros da alta sociedade foi o aparecimento de espaços em jornais dedicados exclusivamente às mulheres, com manuais de etiqueta, regras de comportamento, higiene para o corpo e para a casa, além de orientar as mulheres na escolha das roupas mais adequadas para determinadas ocasiões, isto é, era necessário, aos olhos da imprensa, “civilizar os costumes”. Estes espaços nos jornais traziam seções especializadas em moda, nas quais eram publicados e descritos modelos que seguiam as tendências da moda européia. Além disso, divulgavam lojas e produtos, o que satisfazia os desejos da elite de incorporar os padrões europeus de vestimenta.⁴⁸³

Com o passar do tempo, iniciado o processo de reestruturação da Capital, a elite paraguaia dedicava-se às atividades familiares, à recepção de estrangeiros, aos bailes, reuniões sociais e beneficentes. Nessas ocasiões, a moda parisiense ganhava destaque, mesmo com o clima paraguaio pouco propício a tais vestimentas. A elite fazia da moda um elemento que acentuava as diferenças entre seus próprios membros e entre elas e as outras classes sociais; em outras palavras, a presença da mulher da elite no espaço público implicava o contato entre as classes e demandava que esta exposição se fizesse através de uma distinção social. Do mesmo modo, ao

⁴⁸² As mulheres e em geral as classes populares, como os índios e os mestiços, vestiam roupas muitas vezes caseiras confeccionadas na própria Capital. O material geralmente era simples e de baixo custo.

⁴⁸³ Segundo Dulcília Helena Schroeder Buitoni os temas tradicionais que ocupam a imprensa feminina apresentam pouca relação com o momento atual; privilegiam temas como moda, maquiagem, beleza, culinária, decoração, um conto ou fotonovela, etc. BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**. A representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981. p. 5. Na imprensa feminina, a mulher está, metafórica e metonimicamente, ligada aos seus papéis sociais básicos: dona-de-casa, esposa e mãe. O termo de comparação de mulher é sempre um signo de trabalho doméstico, casamento, maternidade. Igualmente, a contigüidade opera na direção do lar, marido, filhos. Sabe cozinhar e arrumar como uma formiga laboriosa; é companheira dedicada e mãe doce e suave. Suas frases já vêm predeterminadas: seus predicados e objetos organizam-se em sintagmas pela contigüidade óbvia e natural de coisas que sempre estiveram juntas. **Idem**. pp. 135-136.

europizar seus corpos, preocupavam-se com a correção do vestuário, como vestir-se correta e adequadamente para ocasiões específicas.

Os modelos de corpos mostrados na imprensa cristalizavam relações entre os sexos e modificavam não apenas a maneira de ver o outro e a si próprio, mas prescrevia a possibilidade de mudança nas relações amorosas e sociais. Este consumo modernizador de espaços e costumes promovia, através da imprensa, um arsenal de imagens que visava à transformação do comportamento feminino. Assim, para a mulher da elite é um momento marcado por um desejo de modernizar e consumir as novidades. Surge, desse modo, a necessidade do conhecimento das regras adequadas de comportamento, pois, por meio delas, a elite que se conformava construiria um código próprio de sociabilidade capaz de distingui-la das outras classes. O refinamento dos gestos e das maneiras, a busca do luxo e do belo, faria distinção aos que soubessem se portar adequadamente em qualquer situação.

Os discursos articulados em torno da vestimenta feminina estão permeados pelas relações de gênero, onde as mulheres são convidadas a apresentarem corpos elegantes, delicados, suaves e graciosos. A imagem da mulher é associada à beleza como um dever cultural, a representação de sua feminilidade. Para Michelle Perrot “*as mulheres têm uma função de representação. Sua elegância, seu luxo e mesmo sua beleza exprimem a riqueza e o prestígio de seus maridos ou de seus companheiros*”.⁴⁸⁴ Elas, no espaço público, “*têm quase um dever de beleza*”.⁴⁸⁵

A arte de se vestir bem alcançou maior requinte entre as mulheres da classe alta e média no final do século XIX. As diferenças sociais eram evidentes na maneira de se vestir. José Prat menciona que a mulher da classe alta espanhola tem “*un simple objeto de lujo con derechos muy restringidos*”, cuja educação e lição mais importante era “*el arte de cautivar el macho, que no al hombre, con su belleza natural y con los perifollos de la última moda*”.⁴⁸⁶

As vestimentas deviam ser utilizadas de acordo com o evento e a situação. O luto, por exemplo, era representado na imprensa como “*el uniforme del dolor*”. Por

⁴⁸⁴ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1998. p. 15.

⁴⁸⁵ **Idem.** p. 22.

⁴⁸⁶ PRAT, José. A las mujeres. (Conferencia leída en el 'Centro Obrero' de Barcelona los días 18 y 24 de octubre de 1903), Barcelona: Biblioteca Juventud Libertaria, 1904. In: NASH, Mary. **Mujer, familia y trabajo en España**. (1875-1935). Barcelona: Anthropos, 1983. p. 79.

mais que representasse um momento difícil, *“hay muchas circunstancias en la vida en las cuales nos es posible descuidar el vestido”*. Além da reclusão, outros aspectos deveriam ser observados. A viúva por ter um luto mais prolongado, devia atentar à vestimenta indicada:

El primero que dura el año entero, se usa el traje clásico: vestido de cachemir, de merino, de tejidos negros de lana completamente opacos, con adornos de crespón ingles, dispuestos sobre la pollera en forma de anchos biais, ó sea bandas al sesgo, y en las batas en la de vueltas y coquillès. El chal ó manto de cachemir, largo, es absolutamente de rigor, así como también el velo de crespón tan largo como la pollera.⁴⁸⁷

A moda vitoriana do luto vestia de preto britânicos e americanos durante anos e contribuiu para tornar a cor mais aceita e digna para mulheres que tinham passado da meia-idade. Na América vestia-se preto durante um ano após a morte dos genitores ou filhos, e durante seis meses após a perda de avós e outros parentes. Uma viúva ou um viúvo devia usar luto fechado por dois anos, podendo optar - como a rainha Vitória - por usá-lo permanentemente. Para os homens, cujo vestuário era de tonalidade escura, o traje de luto não requeria muita alteração de seu guarda-roupa. A roupa do luto no século XIX era pesada e elaborada; até mesmo as crianças pequenas usavam o preto por um ano depois da morte de um parente próximo.⁴⁸⁸

O luto condicionou a maneira de viver e de vestir. A etiqueta do luto era tão complexa que no século XVIII havia publicações especiais sobre o luto que forneciam detalhes precisos sobre o desenrolar das coisas: por exemplo, em que dia as pedras negras deviam ser trocadas pelos diamantes, ou as fivelas de bronze pelas de prata.⁴⁸⁹ Os costumes definiam que o luto se estendia para todos os parentes; para as crianças, por exemplo, outras regras eram sugeridas: *“el blanco es el color de gran luto para los niños de muy tierna edad, y también lo es para las damas en los lutos de corte”*. Para os homens: *“consiste en usar un luto en el sombrero, guantes negros, paño negro sin brillo, botones de camisa negros, ó mejor aún de nácar simple, corbata*

⁴⁸⁷ *El Cívico* de 06 de agosto de 1897. n. 282. ano 2. p. 1.

⁴⁸⁸ LURIE, Alison. *Op. cit.*, 1997. pp. 203-204.

⁴⁸⁹ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. (Org.) *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 243.

negra ó blanca de batista, según el caso, cinta negra en vez de cadena para el reloj ó los lentes. El luto del sombrero disminuye de anchura á medida que se pasa del gran luto al medio luto".⁴⁹⁰

As sugestões nos jornais apresentavam modelos femininos adornados de jóias e enfeites caros, construindo uma mulher envolta na delicadeza das rendas e bordados, no brilho das jóias, no aroma dos perfumes, como uma maneira de compensar os direitos e o poder que lhes faltavam. Sendo a França o pólo disseminador da moda no século XIX, sugere modelos de jóias usados durante a noite: *"al collar de perlas de ocho hilos unidos por pequeñas barras de brillantes agregan a su peinado la pequeña diadema sobre la cabeza ó rodeando el rodete en seguida las estrellas, las medias lunas. Hay en seguida cadenas todas de brillantes, de perlas ó de piedras preciosas y que hacen un magnífico efecto adornando una bata ó sosteniendo flores sobre el hombre"*. De dia, no entanto,

las parisienses usan joyas muy sencillas, son generalmente hebillas de oro finamente cinceladas y adornadas con esmaltes al estilo antiguo; peinetas de oro mate; estuches compuestos de la caja de polvos, de la bombonera, de la caja para pasta y del espejo todo cincelado y trabajando con un arte divino. En seguida la serie de hebillas y broches de cinturón de todo género, variados al infinito.⁴⁹¹

A moda reafirma a vaidade e divide as classes sociais de acordo com a vestimenta. Igual a outros costumes, a moda reflete a sociedade e o comportamento de seus indivíduos e nos mostra elementos importantes da cultura, da maneira como as pessoas vivem e se desenvolvem em um momento histórico e social determinado. As seções nos jornais mobilizavam as leitoras das camadas altas da população na necessidade de consumir, veiculando modelos adequados para cada situação. Era uma forma de controle, instrumentalizada através de mecanismos como o aprender, o conhecer, o selecionar a etiqueta correta:

⁴⁹⁰ **El Cívico** de 11 de agosto de 1897. n. 286. ano 2. p. 1.

⁴⁹¹ **El Cívico** de 20 de maio de 1897. n. 216. ano 2. p. 1.

Para paseo – sombrero negro de castor; todo negro, plumas amazonas bajas, garza negra con un prendedor de coral, muy de moda.

Capotita para visita – Verde *mauve*, adornada con cintas rosa pálido, sumamente elegante para un traje oscuro.

Peinado – Mientras los famosos *bandeaux* que sirvieron para crear parte de la fama de la señora De Merode, tiene tendencia á desaparecer. Con jopo reducido á proporciones mas naturales se consigues un peinado aún más hermoso empleando pequeños cilindros de goma ó bastoncillos de marfil, que gastan menos en cabello, la frente vuelve á velarse de rulitos.⁴⁹²

O vocabulário das roupas inclui não apenas peças de roupas, mas também estilos de cabelos, acessórios, jóias, maquiagem e decoração do corpo. A moda tem *“centenas de palavras a disposição e, portanto, é capaz de formar milhares de frases diferentes que expressarão uma ampla gama de significados”*.⁴⁹³ A respeito da maquiagem, observada sempre com restrições, era sugerido evitá-la tanto em casa quanto nos bailes *“que como todo vicio, pues no merece otro calificativo, fácilmente echa raíces”*. Entre as sugestões, mencionou:

Primero: los jóvenes no deben bailar con las *pintadas*, á fin de que comprendan que su hermosura no es natural sino artificial. Segundo: debe gravarse con fuertes derechos la introducción de los colores, como productos nocivos á la salud. Con la adopción de estas medidas el mal decrecería rápidamente, en beneficio de nuestra culta sociedad.⁴⁹⁴

A mulher do final do século tinha a possibilidade de embelezar o rosto com uma lista interminável de produtos cosméticos. A maquiagem passou a relacionar-se com o teatro e a “vida mundana” e fazer parte da vestimenta das mulheres da classe

⁴⁹² **El Cívico** de 11 de maio de 1899. n. 811. ano 4. p. 1.

⁴⁹³ LURIE, Alison. **Op. cit.**, 1997. p. 20.

⁴⁹⁴ **El Cívico** de 07 de fevereiro de 1899. n. 763. ano IV. p. 1. Charles Baudelaire menciona a necessidade de controle sobre o feminino, na forma como as prostitutas são masculinizadas, na maneira como os cigarros e os charutos, símbolos fálicos do universo masculino, ocupam toda a extensão de suas pequenas bocas; no tédio dos bordéis, onde o álcool as consome em mais um dia de melancolia ou na forma como balançam as crinolinas. Já as elegantes, são jovens e delicadas, ensaiando os primeiros olhares sedutores, ou são senhoras bem casadas, que passeiam com seus maridos lentamente, sem pressa, nos jardins públicos, parecendo dizer a quem as vê que foram sensatas o suficiente - ou bem dirigidas em suas escolhas – a ponto de terem feito um bom casamento. CARVALHO, Liliane Edira Ferreira. No embate da moda: a construção do masculino e do feminino no século XIX sob os olhares de Baudelaire e Feydeau. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina - PR. **Anais Suplementar do XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

média no final do século XIX e início do século XX. Charles Baudelaire mencionou o uso da maquiagem, “*seu poder misterioso, comparando-a a um espetáculo, a uma arte*”⁴⁹⁵, que faz desaparecer todas as falhas que a natureza impõe: “*A mulher está perfeitamente nos seus direitos e cumpre até uma espécie de dever esforçando-se em parecer mágica e sobrenatural*”.⁴⁹⁶

Como a moda, a cidade exige de seus moradores reformulações nos códigos de sensibilidade. Nesse território, é necessário que as famílias estabeleçam uma relação de adequação com os novos códigos, estimulando o desejo de comprar. Nos eventos mais importantes eram confeccionados trajes especiais. Na ópera *Gioconda*⁴⁹⁷, em cuja apresentação se daria na Capital “*muchas damas y niñas han mandado confeccionar riquísimos trajes para la temporada lírica*”.⁴⁹⁸ As mulheres da elite procuravam brilhar pelo prestígio, deixando, dessa forma, as marcas da posição social. As vestimentas estabeleciam fronteiras, distinguindo os sexos, as idades, as etnias, os estilos de vida e as classes sociais. A rua Palma, na Capital, tornou-se o laboratório das novidades “*disponen en sus escaparates todo el arsenal auxiliar de la coquetería femenina*”.⁴⁹⁹ Era ali que se vestia “à Paris” e “à Londres”; com suas lojas, era possível adquirir roupas e acessórios para cada estação do ano.

Os novos modismos com roupas e perfumes foram determinantes para que esta mulher, mais tarde, desestabilizasse por seu comportamento, marcada pela busca de sua independência. A visibilidade feminina aumenta em razão da maior exposição do seu corpo através das novas formas das roupas e também porque a moda associava-se a várias outras novidades, como os anúncios publicitários, formas inovadoras de comércio, tendo a mulher como principal consumidora. As lojas de moda convidavam a mulher a comprar, o que aumentava sua movimentação pelo espaço público. As mulheres da elite ao saírem de suas casas, para fazer compras e passear pelas ruas, passam a ser vistas pelos outros. A moda, juntamente com sua publicidade e consumo, seria, portanto, um importante elo da mulher com o espaço

⁴⁹⁵ VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 105.

⁴⁹⁶ BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 64.

⁴⁹⁷ A Ópera *Gioconda* foi apresentada pela *Compañía Lírica Fernandez*, em 8 de maio de 1897, no Teatro Nacional. O elenco masculino era constituído por Lates, Luis Belotto, Tito Poggi, Michelotti, Enrique Faff e Marchetti; integravam o elenco feminino Luna Benedetto, Grippa de Blesio e Julia Poggi. PLÁ, Josefina. **Historia Cultural**. Obras Completas. “El Teatro paraguayo”. Vol. 1. Asunción: Instituto de Cooperación Iberoamericana - RP, 1970. p. 126.

⁴⁹⁸ **El Cívico** de 03 de maio de 1897. n. 202. ano 2. p. 1.

⁴⁹⁹ **Idem**.

público. Ainda que passasse a maior parte do tempo no lar, não mais se encontravam restritas ao espaço doméstico.



La cordobesa. De Ross y Alvarez

La Verdad Autógrafa de 26 de abril de 1887. n. 7. p. 4.

O Teatro Nacional da Capital era o local onde afluía a sociabilidade e a moda era evidenciada: *“distinguidas niñas con quienes tuvimos el placer de conversar, nos han manifestado que así como en las temporadas teatrales hay días llamados de moda, que entre nosotros por lo general son los martes, fuera conveniente que también lo hubiera para los paseos”*. Estar na moda ampliava a sociabilidade da elite e, conseqüentemente, seu contato com o espaço público. A indicação era que nestes momentos as pessoas distintas se vestissem de acordo com a moda, pois, segundo o

observado, *“son los que debieran ser la moda para las plazas, pues se ha venido notando que esas noches afluye á éstas mayor número de familias”*.⁵⁰⁰

Estar na moda passou a significar uma disjunção com o tempo passado e emergir em um novo tempo. Marcada pela novidade, pela imitação dos modelos importados, a moda favorece um comportamento que valoriza a aparência. Em outros tempos a moda não era uma preocupação para as mulheres: *“En los tiempos más moderados, en que la moda no era tan imperativa, tan exigente, ni tan variable como ahora, las señoras y las niñas vestían sin preocuparse de que pudieran criticarles su estado de gordura á de flaqueza”*. Estar na moda agora era uma necessidade; a vestimenta, o modo de ser e de andar traduziam os valores da nova sociedade, *“la moda exige á las mujeres marcar las líneas de sus cuerpos y por eso vemos á la que es gorda que se ajusta hasta que la respiración le es difícil, su talle al que rebasan sus caderas abultadas que suben y que bajan el compás de su andar, y se es delgada, también se ajusta”*.⁵⁰¹

A evolução da moda no século XIX, mais do que nas épocas anteriores, afastou o grupo masculino do feminino, conferindo a cada um uma forma diferente, um conjunto diverso de tecidos e de cores, restrito para o homem, abundante para a mulher.⁵⁰² Com o passar dos anos, os estilos para o homem e a mulher aos poucos foram modificados. Em meados do século, os homens começaram a abandonar suas gravatas coloridas, casacos elegantes, calças justas e sapatilhas baixas. Durante a parte final do século não era um infortúnio o homem ser corpulento e a frase *“uma bela figura de homem”*⁵⁰³ ressaltar a aparência de tamanho exagerado. Casacos e calças folgados sugeriam ou acomodavam o excesso de peso; a altura aparente era aumentada por botas com saltos consideráveis e uma cartola alta e impecável. Na metade do século, o preto era a única cor respeitável para um traje a rigor. Em público, o *“homem na moda sempre segurava uma bengala ou um guarda-chuva com sinal de seu poder e autoridade masculina”*.⁵⁰⁴ A barba e o bigode, que entraram na moda durante a metade do século XIX, contribuíram para a aparência de maturidade.

⁵⁰⁰ *El Cívico* de 31 de janeiro de 1899. n. 731. ano 4. p. 1.

⁵⁰¹ *El Cívico* de 23 de maio de 1903. n. 1990. ano 8. p. 1.

⁵⁰² SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas*. A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 71.

⁵⁰³ LURIE, Alison. *Op. cit.*, 1997. p. 79.

⁵⁰⁴ *Idem*.

O homem também deveria exprimir sua masculinidade através de suas roupas, devendo se ajustar às tendências da moda: *“En el hombre, la moda no es menos exigente. Sin embargo, vemos ciertos tipos, ciertos figurines que provocan la hilaridad con sus cuellos que les cubren las orejas, sus peinados de mujer, sus pantalones que ponen de manifiesto sus canillas como caña y que patentizan las partes más blandas de sus cuerpos; pero están bien, elegantes, á la moda”*.⁵⁰⁵

No século XIX a moda era por essência um fenômeno das cidades maiores que se encontravam em processo de desenvolvimento de sua modernidade. O contato entre as pessoas aumentava a preocupação com sua apresentação pessoal, modificando o comportamento das pessoas e criando uma necessidade e um interesse pela moda: *“Pero la moda, no se limita tan solo á la exterioridad de las personas, sino que también invade las costumbres y cambia las pasiones con sus artificios letales”*. Existiam vários “tipos de moda”: *“la moda de vestir, la moda de la estética, no es del todo mala y puede aceptarse como artículo de lujo; pero la moda moral, la que subyuga á sus caprichos las costumbres y el modo de vivir, esa no es aceptable, porque es la calamidad intolerable de nuestra época presente”*.⁵⁰⁶

As relações culturais de gênero denotavam as transformações dos corpos a partir da construção de novos hábitos, sentimentos e movimentos. Enfim, a moda atuava diretamente no comportamento. O “imperialismo francês” não se limitava à roupa, aos perfumes, adornos, sapatos; o modo de ser e de viver é influenciado pela moda: *“la literatura, la música, los placeres, el hogar, y hasta el matrimonio debe ser á la moda, es decir, no por amor, no por cariño, sino por conveniencia, por interés del dinero, de la figuración social, ó por elevarse a la esfera de la ambición política”*. Quanto mais se aproximava dos ideais franceses de viver, mais representativo era incorporar esses costumes. Havia a necessidade de manutenção da aparência; qualquer atitude é apresentada como atitude associada à moda: *“Hoy, no es persona decente, no es persona aristocrática, si no viste a la moda, si no come á la moda, si no duerme a la moda, si no divierte á la moda, y hasta si al saludar á un amigo no da “la mano de moda”*”.⁵⁰⁷

⁵⁰⁵ *El Cívico* de 23 de maio de 1903. n. 1990. ano 8. p. 1.

⁵⁰⁶ *Idem*.

⁵⁰⁷ *Idem*.

A roupa pode indicar distinção social e, através de códigos sutis ou mesmo evidentes, pode refletir a opressão e o domínio sofrido pelo sexo feminino. Na opinião de James Laver, “na metade do século XIX, foi o ponto mais alto da dominação masculina, e, em tais períodos patriarcais, as roupas dos dois sexos são tão claramente diferenciadas quanto possível”.⁵⁰⁸ O corpo feminino, segundo Pierre Bourdieu, é um “corpo-para-o-outro”.⁵⁰⁹ As mulheres são objetos simbólicos constituintes da dominação masculina e o efeito dessa estrutura coloca a mulher em um estado perene de insegurança corporal, “elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”.⁵¹⁰

Para além das aparências, não bastava estar bem vestida, o objetivo era uma modelagem do corpo para ficar bonita. A arte e o mercado da beleza se expandiram, como se expandiu igualmente o olhar projetado sobre a beleza. Da França e dos Estados Unidos chegavam informações sobre os cuidados com a higiene e a beleza feminina. Manter o corpo belo dependia de cuidados com o rosto, vestuário e movimentos físicos, mas, também, de aplicações corretivas. A postura, a voz, o rosto, o modo de vestir, de gesticular estariam sujeitos a uma vigilância. Um ideal servido pela técnica e “instrumentação sobre si”.⁵¹¹ Neste momento a indústria cosmética crescia, prometendo recursos para todos os defeitos possíveis, desde a correção do nariz até o rejuvenescimento do rosto; parecer jovem era a meta de muitas mulheres. Da revista francesa *La Nature*, foi traduzida a notícia que a Senhora Alberti acabara de montar uma academia de beleza em Nova York, com a finalidade de “dar tranquilidad al espíritu y al mismo tiempo á modificar físicamente los rasgos fisonómicos y las actitudes rectas de la mujer”.⁵¹²

O corpo feminino podia ser manipulado, construído, modificado e vigiado. Fazer-se bela e elegante, controlar os gestos, eram elementos determinantes. Entre os cursos, um deles é dedicado ao olhar “obligándolas á moverlos á derecha, á izquierda, arriba y abajo, sin esfuerzo aparente, con gracia y elocuencia”. Outro curso era dar ao nariz um movimento adequado a cada circunstância: “imprimirle un

⁵⁰⁸ LAYER, James. **A Roupas e a Moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 184.

⁵⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. **Op. cit.**, 2005. p. 83.

⁵¹⁰ **Idem.** p. 82.

⁵¹¹ VIGARELLO, Georges. **Op. cit.**, 2006. p. 134.

⁵¹² **El Cívico** de 17 de maio de 1897. n. 213. ano 2. p. 1.

seductor movimiento vibratorio, sin caer en la exageración en que incurren los consejos y contraer ó dilatar á tiempo las ventanas. Según parece, esta asignatura es de las más difíciles". Para os lábios, eram ensinados movimentos repetitivos específicos: *"para conseguirlo es preciso condenarse á repetir horas enteras, durante muchos días, ciertas frases ingeniosamente combinadas, moduladas con suavidad y cuya pronunciación constante modifica las comisuras defectuosas, contrayendo los labios demasiado salientes, ó dilatando los demasiados apretados"*.⁵¹³

Em resumo, a academia de beleza de Madame Alberti tem como objetivo *"embellecer más á las bonitas y hacer menos feas á las desgraciadas de la naturaleza"*.⁵¹⁴ Para Madame Alberti toda beleza feminina é suscetível de perfeição, resultado de pequenos detalhes que, geralmente, passavam despercebidos. Enfim, era possível se fixar nestes detalhes e atenuar as pequenas falhas do corpo, tornando-o gracioso nos movimentos. Ao reproduzirem movimentos, gestos, posturas, poses, expressões que traduzem representações de feminilidade padronizadas por regras sociais e sexuais, fixam no corpo da mulher, possibilidades e restrições entre o permitido e o proibido, o sagrado e o profano, o normal e o desviante. Essas mudanças provocavam efeitos sobre a aparência e a silhueta das mulheres. A parisiense é a referência, *"sabe ser graciosa, segura, torna a inveja provinciana e realça o resplendor de uma cidade"*.⁵¹⁵

Para o **El Cívico**, *"las desocupadas de Paris son las reinas de la coquetería, ellas imponen la moda, ellas inventan la belleza"*.⁵¹⁶ As inspirações vindas da Capital francesa, com seus institutos de beleza, possibilitava construir sua própria beleza: *"aumenta el tamaño de los ojos, se corrigen los defectos de la nariz, de las orejas y de la boca, se da a la mujer formas esculturales por medio del masaje, y á la piel la frescura de la juventud, haciendo desaparecer las arrugas"*. Seus salões ofereciam consultas e realizavam tratamentos, correção das imperfeições do corpo e do rosto: *"recorta las orejas ó la nariz si son grandes, achica la boca, pone en su posición natural las pupilas de los ojos bizcos, da esbeltez al talle, corrige los defectos de las patizambas, etc"*. Portanto, era possível esconder os defeitos físicos que podiam ser

⁵¹³ **El Cívico** de 17 de maio de 1897. n. 213. ano 2. p. 1..

⁵¹⁴ **El Cívico** de 07 de dezembro de 1897. n. 385. ano 2. p. 1.

⁵¹⁵ VIGARELLO, Georges. **Op. cit.**, 2006. p. 112.

⁵¹⁶ **El Cívico** de 12 de agosto de 1897. n. 287. ano 2. p. 1.

eliminados, *“en el instituto de la belleza dan á sus hijas, esposas ó prometidas, formas esculturales, gentileza, miradas picarescas y al cutis la maravillosa frescura”*.⁵¹⁷

A imprensa, no entanto, chamava a atenção para os abusos cometidos pelas mulheres. A sedução, o excesso de vaidade e as mutações ocorridas com o corpo eram vistos com desconfiança. Ao mesmo tempo as conotações negativas exprimiam o medo diante dessas apropriações do feminino; enfim, a beleza artificial é apresentada como perigosa: *“pero por muy advertidos que estemos sobre los expedientes de la química y por muy dulces escepticismos que pongamos en la celebración del milagro de la belleza, estas divulgaciones nos desencantan y nos hacen mirar con lastimas todo aquello que debiéramos adorar”*.⁵¹⁸

O discurso da beleza feminina como promessa de prestígio, felicidade e ascensão social é evidenciado na imprensa. Essas representações satisfaziam tanto homens quanto as mulheres, pois mobilizavam paixões e sensualidades. A beleza feminina era uma conquista possível de ser alcançada, desde que se submetessem a diferentes orientações, disciplinas e cuidados.

É por intermédio da imprensa que os discursos dominantes sobre o que é ser homem ou mulher se estabelecem e instituem seu espaço. O imaginário cultural engendra gestos, posturas, hábitos, vícios, expressões, enfim, toda uma cartografia corporal que insere e reconhece o sujeito como membro de um grupo social. As exposições dos corpos femininos aos olhares e às opiniões eram acompanhadas de medidas civilizadoras, ou seja, as atenções voltadas ao corpo da mulher estão carregadas de disciplina que visavam em parte organizar a presença feminina no espaço público e privado. De um lado, esse imaginário exprimia o temor do poder da sensualidade feminina, ainda mais perigosa quando ela tinha a chance de mostrar seu potencial através da beleza. A imprensa defendia a beleza natural com qualidades espirituais e morais, isto é, os apelos da sedução deviam ser equilibrados; de outro, a necessidade de estar bela estava atrelada ao prestígio social da mulher, ocupando um lugar ao lado do homem.

A imprensa, enfim, contribuiu para a construção da feminilidade, pois a moda era uma questão feminina. Mas o uso da roupa não envolvia apenas a questão da

⁵¹⁷ **El Cívico** de 27 de junho de 1899. n. 850. ano 4. p. 1.

⁵¹⁸ **El Cívico** de 20 de maio de 1899. n. 819. ano 4. p. 1.

aparência. Era possível constatar a importância da vestimenta como manifestação de poder, distinção e como construção do comportamento na sociedade do pós-Guerra. A moda ganhava, portanto, uma linguagem própria e dava visibilidade a um modelo de organização familiar, envolvido pela mística do progresso. Essas questões visavam à preparação dos corpos para circular pelas ruas de Assunção.

Nessa época, a mulher da elite passava a se fazer presente em bailes e acontecimentos sociais, adquirindo certa liberdade, já que a convivência social gerava uma maior expressão das emoções, que, no entanto, eram vigiadas pelo marido, pelo pai, enfim, por toda a sociedade. Desse modo, fazia-se necessário que a mulher, nesse caso tanto a da elite quanto a popular, aprendesse a se comportar em público de maneira adequada. Assim, os bailes deviam obedecer às regras de comportamento e que não atentassem a moral e os bons costumes.

4.4. Nas ruas e nos salões. Os bailes na Capital

Que todos esos bailes son otros tantos focos de prostitución, donde solo se aprenden costumbres y hábitos perniciosas que ofenden a la moral, relajando y viciando desde su origen el amor al trabajo, al hogar y á la familia misma.

La Regeneración de 20 de fevereiro de 1870. n. 58. ano 2. p. 3.

A esfera pública que se constrói após a Guerra está comprometida pelas pressões de uma sociabilidade rígida e dirigida por pessoas que estão formalmente ligadas com o poder político da época. Uma das principais preocupações das autoridades era a manutenção da ordem pública, que, constantemente, se via ameaçada pelas classes populares. Em nome de um Estado liberal, a imprensa ditava as regras de comportamento para a sociedade da época, com o objetivo de adequar, de acordo com a nova ordem social, os espaços público e privado.

Os discursos na imprensa tratavam das várias estratificações sociais: a classe alta buscava identificar-se ainda mais com os modos e costumes europeus; a classe baixa era o motivo das denúncias, viviam sem moral e sem higiene. De maneira geral, o espaço público no pós-Guerra é apresentado como um local ameaçador e desorganizado. Entre as manifestações da imprensa, citamos as observações de um viajante estrangeiro publicadas no **El Orden**:

La gente del pueblo en el Paraguay se distingue porque es mas descomedida, pues nunca ceden la vereda ó el lado de atención á la gente decente sean señoras ó señoritas bien puestas ó caballeros, les quitan la vereda y ganan la delantera murmurando palabras en guaraní, que por cierto no serán muy comedidas por el modo como lo miran á uno. Así pues, muchas veces tiene el transeúnte que ir haciendo el cuerpo de un lado al otro como gambaleando para evitar un atropello ó empujón.⁵¹⁹

⁵¹⁹ **El Orden** de 14 de janeiro de 1886. n. 257. ano 2. p. 1.

As pessoas que viviam pelas ruas da Capital apresentavam uma gama de hábitos, valores e significados próprios da cultura popular. As péssimas condições de higiene, daqueles que viviam nas ruas de Assunção, também chamou a atenção do observador:

La vista de mendigos andrajosos que se arrastran por el suelo, ó presentan una cara repugnante por los destrozos que ha hecho la sífilis, es cosa de lo mas desagradable y sin embargo se tropieza con ellos muy frecuentemente, ó se le presentan en su alojamiento repentinamente cual visiones desagradables.⁵²⁰

Os bailes populares, desde que mantida a moral e os bons costumes, eram tolerados. A imprensa, por sua vez, condenava constantemente os bailes nos quais se envolvia parte da classe baixa, alegando que estavam vinculados a todo o tipo de imoralidade e, ainda, pressionava o governo para que proibisse tais festas ou as limitassem a uma vez por semana.⁵²¹ Sobre o tema, encontramos a seguinte manifestação:

Volvemos a pedir en nombre de la moralidad y del orden público, que se prohíban los bailes nocturnos que se repiten cada noche, y que son el fruto de la prostitución, tal desorden, de la inmoralidad y de todos los vicios que corrompen a la juventud. Una sola vez a la semana, por sus favor especial, creemos bastante para saciar el apetito vehemente de los bailarines y damas, que casi siempre no revelan en sus rostros sino la mas desordenada voluptuosidad.⁵²²

Nestas festas predominavam as *Kygua veras*. Se os bailes da elite eram considerados um entretenimento “inocente” - vinculado geralmente à prática da

⁵²⁰ **El Orden** de 14 de janeiro de 1886. n. 257. ano 2. p. 1.

⁵²¹ Com freqüência, as mulheres brigavam nas ruas; muitos achavam graça e outros reagiam com preocupação. Constantemente, encontravam-se mulheres bêbadas, envolvidas em furtos; na maioria das vezes, roubavam para comer.

⁵²² **La Regeneración** de 23 de janeiro de 1870. n. 46. ano 2. p. 1. A cruzada contra a imoralidade mobilizou o governo. As condutas imorais de grande parte da população eram impróprias para os padrões desejáveis no “novo modelo” de comportamento e na reorganização da sociedade. Este tema foi abordado no item 2.3. “O corpo e a cidade. As intervenções sobre a classe popular.”

caridade - e compatível com os princípios de civilização, os bailes populares, entretanto, eram considerados indecentes e não respeitavam os bons costumes:

Se nos asegura que muy pronto se dará un edicto policial prohibiendo los bailes escandalosos que diariamente se presencia de noche en varias partes de la ciudad.

Era una medida que lo reclamaba la moral pública, y que va á venir á cortar los abusos que necesariamente resultaban de esos focos inmundos de prostitución donde; solo se pueden aprender costumbres y hábitos perniciosos, aversión al trabajo y á la familia.⁵²³

A prevenção e a repressão aos bailes populares estavam visivelmente voltadas à organização da vida cotidiana, especialmente para o trabalho. Para a imprensa estes ambientes eram favoráveis a encontros ilícitos, contribuindo, desta forma, para a prática da prostituição. Pelos maus exemplos, esses divertimentos se tornaram objeto das atenções das autoridades policiais: *“Por nuestra parte nos alegramos que la Policía hubiese oído nuestra indicación, haciéndose así el eco fiel de la opinión pública que siempre debe respetarse como la expresión soberana del pueblo”*.⁵²⁴

Distantes do modelo ideal que se pretendia impor, os setores populares eram considerados os mais ameaçadores para a nova ordem social. O espaço urbano, cada vez mais, necessitava ser regulamentado pelo Estado, através de uma legislação e de instituições que pudessem controlar as classes perigosas. Resultado de inúmeros escândalos que ocorriam na cidade, a alternativa era tratar os bailes como caso de polícia. Inquieta, a imprensa considerava esses bailes uma afronta aos princípios morais:

Considerando que es altamente puesta á la moral pública y buenas costumbres continuar tolerándose por más tiempo los bailes que diariamente se dan en algunas casas, hasta horas muy avanzadas de la noche, molestando á todo el vecindario pacifico. Que todos esos bailes son otros tantos focos de prostitución, donde solo se aprenden costumbres y

⁵²³ **La Regeneración** de 23 de fevereiro de 1870. n. 55. ano 2. p. 2.

⁵²⁴ **Idem.**

hábitos perniciosas que ofenden a la moral, relajando y viciando desde su origen el amor al trabajo, al hogar y á la familia misma; corrompiendo y esterilizando todo sentimiento noble que antes bien de tratarse de inculcar al pueblo como condiciones preciosas para su enaltecimiento moral y desarrollo físico é intelectual.⁵²⁵

Este cotidiano dos bailes populares constituiu-se também num indicativo de uma não aceitação, entre as classes populares, dos preceitos morais que regulavam as relações de trabalho. Esses divertimentos passariam a ser regulados pelo chefe político do Departamento da Capital, que estaria disposto a proibir os bailes populares que ofendessem a ordem e a moral:

Que ellos son el origen de numerosos escándalos, pendencias y asesinatos que con frecuencia se repiten produciendo funestos resultados y como esencialmente subversivos al orden público y seguridad individual. Por estas y varias otras consideraciones que son de notoriedad pública; el Jefe Político de este Departamento está dispuesto prohibir en adelante todo baile de naturaleza tal que ofende la moral pública; quedando obligados los respectivos Comisarios de sección al más estricto cumplimiento del presente adicto desde su publicación.⁵²⁶

O Paraguai havia saído de uma Guerra e tentava impor um controle social e moral de acordo com os preceitos liberais. O espaço público da Capital, durante a década de 70, foi representado como um local ameaçador e que atentava contra os princípios morais da classe alta. A “desagradável” extensão da rua é referida como lugar desordenado e perigoso, local onde viviam prostitutas e mendigos. A reforma da cidade tinha como objetivo preparar o espaço público para o livre tráfego das famílias. A mulher da elite, representante de um modelo feminino civilizado, se opunha frontalmente à mulher do povo, demarcando linhas bem definidas entre o projeto de civilização das elites e a barbárie da população pobre e as normas de conduta no espaço público serviam para estabelecer modelos de comportamento tanto para a classe pobre quanto para a elite da Capital.

⁵²⁵ **La Regeneración** de 20 de fevereiro de 1870. n. 58. ano 2. p. 3.

⁵²⁶ **Idem.**

Os bailes da elite uniam diversão e caridade, como já tratado anteriormente. Este lazer permitido deveria seguir as normas morais e que representassem ambientes saudáveis de sociabilidade para as famílias de Assunção. Em função de algumas situações constrangedoras, a imprensa mencionou condutas importantes para estes eventos. Entre os deveres da mulher: *“esta, sin faltar á la buena educación, no puede negarse al que primero lo solicite”*. Aos homens esperava-se que sejam extremamente ativos em um salão de baile e deixem a total passividade por conta das damas. O homem, enfim, tinha muito mais direitos no salão:

el hombre es dueño de elegir la mujer que más le guste, y, ya en la arena, puede estrecharla entre sus brazos; poner en intimo contacto con ella, por lo menos todo el costado derecho, desde la coronilla á los talones; pisarle los pies, romperle el vestido y limpiarle el sudor de la cara con las patillas, sino con el bigote, sin faltar á las leyes de la decencia; pues contando con la agitación y la bulla de la fiesta, no es posible establecer un límite a los puntos de contacto, ni amojonar el cuerpo para decir al hombre: qui no se toca”.⁵²⁷

Ao homem cabe desejar, à mulher cabe ser desejada. Segundo Michelle Perrot, nas trocas amorosas ou nas conquistas matrimoniais existe: *“uma troca desigual em que o homem se reserva o papel de sedutor ativo, enquanto sua parceira deve concentrar-se em ser o objeto da sedução, embora seja bastante engenhosa em sua pretensa passividade”*.⁵²⁸

Os bailes eram eventos que ocorriam com freqüência no Paraguai. Para a elite, naquele momento, os bailes deveriam obedecer a comportamentos e a regras de etiqueta. A presença feminina nos eventos públicos sempre gerava ambigüidades e incertezas. Aderir aos modos de convivência civilizada tinha seu preço; no espaço público as virtudes femininas não poderiam ser ameaçadas. No tocante a isso, a Senhora Santonina, perita em questões que envolviam os bailes, mencionou:

⁵²⁷ *El Cívico* de 22 de dezembro de 1898. n. 697. ano 3. p. 1.

⁵²⁸ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 50.

El caballero debe bailar correcta y simplemente, desprovisto de toda afectación. La dama debe presentarse modesta y sencilla, sonriendo á toda persona que la cumplimente. No puede rehusar una danza á ningún caballero que la solicita, á excepción de los casos en que estuviese anteriormente comprometida á deseara descansar. Al empezar el baile el caballero enlaza su dama en el brazo derecho, en la parte superior del talle, y sostiene con su mano izquierda la mano derecha de la misma. La dama pone su mano izquierda sobre el hombro derecho del caballero. Los dos se miran mutuamente el hombro derecho ó en dirección á la misma espalda. Un caballero no debe bailar con una misma dama más de cinco veces durante la noche. La demasiada aproximación paraliza los movimientos del baile, y, por consiguiente, debe evitarse.⁵²⁹

A dança durante os bailes desempenhava uma função particular, pois ela era uma forma adequada a tornar mais elegantes e agradáveis os gestos. Para ser notada e admirada pelos homens era necessário manter uma vida social ativa, freqüentando teatros, óperas e bailes. Nestes locais, a mulher deveria assumir um comportamento exemplar para garantir o êxito nas relações sociais. Os bailes, citando Michelle Perrot, *“esses grandes lugares de aculturação à cidade, bem como de sexualidade popular, são locais considerados perigosos, onde o pai de uma família em ascensão social acompanha sua filha”*.⁵³⁰ Para não corromper a moral das mulheres, a imprensa mencionava que as moças deveriam, desde cedo, ser educadas pelos pais para se comportarem de maneira adequada nos salões: *“No se debe presentar una niña bruscamente en los salones. Es preciso prepararla poco á poco con pequeñas tertulias en la casa paterna, enseñándola con el ejemplo, como tendrá que comportarse en los salones”*. A mulher, nos bailes, seria vulnerável às tentações e desejos masculinos. Desse modo, caberia à mãe os ensinamentos sobre os perigos oferecidos nos bailes; entre os preceitos mais importantes: *“debe ser siempre modesta, graciosa y buena, y no llamar nunca la atención. Así puede la madre tener la seguridad de que su hija, sin saberlo, descollará entre las más hermosas y amables”*.⁵³¹

No século XIX a mulher adquiriu alguns espaços, conseguindo, mesmo que timidamente, se desvencilhar de algumas amarras que as prendiam ao reduto privado. As festas, para o articulista do **El Pueblo**, eram dedicadas para as mulheres belas,

⁵²⁹ **El Cívico** de 24 de fevereiro de 1898. n. 749. ano 3. p. 1.

⁵³⁰ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1995. p. 168.

⁵³¹ **El Cívico** de 28 de setembro de 1898. n. 929. ano 3. p. 1.

que *“no deja reunión ni baile, con fin de hacer lucir sus encantos y hacer palpar el corazón de los galanes con la seductora luz de sus ojos”*. Nos eventos sociais, o corpo da mulher era sempre visado pelos homens: *“Es innegable que unos lindos ojos, un talle flexible y una boquita de grana, atraen poderosamente la atención del hombre”*.⁵³²

Para compreendermos os discursos que envolviam o comportamento feminino como um todo, é preciso entender os padrões impostos para a época, como também os demais discursos tocantes a todos os âmbitos da corporeidade feminina, sejam relacionados à sua vida em sociedade, seus modos de ser e agir, sua sexualidade e sua missão. Discursos que sob a ótica masculina visavam, nas relações de gênero, moldar o comportamento a fim de discipliná-lo e tê-lo sob controle. De modo geral, as incursões pelo espaço público eram observadas com restrições, reforçando o destino da mulher ao espaço doméstico, tendo na mulher o papel de organizadora do lar e guardiã do mundo privado.

⁵³² **El Pueblo** de 11 de agosto de 1872. n. 505. ano 3. p. 1.

4.5. Acabou a Guerra ... De volta ao lar

La esposa, encerrada en el hogar, está en el deber, lo mismo que la hija ó la hermana, de cuidar, de velar por el bienestar de la casa, de ensanchar el horizonte de ventura en el que deben dibujarse las esperanzas, las tierras solicitudes, la afección á los hijos y el amor al trabajo.

La Democracia de 16 de maio de 1889. n. 2367. ano 9. p. 1.

A sociedade cria e estabelece conceitos normativos que demarcam lugares, imagens e símbolos relativos às mulheres e aos homens no mundo social. As desigualdades dos papéis atribuídos aos gêneros masculino e feminino se fortaleceram com a idéia de que haveria um mundo público e um privado. Desse modo, o discurso que enaltecia o papel feminino estaria relacionado à tentativa de criar um novo lugar social para a mulher na sociedade em reconstrução no pós-Guerra.

As profundas transformações econômicas, políticas e sociais em processo na Europa, no final do século XIX e início do século XX, decorrentes da expansão industrial e da hegemonização das relações de produção capitalistas, afetaram inúmeros aspectos da vida privada. O século XIX foi o tempo em que a reclusão ao lar era a norma para as mulheres. A ordem vigente era restringir o desempenho da mulher em atividades no espaço público, para que a autoridade masculina não fosse ameaçada.

No século XIX a sociedade capitalista e o domínio burguês se consolidaram, com seu espaço público de transações comerciais, sociais e políticas, convivendo uma diversidade de papéis sociais. Em oposição a esse espaço público dos “estranhos” que circulavam nesta sociedade, constitui-se o que Maria Rita Kehl chama de *“família nuclear moderna como lugar de intimidade, de privacidade, de relaxamento”*.⁵³³

⁵³³ KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998. p. 52.

Analizando os grandes centros, esta família torna-se um refúgio sagrado para os homens que passam os dias em meio à dinâmica das cidades e voltam todas as noites à tranquilidade da companhia da mulher que ele escolheu para ser sua esposa.

O “lar burguês”, configurado no século XIX, permitiu a criação de um padrão de feminilidade, com a função principal de promover o casamento entre a mulher e o lar, o espaço privado. A lenta emancipação feminina era observada com desconfiança por grande parte imprensa paraguaia, desejando que as mulheres retornassem aos lares e continuassem a cumprir com as tarefas estabelecidas antes da Guerra. A separação das esferas pública e privada, a partir do início da reconstrução, não significou uma imediata e distinção nos espaços de atuação das instâncias do Estado e dos indivíduos. As fronteiras entre estes espaços ainda eram tênues; porém, é importante compreendermos os interesses e as diretrizes do Estado com os representantes da ordem privada.⁵³⁴

Embora transitando com restrições pela esfera pública, as mulheres eram preparadas para serem boas esposas e mães exemplares. Seu espaço primordial era o ambiente doméstico; para tanto, era necessário mantê-la no reduto do lar. No século XIX, cada sexo tinha a sua função, seu papel, suas tarefas, seus espaços e seus lugares.⁵³⁵ Para Michelle Perrot, a concepção de uma economia doméstica feminina se desenha nos tratados do final do século XVIII e início do século XIX. A sociedade deste período era apoiada em bases religiosas cristãs, de família patriarcal, na qual as mulheres eram responsáveis pelos serviços domésticos, pela reprodução e pela educação dos filhos: *“aos homens o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”*.⁵³⁶ De maneira geral, a imprensa no imediato pós-Guerra condenava os espaços adquiridos pela mulher durante o período da Guerra:

A la mujer le está destinada otra acción en nuestras sociedades, y de ella no deben salir. Ridículo es ver a la mujer paraguaya de hoy, siguiendo las mismas costumbres que las de ayer. López fomentaba las reuniones en la

⁵³⁴ O público e o privado são social, cultural e historicamente definidos. Todavia, é um tanto difícil delimitar o público e o privado, pois o privado ultrapassa os círculos da moradia e da família, misturando-se com laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer. MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público para o privado: Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). **Cadernos PAGU**. v. 4, 1995. p.102.

⁵³⁵ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1995. p. 167.

⁵³⁶ PERROT, Michelle. **Op. cit.**, 1988. pp. 177-178.

sociedad mujeril; les hacia pronunciar discursos pidiendo la sangre de sus semejantes etc. etc., y esas costumbres, modificadas en sus pretensiones, sirven aun hoy estímulo a algunos inconsiderados.⁵³⁷

À mulher restava o bom desempenho de suas atividades domésticas. Era preciso formar, desde cedo, sua personalidade, para que cumprisse com esmero a sua missão de garantir a felicidade e prosperidade da família. Dependeria do homem, também, a escolha da mulher ideal: *“desgraciado el hombre que busca para compañera suya, una mujer prosaica, y materialista”*. A “rainha do lar” tem seu trabalho valorizado na unidade familiar, com hábitos e virtudes indispensáveis à missão materna e à construção de um lar harmônico e saudável para o marido e filhos:

Toda mujer que cuida de embellecer su casa y de hacer dichosa á su familia, tiene una alma poética. La ocupación continua es lo que conserva la tranquilidad en el espíritu de la mujer; el ocio es su más cruel enemigo, por que el ocio vicia su corazón, embola su entendimiento, hiela su alma y adormece todos sus buenos instintos.⁵³⁸

A mulher estava associada a uma estratificação social inferiorizada, que ajudou a colocá-las no domínio do espaço privado, do lar e para os papéis sociais relacionados a ele, universo único onde seria possível manter o seu espírito e o seu corpo. *“Amor á las ocupaciones del hogar”*, retirado do *El Libro del Hogar*, mencionava no **La Democracia** diversos aspectos que consideravam ser a natureza feminina:

El destino, la timidez, la debilidad y naturaleza del sexo femenino lo impulsan hacia el interior de la vida doméstica. El hombre, al contrario, por su carácter abierto y ardiente, por su desnudo y virilidad, busca siempre nuevos anhelos á su actividad, y enfrenta los peligros exteriores con valentía, y por lo mismo, está destinado á defender á la familia y al suelo sagrado de la patria.⁵³⁹

⁵³⁷ **El Pueblo** de 15 de setembro de 1871. n. 242. ano 2. p. 2.

⁵³⁸ **El Pueblo** de 21 de agosto de 1872. n. 512. ano 3. p. 1.

⁵³⁹ **La Democracia** de 16 de maio de 1889. n. 2367. ano 9. p. 1.

Os papéis da mulher e do homem eram de igual importância, mas desiguais no teor de suas responsabilidades. O lar adquiria uma condição central e a mulher a responsável por seu bem estar. Segundo a moral da época, as mulheres recebiam a formação para viverem reclusas em seus lares sob a rígida guarda dos pais, irmãos ou maridos. No lar se encontravam os deveres mais sagrados de uma mulher. Dedicar-se aos filhos significaria amar:

el amor á los hijos, á sus padres, á su esposo; allí están encerrados, como en precioso relicario, sus méritos y su gloria, y, por instinto irresistible de la naturaleza, sabe que allí debe encontrar los elementos de su felicidad, si su corazón sabe interpretar los verdaderos fines del matrimonio, si sabe sembrar las flores delicadas del afecto sincero, anudando fuertemente á su existencia los seres que el destino le ha dado por compañeros.⁵⁴⁰

Ao homem a liberdade, à mulher a reclusão dentro do lar: *“Y si el hombre se eleva al genio por los arrebatos de su fantasía que enardecen en él el sentimiento de la gloria, la gloria de la mujer está en ser reina en el hogar”*. O grande sonho da mulher era alcançar a proteção através do casamento. Como a maternidade, o casamento era retratado como um acontecimento natural na vida da mulher. Assim, o lar tornava a mulher feliz, que abdicava de outros espaços:

Desde este gran día (el del matrimonio) deja de ser adolescente para ser mujer ó ángel, que sinónimos son. Desde este día se impone el deber de hacer la felicidad del hombre á quien está unida, aun á costa de la dicha suya. No se concibe una mujer modesta y laboriosa que no sienta amor y apego por el lugar donde posee lo más caro y dulce á su corazón, y que no se consagre exclusivamente al cuidado de su casa.⁵⁴¹

Associado à maternidade, o casamento gerava ambigüidades, pois não confirmava a maturidade da mulher e seu crescimento pessoal, mas reafirmava uma

⁵⁴⁰ **La Democracia** de 16 de maio de 1889. n. 2367. ano 9. p. 1..

⁵⁴¹ **Idem.**

representação passiva e convencional da feminilidade que acabava associando a identidade feminina com a capacidade de se dar e amar aos outros.



Ilusiones y desilusiones. Antes y despues del matrimonio

El Látigo de 14 de julho de 1889. n. 214. ano 4. p. 3.⁵⁴²

O casamento concebia para a mulher os limites do espaço privado, a casa, o cuidado do lar. Se antes do matrimônio havia certa mobilidade, após, restava o confinamento ao espaço doméstico e os atributos relacionados à maternidade. Para o homem, no entanto, após o casamento, os limites entre as esferas não seria alterado. A mulher honrada era também aquela que não saía sozinha pelas ruas, senão acompanhada pelos pais, marido ou irmãos. A maternidade, a educação dos filhos e a administração do lar - funções que historicamente lhes foram atribuídas - não poderiam ser postas em perigo. Sair pela rua sozinha era motivo de desconfiança e

⁵⁴² **El Látigo Inmortal** foi um jornal que apresentava inúmeras ilustrações e apelava constantemente para a sátira em suas edições; publicado entre 1885 e 1889, mudou seu nome para **El Látigo**, cuja publicação prolongou-se até 1892. Seu diretor era Plácido Casaús, o qual publicou inúmeras caricaturas do General Bernardino Caballero e de outros políticos da época. Isso, aparentemente, representava certa liberdade na imprensa. Como priorizava as sátiras e as caricaturas em seu editorial, trazia as seções redação, *mesa revuelta* e sátiras.

contestação na imprensa: *“hasta dónde sería conveniente para nuestras niñas, aceptar las costumbres inglesas en lo que se refiere á al libertad de salir solas á la calle”*.⁵⁴³

Andar pela rua sem a companhia de um homem ou de uma mulher mais velha era uma situação de aventura, onde as mulheres corriam perigos. Para Michelle Perrot, *“pela força das coisas e dos costumes, elas saem menos, abandonam a rua, à noite sobretudo, quando qualquer que se demora é presa fácil. Seus trajetos são demarcados, sobretudo se elas são jovens”*.⁵⁴⁴

A mulher devia conformar-se com seu papel social a fim de preservar o seu valor perante a sociedade. A rua era um espaço perigoso e insalubre, e o lar, um modelo de vida saudável. O lar era seguro, agradável e feliz. Transitar pelo espaço público era sinônimo de infelicidade: *“en el sarao, en el paseo ó en las diversiones poco cultas, encontrará frivolidad y acechanzas. Por ir en pos de sensaciones vanales deja atrás la tranquila luz del hogar, su calma”*.⁵⁴⁵

O homem público, *“sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constituiu a vergonha, a parte escondida, dissimulada noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria”*.⁵⁴⁶ A mulher, *“la alma de la casa”*, era a responsável pela maternidade. No lar estava o desenvolvimento da criança, cuja formação cabia à mãe:

De ella depende la ventura de ese lugar, á veces pequeño, á veces grande, rico ó pobre, pero siempre querido, porque en el se concentran la abnegación y el sacrificio. Fuera del hogar de halla expuesta á los azares de la vida: abandonar acaso en la cuna al tierno niño rodeado de peligros ó al cuidado de mercenarias manos, es cometer un delito de lesa maternidad. Y se ella es ángel tutelar de la infancia en ningún lugar está mejor empleada su misión, enseñando máximas de moral, ejemplos de cultura, lecciones de bondad y de virtud.⁵⁴⁷

⁵⁴³ *El Cívico* de 04 de março de 1897. n. 153. ano 2. p. 1.

⁵⁴⁴ PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 1995. p. 168.

⁵⁴⁵ *La Democracia* de 16 de maio de 1889. n. 2367. ano 9. p. 1.

⁵⁴⁶ PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 1998. p. 7.

⁵⁴⁷ *La Democracia* de 16 de maio de 1889. n. 2367. ano 9. p. 1.

A maternidade se converte em um rito de consagração do eterno feminino. Ao ser mitificado como um modelo de mulher, a representação da mulher-mãe, sinônimo da feminilidade bem sucedida, vai hegemonizando condutas e comportamentos, a partir do qual são consideradas anormais outras identidades.

O modelo ideal feminino era também notado pelo estereótipo da mulher frágil, passiva e dependente dos homens. Era no lar que a mulher assumia uma condição toda especial; neste reduto, ela era bela para o outro: *“los padres, esposos é hijos, usando de la coquetería solamente en el hogar, y allí, su diplomacia encanta y apasiona á todos los que están á su alrededor”*. Fora do lar, devia ter cuidados especiais: *“su delicadezas espiritual hácele ser agradable, simpática, pero con un cuidado especial de serlo puramente con las damas, atenta, muy atenta nunca, muy expresiva con los caballeros”*.⁵⁴⁸

O culto à beleza da mulher não representava apenas a imposição de um corpo belo e saudável. Os discursos valorizavam um modelo de beleza que não necessitava ser obrigatoriamente físico. Tanto a beleza corporal quanto a beleza espiritual e moral eram valorizadas. Para os jornais a mulher reunia inúmeras qualidades, *“es una criatura casi divina”*. Porém, *“la belleza sin virtud es una desgracia, y sin la bondad un frívolo adorno”*. A mulher ideal devia ser modesta: *“la mujer si lleva su hermosura como un don que ha recibido con modestia, es encantadora”*. A beleza não podia ser julgada simplesmente pelos adornos, trajes e cosméticos: *“la mujer que se desfigura con adornos, miente al mundo. Nadie generalmente gusta de ella, y es gran lástima que se martirice por parecer mal á todos”*.⁵⁴⁹

Ser bela era também ser graciosa, virtuosa e submissa ao ponto de não ameaçar os conceitos demarcados para cada sexo. Inspirado pelo Romantismo, o ideal feminino deveria reunir delicadeza e quando dotado de outras qualidades, além da beleza, seria perfeito: *“la mujer buena es el regocijo de la casa; la mujer laboriosa, es la fortuna de su familia; la mujer que, siendo buena y laboriosa, tiene alteza en sus ideas, prudencia en sus actos, delicadeza en sus sentimientos, es la bendición de*

⁵⁴⁸ *El Cívico* de 22 de dezembro de 1898. n. 697. ano 3. p. 1.

⁵⁴⁹ *El Cívico* de 21 de setembro de 1900. n. 1220. ano 5. p. 1.

Dios, el encanto de su esposo, la providencia de su hogar”.⁵⁵⁰ Dentro dessa lógica, entende-se que as qualidades morais tinham uma função preponderante na felicidade amorosa e familiar para que seus papéis fossem valorizados socialmente.

Segundo o **El Cívico**, era este modelo feminino que os homens buscavam: *“los que son hombres, cuando se les pregunta por la mujer, objeto de sus amor legitimo, no dirán que es hermosa, sino que es prudente, hacendosa, buena, y si la pierden, recuerdan con lágrimas, no su belleza, sino su virtud*”.⁵⁵¹

No sentido de valorizar a beleza moral, a imprensa apreciava outros elementos que faziam parte da construção do feminino: *“La mujer buena, envejece también pero los años no hacen sino engrandecer el tesoro de sus virtudes, pues que su vida entera es una cadena de buenas acciones*”. A mulher bonita, por sua vez, era valorizada enquanto durasse sua beleza: *A la mujer hermosa una vez que el atractivo de su ternura ha pasado, no le queda más que el recuerdo de su beldad perdida: la mujer buena es feliz en su recuerdo de todo el bien que hizo*”.⁵⁵²

No Paraguai, onde a beleza física se afastava dos padrões europeus, as elites também viram no processo de imigração do pós-Guerra uma maneira de melhorar os padrões de beleza.⁵⁵³ A mulher paraguaia mesmo não sendo um modelo de beleza, via na imprensa a valorização de suas qualidades morais. Para um homem inteligente, refere o **El Cívico**, não existia nada mais adorável que *“una mujer simpática, espiritual é ingenua*”. Segundo o jornal, o verdadeiro talento de uma mulher era a *“belleza del alma que las seducciones de la forma plástica*”.⁵⁵⁴

No século XIX eram atributos femininos o mundo do sentimento, da intuição, da domesticidade, do particular.⁵⁵⁵ O papel de “anjo do lar” era o destino de praticamente todas as mulheres da elite. A representação da mãe que zela pelo

⁵⁵⁰ **Idem**. Para Guacira Lopes Louro *“os discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos, implicam a educação das mulheres – das mães*”. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 97.

⁵⁵¹ **El Cívico** de 21 de setembro de 1900. n. 1220. ano 5. p. 1.

⁵⁵² **El Cívico** de 14 de março de 1901. n. 1364. ano 6. p. 1.

⁵⁵³ Para ser bonita, inspirado em uma revista alemã, era *“mantenerse siempre erguidas*”. Eram atitudes diárias que mereciam cuidados: *“no encorvar el cuerpo ni para comer, ni sobre las labores, ni al leer ó escribir*”. O jornalista alega, ao final, que na Alemanha não haveria muitos problemas, pois as mulheres são belas, magras e elegantes *“son la regla y no la excepción, pero aquí, entre nosotros, donde sucede todo lo contrario*”. **El Cívico** de 31 de dezembro de 1898. n. 705. ano 3. p. 1. (Grifo nosso).

⁵⁵⁴ **El Cívico** de 22 de fevereiro de 1899. n. 747. ano 4. p. 1.

⁵⁵⁵ SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. **História: Questões & Debates**. Curitiba: Editora da UFPR, n. 34, 2001, p. 17.

cuidado do lar era associada à promessa de felicidade familiar, tanto porque lhe era atribuída a preservação da harmonia conjugal e a educação da prole. De modo geral esses discursos tentaram normatizar o comportamento feminino, delineando o perfil da mulher ideal. A imagem idealizada da mulher freqüentemente a restringia ao espaço doméstico, atribuindo-lhe a nobre missão de “anjo do lar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa ao escrever e descrever acerca das mulheres paraguaias construiu um jogo de representações em suas palavras e imagens. Os artigos veiculados nos jornais presentes nesta tese não foram analisados como uma “fotografia” da época em questão, mas como uma representação daquela sociedade. Como nos lembra Peter Burke *“assim como os historiadores, os fotógrafos não apresentam reflexos da realidade, mas representações da realidade”*.⁵⁵⁶

A principal questão desenvolvida foi entender como as representações foram construídas sobre as mulheres na imprensa paraguaia do pós-Guerra. A pesquisa também visou, ao mesmo tempo, contribuir para a compreensão da sociedade do período, apresentando o contexto das transformações políticas, econômicas e sociais.

Com o fim da Guerra, a elite política paraguaia canalizou seus esforços na constituição da ordem social, buscando dessa forma instaurar a civilização e abandonar a barbárie das décadas anteriores. Para o Estado era necessário impor um modelo de sociedade e igualmente de família e, para tanto, as mulheres foram chamadas para ocupar um importante e destacado lugar numa nova ordem moral e social.

A tentativa de se instalar um governo liberal se chocava com a anarquia presente no pós-Guerra, já que a maior parte da população precisava ser conduzida pelas elites, pois devido à miséria e à falta de moral, não podia definir o que era melhor e nem como mudar suas condições de existência.

Procuramos compreender como a sociedade e a ordem política se organizaram ao findar a Guerra. A partir desta análise conseguimos visualizar o projeto político de modernização da sociedade paraguaia no pós-Guerra e a influência do modelo liberal norte-americano e de Buenos Aires como a alternativa para a reconstrução do país. A pesquisa mostrou o projeto de *regeneración* como o modelo para a “nova ordem”, tentando transformar a realidade paraguaia de uma sociedade autoritária para outra nos moldes das nações desenvolvidas. Para isso, a Constituição

⁵⁵⁶ BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 27.

de 1870 instituiu os princípios liberais baseados num amplo sistema de direitos e garantias à cidadania, voltados para as liberdades individuais e a busca dos interesses pessoais como meio de realização do bem-estar geral.

Pontuamos o papel que a imprensa exerceu como orientadora da opinião, convertendo-se num verdadeiro poder público. Nessas primeiras décadas da reconstrução a imprensa teve um papel de protagonista, participando ativamente no debate sobre os problemas nacionais. Os colaboradores dos jornais, em grande parte, pertenciam aos quadros administrativos do próprio Estado. Ou seja, em sua maioria eram políticos ou vinculados às agremiações políticas da época. No que se refere à incidência de reportagens sobre as mulheres, os principais jornais podem ser divididos por períodos. No imediato pós-Guerra destacamos o **La Regeneración**, na década de 1880 o **La Democracia** e na década de 1890 o **El Cívico**. Enfatizamos que as representações construídas sobre as mulheres, tanto nos jornais *colorados* quanto nos *liberais*, não apresentavam entre si alguma diferença significativa.

Também procuramos analisar as consequências diretas que a Guerra impôs à população sobrevivente. No caso paraguaio, a Guerra traduziu-se num determinante fator de miséria para quase a totalidade da população. Para as mulheres pobres, as que mais sofreram com a violência da Guerra, conforme salientamos, outro combate foi travado no campo da sua cultura, em especial ao seu padrão de comportamento, considerado subversivo e desviante na nova ordem social. Nessa conjuntura, tanto a imprensa quanto o Estado defendiam um reordenamento moral que fosse capaz de civilizar e reorganizar a sociedade, de modo que as mulheres do povo foram o alvo privilegiado de um discurso moralizador e constantemente disciplinador no período do pós-Guerra.

No processo de reconstrução a mulher da elite foi o modelo feminino idealizado. Favorecidas pelo *status* social, esse modelo deveria refletir nas condutas das mulheres das camadas mais baixas da população. O desejo de ajustar e inserir o país na modernidade dependia de reformas, como a industrialização, as reformas urbanas, a resolução de problemas sanitários e de saúde e, especialmente, com a educação. Os princípios da *regeneración* determinavam a maneira de educar, vestir, falar e agir das pessoas. Deste modo, os jornais enfatizavam que era essencial que a mulher tivesse uma boa educação, pois esta era uma exigência fundamental para a reconstrução da sociedade, na medida em que ela era a responsável pela educação

dos filhos, bem como pela consolidação da moral do trabalho e da família nos padrões vigentes.

Tivemos também a oportunidade de analisar os discursos acerca da ação caritativa. No Paraguai, após a Guerra, devido à crescente necessidade de assistência e, ao mesmo tempo, pela ausência do Estado na promoção do bem estar da maior parte da população, foram criadas as Sociedades de Beneficência. Foram as mulheres da elite, vinculadas a uma trama de relações dentro dos grupos dominantes de Assunção, as responsáveis pela administração destas instituições.

Nesta tese entendemos a caridade como a expressão de uma prática política cumprida pelas senhoras da elite e tal como para os homens, os atos caritativos funcionavam como uma via para garantir prestígio social e controle sobre os beneficiários. Podemos destacar como regra a constante utilização da imprensa para anunciar as suas principais atividades, as prestações de contas, as festividades e as eleições de suas diretorias. Nesse sentido, as Sociedades e a imprensa formavam uma relação complexa, devido ao vínculo político das mulheres, administradoras das instituições, e a imprensa, atrelada a uma agremiação partidária.

Aquelas damas de caridade foram destinatárias dos discursos da benemerência e da maternidade, bem como colaboradoras atuantes no processo de moralização das camadas populares. A participação das mulheres da elite na direção dessas instituições era, ao mesmo tempo, uma missão importante no interior do processo de *regeneración* da sociedade, cabendo a elas, através do bom exemplo em sua ação caritativa, cuidar dos vitimados da Guerra.

As instituições, por serem administradas pelas mulheres, tratavam do problema da criança, da mulher pobre e da família de maneira diferenciada. Além disso, muitas crianças, nos argumentos apresentados pela imprensa, entregavam-se aos vícios com profundas seqüelas para a sociedade e sem um cuidado especial estariam fadadas a caminhar sem direção para o mundo do vício e do crime. Foi perceptível a formulação de um discurso que procurava ajudar os menores a se inserir no mercado de trabalho, dando-lhes uma profissão: aos meninos eram ensinadas tarefas próprias de seu sexo e de acordo com as necessidades da época; as meninas deveriam receber instruções relacionadas com as lides domésticas.

O projeto liberal elaborou um conceito de reclusão para as mulheres no espaço doméstico; no entanto, sem se configurar um paradoxo, pois a prática da caridade abriu para as mulheres da elite um caminho que lhes permitiu transitar entre a esfera pública e privada. A organização de festas beneficentes, bazares e bailes cumpria um duplo papel: propiciar a sociabilidade da elite paraguaia e ao mesmo tempo sustentar a caridade, considerada como uma extensão natural de sua função doméstica.

Nossa atenção foi direcionada, ainda, para os discursos que orientavam o comportamento esperado das mulheres. Para a imprensa a mulher deveria ser submissa e reclusa ao espaço do lar. Nesse sentido apontava como as mulheres deviam agir, bem como definia as habilidades necessárias para manter a serenidade do lar. Ao mesmo tempo em que o espaço doméstico é privilegiado por fornecer à mulher a construção e o desenvolvimento de suas atitudes, a mulher amorosa do discurso romântico de idealização do feminino, era também um perfil valorizado pela imprensa. Essa imagem romântica vem alicerçar outra importante representação da feminilidade no século XIX, ou seja, a mulher amorosa não é antitética aos deveres e funções do espaço privado. A necessidade de amar, a ternura, a sensibilidade, a dependência em relação ao homem amado e seu devotamento a ele apareciam, cada vez mais, como atributos femininos.

A beleza feminina tornou-se tema privilegiado nos discursos normativos dirigidos às mulheres da elite. Nas festas, nos bailes, na maneira de se vestir e de se relacionar, cada categoria social possuía modelos característicos de sua própria especificidade, embora os padrões da elite, de modo geral, fossem impostos à sociedade como um todo. Do mesmo modo, ao europeizar seus corpos e modos, preocupavam-se com a correção do vestuário e como vestir-se correta e adequadamente para ocasiões específicas. Este consumo modernizador de espaços e costumes promovia, através da imprensa, um arsenal de imagens que visava à transformação do comportamento feminino. Assim, para a mulher da elite era um momento marcado por um desejo de modernizar e consumir as novidades, onde as mulheres eram convidadas a apresentar corpos elegantes, delicados e graciosos.

Para compreendermos os discursos que envolveram o comportamento feminino como um todo, foi preciso entender os padrões impostos para a época, pois eles visavam moldar o comportamento feminino a fim de discipliná-lo e tê-lo sob

controle. De modo geral, as incursões pelo espaço público eram observadas com restrições, reforçando o destino da mulher ao espaço doméstico, como organizadora do lar e guardiã do mundo privado.

As normas de conduta no espaço público serviam para estabelecer modelos de comportamento tanto para os pobres quanto para a elite da Capital. Como observamos, os discursos na imprensa tratavam das várias estratificações sociais: os ricos procuravam se identificar ainda mais com os modos e costumes europeus; enquanto os indivíduos das classes populares davam motivo para denúncias de descontrole e ameaça à ordem. A mulher da elite, representante de um modelo feminino civilizado, se opunha frontalmente à mulher do povo, demarcando linhas bem definidas entre o projeto de civilização das elites e a barbárie da população pobre.

Aos poucos, conforme a classe social, um novo estilo de vida e dos costumes obrigou a população a sofisticar os seus costumes, a adotar etiquetas sociais e a regular os comportamentos em todos os setores. Partindo de iniciativas diversas, com objetivos comuns, no sentido da ordem e do controle social, da higiene e dos bons costumes, da limpeza e estética da Capital paraguaia, num discurso compassado pela filantropia e pela caridade, e com apoio declarado do Estado e da imprensa, Assunção tentava ingressar na modernidade, mesmo com todos os problemas econômicos e sociais gerados pela Guerra.

A lenta emancipação feminina era observada com desconfiança por grande parte da imprensa paraguaia, desejando que as mulheres retornassem aos lares e continuassem a cumprir com as tarefas estabelecidas antes da Guerra. Embora transitando com restrições pela esfera pública, as mulheres eram preparadas para serem boas esposas e mães exemplares. A maternidade, a educação dos filhos e a administração do lar não poderiam ser questionadas ou ameaçadas por projetos de autonomia.

A mulher paraguaia durante a Guerra assumiu muitas responsabilidades, sobretudo mantendo economicamente a família, doando jóias, abastecendo o Exército Paraguai e pegando em armas em determinados momentos da Guerra. Os espaços tradicionais dissolveram-se ou entraram em crise e o Estado necessitou tanto dos homens quanto das mulheres. A flexibilidade nas fronteiras de gênero foi alterada temporariamente e a atuação das mulheres foi tão importante quanto à dos homens.

Após o conflito, em nome da reconstrução nacional, restou o regresso compulsório ao lar e ao desempenho das tarefas tradicionalmente consideradas femininas. Percebemos que a Guerra do Paraguai propiciou uma alteração nas identidades de gênero, mas quando se iniciou o processo de reconstrução a normatização dos papéis e comportamentos foi reforçada. Representadas como portadoras de certas qualidades inerentes ao sexo feminino, como a ternura e o amor, seu lugar por excelência era o lar e suas tarefas estavam restritas aos cuidados do marido e dos filhos.

A condição da mulher no pós-Guerra foi marcada pelo reforço de um modelo feminino naturalizado que deu ensejo a toda uma simbologia de enaltecimento da maternidade. A Guerra do Paraguai não propiciou a emancipação feminina, sendo conservadora em matéria de modificações nas relações de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, Diane. **Uma história natural do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Album Gráfico del Paraguay: Inmigración y Colonización antes y después de la Guerra.

ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Residentas, destinadas e traidoras**. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.

ALVES, Francisco das Neves. Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX. Comunicação e Política. Rio de Janeiro: **CEBELA** (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos), v. 6, n. 1, jan-abr. 1999. pp. 245-257.

AMARAL, Raúl. "El romanticismo paraguayo". **Comentario**, Buenos Aires, n. 47, 1966. pp. 63-73.

AQUINO, Ricardo Caballero. El proceso de privatización de tierras y yerbaes estatales 1871-1885. *In*: Suplemento Cultural. **ABC**. 27 de julio de 1981. pp. 4-5.

ARCE, Omar Díaz. Paraguay Contemporáneo. *In*: CASANOVA, Pablo González. **América Latina:** Historia de medio Siglo. México: Siglo Veintiuno, 1991.

ASHWELL, Washington. **Historia Economica del Paraguay**. Estructura y dinamica de la economia nacional. (1870-1925). Tomo I. Asunción: Carlos Achauman, 1989.

AYALA, Vivan Ragnhild Frejd. **Génesis:** La historia de la Enfermería, del arte a la profesión. Asunción: CEPUD-Centro de Publicaciones de la Universidad Católica, 2002.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado:** O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAPTISTA: Fernando. **Elisa Lynch:** mulher do mundo e da guerra. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.

BARBOSA, Sonia Monnerat. Idealização romântica da mulher e misoginia: de alguns possíveis usos, em história da literatura, dos sonetos de José Maria do Amaral. *In: Letras de Hoje*. Porto Alegre, vol. 31, n.4. 1996.

BARRÁN, José Pedro. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. El disciplinamiento (1860-1920). Tomo 2. Montevideo: Banda Oriental, 1990.

BARRET, William E. **Una amazona**: la vida de Elisa Lynch y Francisco Solano López. Buenos Aires: Compañía Editora del Plata, 1940.

BARRETT, Rafael. **El Dolor Paraguayo**. Montevideo: O. M. Bertani, 1911.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantes, liberales y francmasones**. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX. México: Cehila/Fondo de Cultura Económica, 1990.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BLOMBERG, Hector Pedro. **La dama del Paraguai**. Buenos Aires: Inter-Americana, 1942.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). **Dicionário de Política**. Vol. 2. Brasília: Editora da UNB, 1998.

BOCK, Gisela. Pobreza feminina, maternidade e direitos das mães na ascensão dos Estados-providência (1890-1950). *In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.) Historia das Mulheres no Ocidente*. O século XX. Vol 5. Porto: Afrontamento, 1991.

Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana. Año 20. Julio de 1941. n. 7.

BONAUDO, Marta. Cuando las tuteladas tutelan y participan. La Sociedad Damas de Caridad (1869-1894). **Signos Históricos**, n. 15, Enero-junio, 2006. pp. 70-97.

BORNAY, Erika. **Las hijas de Lilith**. Madrid: Cátedra, 1990.

BOSIO, Beatriz Gonzáles de. **Periodismo escrito Paraguayo. 1845 – 2001**. De la afición a la profesión. Asunción: Intercontinental, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2005.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BUARQUE, Helena. O amor depois da guerra. Brasileiros e paraguaios casaram-se durante e depois do conflito. *In: Bonifácio*. n. 6, janeiro, fevereiro e março de 2005. pp. 14-15.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**. A representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BUSHNELL, David. A Independência da América do Sul Espanhola. *In: BETHELL, Leslie (Org.). História da América Latina*. Vol. 3. São Paulo: Edusp, 2001.

CABALLERO AQUINO, Ricardo. **La Segunda República paraguaya, 1869-1906**. Política - Economía - Sociedad. Asunción: Arte Nuevo, 1985.

CADEMARTONI, Lúcia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 1990.

CAPDEVILA, Luc. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. *In: Revista Estudos Feministas*. Vol 13. n.1. Florianópolis: jan/abr. 2005. pp. 81-102.

CARABALLEDA, Alfredo Juan Manuel. Génesis del discurso de la acción social y medicalización de la vida cotidiana. **Revista de Trabajo Social Margen**. Año III. Nº 5. 1994. Buenos Aires. pp. 69-76.

CARDOZO, Efraim. **Paraguay Colonial**. Buenos Aires: Nizza, 1959.

_____. **Breve historia del Paraguay**. Asunción: El Lector, 1996.

CARMAGNANI, Marcello (Org.). **Constitucionalismo y orden liberal**. América Latina, 1850-1920. Turin: Otto, 2000.

CARMAGNANI, Marcello. **Estado y sociedad en América Latina, 1850-1930**. Barcelona: Crítica, 1984.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? *In*: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org.). **A produção do viver**. Ensaios de Economia Feminista. São Paulo: Sempreviva Organização Feminina, 2003.

CARVALHO, Liliâne Edira Ferreira. No embate da moda: a construção do masculino e do feminino no século XIX sob os olhares de Baudelaire e Feydeau. *In*: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina - PR. **Anais Suplementar do XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

CENTURIÓN, Carlos R. **Historia de las letras paraguayas**. Vol. 2. Buenos Aires: Editorial Asunción, 1948.

_____. **Historia de la Cultura Paraguaya**. Vol. 1. Asunción: Ortiz Guerrero, 1961.

CENTURIÓN, Juan Crisostomo. **Memórias**: reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay. Asunción: El Lector, 1987, 4 volumes.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Cleide de Lima. A ciência médica na Convenção Sanitária firmada entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai em 1887. *In*: **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campinas: 2006. pp. 01-15.

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CIAFARDO, Eduardo. Las Damas de Beneficencia y la participación social de la mujer en la ciudad de Buenos Aires, 1880-1920, **Anuario del IEHS**, n. 5, 1990, pp. 161-170.

CICERCHIA, Ricardo. Las vueltas del torno: claves de un maltusianismo popular. *In*: FLETCHER, Lea (Org.). **Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX**. Buenos Aires: Feminaria, 1994.

CLAUSEWITZ, Claus Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CORBIN, Alain. Bastidores. *In*: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Org.) **História da Vida Privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CUARTEROLO, Miguel Angel. **Soldados de la memoria**. Imágenes y hombres de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Planeta, 2000.

DALLA CORTE, Gabriella; PIACENZA, Paola. **Las puertas del hogar. Madres, niños y damas de la caridad en el Hogar de huérfanos de Rosario (1870-1920)**. Rosario: Prehistoria, 2006.

DECOUD, Héctor Francisco. **Sobre los escombros de la guerra**. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: S/Editora., 1925.

_____. **Elisa Lynch de Quatrefages**. Buenos Aires: Casa Cervantes, 1939.

_____. **Los emigrados paraguayos en la Guerra de la Triple Alianza**. Buenos Aires: Talleres Gráficos. 1930.

DECOUD, Arsenio López. **Álbum Gráfico de la República del Paraguay**. Buenos Aires: Compañía General de Fósforos, 1911.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: BASSANEZI, Carla Pinsky (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

DOMINGUEZ, Manuel. La Mujer paraguaya. *In*: **Arte y Vida**. Antología escolar. La lectura como base de la enseñanza de la composición de la gramática y del vocabulario. Asunción: Apis-Rosario. 1958.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. A ocupação político-militar brasileira do Paraguai (1869-1876). In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. **Nova história militar brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

_____. Guerra e Regeneração: Três estudos sobre o Paraguai. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 2, 2005. pp. 79-87.

_____. **Maldita guerra**. Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOTTIN-ORSINI, Mirelle. **A mulher que eles chamavam fatal**. Textos e imagens da misoginia fin-de-siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: A presença feminina na Guerra do Paraguai**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005.

DUPRAT, Chaterine. **Usage et pratiques de la philanthropie — pauvreté, action sociale et lien social, à Paris, au cours du premier XIX^e siècle**. Paris: Comité d'Histoire de la Sécurité Sociale. 1996.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e Civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELLIOTT, Dorice Williams. **The Angel out of the House: Philanthropy and Gender in Nineteenth-Century England**. Virginia: The University Press of Virginia, 2002.

ELMIR, Cláudio Pereira. Imagens da prostituição na Porto Alegre dos anos 10. O discurso d'O Independente. In: MAUCH, Claudia (Org.). **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1990.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Rostos Femininos e Corpos Piedosos – representações femininas em Montoya. *In: Anais Eletrônicos ANPHLAC* (III Encontro), Salvador, 2001.

FONSECA, Claudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. *In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes. 2007.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas** (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Rio de Janeiro: 2006. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, 2006.

FREIRE ESTEVES, Gomes. **Historia contemporánea del Paraguay** (1869 – 1920). Asunción: NAPA, 1983.

FURTADO, Joaci Pereira. **A Guerra do Paraguai (1864-1870)**. São Paulo: Saraiva, 2000.

GANDOLFO, Mercedes. **La Iglesia**. Factor de poder en Argentina. Montevideo: Nuestro Tiempo, 1969.

GANSON DE RIVAS, Bárbara. **Las Consecuencias Demográficas y Sociales de la Guerra de la Triple Alianza**. Asunción: Litocolor, 1985.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a paixão terna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GERCHMANN, Leo. Brasileiros e paraguaias casaram após a Guerra. *In: Folha de São Paulo*. 20 de junho de 2004.

GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a força**. História da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1995.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**: O século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

GLADE, William. América Latina y la economía internacional, 1870-1914. *In*: BETHELL, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**: América Latina: economía y sociedad, 1830-1930. Vol. 7. Barcelona: Crítica, 1991.

GÓMEZ, Carlos. “El Estado paraguayo y el mercado” (1870-2005). **Estudios Paraguayos**. Revista de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”. Vol. XXIV, n. 1 y 2. Asunción, diciembre de 2006. pp. 9-56.

GONZAGA, Sergius. O túnel. *In*: SCHÜLER, Donaldo. **O amor na literatura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992.

GONZALEZ, Natalicio. **Proceso y formación de la cultura paraguaya**. Asunción: Guaranía, 1948.

_____. **Solano López y otros ensayos**. Paris: Editorial de Indias, 1926.

_____. **El Paraguay eterno**. Asunción: Cuadernos Republicanos. 1986.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A crise do sistema colonial e o processo de independência. *In*: WASSERMAN, Claudia (Org.). **História da América Latina**: cinco séculos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. *In*: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

GUTIÉRREZ, Rachel. O amor sublime e os “perigos” da paixão. *In*: JACOBINA, Eloá; KÜHNER, Maria Helena. **Feminino/Masculino de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GUY, Donna. Niños abandonados en Buenos Aires (1880-1914) y el desarrollo del concepto de madre. *In: Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. FLETCHER, Lea (Org.). Buenos Aires: Feminaria, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALE, Charles Adams. **El liberalismo mexicano en la época de Mora.1821-1853**. México: Siglo XXI. 2005.

_____. Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930. *In: BETHELL, Leslie (Org.). Historia de América Latina*: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930. Vol. 8. Barcelona: Crítica, 1991.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **Historia contemporánea de América Latina**. México: Alianza, 1983.

_____. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. *In: JODELET, Denise (Org.). As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

_____. La representación social: fenômenos, concepto e teoria. *In: MOSCOVICI, Serge (Org.). Psicología social*. Barcelona: Paidós, 1985.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. *In: LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDON, Vera Regina (Org.). Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. *In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). História das Mulheres no Ocidente*: O século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. A literatura judaica-feminina de imigração nos Estados Unidos e no Brasil. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, São Paulo, v. 3, 2003. pp. 157-182.

KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. **La Mujer Paraguaya**. Asunción: 1970.

_____. **La Cultura en la Epopeya Nacional**. Asunción: Instituto Feminino de Investigaciones Históricas. 1967.

LANDABURU, Alejandra; FERNÁNDEZ, María Elena; MACÍAS, Flavia. Esfera pública, moralidad y mujeres de la elite. La Sociedad de Beneficencia de Tucumán. *In: Temas de Mujeres*. Perspectivas de género. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1998.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAYER, James. **A Roupas e a Moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAVRIN, Asunción. La mujer en la Sociedad colonial hispanoamericana. *In: BETHELL, Leslie (Org.). Historia de América Latina*. Tomo 4. Barcelona: Crítica, 1990.

LEANDRI, Ricardo González. Caridad y Filantropía en la ciudad de Buenos Aires durante la segunda mitad del siglo XIX. *In: ARMUS, Diego (Org.). Sectores populares y vida urbana*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 1984.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem**. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, Século XIX**: antologia de textos de viajantes. São Paulo: Edusp. 1984.

LEWIS. Paul H. O Paraguai da Guerra da Tríplice Aliança à Guerra do Chaco, 1870-1932. *In: BETHELL, Leslie (Org.). História da América Latina*. De 1870 a 1930. Vol. 5. São Paulo: Editora da USP, 2002.

LILLIS, Michel; FANNING, Ronan. **Calúnia**. Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

LLORET, Rosa. Sueños de moralidad. La construcción de la honestidad femenina. *In*: MORANT, Isabel (Org.). **Historia de las Mujeres en España y América Latina**. Tomo III. Madri: Cátedra, 2006.

LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart B. **A América Latina Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra. 1330 -1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MAEDER, Ernesto. La población del Paraguay en 1799. El censo del Gobernador Lázaro de Ribera. **Estudios Paraguayos**, 3, nº 1, 1975. pp. 63-86.

MARIÑAS OTERO, Luis. **Las constituciones del Paraguay**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica del Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. *In*: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). **História da Vida Privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Políticas da maternidade**: uma introdução à história comparada de gênero e políticas públicas. 2004.

_____. O caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. **História. Questões e Debates**, Curitiba, v. 34, 2001. pp. 157-174.

_____. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2004.

MASI, Fernando. Contribución al estudio de la evolución socio-económica del Paraguay. **Revista Paraguaya de Sociología**. Assunção, Centro de Estudios Sociológicos, año 19, n. 53, 1992. pp. 33-64.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público para o privado: Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). **Cadernos PAGU**. Vol. 4. 1995. pp. 97-115.

MELIÁ, Bartomeu. **Una nación dos culturas**. Asunción: RP/CEPAG, 1990.

_____. **La lengua guaraní del Paraguay**. Madri: MAPFRE, 1992.

MICHELET, Jules. **A Mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MORAES, Ceres. **Paraguai: o processo de consolidação da ditadura de Stroessner – 1954-63**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MOREIRA, Luiz Felipe Viel. Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936). *In*: ANPHLAC. **Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Vitória, 2003.

MORENO, Fulgencio Ricardo. Resumen de Historia Económica del Paraguay. *In*: **Album Gráfico de La República del Paraguay**. Asunción: 1911.

MORENO, José Luis (Org). **La política social antes de la política social**. Caridad, beneficencia y política social en Buenos Aires siglos XVII a XX. Buenos Aires: Trama /Prometeo Libros. 2000.

MUNIZ, Diva Cuto Gontijo. Gênero e educação: corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generizadas. **História e Memória da Educação Brasileira**. Natal: UEPB, 2002. pp. 1-2. Acesso em: 18 de setembro de 2009. <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0519.pdf>.

MUSEO DEL BARRO. **La Guerra del 70**. Una visión fotografica. Asunción: Museo del Barro, 1985.

MUSSI, Maria Graciela Pallares de. **Heroína de la Epopeya Nacional**. Asunción: Instituto Feminino de Investigaciones Históricas. 1971.

NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**. Buenos Aires: Biblos, 2004.

_____. Conflicto social, maternidad e degeneración de la raza. *In*: FLETCHER, Lea. **Mujeres y cultura en la Argentina del Siglo XIX**. Buenos Aires: Feminaria, 1994.

NASH, Mary. Maternidad, maternología y reforma eugénica en España 1900-1939. *In*: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). **Historia de las mujeres**. El siglo XX. La nueva mujer. Tomo 10. Madrid: Taurus, 1993.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ODDONE, Beatriz Rodriguez Alcalá de Gonzalez. **¿Residenta? - ¿Reconstructora?** Asunción: 1974.

ORTOLAN, Fernando Lóris. **Sob o olhar da imprensa e dos viajantes**. Mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai. 1864-1880. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, 2004.

_____. Imagens do feminino na Guerra do Paraguai. *In*: **Métis**. Universidade de Caxias do Sul, Vol. 5, n. 9, jan-jun. 2006. pp. 83-95.

_____. "Vencer ó morir": o recrutamento feminino na Guerra do Paraguai. *In*: **História: Debates e tendências**. Vol. 7, n. 1, jan-jun. 2007. pp. 181-195.

_____. Liberais & Colorados. A imprensa política no pós-Guerra do Paraguai. 1869-1904. *In*: **Cabanos**. Revista de História/Fundação Universidade Estadual de Alagoas, ano 3, Vol. 1, n. 5. (jan/jun. 2008). Maceió, pp. 53-75.

PADILLA, Antonio. Pobres y criminales. Beneficencia y reforma penitenciaria en el siglo XIX en México. **Secuencia**. México. n. 27. 1993. pp. 43-69.

PANE, Ignacio Alberto. **Poesias**. Asunción: El Porvenir de Felix. 1900.

PANGRAZIO, Miguel Angel. **Historia Política del Paraguay**. Tomo I. Asunción: Intercontinental, 1999.

PASSANANTE, María Inés. **Pobreza y acción social en la historia argentina**. De la beneficencia a la seguridad social. Buenos Aires: Humanitas, 1987.

PASTORE, Carlos. **La lucha por la tierra en el Paraguay**. Montevideo: Antequera, 1972.

PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. *In*: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Imagens da cidade**. Séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994.

PERROT, Michelle. Sair. *In*: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das Mulheres**: o século XIX. Vol. 4. São Paulo: Afrontamento, 1991.

_____. De Marianne a Lulu. As imagens do feminino. *In*: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**. Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora da UNESP. 1998.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PETERS, Hein. **El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865**. Asunción: ICPA, 1996.

PIDOUX DE DRACHENBERG, Lyra. Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. **Revista Paraguaya de Sociología**. Año 12. n. 34, 1975. pp. 65-123.

PIRIS, Alberto. Bases de la rehabilitación posbélica. *In*: OSORIO, Tamara; AGUIRRE, Mariano (Orgs.). **Después de la Guerra**: Un Manual para la Reconstrucción Posbélica. Barcelona: UNESCO, 1999.

PIZARRO, M. Mar Langa. **Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya**. (Doctorado en Historia). Universidad de Alicante. 2001.

PLÁ, Josefina. **Historia Cultural**. Obras Completas. "El Teatro paraguayo". Vol. 1. Asunción: Instituto de Cooperación Iberoamericana/RP. 1970.

POTTHAST, Jutkelt Bárbara. Hogares dirigidos por mujeres e hijos naturales. Familia y estructuras domésticas en el Paraguay del siglo XIX. *In*: CICERCHIA, Ricardo.

Formas familiares, procesos históricos y cambio social en América Latina. Quito: Abya/Yala, 1998.

_____. Algo más que heroínas: Varios roles y memórias femininas de la guerra de la Triple Alianza. *In*: RICHARD, Nicolas; CAPDEVILA, Luc; BOLDIN, Capucine (Orgs.). **Les Guerres du Paraguay. Aux XIX et XX siècles.** Paris: Colibris, 2005.

_____. **“Paraíso de Mahoma” o “El País de las Mujeres”?** Asunción: Litocolor SRL, 1996.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **América Latina no século XIX:** tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da USP; Bauru: Edusc, 1999.

PRAT, José. A las mujeres. (Conferencia leída en el ‘Centro Obrero’ de Barcelona los días 18 y 24 de octubre de 1903), Barcelona: Biblioteca Juventud Libertaria, 1904. *In*: NASH, Mary. **Mujer, familia y trabajo en España.** (1875-1935). Barcelona: Anthropos, 1983.

PRAZ, Mário. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica.** Campinas: Unicamp, 1996.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar;** a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Os Prazeres da Noite:** Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAMA, Carlos M. **História de América Latina.** México: Siglo XXI, 1972.

REES, Siân, **The Shadows of Eliza Lynch:** How a Nineteenth Century Irish Courtesan Became the Most Powerful Woman in Paraguay. London: Review, 2003.

RIOS, Venétia Durando Braga. **Entre a vida e a morte:** medicina, médicos e medicalização na cidade de Salvador. 1860-1880. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, 2001.

RIVAROLA, Domingo M.; HEISECKE, Guilherme. **Población, urbanización y recursos humanos en el Paraguay**. Asunción: Centro paraguayo de estudios sociológicos, 1970.

RIVAROLA, Domingo M. **La Población del Paraguay**. Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos. 1974.

_____. **Informe Nacional sobre Educación Superior en Paraguay**. Caracas: IESALC-UNESCO, 2002.

RIVAROLA, Milda. **Obreros, utopías, & revoluciones**. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal, 1870-1931. Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993.

_____. **Abrir baules y roperos**. Como vestían las mujeres paraguayas y los hombres del viejo Paraguay. Asunción: Escuela Municipal de Danza. 1994.

ROBERTSON, Jhon Parish; ROBERTSON, William. **Cartas sobre el Paraguay**. Tomo I y II. Buenos Aires: Hyspamerica Ediciones Argentinas, 1988.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRÍGUEZ DOLDAN, Gonzalo. **Primera guía uruguaya de fundaciones**. Montevideo: Universidad Católica del Uruguay, 1995.

ROJAS, Pastor Urbieto. **La Mujer Paraguaya**. Asunción: 1962.

ROMERO, Genaro. **Repatriación**. Asunción: S/Ed., 1913.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: Hucitec, Editora da UNESP; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós- Graduação em Saúde Coletiva, 1994.

SABATO, Hilda. Estado y Sociedad Civil. 1860 – 1920. *In*: STÉFANO, Roberto; SABATO, Hilda; ROMERO, Luis Alberto; MORENO, José Luis. **De las cofradías a las organizaciones de la sociedad civil**. Historia de la iniciativa asociativa en Argentina, 1776 – 1990. Buenos Aires: GADIS, 2002.

_____. **La política en las calles:** entre el voto y la movilización (Buenos Aires, 1862-1880). Buenos Aires: Sudamerica, 1998.

SAFFORD, Frank. Política, Ideologia e Sociedade na América Espanhola do Pós-Independência. *In:* BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**. Vol. 3. São Paulo: Editora da USP, 2001.

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai:** Escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SAMARA, Eni de Mesquita. Famílias e Cidades: espaços de sobrevivência e de sociabilidade no século XIX. *In:* Revista de História. **Questões & Debates**, Curitiba, Vol. 14, n. 26/27, jan/dez, 1997. pp. 231-243.

SANGLARD, Gisele Porto. **Entre os salões e o laboratório:** Filantropia, mecenato e práticas científicas. Rio de Janeiro, 1920-1940. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ, 2005.

SCHPUN, Mônica Raísa. O amor na literatura. Um exercício de compreensão histórica. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 8/9, 1997. pp. 177-209.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In:* **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1990. pp. 5-22.

SILVA, Alberto Moby Ribeiro. **A noite das Kygua Vera:** a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904). Tese (Doutorado em História) PPG-História Universidade Federal Fluminense, 1998.

SOBRADO, Ana María Botey. De la beneficencia a la filantropía “científica”: la fundación de La Gota de Leche (1913). **Diálogos**. Revista Electrónica de Historia, 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas.** A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. *In:* GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SQUINELO, Ana Paula. **A guerra do Paraguai essa desconhecida ...** Ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2002.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SUSNIK, Branislava. **El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay**. Tomo I. Asunción: 1982.

_____. **Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX**. Parte 1ª. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1992.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas "Femininas". In: **História: Questões & Debates**. Curitiba: Editora da UFPR, n. 34, 2001.

TALAVERA, José Fernando. Historia del periodismo liberal. **Cuadernos Históricos**. Año II. nº 12. Asunción, 1989.

TENTI FANFANI, Emilio. **Estado y pobreza**: estrategias típicas de intervención. Tomo 1 e 2. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1989.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra. O triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente (O século XX)**. Vol. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995.

THOMPSON, Andrés. El "tercer sector" en la historia Argentina. **CEDES**, Buenos Aires. Enero 1994.

THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência**: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas-RS (1847-1922). Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, 2007.

_____. Caridade, assistência, misericórdias e beneficências na construção do estado no Brasil e América Latina do século XIX um exercício de comparação a partir da bibliografia. Trabalho apresentado no **IV Congresso Internacional de História**. pp. 2111-2124. Disponível na Internet em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/610.pdf>, consulta realizada em 10 de novembro de 2009.

TORRES, Dionisio M. González. **Aspectos sanitarios de la guerra contra la Triple Alianza**. Asunción: 1968.

TORRES, Gabriela Valenzuela de Franco. **La Mujer através de la Historia**. Asunción: 1975.

_____. **La Mujer de la Residenta**. Guerra de la Triple Alianza. 1865 a 1870. Asunción: Instituto de Cultura Hispánica, 1967.

TRONTO, Joan C. Care as a Political Concept. In: HIRSCHMANN, Nancy J.; DI STEFANO, Christine (Orgs.). **Revisioning the Political: Feminist Reconstructions of Traditional Concepts in Western Political Theory**. Colorado: Westview Press, 1996.

_____. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso? *In*: JAGGAR, A. e BORDO, S (Orgs.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

TRUEBA, Yolanda de Paz. El ejercicio de la Beneficencia. Espacio de prestigio y herramienta de control social en el centro y sur bonaerense a fines del siglo XIX. *In*: **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, 2007.

URTEAGA, Luis. Miseria, miasmas y microbios. Las topografías medicas y el estudio del medio ambiente en el siglo XIX. **Geocritica, Cuadernos Criticos de Geografia Humana**, nº 29, septiembre de 1980.

VAGLIENTE, Pablo. La asistencia social por fuera del estado. Córdoba, Argentina, mediados del siglo XIX. *In*: HEINZ, Flávio Madureira; HERRLEIN JR, Ronaldo. (Org.). **Histórias Regionais do Cone Sul**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004.

_____. El asociativismo comparado: Buenos Aires y Córdoba en la etapa de la explosión asociativa (1850-1890). Trabalho apresentado na **Segunda Jornada de História Regional Comparada**. Disponível na Internet em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h1-05.pdf>, consulta realizada em 10 de novembro de 2009.

VARELA, Héctor. **Elisa Lynch**. Buenos Aires: Elefante Blanco, 1997.

VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. **Breve historia de la cultura paraguaya**. Asunción: Edición del autor, 1966.

VÉRON, Luis; BIEDERMANN, Enrique. *Las tintas del tintero*. Reseña y anecdotario de la prensa escrita en el Paraguay. Asunción: Litocolor/Cerneco. 2004.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILLAMIL, Manuel Peña; QUEVEDO, Roberto (Orgs.). **Silvia**. Asunción: Criterio, 1987.

WARREN, Harris Gaylord. **Paraguay and the Triple Alliance**. The Postwar Decade, 1869-1878. Austin: University of Texas, 1978.

_____. **Rebirth of the Paraguayan Republic: The First Colorado era. 1878-1904**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985.

WHIGHAM, Thomas L; POTTHAST, Barbara. La Piedra "Rosetta" Paraguaya: Nuevos conocimientos de causas relacionados con la demografía de la Guerra de la Triple Alianza, 1864-1870. **Revista Paraguaya de Sociología**. Año 35, nº 103 (Setiembre-Diciembre de 1998). pp.147-159.

WILCOX, Robert. Paraguayans in the making of the Brazilian far west, 1870-1935. **The Americas** - A quarterly review of inter-american cultural History. Number 04, April 1993.

ZALAZAR, Raquel. Regeneración de la sociedad paraguaya: aporte de los inmigrantes (1870-1904). In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 2, pp. 67-78, 2005.

ZARZA, Idália Flores G. de. **La Mujer**. En la Epopeya Nacional. Asunción: 1972.

_____. **La Mujer Paraguaya**. Protagonista de la Historia. (1537-1870). Tomo I. Asunción: 1985.

ZICMAN, Reneé. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História/PUCSP**. São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.

ZIMMERMAN. Eduardo. **Los liberales reformistas**. La cuestión social en la Argentina, 1890 – 1916. Buenos Aires: Editora Sudamericana-Universidad de San Andrés, 1995.

FONTES

JORNAIS

El Centinela de 2 de maio de 1867. n. 2. ano 1. p. 2.

El Centinela de 18 de junho de 1867. n. 13. ano 1. pp. 1-2.

El Centinela de 12 de setembro de 1867. n. 21. ano 1. p.1.

El Cívico de 03 de março de 1897. n. 152. ano 2. p. 1.

El Cívico de 04 de março de 1897. n. 153. ano 2. p. 1.

El Cívico de 08 de março de 1897. n. 156. ano 2. p. 1.

El Cívico de 03 de maio de 1897. n. 202. ano 2. p. 1.

El Cívico de 17 de maio de 1897. n. 213. ano 2. p. 1.

El Cívico de 20 de maio de 1897. n. 216. ano 2. p. 1.

El Cívico de 02 de agosto de 1897. n. 278. ano 2. p. 1.

El Cívico de 04 de agosto de 1897. n. 280. ano 2. p. 1.

El Cívico de 06 de agosto de 1897. n. 282. ano 2. p. 1.

El Cívico de 09 de agosto de 1897. n. 284. ano 2. p. 1.

El Cívico de 11 de agosto de 1897. n. 286. ano 2. p. 1.

El Cívico de 12 de agosto de 1897. n. 287. ano 2. p. 1.

El Cívico de 20 de agosto de 1897. n. 294. ano 2. p. 1.

- El Cívico** de 07 de setembro de 1897. n. 309. ano 2. p. 1.
- El Cívico** de 28 de setembro de 1897. n. 327. ano 2. p. 1.
- El Cívico** de 07 de dezembro de 1897. n. 385. ano 2. p. 1.
- El Cívico** de 10 de dezembro de 1897. n. 388. ano 2. p. 1.
- El Cívico** de 24 de fevereiro de 1898. n. 749. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 21 de setembro de 1898. n. 923. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 28 de setembro de 1898. n. 929. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 04 de outubro de 1898. n. 934. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 22 de dezembro de 1898. n. 697. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 28 de dezembro de 1898. n. 702. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 31 de dezembro de 1898. n. 705. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 31 de janeiro de 1899. n. 731. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 07 de fevereiro de 1899. n. 763. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 22 de fevereiro de 1899. n. 747. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 11 de maio de 1899. n. 811. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 20 de maio de 1899. n. 819. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 31 de maio de 1899. n. 828. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 8 de junho de 1899. n. 834. ano 3. p. 1.
- El Cívico** de 27 de junho de 1899. n. 850. ano 4. p. 1.
- El Cívico** de 21 de agosto de 1899. n. 886. ano 3. p. 3.
- El Cívico** de 22 de agosto de 1899. n. 1663. ano 3. p. 1.

- El Cívico** de 06 de setembro de 1899. n. 910. ano 4. p. 1
- El Cívico** de 13 de setembro de 1899. n. 916. ano 4. p. 1.
- El Cívico** de 23 de setembro de 1899. n. 925. ano 4. p. 1.
- El Cívico** de 03 de outubro de 1899. n. 933. ano 4. p. 1.
- El Cívico** de 06 de novembro de 1899. n. 961. ano 4. p. 1.
- El Cívico** de 26 de dezembro de 1899. n. 1001. ano 4. p. 1.
- El Cívico** de 05 de maio de 1900. n. 1104. ano 5. p. 1.
- El Cívico** de 08 de maio de 1900. n. 1107. ano 5. p. 1.
- El Cívico** de 18 de maio de 1900. n. 1115. ano 5. p. 1.
- El Cívico** de 19 de maio de 1900. n. 1116. ano 5. p. 1.
- El Cívico** de 21 de setembro de 1900. n. 1220. ano 5. p. 1.
- El Cívico** de 19 de outubro de 1900. n. 1245. ano 5. p. 1.
- El Cívico** de 5 de janeiro de 1901. n. 1308. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 14 de março de 1901. n. 1364. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 19 de março de 1901. n. 1368. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 21 de maio de 1901. n. 1415. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 24 de junho de 1901. n. 1443. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 22 de julho de 1901. n. 1448. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 10 de agosto de 1901. n. 1484. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 05 de setembro de 1901. n. 1504. ano 6. p. 1.
- El Cívico** de 04 de abril de 1902. n. 1654. ano 7. p. 1.

El Cívico de 6 de outubro de 1902. n. 1803. ano 7. p. 1.

El Cívico de 22 de abril de 1903. n. 1968. ano 8. p. 1.

El Cívico de 21 de maio de 1903. n. 1988. ano 8. p. 1.

El Cívico de 23 de maio de 1903. n. 1990. ano 8. p. 1.

El Cívico de 18 de junho de 1903. n. 2011. ano 8. p. 1.

El Cívico de 08 de julho de 1903. n. 2028. ano 8. p. 1.

El Cívico de 29 de agosto de 1903. n. 2071. ano 8. p. 1.

El Cívico de 27 de outubro de 1903. n. 2121. ano 8. p. 1.

El Cívico de 03 de novembro de 1903. n. 2127. ano 8. p. 1.

El Cívico de 08 de dezembro de 1903. n. 2158. ano 8. p. 1.

El Cívico de 16 de dezembro de 1903. n. 2163. ano 8. p. 1.

El Cívico de 01 de fevereiro de 1904. n. 2201. ano 9. p. 1.

El Cívico de 05 de fevereiro de 1904. n. 2204. ano 9. p. 1.

El Cívico de 15 de abril de 1904. n. 2259. ano 9. p. 1.

El Cívico de 13 de junho de 1904. n. 2307. ano 9. p. 1.

El Comercio de 16 de julho de 1879. n. 37. ano 1. p. 1.

El Independiente de 28 de maio de 1890. n. 817. ano 4. p. 1.

El Independiente de 10 de março de 1892. n. 1335. ano 6. p. 1.

El Independiente de 12 de abril de 1892. n. 1663. ano 6. p. 2.

El Independiente de 30 de dezembro de 1892. n. 1581. ano 5. p. 2.

El Independiente de 4 de agosto de 1893. n. 1760. ano 7. p. 1.

El Látigo de 14 de julho de 1889. n. 214. ano 4. p. 3.

El Orden de 14 de janeiro de 1886. n. 257. ano 2. p. 1.

El Orden de 16 de janeiro de 1886. n. 259. ano 2. p. 1.

El Orden de 14 de agosto de 1886. n. 425. ano 2. p. 1.

El Orden de 04 de novembro de 1886. n. 482. ano 2. p. 1.

El Pueblo de 6 de junho de 1871. n. 161. ano 2. p. 2.

El Pueblo de 15 de junho de 1871. n. 168. ano 2. p. 1.

El Pueblo de 5 de agosto de 1871. n. 214. ano 2. p. 2.

El Pueblo de 15 de setembro de 1871. n. 242. ano 2. p. 2.

El Pueblo de 11 de agosto de 1872. n. 505. ano 3. p. 1.

El Pueblo de 21 de agosto de 1872. n. 512. ano 3. p. 1.

El Semanário de 26 de janeiro de 1867. n. 666. p. 3.

La Democracia de 10 de maio de 1881. n. 8. ano 1. p. 1.

La Democracia de 08 de julho de 1881. n. 52. ano 1. p. 1.

La Democracia de 26 de julho de 1882. n. 360. ano 2. p. 1.

- La Democracia** de 28 de julho de 1882. n. 362. ano 2. p. 1.
- La Democracia** de 11 de agosto de 1882. n. 374. ano 2. p. 1.
- La Democracia** de 07 de setembro de 1882. n. 395. ano 2. p. 1.
- La Democracia** de 14 de setembro de 1882. n. 400. ano 2. p. 1.
- La Democracia** de 15 de setembro de 1882. n. 401. ano 2. p. 1.
- La Democracia** de 20 de setembro de 1882. n. 405. ano 2. p. 1.
- La Democracia** de 09 de novembro de 1884. n. 1034. ano 4. p. 1.
- La Democracia** de 19 de novembro de 1884. n. 1042. ano 4. p. 1.
- La Democracia** de 21 de novembro de 1884. n. 1044. ano 4. p. 1.
- La Democracia** de 10 de maio de 1885. n. 1290. ano 5. p. 1.
- La Democracia** de 18 de outubro de 1887. n. 1892. ano 7. p. 1.
- La Democracia** de 13 de abril de 1888. n. 2038. ano 8. p. 1.
- La Democracia** de 26 de janeiro de 1889. n. 2279. ano 9. p. 1.
- La Democracia** de 26 de abril de 1889. n. 2351. ano 9. p. 1.
- La Democracia** de 16 de maio de 1889. n. 2367. ano 9. p. 1.
- La Democracia** de 13 de fevereiro de 1890. n. 2592. ano 10. p. 1.
- La Democracia** de 15 de maio de 1890. n. 2665. ano 10. p. 1.
- La Democracia** de 02 de setembro de 1893. n. 3634. ano 13. p. 1.
- La Democracia** de 04 de setembro de 1893. n. 3635. ano 13. p. 1.
- La Democracia** de 05 de setembro de 1893. n. 3636. ano 13. p. 1.
- La Democracia** de 06 de setembro de 1893. n. 3637. ano 13. p. 1.

La Democracia de 16 de outubro de 1893. n. 3646. ano 13. p. 1.

La Democracia de 03 de outubro de 1894. n. 3953. ano 15. p. 1;

La Democracia de 04 de outubro de 1894. n. 3954. ano 14. p. 1;

La Democracia de 05 de outubro de 1894. n. 3955. ano 14. p. 1;

La Democracia de 08 de outubro de 1894. n. 3957. ano 14. p. 1;

La Democracia de 09 de outubro de 1894. n. 3958. ano 14. p. 1;

La Democracia de 10 de outubro de 1894. n. 3959. ano 14. p. 1;

La Democracia de 11 de outubro de 1894. n. 3960. ano 14. p. 1;

La Democracia de 12 de outubro de 1894. n. 3961. ano 14. p. 1

La Democracia de 13 de outubro de 1894. n. 3962. ano 14. p. 1.

La Democracia de 26 de outubro de 1894. n. 3973. ano 14. p. 1.

La Democracia de 29 de outubro de 1894. n. 3975. ano 14. p. 1.

La Libertad de 27 de abril de 1874. n. 40 v. 1. pp. 2-3.

La Pátria de 05 de fevereiro de 1875. n. 229. ano 2. p. 1.

La Pátria de 25 de fevereiro de 1875. n. 243. ano 2. p. 1.

La Pátria de 16 de abril de 1875. n. 285. ano 2. pp. 1-2.

La Reforma de 24 de fevereiro de 1876. n. 117. ano 2. p. 2.

La Reforma de 26 de fevereiro de 1876, n. 119. ano 2. p. 2.

La Reforma de 17 de dezembro de 1876. n. 358. ano 2. p. 1.

La Regeneración de 14 de outubro de 1869. n. 5. ano 1. p. 3.

La Regeneración de 21 de outubro de 1869. n. 7. ano 1. p. 1.

La Regeneración de 7 de novembro de 1869. n. 13. ano 1. p. 2.

La Regeneración de 10 de novembro de 1869. n. 14. ano 1. pp. 2-3.

La Regeneración de 2 de dezembro de 1869. n. 24. ano 1. p. 4.

La Regeneración de 12 de dezembro de 1869. n. 28. ano 1. p. 4.

La Regeneración de 15 de dezembro de 1869. n. 29. ano I. p. 3.

La Regeneración de 17 de dezembro de 1869 n. 30. ano 1. p. 2.

La Regeneración de 19 de dezembro de 1869. n. 31. ano 1. p.1.

La Regeneración de 24 de dezembro de 1869. n. 33. ano 1. p. 2.

La Regeneración de 07 de janeiro de 1870. n. 39. ano 2. p. 2.

La Regeneración de 19 de janeiro de 1870. n. 44. ano 2. p. 2.

La Regeneración de 23 de janeiro de 1870. n. 46. ano 2. p. 1.

La Regeneración de 09 de fevereiro de 1870 n. 53. ano 2. p. 2.

La Regeneración de 11 de fevereiro de 1870. n. 44. ano 2. p. 3.

La Regeneración de 20 de fevereiro de 1870. n. 58. ano 2. p. 3.

La Regeneración de 21 de fevereiro de 1870. n. 61. ano 2. p. 3.

La Regeneración de 23 de fevereiro de 1870. n. 55. ano 2. p. 2.

La Regeneración de 25 de fevereiro de 1870. n. 60. ano 2. p. 2.

La Regeneración de 9 de março de 1870. n. 64. ano 2. p. 3.

La Regeneración de 30 de março de 1870. n. 73. ano 2. p. 2.

La Regeneración de 22 de abril de 1870. n. 82. ano 2. p. 1.

La Regeneración de 27 de julho de 1870. n. 123. ano 2. p. 3.

La Regeneración de 30 de agosto de 1870. n. 138. ano 2. p. 1.

La Regeneración de 2 de setembro de 1870. n. 139. ano 2. p. 2.

La Verdad Autógrafa de 03 de maio de 1885, n. 8, p. 2.

La Verdad Autógrafa de 26 de abril de 1887, n. 7, p. 3.

Los Debates de 21 de julho de 1876. n. 7. ano 1. p. 2.

RELATOS DE VIAJANTES

AMERLAN, Alberto. **Bosquejos de la guerra del Paraguay**. Buenos Aires, 1904.

BAGUET, A. **Le Rio Grande do Sul et le Paraguay**, Précédés d'une notice historique sur la découverte du Brésil, Souvenirs de Voyage. Amberg, 1874.

BERMEJO, Ildelfonso Antônio. **Episódios da vida privada, política e social na República do Paraguai**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

BOURGADE LA DARDYE, Emmanuel de. **El Paraguay 1889**: antigua crónica de un viaje al presente. Asunción: Arte Nuevo, 1985.

BOURGOING, A. de. **Viajes en el Paraguay y Misiones**. Recuerdos de una expedición a los yerbales de Concepción, Cerro-Corá y Sierras de Amambay, etc. Paraná, 1894.

BRUYSEL, Ernest Van. **La Republique du Paraguay**. Bruselas, 1893.

BURTON, Richard F. **Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1997.

CARRASCO, Gabriel. **Cartas de viaje por el Paraguay**: Los territorios nacionales del Chaco, Formosa y Misiones y las provincias de Corrientes y Entre Ríos. Buenos Aires, 1889.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai**: 1865-70. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1980.

CLARK, Edwin. **A Visit to South America**; with notes and observations on the moral and physical features of the country, and the incidents of the voyage. Londres, 1878.

CRIADO, Matias Alonso. **La Republique du Paraguay**. Burdeos, 1889.

DE CASTRO, Carlos Rey. **El Paraguay**. Rápidas notas de un viajero. Buenos Aires, 1903.

DU GRATY, Alfredo Marbais. **La República del Paraguay**. Besanzon: 1862.

GRUBB, Barbrooke W. **Among the Indians of the Paraguayan Chaco**. Londres, 1904.

KENNEDY, Andrew Jackson. **La Plata, Brazil and the Paraguay during the present War**. Londres, 1869.

MARQUÊS DE CAXIAS. **Diário do Exército**, Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1868.

MASTERMAN, Jorge Federico. **Siete Años de Aventuras en el Paraguay**. Buenos Aires: Juan Palumbo, 1911.

MELLO, Francisco Ignácio Homem de. Viagem ao Paraguai. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasi**. v. 36. 1873.

MULHALL, Marion McMurrough. **Between the Amazon and Andes or Ten a Lady's Travels in the pampas, Gran Chaco, Paraguay and Mato Grosso**. London: E. Stanford, 1881.

_____. **From Europe to Paraguay and Matto-grosso**. Londres, 1877.

POUCEL, Benjamín. **La France Et L'Amerique du Sur**. Paris: 1849.

REBOUÇAS, André. **Diário**: a Guerra do Paraguai (1866). São Paulo: IEB, 1973.

TAUNAY, Visconde de. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959.

_____. **Memórias do Visconde de Taunay**. São Paulo: Melhoramentos, 1946.

_____. **Diário do Exército**. 1869-1870 – De Campo Grande a Aquidabã, A Campanha da Cordilheira. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

THOMPSON, George. **Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

VECCHI, Lionello Pio. **Uruguay, Paraná, Paraguay**. 1870-73. Génova, 1885.

VERSEN, Max Von. **História da Guerra do Paraguai**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora USP, 1976.

WASHBURN. Charles A. **Historia del Paraguay**. Con notas de observaciones personales y reminiscencias de algunas dificultades diplomaticas. Buenos Aires: Revista del Paraguay, Tomo I e II, 1892.

OUTRAS FONTES

Anuário Estatístico de la República del Paraguay. Año 1886.

Livro de Solteria n. 1, 2 e 3. **Cúria do Bispado de Asunción.**

ANEXOS

Anexo I

	NOME DO JORNAL	PERÍODO								
1	LA REGENERACIÓN	1869	1870							
2	EL PUEBLO	1871	1872							
3	LA LIBERTAD	1874								
4	LA PÁTRIA	1875								
5	LOS DEBATES	1876								
6	LA REFORMA	1876	1877	1878	1879	1880	1881	1882	1883	1884
7	EL COMÉRCIO	1877	1879	1880						
8	LA DEMOCRACIA	1881	1882	1884	1885	1886	1887	1888	1889	1890
		1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899
		1900	1901	1902	1903	1904				
9	LA VERDAD AUTÓGRAFA	1885	1886	1887						
10	EL ORDEN	1886								
11	EL INDEPENDIENTE	1887	1888	1889	1890	1891	1892	1893		
12	EL LÁTIGO	1889								
13	EL CÍVICO	1896	1897	1898	1899	1900	1901	1902	1903	1904

Anexo II

1º. Queda nombrada una comisión compuesta de tres miembros que se denominará Comisión Protectora de los Paraguayos desvalidos y huérfanos.

2º. Nombrase al efecto á los ciudadanos Venceslao Velilla, Nicasio Isasi, Gaspar Censin.

3º. Queda destinada á este fin la antigua residencia de López 1º en la Trindad, donde sellan recogidos los hombres y mujeres que no tienen abrigo ni medios de subsistencia.

4º. Los menores que no puedan por su edad, serán destinados á otra habitación apropiada en las inmediaciones de la capital.

5º. La comisión propondrá al Gobierno con la organización que convenga, sin perder de vista que las casas de trabajo, serán dotadas de un hospital y una farmacia para tratamientos de los enfermos.

6º. Los hombres y mujeres que puedan dedicarse al trabajo, serán ocupados en este según su sexo y edades. No debiendo comprenderse en esta disposición los vecinos.

7º. Los menores de edad recibirán la instrucción religiosa, literaria y agrícola, dándoles un destino que á vez de serles útil, les darán distracción según su sexo y vocación.

8º. El jefe político, y los jueces de paz de la capital en sus respectivos distritos, prestarán su concurso en la esfera que les corresponde á la citada “Comisión Protectora”, habiendo recoger á los establecimientos referidos de persona que cruzan las calles.

9º. A los individuos que quieran salir de los asilos para un destino lícito, les será otorgado el permiso con tal que pruebe tal condición.

10º. La comisión destinará, también, autorización del Ministerio del Interior de los servicios públicos, aquellos que puedan ser colocados allí con más ventaja para sí, y de la sociedad.

11º. La misma comisión propondrá el necesario al establecimiento de los asilos, siendo menester limitarse á lo que sea estrictamente preciso en vista de la escasez de recursos de la administración pública.

12º. Cumple, también, a la comisión por todos los medios, la beneficencia particular a favor de esos establecimientos, destinados á mitigar hasta la muerte, y de los vicios á tantos infelices, haciendo miembros útiles á nuestra sociedad, á esa juventud desgraciada que se encuentra huérfana de sus padres, únicos protectores naturales.

13º. La comisión pasará al Ministerio del Interior en cada quincena, el número de altas u bajas de cada establecimiento, con expresión de la edad y sexo, designando la vecindad de cada uno.

14º. La misma, deberá también, entenderse con los asilos y hospitales fundados ya en todos los departamentos de la República, proponiendo al mismo Ministerio los medios más fáciles de transportes de artículos necesarios.⁵⁵⁷

⁵⁵⁷ **La Regeneración** de 19 de dezembro de 1869. n. 31. ano 1. p.1.

Anexo III

Mensualidades del Gobierno de Mayo de 1892 á 31 e Agosto de 1893	8800,00
Cuenta de mayor cantidad de pago numero 259	2000,00
Suscripción del pueblo de Julio de 1892 á Julio de 1893	3444,50
Bailes y rifas, producto del baile del 12 de Octubre de 1892	4000,00
Baile del 14 de Mayo 1893	2059,50
Baile del 9 de Julio de 1893	693,00
Rifa de 12 de Octubre de 1892	304,00
ENTRADAS	
Existencia en caja en 31 de Julio de 1892	132,85
Banco del Paraguay y Rio de la Plata p/ Balance	747,15
Donaciones	2157,30
Fundación da Escuela de Huérfanos. Recibido da Sra. Baez	400,00
Donación particular da Sra. Baez	50,00
TOTAL	24788,30
SALIDAS	
Subvenciones	413,00
Gastos diversos, según comprovante	5964,97
Panadería	955,09
Farmacia	574,75
Sueldos	3220,09
Carnicería	1893,50
Médico	600,00

Depósito en el Banco Del Paraguay y Rio de la Plata	1600,00
Id. Id. Territorial	4309,40
Existencia en poder de la Tesorera	4813,50
Recibos á cobrar	454,00
TOTAL	24788,30
Dinero efectivo, depositado en los Bancos de la Asunción	1600,00
Id. id. Id Territorial	3853,40
Id. id. Id. Escuela de Huérfanos	456,00
Recibos á cobrar de Junio y Julio	454,00
Existencia en poder de la Tesorera	4813,50
TOTAL	11176,90

Anexo IV

Estatutos de la Sociedad de Damas de Beneficencia de Villa del Pilar.

Art. 1. Queda fundada una sociedad que se denominará “Sociedad de Damas de Beneficencia” cuyo objeto es propender al alivio de la humanidad doliente y desamparada.

Art. 2. A los fines de esta asociación, la Sociedad sostiene un Hospital para ambos os sexos que subsistirá por los recursos de la caridad pública, de las cuotas mensuales, de las partidas que asignen las autoridades y toda donación en dinero, muebles ó inmuebles etc., que se dedicaren en interés de su sostenimiento.

Art. 3. Puede ser socio toda persona mayor de 15 años previa aceptación de la C.D.

Art. 4. Los socios son: activos, sostenedores y honorarios. *Activos*, son la señoras y señoritas aceptadas como tal; *sostenedores*, las señoras y caballeros que contribuyen pecuniariamente al sostenimiento de la sociedad y *honorarios*, las personas de uno y otro sexo que hubiesen prestado servicios importantes con la ayuda de su honorabilidad, ilustración y buen nombre.

Art. 5. Cada socio recibirá un diploma firmado por la Presidenta y Secretaria, debiendo constar en él el número del Registro respectivo de la Matricula.

Art. 6. Los deberes y derechos de los socios en general son:

- a) Propender con la ayuda propia al mayor desarrollo de los fines de la asociación.
- b) Abonar puntualmente y cada mes las cuotas que la C.D. determine. (Exceptuándose los socios honorarios).
- c) Asistir á los actos y espectáculos que se dieren en nombre de la Sociedad.
- d) Dirigirse por escrito á la Presidenta protestando quejas contra socios y empleados el Hospital.

Art. 7. Las obligaciones y derechos de las socias activas son:

- a) Tomar parte en las discusiones de la Asamblea General.
- b) Solicitar, ó proponer todo aquello que tienda á estrechar los vínculos de la Sociedad y realizar su programa.

- c) Aceptar los cargos y comisiones que la Asamblea ó la C. D. le confiare, salvo circunstancia justificable.
- d) Asistir á las sesiones de la Asamblea.

Art. 8. Los socios sostenedores y honorarios no tienen voz ni voto en las sesiones, sino con la invitación de la Presidenta.

Art. 9. Ningún socio podrá ser expulsado del centro sino con dos tercios de votos de la Asamblea.

DE LA COMISION DIRECTIVA

Art. 10. La dirección y administración de la Sociedad queda á cargo de una Comisión compuesta de una Presidenta, Vice presidenta, Secretaria, Pro Secretaria, Tesorera, Pro-Tesorera, cuatro vocales y dos suplentes, pudiendo ser reelectas.

Art. 11. Los deberes de la C. D. son:

- a) Velar por el fiel cumplimiento de este Reglamento.
- b) Reunirse en Consejo el primer y tercer Domingo de cada mes para inspeccionar, aprobar ó rechazar las cuentas, autorizar gastos y en general resolver las cuestiones de carácter que la incumbe.
- c) Visitar por lo menos dos veces por semana el Hospital que está bajo su dirección, bastando la presencia de dos Miembros.
- d) Nombrar los empleados del Hospital, fijarles sueldos y reemplazarles para mejor servicio.
- e) Publicar la rendición de cuentas trimestralmente.
- f) Convocar á sesiones extraordinarias á simple invitación de la Presidenta ó á solicitud hecha por escrito en nombre de 5 Miembros.
- g) Convocar á la Asamblea á sesiones extraordinarias para resolver asuntos de gran importancia.
- h) Observar á cualquier socio que falte á las prescripciones del reglamento y aun suspenderles en caso grave, convocando inmediatamente á la Asamblea para una revolución definitiva. Exceptuándose á los miembros de la C. D. y socios honorarios que solo pueden ser acusados ante la Asamblea.

- i) Nombrar de entre los socios y particulares las comisiones especiales que estimare convenientes para promover todo aquello que contribuya á los fines de la Sociedad.
- j) Presentar anualmente una memoria de su administración, acompañada de un cuadro general de las cuentas del año fenecido, indicando las mejoras realizadas y á realizar.
- k) Hacer entrega á la nueva C. D. del archivo de la Sociedad, bajo formal inventario.
- l) Representar á al Sociedad en todos los actos que con ella se relacionan.
- m) Propender al aumento de la suscripción pública por medio de veladas literarias, rifas, bailes, bolas de nieve, etc., cuidando que su recaudación sea prolija.
- n) Mandar celebrar una misa por al alma de los socios que fallecieren.

Art. 12. La C.D. no podrá celebrar sus sesiones con menos de la mitad más uno de sus miembros y sus resoluciones se legalizarán por mayoría de votos; cuando hubiese empate, la presidenta decidirá.

Art. 13. Los Miembros de la C.D. serán nombrados por un año en Asamblea general, por votación verbal y a pluralidad de votos. El escrutinio será hecho por la Secretaria y dos socias activas que designara la Presidenta. Cuando la Presidenta ó Secretaria fuesen candidatos, el escrutinio será hecho por la Vice Presidenta y Pro Secretaria y así en orden de categoría.

Art. 14. Del mismo modo que son elegidos los Miembros de la C. D. serán los Consejeros.

Art. 15. El nombramiento de Miembros de la C.D. y consejeros, recaerá en personas de honorabilidad reconocida.

Art. 16. En ningún caso la C.D. podrá distraer los fondos de la Sociedad sino en el sostenimiento del Hospital de los insolventes probados y para las aplicaciones autorizadas.

DE LA ASAMBLEA GENERAL

Art. 17. La Asamblea General ordinaria se reunirá cada seis meses para tomar en consideración los proyectos que los socios presentaren y para todo otro objeto que conviniere y cada 1º de Enero para la renovación de la C.D.

Art. 18. Las Asambleas serán convocadas por avisos puestos en lugares públicos ó en la prensa con anticipación de 8 días.

Art. 19. Para constituir Asamblea General bastará la concurrencia de cualquier número de socios en la primera y única invitación, y sus resoluciones serán válidas con el voto de la mayoría.

Art. 20. Las facultades de la Asamblea son:

- a) El nombramiento de la C. D. socios honorarios y Consejeros.
- b) La reforma del Reglamento con dos tercios de votos del número total de socias activas.
- c) La expulsión de los socios.

Art. 21. Son causa de tacha en la propuesta de los socios:

- a) La embriaguez habitual.
- b) Los delitos públicamente conocidos é impunes.
- c) La imposibilidad de sufragar las obligaciones de este Reglamento.

Art. 22. Los socios que quisieran tomar la palabra, la pedirán á la Presidenta, en las discusiones, y estando con ella no es permitido interrumpir.

Art. 23. Durante las discusiones, los socios podrán obtener la palabra muchas veces, pero la Presidenta puede privar á los que se apartan reiteradamente del orden y seriedad, indispensables.

Art. 24. Las juntas generales ordinarias y extraordinarias no podrán tomar resoluciones contrarias á lo establecido en este Reglamento.

Art. 25. Los socios activos que ejercen algún cargo en la sociedad tienen voz y voto en las deliberaciones tanto de las Asambleas como de la Comisión, con excepción de la Presidenta y Secretaria la presidenta fallará en caso de empate y ambas pueden tomar parte en la discusión, cediendo su puesto á la Vice presidenta y pro Secretaria respectivamente.

Art. 26. Queda de todo punto prohibido el voto por delegación ó comisión.

Art. 27. No es permitida la presencia de los consejeros sino cuando fuesen invitados *ex profeso*, pero no tienen voto.

DE LA PRESIDENTA, VICE PRESIDENTA Y VOCALES

Art. 28. Los deberes y atribuciones de la Presidenta son:

- a) Presidir las sesiones de la C.D. y Asamblea; dirigir el orden de las discusiones y conceder la palabra por prioridad.
- b) Comunicar y hacer cumplir las resoluciones de ambas.
- c) Vigilar por el fiel cumplimiento de los deberes de los demás miembros.
- d) Autorizar en nombre de la Sociedad los documentos emanados de la C.D. y todos los contratos que ella celebre con particulares y no particulares.
- e) Decretar los ingresos en Tesorería, pago de sueldos y otros gastos acordados por la C.D., debiendo ser refrendados por la Secretaria.
- f) Reasumir á la C.D. en aquellos casos especiales de urgencia en que convenga una resolución inmediata siempre que se basen sus procederes en este Reglamento, debiendo dar cuenta á la C.D. en su primera sesión.

Art. 29. La Presidenta es la representante de la C.D.

Art. 30. La Vice Presidenta reemplaza á la Presidenta en caso de ausencia, enfermedad, renuncia ó muerte.

Art. 31. Los deberes de los vocales son: velar por el cumplimiento de este reglamento, desempeñar las funciones que la Presidenta les encomendare y reemplazar á Presidenta y Vice, por inasistencia; para este caso una de las vocales debe ser sorteada en sesión de instalación de la C.D.

DE LA SECRETARIA Y PRO SECRETARIA

Art. 32. Los deberes de la Secretaria son:

- a) Tener á su cargo el Registro de la Sociedad é inscribir en él á los socios; redactar las actas de las reuniones de la Asamblea y C. D. y todas las notas y documentos que se expidieren.
- b) Llevar un Libro copiador donde se anoten las notas y documentos expedidos por la Sociedad y otro de las actas que hubiesen sido aprobadas.
- c) Hacer el escrutinio en las elecciones y computar el resultado en las votaciones en la forma y condiciones sentadas por este Reglamento.
- d) Refrendar la firma de la Presidenta.

- e) Conservar en orden y bajo su dirección al archivo de la Sociedad

Art. 33. La Pro Secretaria desempeña las funciones de la Secretaria en caso de impedimento.

DE LA TESORERA Y PRO TESORERA

Art. 34. Los deberes de la tesorera son:

- a) Recibir los fondos destinados á la Sociedad.
- b) Otorgar recibos por las cantidades que percibiére y efectuar los pagos ordenados por la Presidenta.
- c) Llevar la contabilidad en el orden que la C.D. reglamente.
- d) Presentar mensualmente á al C.D. el balance de Caja y dar informes respecto al movimiento general de los haberes cuando ellos sean solicitados por miembros de la Comisión.

Art. 35. La pro Tesorera reemplaza á la Tesorera por impedimento.

DISPOSICIONES ESPECIALES

Art. 36. Las personas que deseen ingresar en la Sociedad como socios, deben ser propuestas según su carácter ante la C.D. por dos ó más socios para tomarla en consideración.

Art. 37. Las faltas cometidas por uno ó más Socios pertenecen al dominio y juicio de la Asamblea, cuyo fallo se legalizará por el voto de dos tercios de los miembros presentes.

Art. 38. La acusación de los socios se hará por la C.D. ante la Asamblea á quien incumbe tomarla en consideración; si los miembros de la C.D. ó Consejeros fuesen acusados, la Asamblea nombrará una comisión *ad hoc* en uno y otro caso que deberá denunciar y constituirse en acusadora, fundando claramente los principios que hicieren á la acusación.

Art. 39. La Asamblea no tomará en consideración la acusación tratándose de faltas graves deliberables para su resolución definitiva, sin oír la defensa del acusado, la que se hará de viva voz y previa invitación de presencia. Esto no será indispensable si las faltas que se denunciaren fuesen de público testimonio.

Art. 40. Las penas establecidas para este caso son:

- a) Amonestación hecha á nombre de la Asamblea por la C.D.
- b) Suspensión temporal de su cargo si lo tuviere.
- c) Expulsión.

DEL HOSPITAL

Art. 41. El Hospital está bajo la dirección del Ecónoma.

Art. 42. La C.D. nombra los empleados que crea necesarios, determinando sueldos, lo cual pondrá á conocimiento de la Asamblea oportunamente.

Art. 43. Los empleados quedan sometidos á la vigilancia y superintendencia de la C. D., teniendo ésta facultad de suspenderlos y reemplazarlos para mejor servicio.

Art. 44. Los deberes y atribuciones de la Ecónoma, son:

- a) Llevar un libro de entradas, salidas y muertes de los hospicianos y enfermos.
- b) Hacer al fin de cada año un inventario de las existencias del Establecimiento.
- c) Cuidar porque los demás empleados cumplan sus funciones debidamente.
- d) Vigilar por la higiene y orden del establecimiento.
- e) Solicitar todo lo que crea necesario para la buena alimentación y aseo, recibir lo que le fuere entregado y hacer cumplir escrupulosamente las instrucciones y órdenes recibidas del médico ó de la C.D.
- f) Acompañar al crédito en sus visitas a los enfermos con el libro de recetas, instruyéndole de las novedades y observaciones que él necesitare.
- g) Dar á los favorecidos del Hospital un trato afable en armonía con su edad, sexo y estado de salud.
- h) Recibir con maneras cultas á las personas visitantes.

Art. 45. El nombramiento de la Ecónoma siempre recaerá en persona de conducta moral y sana.

Art. 46. Los enfermos y hospicianos que no se sometieren á las disposiciones establecidas, serán expulsados.

Art. 47. El Hospital tiene como patrono y abogado al SAGRADO CORAZÓN DE JESÚS, debiendo celebrarse una misa solemne en el mismo Establecimiento, si posible fuere en su día propio.

Art. 48. Los enfermos que fallecieren siendo agraciados por la Sociedad, tendrán una misa celebrada por su eterno descanso, corriendo los gastos de su inhumación por cuenta de la misma.

Art. 49. El Hospital podrá ser visitado en los días festivos de 1 á 5 p. m.; los parientes podrán visitar los jueves en la misma hora, teniendo en estos últimos licencia para hacerlo en cualquier día y hora con orden escrita de la Presidencia en el caso que la gravedad del enfermo así lo exigiere.

Art. 50. La C.D. queda facultada para labrar un reglamento interno del Hospital y para pedir la personaría jurídica de la Sociedad.

Art. 51. Este Reglamento nos e podrá reformar antes de dos años y en la sesión de la Asamblea General del 1º de Enero.

Vila de Pilar, Sbre. 12 de 1893

Es copia fiel del original que queda archivado em esta Secretaria á mi cargo

Luisa C. de Trindad

Presidenta

Clara C. de Ferreira

Secretaria

Anexo V

ENTRADAS	
Suscripción Superior Gobierno	1800,00
Cuotas entrada de bailes y resultado de la Rifa de Beneficencia	10336,30
Venta de 6 doc. Favorables á 9,50	57,00
SALIDAS	
Cuenta de Luis F. Braga	82,74
Cuenta Cecilia cané	8,00
Cuenta Asunción Escato	50,00
Cuenta Pecci Huos	30,00
Cuenta J. Montaner	50,00
Cuenta Crovato y Rodi	23,50
Cuenta José Portela	353,60
Cuenta José Portela	76,00
Cuenta La Palmera	390,00
Cuenta Federico Krauch	36,00
Cuenta Gomez y Ca	260,00
Cuenta Tomás Herrera y Ca	350,00
Cuenta Tomás Herrera y Ca	99,00
Cuenta Fabrica de Cerveza	272,50
Cuenta L. Frescura	30,00
Cuenta Gomeza y Ca	185,00
Cuenta Antonio Doroco	150,00

Antonio Doroco	100,00
Andrea J. de Recalde	20,00
Andrea J. de Recalde	40,00
Andrea J. de Recalde	100,00
Peones, flores, etc	120,00
Peones, flores, etc	57,00
Rius y Jorba	168,00
Tránsito Recaldo	195,00
Uribe y Ca	496,20
Eduardo Naya, repartidor	215,20
Carlos Cabrera	15,00
S. Barreto	5,50
F. Gomez	7,00
La Democracia	7,00
La Democracia	42,00
H. Krauz	38,00
Fischer y Quell	70,00
SALDO LIQUIDADO EN CAJA	8000,06
\$ 12193,30	\$ 12193,30
REPARTICION	
Hospital de Caridad	\$ 4000,03
Asilo de mendigos	\$ 4000,03
TOTAL	\$ 8000,06

Anexo VI

La Mujer paraguaya

Ignacio Alberto Pane

Y cuando el eco del cañón hispano
Rugió en el monte y resonó en el valle,
A la sombra del árbol mas lozano
Lució su esbelto, su flexible talle.

Su negra y abundante cabellera
Regó piadosa el agua del bautismo,
Así la virgen de yacy hechicera
Aprendió la virtud del cristianismo.

Ella les dió el honor inmaculado
Del noble descendiente de los cides;
Ella les dió el espíritu esforzado
Del indio guarani para las lides.

Cuando después de siglos esta tierra,
Ya sola dueña de su gran destino,
Se levantó a una voz para la guerra
Y de las glorias emprendió el camino;

Cuando cundió en dominios paraguayos

La furia del cañón y la metralla,

Cuando seguida de mortales rayos

Sonó doquier la voz de la batalla,

Esa misma mujer, patria sibila,

Mas noble elena de la nuevo Iliada,

El valor inspiró, siempre tranquila,

Hermosa en su altivez, nunca domada.

Ella fue vestal que el patriotismo

Siempre encendió con su palabra ardiente,

Faro de intensa luz que al heroísmo

Condujo al paraguayo combatiente.

Ella impulsó á su hermano á la pelea,

Ella siguió á sus hijos al combate.

Dijo á su amante:<la victoria sea

Ara de amor del que mi amor acate>.

La tripode inmortal del patriotismo

Donde la voz del Hacedor se escucha,

La alta tribuna fué de su exorcismo

Que á vencer ó morir llevó á la lucha.

En medio de la noche su silueta
Se destacó en el campo funerario
De la batalla, pues buscaba inquieta
El cuerpo de su amor entre el osario.

También cuando ya el joven y el anciano
El hijo y el hermano y el esposo
Cayeron para siempre... y en el llano
Reinó de los sepulcros el reposo.

Ella emprendió la vuelta con el pecho
Por las patrias nostalgias oprimido
Y en vano escudriñó en su hogar deshecho
El antiguo lugar del ser querido.

En vano su mirada por doquiera
Fijó en demanda de vital consuelo
Todo lo devoró la inmensa hoguera
De confín á confín en este suelo!

Y en la orilla otra vez del patrio río,
De sus labios, cayó, gota por gota,
Acerto pero fúlgido, el rocío
De la leyenda de una patria rota.

Ella puso en el ánima sencilla
Del hijo de esta patria, todo el duelo
De un lustro de grandezas sin mancilla.
De un lustro de desgracias sin consuelo!

Y como un tiempo entre la noche oscura
De que nació la paraguaya historia,
Con sangre de Guarán, le dió bravura,
Con sangre de Pelayo le dió gloria.”⁵⁵⁸

⁵⁵⁸ PANE, Ignacio Alberto. **Poesías**. Asunción: El Porvenir de Felix. 1900. pp. 1-5.

La Mujer paraguaya

Manuel Domínguez

Generoso extranjero! Te sentiste conmovido por lo que sufrieron nuestras madres.

Como no! Ni el dolor ni el heroísmo tienen patria: lo dijo un compatriota tuyo.

En el orden moral como en el estético, no existen banderas

En corazón no es argentino ni paraguayo – es humano.

No sabemos quien dijo que el alma de las creaciones literarias es la sinceridad. Los grandes escritores son los que no saben mentir. La emoción estética, como el pudor, no se finge. Y sólo la expresa y la despierta quien la siente.

El autor de “Salve, Mater!” es un escritor sincero.

Se sintió conmovido ante el sacrificio de la espartana americana, y conmueve a su vez.

Allá en se imaginación de artista se representó el dolor de nuestro pueblo.

Y lo encarnó en esa alma lacerada. Y esa mujer que tanto ha sufrido, tenía corazón.

Es hermosa, apasionada y buena. No merecía tan triste destino!

Nació para embellecer la vida.

Había nacido en este suelo de las grandes armonías, para realizar sueños de felicidad.

Pero vino la tormenta, vino la guerra, y en su furia todo lo arrastró: llevó a sus padres, llevó al amante y al hermano.

El ángel del hogar, melancólico como el destino de la raza guaraní, se envolvió con la bandera amada y se batió al lado del padre, del esposo y del amante.

En el bosque altivo donde gime el viento y llora el urutaú solitario. Lloró ella también, lloró su inmensa desventura!

Canta! Poeta! Canta a esa pobre mujer que no ha escrito libros, pero fundado una nación.

No es paraguaya. Es la heroína de la humanidad.⁵⁵⁹

⁵⁵⁹ DOMINGUEZ, Manuel. La Mujer paraguaya. In: **Arte y Vida**. Antología escolar. La lectura como base de la enseñanza de la composición de la gramática y del vocabulario. 1ª Ed. Editora Apis-Rosario. 1958. pp. 94-95.

Mujeres que pasan

Rafael Barrett

Apenas son mujeres todavía... La costumbre de caminar descalzas, con el cántaro de Rebeca á la cabeza, la ha dado un andar fero y flexible que ondula sus cuerpos jóvenes, ramas primaverales donde tiemblan los divinos frutos de los pechos. Casi tan inteligentes como manos, los pies desnudos y hábiles de esas niñas palpan la tierra caliente, poniendo en ridículo nuestros obscenos pies civilizados, cuyos dedos exangües, difuntos, callosos, retorcidos, engomados los unos á los otros, dedos de momia, ostentan la fealdad grotesca de lo imponente. ¡Tristes pezuñas charoladas!

Las mujeres del pueblo no tienen contradicciones en su cerne ni en sus almas sencillas y robustas.

Pasan con la suavidad tenue de un suspiro. Sus grandes ojos negros os miran de par en par, cándida y atentamente. Van serias, quizá graves. Vienes de lanzón dable pasado y están impregnadas de verdad. Graciosas y pasivas, son el sexo terrible en que nacemos y nos agotamos, sagrado como la tierra; son el amor á quien se inclinan nuestros labios sedientos y nuestras almas hastiadas.⁵⁶⁰

⁵⁶⁰ BARRETT, Rafael. **El Dolor Paraguayo**. Montevideo: Ed. O. M. Bertani, 1911. p. 55.